

Universidade Federal de Juiz de Fora
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Mestrado em Comunicação

Bianca Alvin de Andrade Silveira

**A MATERIALIZAÇÃO MIDIÁTICA DA BRASILIDADE: A COBERTURA DO
JORNAL NACIONAL SOBRE A SELEÇÃO DE FUTEBOL E A NARRATIVA DA
IDENTIDADE BRASILEIRA**

Juiz de Fora
2010

Bianca Alvin de Andrade Silveira

**A materialização midiática da brasilidade: a cobertura do Jornal Nacional sobre a
Seleção de Futebol e a narrativa da identidade brasileira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, área de concentração: Comunicação e Sociedade, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal
Co-Orientadora: Prof.^a Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho

Juiz de Fora
2010

Bianca Alvin de Andrade Silveira

**A materialização midiática da brasilidade: a cobertura do Jornal Nacional sobre a
Seleção de Futebol e a narrativa da identidade brasileira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação e Sociedade, da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em 22/03/2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho (Co-Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra
Universidade Federal de Juiz de Fora

Com amor,

Ao meu avô Otávio Alvin (in memoriam),

eterna fonte de inspiração no mundo do futebol.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me abençoar durante toda a caminhada.

Aos meus pais Vanda e Ivan e ao meu irmão Bruno, pela confiança e apoio.

Ao meu noivo Diogo, pelo amor e estímulo cotidianos. E pelas eternas discussões sobre o futebol e o jornalismo esportivo.

Ao amigo, orientador e professor Paulo Roberto, pela eterna disposição, pelos preciosos conselhos e por acreditar em mim e neste trabalho. O seu apoio foi fundamental para a concretização desse sonho.

À amiga, co-orientadora e professora Iluska Coutinho, pela amizade e por ser referência profissional e de amor ao longo desses anos. O seu incentivo e orientação foram vitais na minha vida.

Às professoras Claudia Lahni e Iluska Coutinho, pelas valiosas contribuições na etapa da qualificação.

Ao amigo e professor Jorge Felz, pela confiança e oportunidade de aprendizagem na sala de aula.

Ao professor Márcio Guerra, pelos livros emprestados e carinho de sempre.

À minha amiga Lívia Fernandes, pela amizade e amor dedicado ao longo desses anos. A sua força, orientação e apoio foram fundamentais para a realização desse sonho. E pelo belo trabalho que realizamos juntas durante um ano e meio no estágio docência.

A todos os docentes, funcionários e colegas do PPGCOM –UFJF, pelo aprendizado e pela contribuição na minha formação.

Aos meus alunos do estágio docência, pelo aprendizado e por despertarem em mim o amor pela sala de aula.

A todos que durante os congressos contribuíram para o crescimento deste projeto.

À Capes e à UFJF, pelo suporte financeiro que viabilizou o aprofundamento dos estudos.

Aos meus amigos e familiares, que torceram por mim e pela conclusão desta dissertação.

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 Categorias da Análise de Conteúdo	36
Quadro 2 Resumo dos jogos da Seleção Brasileira de junho a novembro de 2008	100
Tabela 1 Detalhamento de distribuição por categorias e subcategorias nos textos	113
Tabela 2 Detalhamento de distribuição por categorias e subcategorias nas imagens	122
Tabela 3 Marcas discursivas que remetem à Brasilidade – Alegria e Individualidade no JN.....	132
Tabela 4 Marcas discursivas que remetem à Brasilidade – Jeitinho/Malandragem e Mito da Democracia Racial no JN.....	133
Tabela 5 Marcas discursivas que remetem à Brasilidade – Bravura e Cordialidade no JN	134
Tabela 6 Marcas discursivas que remetem à Brasilidade – Misticismo e Prevalência da Figura de Comando no JN	135

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Viés das matérias do Jornal Nacional sobre a Seleção Brasileira de Futebol	102
Gráfico 2 Total de frases das matérias que remetem, direta ou indiretamente, às categorias de análise sobre brasilidade	102
Gráfico 3 Presença de categorias analíticas nos textos - Geral	106
Gráfico 4 Presença de categorias analíticas nos textos - Matérias Positivas	106
Gráfico 5 Presença de categorias analíticas nos textos – Matérias Negativas	107
Gráfico 6 Presença de categorias analíticas nos textos – Matérias Neutras	107
Gráfico 7 Presença de categorias analíticas nos textos – Matérias Positivas/Negativas	108
Gráfico 8 Total de imagens que remetem, direta ou indiretamente, às categorias de análise sobre brasilidade	115
Gráfico 9 Presença de categorias analíticas nas imagens – Geral.....	117
Gráfico 10 Presença de categorias analíticas nas imagens – Matérias Positivas	118
Gráfico 11 Presença de categorias analíticas nas imagens – Matérias Negativas	118
Gráfico 12 Presença de categorias analíticas nas imagens – Matérias Neutras	119
Gráfico 13 Presença de categorias analíticas nas imagens – Matérias Positivas/Negativas	119

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A IDENTIDADE NACIONAL COMO FENÔMENO SIMBÓLICO	17
2.1	O CONCEITO CONTEMPORÂNEO DE IDENTIDADE NACIONAL NUM VIÉS CULTURALISTA	18
2.2	A NARRATIVA DA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DAS SUPOSTAS QUALIDADES ESSENCIAIS DOS BRASILEIROS	24
3	MÍDIA, IDENTIDADE E FUTEBOL	38
3.1	MÍDIA E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES	38
3.2	CONSUMO COMO MARCAÇÃO IDENTITÁRIA NUM AMBIENTE MEDIATIZADO	41
3.3	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA MÍDIA E COTIDIANIDADE	44
3.4	A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES FUTEBOLÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS	49
3.5	FUTEBOL E AS IDENTIDADES NACIONAIS	56
4	A TV NA VIDA COTIDIANA BRASILEIRA	59
4.1	PENSANDO A TELEVISÃO: DO GLOBAL AO NACIONAL E AO LOCAL	60
4.2	O TELEJORNALISMO GERAL NO BRASIL	64
4.3	DRAMATURGIA DO TELEJORNALISMO BRASILEIRO	70
4.4	O JORNAL NACIONAL	73
5	O TELEJORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL	78
5.1	A COBERTURA FUTEBOLÍSTICA NO RÁDIO E NOS IMPRESSOS: A FORMAÇÃO DA CULTURA DO FUTEBOL	78
5.2	A CONSOLIDAÇÃO DA TV E SUAS RELAÇÕES COM O ESPORTE	82
5.3	CARACTERÍSTICAS DO TELEJORNALISMO E O BLOCO DE ESPORTES NO TELEJORNALISMO GERAL	88
5.4	OS ACONTECIMENTOS MIDIÁTICOS E OS ESPORTES	91
6	A SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL COMO MATERIALIZAÇÃO MIDIÁTICA DA BRASILIDADE: ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS MATÉRIAS DO JN	95

6.1	PRESSUPOSTOS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: CONTEXTUALIZANDO AS CATEGORIAS SOBRE BRASILIDADE E OS JOGOS QUE COMPÕEM A AMOSTRA	96
6.2	A SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL COMO METÁFORA DA IDENTIDADE NACIONAL: ANÁLISE DO CONTEÚDO TEXTUAL.....	101
6.3	A SELEÇÃO É O BRASIL: PARADOXOS E RECORRÊNCIAS NAS CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE	108
6.4	ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS IMAGENS: ELEMENTOS VISUAIS DA BRASILIDADE	113
7	O JORNAL NACIONAL E AS NARRATIVAS MÍTICAS SOBRE AS SUPOSTAS QUALIDADES TIPICAMENTE BRASILEIRAS: ANÁLISE DE DISCURSO DAS MATÉRIAS SOBRE ROBINHO E O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO	124
7.1	ROBINHO COMO ENCARNAÇÃO DA BRASILIDADE	125
7.2	AS NARRATIVAS TELEJORNALÍSTICAS E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO	136
8	CONCLUSÃO	145
	REFERÊNCIAS	148
	APÊNDICE	155

RESUMO

A proposta da dissertação é analisar de que maneira o *Jornal Nacional* representa a identidade nacional brasileira no discurso veiculado sobre a Seleção Brasileira de Futebol e aportar evidências para avaliar a pertinência da hipótese de que esse telejornal utiliza-se de narrativas essencializadas e naturalizantes sobre a brasilidade. O trabalho tem como recorte empírico as edições do JN durante a semana dos jogos da Seleção Brasileira, no período entre junho e novembro de 2008. Partindo-se do pressuposto teórico de que as identidades (tais como conceituadas na tradição dos Estudos Culturais) são fenômenos simbólicos e narrativos, busca-se identificar quais discursos são acionados pelo telejornal e, por meio das metodologias de análise de conteúdo e de análise de discurso, apontam-se as ênfases nas supostas qualidades típicas do futebol brasileiro, tratado como materialização das dimensões associadas narrativamente à identidade nacional.

Palavras-chave: Identidade Nacional. Telejornalismo. Esporte. Jornal Nacional. Seleção Brasileira de Futebol.

ABSTRACT

The proposal of this dissertation is to analyze in which manner the *Jornal Nacional* represents the Brazilian national identity in the speech related to the Brazilian National Football Team and aportar evidence to assess the relevance of the hypothesis that television news uses of narratives essentialized and naturalizing on Brazilianness. The work takes the publications of the JN as an empirical sample during the week of the matches of the Brazilian National Football Team, in the period between June and November of 2008. Starting from the theoretical assumption that the identities (such as conceptualized in the tradition of cultural studies) are symbolic and narrative phenomena, we seek to identify which speeches are triggered by the broadcasting and through the methodologies of content analysis and speech analysis, pointing to the emphasis on the supposed qualities typical of Brazilian soccer, treated as the embodiment of narrative dimensions associated with national identity.

Keywords: National Identity. Broadcasting. Sports. Jornal Nacional. Brazilian National Football Team.

1 Introdução

A expressão “Pátria de Chuteiras” – consolidada durante décadas pela imprensa e incorporada ao senso comum como um modo perfeitamente compreensível de se referir à Seleção Brasileira de Futebol – é reveladora: a simbiose entre selecionado nacional e o próprio país evidencia-se rotineiramente em numerosas dimensões, desde a constatação de que momentos de realização de Copas do Mundo coincidem com picos de utilização das cores nacionais nas vestimentas e nos espaços públicos, passando pelo orgulho nacional que o esporte mobiliza (não por acaso Nelson Rodrigues dizia que a vitória em 1958 livrou os brasileiros do “complexo de vira-latas”), chegando-se à percepção de que há um fortemente consolidado discurso sobre o significado do modo brasileiro de se jogar futebol.

Neste sentido, a Seleção configura-se como um objeto de pesquisa especialmente relevante para uma dissertação, como esta, cuja preocupação consiste em apontar as interfaces Comunicação-Identities. Se a “canarinha” (apelido igualmente sintomático) é o Brasil em campo, em que medida as narrativas historicamente associadas pelos brasileiros ao país são mobilizadas no espaço mais relevante para sua socialização – a mídia?

Parte-se aqui do pressuposto de que, ao realizar a cobertura da Seleção Brasileira, os meios de comunicação acionam memórias discursivas relativas a determinados sentidos para o Brasil – e esse processo não pode ser explicado sem o apontamento do alcance dos discursos midiáticos: “os cronistas de futebol emitiam suas opiniões sobre os acontecimentos e iam construindo suas interpretações não só dos jogos em si, mas também, de forma consciente ou inconsciente, do país” (BORGES, 2007, p.02).

O escritor Nelson Rodrigues provavelmente sintetiza melhor que qualquer outro essa relação: escrevendo, a partir de 1955 na revista *Manchete*, e depois no jornal *O Globo*, Nelson perscrutou conexões mais profundas mobilizadas pelo jogo: “Ao falar de um reles Flamengo X Canto do Rio ou do velório de um velho jogador obscuro, ele está apenas usando o futebol como um pretexto para mergulhar em suas obsessões: o heroísmo e o medo, a multidão e o indivíduo, a vida e a morte” (CASTRO, 1993, p.05).

As crônicas de Nelson sobre o “complexo de vira-latas” dizem a respeito ao período que vai do início da década de 50, com a derrota para o Uruguai na Copa jogada no próprio país, aos anos em que as grandes vitórias internacionais se materializam. “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face

do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. [...] É um problema de fé em si mesmo” (RODRIGUES, 1958 apud CASTRO, 1993 , p.61).

O processo iniciado em 58 encontra seu ápice em 1970 com a conquista do Tricampeonato, quando, de acordo com Nelson Rodrigues, a equipe consolida suas particularidades de jogar e se torna uma referência no futebol mundial. Para o escritor, num de seus arroubos épicos, foi neste período que o Brasil teria se tornado uma nação. “Amigos, glória eterna aos tricampeões mundiais. Graças a esse escrete, o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota. Somos 90 milhões de brasileiros, de esporas e penacho, como os Dragões de Pedro Américo” (RODRIGUES, 1970 apud CASTRO, 1993, p.217).

É necessário que não leiam os textos de Nelson em busca de uma dimensão de veracidade que ele próprio nunca almejou. Mas é verdade que as linhas por ele escritas revelam o quanto, conforme observam Helal, Soares e Santoro (2004), “o estilo de jogo da Seleção Brasileira de 1970 é o paradigma do futebol nacional. Embora datado, pretende-se afirmá-lo como um estilo atemporal que se confunde com a ‘natureza’ do ‘ser brasileiro’” (HELAL, SOARES e SANTORO, 2004, p.07).

Mas essa associação entre o esporte praticado no país e as qualidades que aparecem vinculadas à “alma” nacional (noutras palavras, a identidade) se efetiva por meio de evidências indiscutíveis, coerentes e factuais ou por meio de narrativas que ressaltam alguns aspectos e silenciam sobre outros? A segunda opção, como observam os estudiosos dos fenômenos identitários, prevalece.

Neste sentido, as identidades projetadas por essas narrativas (*re*)*constroem*, simbólica e discursivamente, a identidade nacional brasileira. Se identidades forjam-se por meio do partilhamento simbólico mais do que por elementos concretos ou materiais, as décadas de discursos projetados na mídia sobre a Seleção (e sobre o Brasil), em alguma medida, impactam a visão que muitos brasileiros têm de si mesmos. É patente que poucas vezes o discurso sobre esta “alma” nacional está mais presente do que nos momentos de disputas futebolísticas internacionais.

Quando a imprensa trata do futebol brasileiro (sobretudo da Seleção), reverberam ali esses discursos essencialistas que apresentam a identidade brasileira como sendo naturalmente vinculada a um determinado conjunto de características? A hipótese da presente monografia é que sim – trata-se, portanto, de, uma vez constatado o fenômeno, oferecer evidências sobre como e por que isso ocorreria.

Diante desse cenário, pretende-se aqui verificar se o Jornal Nacional (telejornal de maior audiência na TV brasileira)¹ representa a identidade nacional brasileira de maneira essencialista e naturalizada - tributária de textos clássicos sobre a “brasilidade” que permeiam hoje o senso comum sobre o que signifique ser brasileiro – ao falar da Seleção; em caso positivo, quais discursos são acionados e como isso se faz por meio da linguagem do telejornalismo.

Supõe-se que a Seleção Brasileira de Futebol passa a ser tratada como a “encarnação” das supostas qualidades e defeitos típicos dos brasileiros – mais até do que outros objetos, a Seleção constituiria uma ilustração de como o discurso das identidades nacionais projeta-se como algo natural e essencial, não como mera construção simbólica (apesar de efetivamente assim o ser). Busca-se verificar se isso de fato ocorre e se o JN utiliza-se da construção de uma narrativa mítica sobre a identidade nacional.

Para tal tarefa, o trabalho tem como recorte empírico as matérias sobre a Seleção veiculadas em edições do Jornal Nacional durante as semanas dos jogos da Seleção Brasileira de Futebol no período de junho a novembro de 2008 – examinadas por meio da utilização de ferramentas metodológicas de Análise de Conteúdo e de Análise de Discurso. Antes dessa avaliação, contudo, foi necessário aprofundar os estudos sobre a construção da identidade nacional brasileira, feita por meio do discurso de alguns autores como Thomas E. Skidmore, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro e Roberto Damata.

Esses autores, ao tratar da identidade nacional, plasmaram uma série de conceitos ainda hoje mobilizados (inclusive no discurso do senso comum) sobre quais seriam os supostos aspectos identitários que fazem com que os brasileiros se reconheçam como tais. Descreveram o Brasil como o país do carnaval, da mistura, da malandragem, do jeitinho brasileiro, da superstição, da cordialidade, da fantasia, entre outras categorias: “quando eu defini o ‘brasileiro’ como sendo amante do futebol, da música popular, do carnaval, da comida misturada, dos amigos e parentes, dos santos e orixás etc., usei uma fórmula que me foi fornecida pelo Brasil” (DAMATA, 1986, p. 18).

Por meio desse referencial teórico extraído de autores clássicos, foram sistematizadas categorias que dariam conta dos aspectos identitários brasileiros mais relevantes presentes em seus discursos. A procura pela aparição dessas categorias no material empírico analisado constituiu o procedimento para averiguar a admissibilidade das hipóteses da dissertação.

¹ Segundo o colunista do UOL Ricardo Feltrin, o Jornal Nacional fechou o ano de 2009 com o pior índice de audiência de toda sua história (31 pontos). Contudo, “O ‘JN’ ainda é líder absoluto de audiência, não só em seu horário como contra qualquer concorrente” (FELTRIN, 2009).

O papel do jornalismo e a interferência da mídia na construção das identidades contemporâneas também são questões de fundo relevantes para o trabalho. Se, numa leitura baseada nos Estudos Culturais, a identidade é um fenômeno simbólico que emerge como construção social da realidade e é efetivada na vida cotidiana, os discursos que circulam pela televisão são matéria-prima fundamental para os sentidos que os telespectadores atribuem ao mundo e a si mesmos.

Os telejornais, por exemplo, “funcionam como experiências únicas, cotidianas e coletivas de representação e construção da realidade, refletindo e interferindo na expressão das identidades nacionais” (PORCELLO, 2006, p.15). Para Becker (2006), o telejornal “é o produto de informação de maior impacto na atualidade. Pelo telejornal, a TV cria e procura dar visibilidade a uma experiência coletiva de nação. É um espaço importante de construção de sentidos do nacional como um ritual diário” (BECKER, 2006, p.67).

A cobertura telejornalística do esporte, com suas implicações identitárias, só faz sentido caso se considere que há dimensões culturais aí presentes: “O futebol não é um esporte para aglomeração de desocupados. Ele contém um conjunto de símbolos significantes de nossa cultura. É uma forma de o homem nacional expressar-se, revelando-se e descobrindo-se” (MORATO, 2005, p. 74). Mas como isso se dá num momento em que o esporte transformou-se em evento midiático?

Para responder a isso, o presente trabalho busca evidenciar a pertinência da discussão sobre a influência da mídia na formação de identidades; analisar o discurso construído pelos meios de comunicação de massa sobre a identidade nacional brasileira, por meio da reverberação de conceitos fundamentais de autores paradigmáticos que escreveram sobre este tema; aprofundar os estudos sobre televisão e telejornalismo e seus impactos identitários; e estudar a relação futebol e mídia esportiva, como objetos de pesquisa que oferecem subsídios para discussão dos padrões culturais da sociedade brasileira.

A escolha do JN deve-se a três razões: a primeira é o fato de as partidas da Seleção serem veiculadas pela Rede Globo de Televisão, que detém exclusividade nas transmissões dos jogos – inclusive daqueles realizados de junho a novembro de 2008, que configuram o período analisado neste trabalho. Logo, as imagens dos jogos e a cobertura jornalística desse evento esportivo ficam, na maioria das vezes, a cargo dos telejornais dessa emissora.

O segundo motivo está relacionado ao fato de o Jornal Nacional se colocar como vocalizador privilegiado das extensas camadas sociais que constituem seu público: dessa forma, ele apresenta-se como um instrumento importante para analisar como a identidade

nacional brasileira é representada no discurso que esse telejornal faz sobre a Seleção Brasileira de Futebol.

A última razão é que o Jornal Nacional é dirigido a um público generalista e não apenas a torcedores assíduos de futebol, por isso constitui um campo relevante para que se compreenda como a Seleção é eventualmente apresentada como a “Pátria de Chuteiras” – que discursos são mobilizados e como eles se apresentam?

Portanto, dada a apresentação dessas justificativas, o trabalho discute, no capítulo 1, o conceito contemporâneo de identidade que norteou toda a dissertação. Focam-se os aspectos identitários que historicamente constituíram o discurso majoritário associado à brasilidade, apontando-se as categorias analíticas que o definiriam. Já no capítulo 2, abordam-se as relações entre mídia e a formação das identidades – com ênfase na formação das identidades futebolísticas e suas conexões midiáticas.

No capítulo 3, por sua vez, debate-se a importância da televisão na vida social contemporânea, bem como se apontam a formação do telejornalismo no Brasil e as suas características. Apresenta-se a trajetória do Jornal Nacional, objeto desta dissertação. No capítulo 4, a discussão centra-se na formação e nas especificidades do telejornalismo esportivo, assim como nas diferenças entre esse tipo de telejornalismo especializado e o telejornalismo geral.

No capítulo 5, destacam-se as evidências extraídas da cobertura por meio da metodologia de Análise de Conteúdo, cujas bases são ali explicitadas. E, no capítulo 6, realiza-se, através de ferramentas de Análise do Discurso, uma avaliação da cobertura do JN sobre o jogador Robinho. Discutem-se também as estratégias narrativas típicas do telejornalismo ali mobilizadas para maximizar os processos de identificação entre a Seleção e o próprio país.

2 A identidade nacional como fenômeno simbólico

O significado do conceito de identidade vem, ao longo de décadas, constituindo um dos debates centrais de variadas ciências: da psicologia à sociologia, da história à comunicação, definir o que seja – e, conseqüentemente, como se constrói e como se modifica – a identidade de indivíduos e de coletividades implica adentrar terreno controverso. Em cada uma dessas áreas do saber, distintas correntes teóricas apresentam diferenciados arsenais argumentativos para explicar o fenômeno identitário e oferecem igualmente diferenciadas chaves analíticas para compreendê-lo.

No campo da comunicação, a questão também aparece com freqüência: em que medida os artefatos de comunicação de massa impactam os mecanismos pelos quais sujeitos reconhecem-se e veem-se como pertencentes a uma coletividade? Qual é o peso da mídia na oferta de representações da realidade, com base nas quais os indivíduos e as coletividades se ancoram na interpretação do mundo e na determinação de seus próprios papéis sociais?

Responder a essa questão, portanto, não depende somente de eventuais evidências a serem extraídas de abordagens empíricas: depende também fundamentalmente de fazer escolhas teóricas prévias, a partir das quais se constituirão enquadramentos preferenciais. Neste sentido, dentre todas as possibilidades de conceituação da identidade – não só das diferentes disciplinas, mas também das diversas e antagônicas tradições nelas presentes -, o presente trabalho apresenta uma leitura baseada na perspectiva dos Estudos Culturais.

Esta corrente baseia-se na visão de que as identidades – inclusive as nacionais – são fenômenos eminentemente simbólicos (o que coloca a linguagem e a comunicação no centro do processo), que emerge das relações sociais da vida cotidiana e das discursividades aí presentes. Rejeitam-se as respostas essencialistas ou naturalizantes (manifestadas em assertivas do tipo “brasileiro é assim mesmo”; ou, no caso de identidade subnacionais, “juizforano é tal e qual”; e, levando a questão ao julgamento meramente individual, “eu sou desse jeito, nasci assim”).

Noutra perspectiva, aborda-se aqui o fenômeno identitário a partir da chave conceitual de que a realidade é socialmente e historicamente construída e manifesta-se como problema da cultura, não da natureza. A seguir, apresentam-se os termos dessa conceituação de identidade, aplicando-as ao debate da identidade nacional (objeto central da dissertação), no contexto de uma contemporaneidade marcada pela complexificação social e pela globalização.

2.1 O conceito contemporâneo de identidade nacional num viés culturalista

Numa era marcada por processos como a globalização e, no caso específico da comunicação, da oferta e do consumo cada vez maiores de conteúdos simbólicos transnacionais, muitos autores têm refletido sobre um fenômeno sociológico reiterado por numerosas pesquisas: algumas das mais tradicionais categorias identitárias utilizadas por décadas ou mesmo séculos – como nacionalidade, classe social e etc. – enfrentam grandes desafios. No lugar da rigidez dessas categorias, cada vez mais emergiria a percepção da fragmentação identitária como marca distintiva da contemporaneidade.

Stuart Hall (2006, p.10) é um dos autores que escreve sobre o assunto: ele descreve cronologicamente as três concepções de identidades que constituíram etapas da percepção ocidental sobre o tema ao longo do tempo: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. A primeira visão era baseada na concepção da pessoa humana centrada, unificada, na qual o centro do eu era a identidade. Este centro nascia com a pessoa e permanecia contínuo ou idêntico ao longo da existência do indivíduo.

O sujeito sociológico, por sua vez, refletia a complexidade do mundo moderno e da consciência humana, no qual o núcleo do interior do sujeito era formado nas relações com as outras pessoas, isto é, a identidade era construída na interação entre o eu e a sociedade. A terceira explicação – a visão do sujeito pós-moderno – seria aquela mais presente hoje, na qual se supõe que não mais se tem uma identidade fixa e permanente. O indivíduo assumiria identidades diferentes em variados momentos, não sendo estas unificadas ao redor de um “eu” essencial e naturalmente dado:

[...] o que aconteceu à concepção do sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi simplesmente sua desagregação, mas seu deslocamento. Elas descreveram esse deslocamento através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno. (HALL, 2006, p.34).

Um dos descentramentos apontados por Hall (2006, p.34) foi indicado pelo pensamento marxista. Numa possível interpretação do trabalho de Marx, o indivíduo não pode ser considerado autor da história, já que a sua ação está condicionada aos recursos históricos, materiais e culturais que lhe foram fornecidos por outras gerações.

Outro descentramento teria vindo da descoberta do inconsciente por Freud. Esse conceito demonstraria que as identidades “[...] são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma ‘lógica’ muito diferente

daquela da Razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional promovido de uma identidade fixa e unificada” (HALL, 2006, p.36).

Nessa mesma linha, Hall (2006, p. 38) destaca a idéia de Lacan, sobre a relação do “eu” no olhar do “outro” (teoria do espelho), que é iniciada na relação entre a criança e o sistema simbólico fora dela mesma. Isto quer dizer que a identidade é formada ao longo do tempo através de processos inconscientes – não é inata - e permanece sempre incompleta, em processo de formação.

O terceiro descentramento está associado ao trabalho de linguística de Saussure, que destaca “[...] que nós não somos autores das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua” (HALL, 2006, p. 40). Isto porque a língua é um sistema social e preexiste a nós.

O quarto descentramento, por sua vez, conforme Hall (2006, p.42), ocorre no trabalho de Foucault, que enfatiza o poder disciplinar, ou seja, a tentativa em manter a vida do indivíduo como um todo sob o restrito controle e disciplina, baseado no poder dos regimes administrativos, do conhecimento especializado dos profissionais e da ciência.

O quinto descentramento é exemplificado pelo impacto do feminismo seja como crítica teórica ou/e movimento social. Hall (2006, p.45) argumenta que o feminismo questionou a distinção entre o público e o privado; criou espaço para a contestação pública; politizou a subjetividade e o processo de identificação; incluiu a formação das identidades sexuais e de gênero; expandiu a idéia da construção das identidades relativas ao gênero e questionou a noção de que homens e mulheres partilham a mesma identidade.

A estes descentramentos, a contemporaneidade acrescenta um outro desafio: o risco de ruptura da identidade nacional num ambiente marcado pela globalização. Se, nos últimos séculos, a lealdade e a identificação que outrora foram dadas ao clã, à tribo e à religião passaram a ser atribuídas à cultural nacional, tal identificação precisa ser rediscutida num momento em que se fragiliza a ideia de nações plenamente diferenciadas e isoladas umas das outras.

Kathryn Woodward (2000) afirma que “a globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas” (WOODWARD, 2000, p.20).

O desafio representado pela globalização coloca em xeque a visão da identidade nacional fixa e auto-referenciada. Contudo, na tradição culturalista, nunca se imaginou que essas identidades fossem pautadas em elementos essenciais. Ao contrário, qualquer identidade nacional (mesmo antes da globalização) sempre se produziu como narrativa capaz de gerar o

sentimento de pertença. Mais do que a fatos objetivos, é ao processo de adesão simbólica ao “discurso da nação” que se referencia a construção da identidade nacional:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]. As culturas nacionais ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2006, p.48)

Hall (2006, p.68) aponta três possíveis consequências contraditórias da globalização nas identidades culturais: a desintegração das identidades nacionais; as identidades nacionais e locais seriam reforçadas; ou criar-se-iam formações híbridas. Ele sustenta que, paralelamente ao impacto da globalização, houve nos últimos anos o incremento do interesse pelo local – fenômeno potencializado pela hibridização num mundo diaspórico: as identidades “[...] atravessam fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersas para sempre de sua terra natal” (HALL, 2006, p.88):

[...] a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do ‘global’ nem a persistência, em sua velha forma nacionalista, do ‘local’. Os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se, afinal, mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas ou seus oponentes. Entretanto, isto também sugere que, embora alimentada, sob muitos aspectos, pelo ocidente, a globalização pode acabar sendo parte daquele lento e desigual, mas continuado, descentramento do ocidente. (HALL, 2006, p. 97).

Neste contexto, Woodward (2000, p.08) destaca uma característica da formação de identidade: ela é relacional, ou seja, a identidade é sempre marcada pela diferença. Ela argumenta que “essa marcação da diferença não deixa de ter seus problemas. Por um lado, a asserção da diferença entre sérvios e croatas envolve a negação de que não existem quaisquer similaridades entre os dois grupos” (WOODWARD, 2000, p.09).

Assim, a afirmação da diferença em relação à identidade ocorre marcada por sistemas simbólicos de representação, e por meio de exclusão social. “A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios” (WOODWARD, 2000, p.40).

Ela afirma ainda que a construção de uma identidade nacional está diretamente ligada a antecedentes históricos. “Os servos, os bósnios e os croatas tentam reafirmar suas identidades, supostamente perdidas, buscando-as no passado, embora ao fazê-lo, eles possam estar realmente produzindo novas identidades” (WOODWARD, 2000, p.11).

Uma vez que não seria possível conhecer todas aquelas pessoas que partilham de nossa identidade nacional, devemos ter uma idéia partilhada sobre aquilo que a constitui. A diferença entre as diversas identidades nacionais reside, portanto, nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas. (WOODWARD, 2000, p.24).

A base dessas questões relacionadas a identidades está, conforme enfatiza Woodward (2000, p.12) na tensão entre as perspectivas essencialista e não essencialista sobre a identidade. A visão essencialista está relacionada com uma posição fixa e imutável, que pode ter suas raízes na história e na biologia, por exemplo. Já uma definição não essencialista focaliza as diferenças, as características comuns e/ou partilhadas, as mutabilidades dos valores identitários ao longo do tempo.

Tomaz Tadeu da Silva, por sua vez, enfatiza que é possível perceber que a identidade e a diferença têm uma relação direta de dependência. Ele parte da perspectiva que a identidade e a diferença são mutuamente determinadas e inseridas num contexto simbólico-discursivo:

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2000, p.76).

Esse fato da identidade ser marcada pela linguagem traz algumas questões importantes. Silva (2000, p.80) destaca que a relação identidade e diferença, definida por meio da linguagem, acaba por ser marcada pela indeterminação e instabilidade. Isto porque a afirmação de uma determinada identidade não pode ser compreendida sem levar em consideração o processo em que foi construída. Não há um referente natural ou fixo, algo que exista fora ou anterior a linguagem. “Em suma, a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem” (SILVA, 2000, p.80).

Se identidade e diferença são discursos, estão marcadas por relações de poder: “São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (‘estes pertencem, aqueles não’);

demarcar fronteiras ('nós' e 'eles'); classificar ('bons e maus'; 'puros e impuros'; 'desenvolvidos e primitivos; 'racionais e irracionais) [...]" (SILVA, 2000, p.82). Nesse sentido, se as identidades e as diferenças são marcadas pelo poder e têm significado cultural e socialmente atribuído – não sendo algo natural – elas estão diretamente associadas a sistemas de representação.

É aqui que a representação se liga à identidade e à diferença. A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: 'essa é a identidade', 'a identidade é isso'. (SILVA, 2000, p.91).

Zygmund Bauman também discute a questão das identidades a partir da perspectiva de que elas não constituem algo sólido (2005, p.17), natural ou imutável. Pelo contrario, são negociáveis e revogáveis. As pessoas, de modo geral, estão expostas a várias comunidades de idéias e princípios. E elas irão ressaltar ou atenuar as suas identidades e diferenças de acordo com a situação em que estão envolvidas.

Para Bauman (2005, p.26), toda identidade nasceu como ficção e precisava de coerção e convencimento para se consolidar e se concretizar. E foi o Estado moderno que exerceu este papel de convencimento. "Não fosse o poder do estado de definir, classificar, segregar, separar e selecionar, o agregado de tradições, dialetos, leis consuetudinárias e modos de vida locais, dificilmente seria remodelado em algo como os resquícios de unidade e [...] da comunidade nacional" (BAUMAN, 2005, p.27).

A identidade nacional, para ele, foi construída pelo Estado e suas forças com o objetivo de traçar a fronteira entre "nós" e "eles", cidadãos nacionais e os estrangeiros. (BAUMAN, 2005, p.29). Hoje, contudo, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, não funcionam.

Na verdade, as identidades estão em movimento. Nessa era de globalização, Bauman (2000, p.35) afirma que o Estado tem perdido o poder de manter uma união sólida e inabalável com a nação. Dessa maneira, as identidades ganham livre curso e cabe ao indivíduo orientá-la.

Porém, como reação à globalização, ressurgem nacionalismos (2005, p.62). Em muitos lugares, renascem tentativas dos Estados de se protegerem contra a globalização. "O que se segue, ao contrário da opinião generalizada, é um renascimento, ou mesmo vingança póstuma,

do nacionalismo” (BAUMAN, 2005, p.66). O discurso da nação, mesmo agora, continua sendo relevante para a compreensão da contemporaneidade – e é fundamental que seja encarado como fenômeno simbólico.

Regina Brito (2004, p.72), por sua vez, explica que há três dimensões – constituição, instituição e expressão - que possibilitam compreender a identidade social. Brito faz essa explicação por meio dos estudos do autor Orion (1979 e 1985). Afirma que a identidade social é produzida pela dimensão constituída (a cultura nacional, ambiental e a sub-cultural), pela dimensão instituída (a palavra da igreja, Estado e partidos políticos) e pela dimensão expressa, que são as ações individuais.

Dessa maneira, é possível perceber que a identidade nacional, por exemplo, não é nata, e sim “fruto de uma incessante construção discursiva cultural - que é um sistema de representação” (BRITO, 2004, p.72). Assim a identidade nacional busca a unidade, mas não é de todo unificadora.

Ela ressalta como outros autores que a identidade não se limita apenas à idéia de semelhanças, mas também ao reconhecimento das diferenças. Conclusão: é na amarração discursiva sobre quem somos nós e quem são os outros que se conforma, linguisticamente, o jogo identitário.

Um outro autor que faz uma discussão sobre questões identitárias neste contexto é Homi Bhabha, que acredita que, atualmente, vivemos uma sensação de desorientação, na qual o espaço e o tempo se cruzam e produzem figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão (2005, p.19).

Para Bhabha, quando a diferença é analisada junta com a identidade, expõe, muitas vezes, a relação delas em posições binárias - eu/outro; negro/branco. E “essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta” (BHABHA, 2005, p.22).

Nesse sentido, conforme alerta Bhabha, as próprias culturas nacionais estão em processo de redefinição (2005, p.24). Num mundo que viveu por séculos a experiência da colonização do mundo pelas potências européias, o autor sustenta que um aspecto importante do discurso colonial é sua dependência com o conceito de fixidez (rigidez e ordem imutável). A sua principal estratégia discursiva é o estereótipo, algo que vacila entre o conhecido e algo que deve ser repetido: trata-se de uma simplificação porque é uma forma fixa de representação, que nega a diferença (2005, p.117).

Ele propõe que o conceito de nacionalidade é uma construção social e textual, sem, contudo, negar outras dimensões. As fronteiras da nação se deparam com uma temporalidade

dupla: o processo de identidade formado pela sedimentação histórica (o pedagógico) e a perda da identidade no processo de significação da identidade cultural (o performativo).

Ou seja, numa visão sumarizante, os autores aqui citados concordam que as identidades nacionais devem ser tratadas de modo “não essencialista” e como fenômenos só compreensíveis se diretamente relacionados à construção narrativa da diferença, por meio da linguagem. Logo, é no terreno cultural da linguagem que as identidades nacionais constituem discursos que mudam ao longo do tempo e com os quais os indivíduos reconhecem-se (ou não) como membros de uma nação.

Sendo narrativas, como as identidades nacionais apontam suas diferenças em relação a outras? Mais especificamente no caso brasileiro, quais marcações discursivas apareceram, historicamente, como sendo as diferenciadoras do Brasil? Que dimensões foram trazidas à narrativa da “brasilidade”, de modo a estabelecer as fronteiras a nos distanciar dos outros? Para discutir esta questão, segue-se a apresentação das ideias centrais de autores que pensaram a especificidade brasileira e, ao fazê-lo, foram determinantes na construção do mito da “brasilidade” como uma dimensão de supostas qualidades naturais e essenciais.

2.2 A narrativa da identidade nacional brasileira: a construção discursiva das supostas qualidades essenciais dos brasileiros

Diversos autores escreveram sobre os aspectos identitários que fazem com que os brasileiros se reconheçam como tais. Quase todos os pensadores sobre a especificidade da cultura brasileira desenvolveram construções discursivas que enfatizavam significados históricos de nossa diferenciação como nação – e é preciso ter em mente que a história é artefato narrativo, mais do que a verdade objetiva dos fatos. Não por acaso as categorias raciais (mais precisamente o fato de que o Brasil é etnicamente e culturalmente miscigenado) constituíram uma abordagem dominante.

Paradigmática desta abordagem, a análise de Gilberto Freyre destaca a influência que cada povo (índio, negro, português) deixou de herança para a sociedade brasileira, assim como a “mistura” entre eles. Em relação aos portugueses, Freyre aponta dentre diversas características, a capacidade de adaptação e miscibilidade. O elemento móvel foi fundamental para os portugueses conseguirem instalar uma colônia nos trópicos.

Já a miscibilidade, isto é, a capacidade de misturar-se com outros povos, foi um dos segredos da colonização portuguesa. Isto porque Portugal não tinha um grande contingente populacional para enviar para o Brasil e necessitava de aumentar o povoamento da colônia.

“A miscibilidade, mais do que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massa ou volume humano para a colonização em larga escala e sobre áreas extensíssimas” (FREYRE, 2001, p. 84).

A miscibilidade portuguesa não apenas estimulou a miscigenação no Brasil, mas também demonstrou que essa característica não é exclusivamente brasileira. Freyre (2001) argumenta que os portugueses se misturaram com outros povos antes de se instalarem no Brasil e que isso influenciou a colonização e formação da sociedade brasileira.

A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a européia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; o ar da África, um ar quente oleosos, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval; tirando os ossos ao Cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo. A Europa reinando mas sem governar; governando antes a África (FREYRE, 2001, p. 80).

Para ele, essa despreocupação com a pureza de raça foi notada até mesmo em relação à vinda do estrangeiro para a colônia brasileira, no século XVI. Os portugueses não exigiam unidade de raça, só importava que os imigrantes fossem da religião católica. Nessa discussão de Freyre (2001, p.102), percebemos mais um fator que contribui para o processo de miscigenação e uma outra influência na formação brasileira, o catolicismo.

Esse teve grande importância no Brasil desde a época da colonização, visto que o “[...] o português esquece raça e considera seu igual aquele que tem religião igual a que professa.”, (FREYRE, 2001, p. 102). Dessa maneira, o catolicismo manteve-se entre os brasileiros de tal forma que é difícil separar o brasileiro do católico, mesmo influenciado por aspectos místicos e supersticiosos dos negros e índios.

Aliado ao catolicismo percebemos, segundo Freyre (2001, p.288), a herança deixada pelos portugueses de uma intimidade entre o devoto e o santo. Alguns santos foram sagrados capitães e chefes militares. Outro aspecto importante foi a forma de colonização dos portugueses na colônia Brasileira, aventureira e espalhada. “[...] prolongou-se no brasileiro a tendência colonial do português de derramar-se em vez de condensar-se. [...], o nosso afã de ir

estendendo populações aventureiras e empresas capitalistas por todo território” (FREYRE, 2001, p. 99).

É preciso destacar ainda uma circunstância significativa de Portugal na formação brasileira: o fato de os portugueses não terem realizado no Brasil uma colonização no sentido puro europeu, mas um processo que foi influenciado pelo contato com o indígena e amaciada pelo convívio com os africanos.

Nesse sentido, Freyre dedica também aos índios e aos negros uma grande importância na construção da sociedade brasileira. Sobre o indígena, Freyre (2001, p.166) descreve a conquista dos sertões onde o índio foi o guia, caçador, guerreiro. E destaca a inadaptabilidade deste nos trabalhos agrícolas. “Compensou-se ao índio, amigo ou escravo dos portugueses, da inutilidade do esforço estável e contínuo pela extrema bravura no heróico e militar” (FREYRE, 2001, p. 166).

Uma outra característica importante deixada pelos índios foi a misticidade, a superstição. Eles pintavam o corpo para se protegerem contra os espíritos maus, pois acreditavam que os grandes inimigos do homem não eram os insetos e bichos e sim os espíritos. Essas superstições e medos de animais monstruosos também, segundo Freyre (2001, p.198) faziam parte da formação das crianças indígenas.

Danças semelhantes de ‘diabo’ – ou Jurupari – havia entre os indígenas do Brasil; e com o mesmo fim de amedrontar as mulheres e crianças e conservá-las em boa ordem. Sendo que entre os ameríndios desta parte da América as máscaras de dança desempenhavam função importante. (Freyre, 2001, p. 198).

E esse misticismo, para o autor, subsistiria na cultura brasileira até o Brasil moderno. Freyre destaca (2001, p. 209) que o povo brasileiro possui uma crença no sobrenatural, em sentimentos influenciados por forças estranhas e que isso também é comum nos jornais, em casos de aparições e encantamentos.

Esse ar místico assim como um dom para a imaginação dos índios permanecera nos brasileiros especialmente na infância. “Tantos deles investidos pela imaginação da gente do povo, tanto quanto pela infantil, de uma malícia verdadeiramente humana, [...]. É o folclore, são os contos populares, as superstições, as tradições que o indicam” (FREYRE, 2001, p. 208).

Ainda em relação às crianças ameríndias, foram elas que deixaram no brasileiro o gosto pelos jogos, sobretudo o da bola de borracha, danças e brinquedos de animais. “[...] o

próprio jogo de azar, chamado do bicho, tão popular no Brasil, encontra base para tamanha popularidade no resíduo animista e totêmico de cultura ameríndia reforçada depois pela africana” (FREYRE, 2001, p. 204). Esses jogos e dança tinham muitas vezes caráter pedagógico.

Nas instituições sociais, por sua vez, Freyre atribui ao índio a nossa característica de “benignidade jurídica”, ou seja, “certa suavidade brasileira na punição do crime de furto talvez reflète particular contemporização do europeu com o ameríndio, quase insensível à noção desse crime em virtude do regime comunista ou meio comunista de sua vida e economia” (FREYRE, 2001, p.226).

Aliada a essas características, Freyre (2001, p.226) enfatiza a culinária indígena que permanece até nos dias de hoje na cultura brasileira. Mas destaca nesse ponto a superioridade da influência cultural africana no Brasil. “Um traço importante de infiltração de cultura negra na economia e na vida doméstica do brasileiro resta-nos acentuar: a culinária. O escravo africano dominou a cozinha colonial, enriquecendo-a de uma variedade de sabores novos” (FREYRE, 2001, p.504).

Um outro fator de maior presença da cultura do negro em relação à do índio na formação brasileira, apontado por Freyre, foi a intensidade da relação de proximidade entre os brancos e os negros, que se deu também por meio das amas negras. Elas foram responsáveis pela criação dos filhos dos senhores brancos. Para Freyre (2001, p. 409), esse contato enriqueceu o brasileiro de sensibilidade, imaginação e religiosidade – ele seria o responsável pela “maciez” da cultura brasileira em diversos aspectos.

“A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles” (FREYRE, 2001, p.386). Sobre a relação sexual entre as negras e os brancos como elemento de corrupção familiar, Freyre (2001, p. 430) argumenta que não foi uma questão de raça nem preponderantemente de clima, e sim consequência do sistema econômico que dividiram escravos e senhores.

Porém, Freyre (2001, p.347) destaca que a grande herança deixada pelos negros ao brasileiro foi a alegria. Era nítido, na colonização, o contraste da introversão do índio com a extroversão do negro da África. Nas danças, enquanto as dos indígenas eram compassadas e medidas, as dos escravos eram espontâneas, com emoção sem rigidez.

Foi o negro quem animou a vida doméstica do brasileiro de sua maior alegria. O português, já de si melancólico, deu no Brasil para sorumbático, tristonho; e

de caboclo nem se fala: calado, desconfiado, quase um doente na sua tristeza. Seu contato só fez acentuar a melancolia portuguesa. A risada do negro é que quebrou toda essa ‘apagada e vil tristeza’ em que se foi abafando a ida nas casas grandes. Ele que deu alegria aos são-joões de engenho; que animou os bumbas-meu-boi, os cavalos marinhos, os carnavais, as festas de Reis. Que à sombra da Igreja inundou das reminiscências alegres de seus cultos totêmicos e fálicos as festas populares do Brasil. (FREYRE, 2001, p. 513).

Para Freyre, a construção da identidade brasileira sugere que, das contradições, antagonismos e diversidades da história brasileira, teria emergido uma cultura única. “Antagonismo de economia e cultura. A cultura européia e a indígena. A européia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril” (FREYRE, 2001, p.125). Esses encontros teriam plasmado algo novo e relativamente uniforme.

Freyre (2001), nas suas abordagens da especificidade brasileira centradas nas categorias raciais, produziu um discurso unificador da “brasilidade” a partir das contribuições herdadas dos grupos que aqui se miscigenaram. Mas, mesmo em autores que trabalham com outras categorias não relacionadas à raça, o discurso da suposta unidade da identidade brasileira está presente.

Como no trabalho de Sérgio Buarque de Holanda (1978), que pensava que se “podia resumir o brasileiro com a palavra ‘cordial’. Que ele equacionava com afabilidade, hospitalidade e generosidade” (SKIDMORE, 2001, p. 86). Holanda, em seu trabalho, destaca a importância de Portugal na formação do caráter da cultura brasileira.

No caso brasileiro, a verdade, por menos sedutora que possa parecer a alguns dos nossos patriotas, é que ainda nos associa à Península Ibérica, a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma. (HOLANDA, 1978, p. 11).

Nesse sentido, Holanda (1978) discute o aspecto aventureiro do português na conquista do trópico para a civilização. Ele destaca que no processo de colonização coube menos ao trabalhador e mais ao aventureiro, uma vez que o português veio buscar a riqueza, mas a de ousadia, ou seja, a mesma que se tinha acostumado a alcançar na Índia com os metais e as especiarias.

Esse caráter aventureiro, segundo Holanda (1978, p. 16), teve influência decisiva na vida social brasileira. Favoreceu a mobilidade social, instigou os homens a enfrentarem as asperezas e resistências da natureza. Por outro lado, trouxe a repulsa ao culto ao trabalho. “O

que entre elas predomina a concepção antiga de que o ócio importa mais que o negócio e de que a atividade produtora é, em si, menos valiosa que a contemplação e o amor” (HOLANDA, 1978, p. 10).

Outra característica fundamental que os brasileiros herdaram dos portugueses foi a individualidade. Holanda (1978, p.7) afirma que o prestígio pessoal sempre prevaleceu, independente do nome herdado. Para ele, no trabalho, os brasileiros querem a própria satisfação, o fim é em si mesmo e não na obra. Na carreira profissional, buscam as promoções, os altos postos, os cargos rendosos.

Dessa maneira, “a personalidade individual dificilmente suporta ser comandada por um sistema exigente e disciplinador” (HOLANDA, 1978, p.113). Por isso, seria frequente a inclinação dos brasileiros por profissões liberais. Outro traço da herança lusitana seria a crença de que o verdadeiro talento é espontâneo, de nascença.

Outra marca da colonização no Brasil, foi a criação de uma civilização de raízes rurais. “É efetivamente nas propriedades rústicas que toda a vida da colônia se concentra durante os séculos iniciais da ocupação européia: as cidades são virtualmente, se não de fato, simples dependências dela” (HOLANDA, 2001, p. 41). E mesmo depois de proclamada a independência, diretamente ou indiretamente, essa herança rural esteve presente para ele, deixando marcas que não se apagaram até hoje.

Um desses aspectos do mundo rural a continuar marcando a cultura brasileira foi o patriarcalismo, que, conforme Holanda (1978, p.49), é representado por um tipo de família vinculada à idéia de escravidão, no qual os filhos são subordinados ao patriarca. O grupo familiar, isento de qualquer restrição ou abalo, chega a ignorar qualquer principio superior que possa perturbá-lo em seu isolamento.

“Nesse ambiente, o pátrio poder é virtualmente ilimitado e poucos freios existem para sua tirania” (HOLANDA, 1978, p. 49). A família colonial, segundo Holanda (1978, p.50), fornecia a idéia mais natural da respeitabilidade, da obediência e coesão entre os homens. E assim, foi o grande modelo por onde se espelharam as relações entre governantes e governados.

Porém, o grande aspecto ressaltado por Holanda (1978) como definidor do caráter brasileiro é o conceito de “cordialidade”. O autor afirma que durante a história brasileira, foi possível observar o predomínio das vontades particulares – próprio de ambientes fechados e poucos acessíveis – frente à ordenação impessoal. “Dentre esses círculos, foi sem dúvida o da família aquele que se exprimiu com mais força e desenvoltura em nossa sociedade” (HOLANDA, 1978, p. 106).

Por isso, o modelo das nossas relações sociais está diretamente relacionado com os ‘laços de sangue e de coração’. Tal fato, conforme Holanda, ocorre até nos dias de hoje, mesmo nas instituições democráticas, fundadas em princípios neutros e abstratos. Essa primazia das relações pessoais (melhor dizendo, das relações “do coração”) foi denominada por Holanda como cordialidade.

[...] a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidades – daremos ao mundo o ‘homem cordial’. A Ihanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. (HOLANDA, 1978, p.106-107).

Esse cordialismo está diretamente relacionado com a ideia de bondade natural. Conforme Holanda (2001, p.139), a tese de uma humanidade má por natureza é para os brasileiros extremamente antipática. Isso confirma, para ele, o sentimento do brasileiro em não ambicionar ser o país conquistador, com soluções violentas. “Desejamos ser o povo mais brando e o mais comportado do mundo. Pugnamos constantemente pelos princípios tidos universalmente como os mais moderados e os mais racionais” (HOLANDA, 1978, p.133). Para Holanda, o Brasil sempre quis impor-se pela grandeza de imagem que criara para si e só se envolveu em guerras para ser respeitado e não com o intuito de conquista.

A cordialidade seria uma característica tão forte nos brasileiros que os estrangeiros não conseguem penetrar com facilidade nas formas de convívio que não sejam pautadas na ética emotiva. Holanda (1978, p.109) exemplifica esse aspecto nas relações comerciais, no qual o vendedor para conquistar um freguês precisa fazer dele seu amigo. Ou no relacionamento entre os fiéis e os santos no Brasil, que é feita de maneira excessivamente íntima.

E essa intimidade aponta por uma outra especificidade brasileira: o afrouxamento do rigorismo do rito nas reuniões religiosas. “No Brasil, ao contrário, foi justamente o nosso culto sem obrigações e sem rigor, intimista e familiar, a que se poderia chamar, com alguma impropriedade, ‘democrático’, um culto que dispensava no fiel todo esforço [...]” (HOLANDA, 1978, p. 110).

Outra contribuição importante para a consolidação de uma visão da especificidade do Brasil foi dada por Raymundo Faoro (2001), que também enfatiza as heranças históricas que deixaram marcas na identidade brasileira. Uma delas seria a sociedade de classes

hierarquizada. Segundo Faoro (2001, p.230), a sociedade colonial não é apenas composta do quadro administrativo e do estado-maior, mas se articula também sobre uma estrutura de classes.

A tradicional visão da sociedade da colônia dos dois primeiros séculos reduz as classes a duas, senão a uma, em seus dois pólos extremos: o proprietário rural, com engenhos e fazendas, contraposto à massa dos trabalhadores do campo, escravos e semilivres. (FAORO, 2001, p. 231).

Com a independência, “a dicotomia senhor e escravo perde o conteúdo para armar, em torno do proprietário, uma tosca pirâmide de dependentes fechada sobre si” (FAORO, 2001, p.280). Assim, enfatiza-se que a sociedade brasileira sempre foi marcada como uma sociedade profundamente hierarquizada, com um determinado grupo no centro.

Outro autor que escreveu seguindo essa lógica foi Roberto DaMatta. “A essência do caráter brasileiro, segundo DaMatta, residia nas relações estruturais e em seus valores correspondentes legados pela altamente hierarquizada sociedade portuguesa no início da Idade Moderna e na sua colônia escravagista americana” (SKIDMORE, 2001, p. 89).

DaMatta (1986) escreve sobre a identidade brasileira ao analisar fenômenos os mais variados: fala da especificidade cultural brasileira através das leis, da economia, do idioma, da comida, da roupa, da casa entre outros. Ele definiu “[...] o ‘brasileiro’ como sendo amante do futebol, da música popular, do carnaval, da comida misturada, dos amigos e parentes, dos santos e orixás etc., [...]”, utilizando uma fórmula que, segundo ele, foi fornecida pelo próprio Brasil (1986, p.19).

Dessa maneira, DaMatta apresenta uma característica predominante na sociedade brasileira: a diferenciação entre a casa e a rua. Na casa, está a herança familiar, demarcada por um espaço amoroso, um lugar moral. Em contrapartida, está a rua: “o mundo exterior que se mede pela ‘luta’, pela competição e pelo anonimato cruel de individualidades e individualismos” (DAMATTA, 1986, p.28).

A rua é o lugar do trabalho. E assim como Freyre, DaMatta destaca o desdém do brasileiro em relação a esta atividade. Ele afirma (1986) que o fato dos brasileiros não terem uma formação calvinista foi determinante para essa aversão ao trabalho. Ele argumenta ainda demonstrando que os heróis brasileiros não estão associadas ao mundo do trabalho:

Não é à toa que o nosso panteão de heróis oscila entre uma imagem deificada do malandro (aquele que vive na rua sem trabalhar e ganha o máximo com um mínimo de esforço), o renunciador ou o santo (aquele que abandona o

trabalho neste deste mundo e vai trabalhar para o outro como fazem os santos e líderes religiosos) e o caxias, que talvez não seja trabalhador, mas o cumpridor de leis que devem obrigar os outros a trabalhar... O fato é que não temos a glorificação do trabalhador, nem a idéia de que a rua e o trabalho são locais onde se pode honestamente enriquecer e ganhar dignidade. (DAMATTA, 1986, p.31).

Uma outra característica abordada por DaMatta é o ato de misturar-se. Ele utiliza o exemplo da comida para demonstrar o quanto a sociedade brasileira é relacional. O arroz com feijão, que é tão admirado pelos brasileiros, sintetiza a mistura do preto com o branco, do ser intermediário. “Tal como somos ligados à idéia de sermos um país de três raças, um país mestiço e mulato, onde tudo que é contrário lá fora aqui dentro fica combinado, nossa comida revela essa mesma lógica. Temos, então, uma culinária relacional” (DAMATTA, 1986, p.63). Ainda sobre a comida, DaMatta argumenta que tanto o ato de comer, quanto a preferência culinária brasileira afirma o caráter brasileiro marcado pela ligação e não pela exclusão.

A forma de união também está presente, segundo DaMatta (1986, p.67), pelo carnaval. Ele explica que o carnaval é uma festa, que une as pessoas, que representa uma viagem da rotina para o extraordinário. O carnaval cria um universo em que certas situações são possíveis e outras devem ser evitadas, por exemplo, é preciso ter alegria e evitar aborrecimentos e tristezas. “É, no fundo, a oportunidade de se fazer tudo ao contrário: viver e ter uma experiência do mundo como excesso – mas agora como excesso de prazer, de riqueza [...]” (DAMATTA, 1986, p.73).

É durante o carnaval que o individualismo aparece de forma exacerbada. DaMatta (1986, p.77) argumenta que durante o carnaval as pessoas podem interpretar o mundo do seu modo. É o momento em que podem surgir indivíduos com suas singularidades. “Por tudo isso, o carnaval é a possibilidade utópica de mudar de lugar, de trocar de posição na estrutura social. De realmente inverter o mundo em direção à alegria, a abundância, à liberdade e, sobretudo, à igualdade de todos perante a sociedade” (DAMATTA, 1986, p. 78).

Além disso, o carnaval, assim como as comemorações esportivas, pressupõe uma dialética da competição individualista. Para DaMatta (1986, p.33), esse campeonato engloba na vitória os outros indivíduos. É importante destacar ainda, em relação ao carnaval, que este é o momento em que o brasileiro demonstraria, para o autor, suas características fundamentais: o ritmo e a melodia. E isso pode ser expresso tanto nos desfiles das escolas de samba, quanto em salões, praças e nas ruas.

Nos desfiles de escola de samba, por exemplo, DaMatta (1997, p.58) destaca que este reúne pobres e ricos, estrelas da TV e do cinema. E a população, assim como no futebol,

divide-se nas preferências em relação às escolas. Dessa forma, o sistema de escolas de samba é hierarquizado com possibilidades graduais de reclassificação. “Vale pois mencionar que as escolas de samba têm relacionamento complexo entre si, estando escalonadas hierarquicamente em grupos” (DAMATTA, p.124).

A escola de samba é uma organização coletiva, com presidentes, professores que ensinam as regras e o prazer do samba. Mas por outro lado, conforme DaMatta (1997, p.131), o desfile de escola de samba permite no meio da coletividade o destaque do individualismo, uma pessoa tornar-se celebridade.

Para DaMatta (1986, p.95), convivem no Brasil uma nação feita de leis universais e de situações em que as pessoas usam as relações pessoais para se salvarem. E para enfrentar essa situação os brasileiros utilizam a malandragem, o jeitinho e o “sabe com quem está falando”.

Assim entre o “pode” e o “não pode”, escolhemos, de modo chocantemente antilógico, mas singularmente brasileiro, a junção do “pode” com o “não pode”. Pois bem, é essa junção que produz todos os tipos de “jeitinhos” e arranjos que fazem com que possamos operar um sistema legal que quase sempre nada tem a ver com a realidade social. (DAMATTA, 1986, p. 99).

Dessa forma, o jeitinho é um modo pacífico de resolver os problemas, utilizando as relações pessoais, regionalidade, gosto, religião entre outros. Já o “sabe com quem está falando”, como destaca DaMatta (1986, p.101), é o contrário do jeitinho, não se busca uma igualdade simpática e sim uma hierarquização entre o usuário e o atendente.

Nele, a autoridade é confirmada.

O “sabe com quem está falando?” seria, segundo ele, um modo indesejável de ser brasileiro, em contraposição à cordialidade descrita por Sérgio Buarque de Holanda. Pois, como enfatiza DaMatta (1997, p.183), o rito autoritário dessa expressão indica uma relação de conflito e tal situação é avessa aos brasileiros. “Nesse sentido, o ‘sabe com quem está falando?’ seria como o racismo e o autoritarismo: algo que corre entre nós por acaso, sendo dependente apenas de um ‘sistema’ implantado pelos grupos que detém o poder” (DAMATTA, 1997, p.185).

Essa expressão tem inúmeras variantes como demonstra DaMatta (1997, p.196): “Quem você pensa que é?”, “Onde você pensa que está?”, “Vê se te enxerga!”, “Você não conhece o seu lugar?”, entre outras. Essas variantes são usadas numa dramatização clara, ou seja, a “apresentação enfática de uma outra identidade social que – em geral – tem pertinência e pode até ser básica, mas em outro domínio social” (DAMATTA, p.214).

Já o malandro “[...] seria um profissional do ‘jeitinho’ e da arte de sobreviver a situações difíceis” (DAMATTA, 1986, p.102). Ao malandro é permitido desejar o máximo de prazer com o mínimo de esforço. Por isso, DaMatta classifica o malandro como um personagem nacional – alguém que está excluído do mercado de trabalho, fora das regras formais. Ele é um ser individualizado na maneira de se vestir, andar e falar. A sua característica é falar com sentimento e improvisação. “No universo da malandragem, é o coração que inventa as regras” (DAMATTA, 1997, p.265).

A malandragem é socialmente aceita, em relação à dimensão da esperteza e da vivacidade. Porém, DaMatta (1997, p.269) alerta que quando o malandro deixa de viver desse jeito específico e passa ter uma vida baseada em golpes, vira um marginal ou bandido e deixa de ser um herói nacional. “Num mundo tão profundamente dividido, a malandragem e o ‘jeitinho’ promovem uma esperança de tudo juntar numa totalidade harmoniosa e concreta. Essa é a sua importância, esse é o seu aceno. Ai está a sua razão de existir como valor social” (DAMATTA, 1986, p.105).

Outra especificidade da cultura brasileira, para DaMatta, seria a religiosidade. Como outros autores já afirmaram, o brasileiro tem um modo específico de se relacionar com os santos. DaMatta também afirma que a relação dos brasileiros com os santos é fundada na simpatia, na lealdade.

Além disso, no Brasil diversas formas de religião atuam juntas num mesmo indivíduo de formas complementares e não excludentes. “O que para um norte-americano calvinista, um inglês puritano ou um francês católico seria sinal de superstição e até mesmo de cinismo ou ignorância, para nós é modo de ampliar as nossas possibilidades de proteção” (DAMATTA, 1986, p.115).

Ainda em relação à religiosidade, DaMatta (1986, p.117) destaca a crença do brasileiro nos milagres, que também está relacionada com a mistura da religião erudita (oficial) com a popular. Nesse sentido, a linguagem religiosa no Brasil é relacional, que busca o meio-termo, uma salvação em cada religião. “Nele posso ser católico e umbandista, devoto de Ogum e de São Jorge. Posso juntar, somar, relacionar as coisas que tradicional e oficialmente as autoridades apresentam como diferenciadas ao extremo” (DAMATTA, 1986, p.117).

Nas discussões de DaMatta (1997, p.218), não podemos deixar de enfatizar no sistema brasileiro a dialética entre o indivíduo e a pessoa. O primeiro é livre; tem direito a espaço próprio; é igual aos outros; tem direito a escolhas, que são vistas como seus direitos

fundamentais; tem emoções particulares; a consciência é individual; a amizade é básica nas escolhas, no relacionamento; faz as regras; não há mediação entre ele e o todo.

Já a pessoa está presa à totalidade social; é complementar aos outros; não tem escolhas; a consciência é social; a amizade é residual e juridicamente definida; recebe as regras do mundo onde vive; tem como norma a segmentação e a mitologia assim como as formas paradigmáticas são básicas na sua forma de expressão.

Um exemplo, que permite exprimir essa relação é o “sabe com quem está falando”, que, segundo DaMatta (1997, p.226), permite a passagem de um pólo para o outro:

No Brasil, assim, o individuo entra em cena todas as vezes que estamos diante de uma autoridade impessoal que representa a lei universalizante, a ser aplicada para todos. É, já vimos, quando usamos o ‘sabe com quem está falando?’ ou formas mais sutis e brandas de revelar a nossa ‘verdadeira’ identidade social. Não mais como cidadãos da República, iguais perante a lei, mas como pessoas da sociedade, relacionadas essencialmente com certas personalidades e situadas acima da lei. (DAMATTA, 1997, p236).

Por isso, percebemos no Brasil um desprezo ao indivíduo: no ambiente familiar, característico da sociedade brasileira, o comportamento individualizante é banido. DaMatta (1997, p,239) afirma que o domínio no Brasil é o da família, da casa onde todos estão protegidos da rua, lugar de batalha pela vida.

DaMatta (1997, p.246) defende que o Brasil fica situado no meio do caminho, entre a hierarquia e a igualdade, a individualização e o código baseado nas relações pessoais, sempre com gradações. De maneira geral, DaMatta descreve a identidade nacional por meio de uma capacidade que ele designa própria do brasileiro, isto é, a aptidão de sintetizar, relacionar e conciliar as coisas, criando zonas intermediárias ligadas à alegria, ao futuro e à esperança.

Nos discursos deste e dos outros autores discutidos neste trabalho sobre a formação da identidade brasileira, sugere-se que, das diversidades e antagonismos da história brasileira, teria nascido uma cultura unificada e específica (diferente de todas as demais). “E para mim, essas implicações se escondem nesta ligação – ou capacidade relacional – do antigo com o moderno, que tipifica e singulariza a sociedade brasileira”, (DAMATTA, 1986, p.19).

Percebe-se, assim, por meio dos autores analisados, que os aspectos da identidade nacional brasileira hoje incorporados ao senso comum foram construídos discursivamente, ao longo de séculos, por estudiosos que levaram em consideração um ou outro aspecto da múltipla história do país. E que esses discursos, ao produzirem sentidos sobre nação, criaram

elos com os quais milhões de indivíduos se identificam e formam base para a construção de um significado para a “brasilidade”.

Assumido então o caráter discursivo e imaginado das identidades nacionais, há que se considerar, contemporaneamente, a existência de novos agentes construtores, de *porta-vozes* da brasilidade, no corpo dos quais se destacam as representações midiáticas, sejam através de gêneros ficcionais ou informacionais. Dessa maneira, contemporaneamente a cultura da mídia é, em alguma medida, uma variável importante na consolidação da ideia que os brasileiros têm de si mesmos, da identidade nacional, das expressões que seriam representativas da alma coletiva.

Dessa forma, os conceitos apresentados neste capítulo servirão de base para o critério de categorização, que será utilizado na análise de conteúdo deste trabalho com o objetivo de investigar de que maneira o Jornal Nacional representa a identidade nacional brasileira no discurso veiculado sobre a Seleção Brasileira de Futebol e como esse telejornal utiliza-se da construção de uma narrativa mítica sobre a identidade nacional para garantir a adesão do telespectador e convertê-lo em torcedor.

Para facilitar a visualização, segue um quadro didático, que destaca as seis categorias (com indicação dos conceitos que nelas podem ser enquadrados e dos autores que as utilizaram) cuja presença – ou não – se buscará detectar nas reportagens que o principal telejornal brasileiro veiculou ao tratar da Seleção Brasileira de Futebol:

Quadro 1 Categorias da Análise de Conteúdo

Categoria	Definição	Autores
<i>Criatividade</i>	Imaginação/ Malícia: Imaginação e malícia dos índios e negros em contar histórias e reinventar lendas.	Gilberto Freyre.
	Malandragem: O malandro é o profissional do jeitinho, da arte de sobreviver às situações difíceis.	Roberto DaMatta.
	Jeitinho: Modo pacífico de resolver os problemas, utilizando as relações pessoais.	Roberto DaMatta.
<i>Hibridismo</i>	Mobilidade: Capacidade de adaptação herdada dos portugueses.	Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.
	Miscibilidade: Aptidão de misturar-se com outros povos, vinda dos portugueses.	Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Roberto DaMatta.
	Mistura/ Caráter relacional: Capacidade do brasileiro de misturar as coisas, relacionar, encontrar o meio termo.	Roberto DaMatta.

<i>Individualismo</i>	Individualidade: Prevalência dos prestígios pessoais e das satisfações próprias.	Sérgio Buarque de Holanda.
	Cordialidade: Primazia das relações pessoais (melhor dizendo, das relações “do coração”).	Sérgio Buarque de Holanda.
	Alegria: Extroversão e emoção adquiridas dos negros.	Gilberto Freyre.
	Prevalência das relações de diferenciação: Tenta resolver os problemas por meio da afirmação da autoridade, isto é, pela hierarquização entre o usuário e o atendente.	Roberto DaMatta.
<i>Misticismo</i>	Religiosidade: O forte sentimento religioso dos brasileiros, num catolicismo misturado com outras religiões. Há a especificidade da intimidade dos brasileiros com os santos e a crença nos milagres. Essas características vieram da mistura das três raças.	Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Roberto DaMatta.
	Superstição: Crença no sobrenatural e em sentimentos influenciados por forças estranhas. E o uso de determinadas ações “mágicas” para obter êxito. Tais características vieram dos índios e negros.	Gilberto Freyre.
<i>Bravura</i>	Heroísmo: Capacidade de expressar bravura em situações de dificuldades, passada pelos índios.	Gilberto Freyre.
	Aventura: Preferência por ações pautadas na aventura ao invés do culto ao trabalho. Essa característica foi herdada dos portugueses que realizaram no Brasil uma colonização aventureira e espalhada.	Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Roberto DaMatta.
<i>Prevalência da figura de comando</i>	Hierarquização Rígida: Desde a época colonial até os dias de hoje a sociedade brasileira é marcada por uma sociedade de classe, hierarquizada com um determinado grupo no centro.	Raymundo Faoro.
	Patriarcalismo: Tipo de família centralizada na figura do patriarca.	Sérgio Buarque de Holanda.

3 Mídia, identidade e futebol

Neste capítulo, aprofundam-se os estudos sobre a influência da mídia na formação das identidades. Além disso, discute-se a formação das identidades associadas ao mundo esportivo – com ênfase no futebol. Também se abordam as relações entre a identidade e o consumo (inclusive aquele relativo ao futebol). O objetivo central é caminhar rumo à percepção dos significados identitários de questões esportivas, num ambiente marcado pela presença cotidiana dos meios de comunicação.

3.1 Mídia e construção das identidades

Conforme vimos no capítulo 1, as identidades não são unas nem fixas, mas construções discursivas cuja flutuação se relaciona com os espaços de interação comunicativa a impactarem os auto-sentidos. Nesse contexto, o discurso que circula pela mídia é, cada vez mais, uma fonte fundamental para os processos de reconhecimento, adesão e projeção identitária dos sujeitos. “Sobre os *media* recaem, em qualquer circunstância, as mais elevadas (e exigentes) expectativas em termos de processos de re-conhecimento, através da apropriação cotidiana de que são objecto as suas mensagens e os seus diversos produtos” (ESTEVES, 1999, p.10).

Esteves (1999, p.09) argumenta que a autonomia da identidade é inseparável da experiência social de reconhecimento do indivíduo e que essa experiência é realizada no contexto comunicacional. É majoritariamente através dos meios de comunicação que as pessoas tomam conhecimento de realidades diferentes daquelas até então conhecidas. Assim, percebe-se que a cultura da mídia “[...] permite ampliar a margem de possibilidades para que os indivíduos construam suas subjetividades [...]”.

De maneira geral, os laços tradicionais estão em declínio e as pessoas buscam, cada vez mais, a identificação em outras referências, como a comunicação de massa, o consumo e as relações existentes entre elas. Na verdade, “[...] as identidades são tanto representações como materialidades, mas se constituem, principalmente, no campo discursivo, são antes de tudo, processos de comunicação” (ENNE, 2006, p.26).

Nota-se um processo duplo na relação entre meios de comunicação e identidades: se, por um lado, o aparato midiático efetua representações de indivíduos ou grupos (portanto, é impactada pelas identidades existentes), por outro lado ela mesma impacta a criação, o reforço ou a transformação dessas identidades.

Esteves (1999, p.02) destaca que o interesse pela mídia tem relativa centralidade na televisão. Por seu alcance e presença na vida cotidiana, a TV, conforme Miranda (1992, p.130), é um veículo de primeira necessidade para significativas parcelas da população (por exemplo, aquelas sem letramento) e tem um papel central na oferta de informações basilares para a construção de um imaginário. É possível pensar que a televisão proporciona laço social, na expressão proposta por Dominique Wolton:

Em que a televisão constitui um laço social? No fato de que o espectador, ao assistir à televisão, agrega-se a esse público potencialmente imenso e anônimo que a assiste simultaneamente, estabelecendo assim, como ele, uma espécie de laço invisível. É uma espécie de *common knowledge*, um duplo laço e uma antecipação cruzada. “Assisto a um programa e sei que outra pessoa o assiste também, e também sabe que eu estou assistindo a ele”. Trata-se, portanto, de uma espécie de laço especular e silencioso. (WOLTON, 1996, p.124)

E na medida em que a televisão representa um laço social, ela também contribui para a consolidação da identidade nacional. Wolton (1996) demonstra por meio do exemplo da televisão brasileira, sobretudo da Rede Globo, a importância da TV no projeto de integração nacional. Porque generalista, com grande público e produzindo de fato um laço social, a TV brasileira, segundo Wolton, é um grande sucesso: vista por todos os meios sociais e marcada pela diversidade de seus programas, constitui um poderoso fator de integração social. Além disso, contribui, de acordo com ele, para valorizar a identidade nacional.

Wolton (1996, p.69) explica que o público da TV é anônimo e heterogêneo, de modo que o veículo oferta gêneros diferentes. Numa visão positiva do papel social do veículo, ele defende que a televisão é, em grande medida, livre e igualitária, porque cada um a “liga” quando quer e porque todo mundo assiste à mesma coisa, sem haver uma única interpretação obrigatória e/ou dar explicação para alguém.

Contudo, Wolton faz uma ressalva: ele afirma que embora todo mundo veja a mesma coisa, isso não quer dizer que a mesma coisa é vista por todo mundo (1996, p.69). Isto porque os fatos retratados pela TV entram em concorrência direta com os sistemas de construção das identidades, que são também moldadas pela escola e família, entre outros. E “essa dupla função de identificação e de representação não é passiva e resulta de uma espécie de interação constante entre os espectadores e aquilo que a televisão mostra sobre o mundo” (WOLTON, 1996, p.69).

Os meios de comunicação e, em especial a televisão, têm um papel muito importante não apenas na formação das identidades, mas também na operação da vida cotidiana das

pessoas. Wolton (1996), neste aspecto, exemplifica que a programação televisiva tem uma função de calendário, ou seja, representa um relógio da vida cotidiana. Ela permite que o telespectador faça uma distinção entre os programas de informação (nos quais se enfatiza mais a figura do cidadão) dos de entretenimento (em que solicita mais o papel do espectador).

Além disso, a programação demonstra a necessidade de respeitar os grandes gêneros da programação e dá a sensação de que o telespectador não está sozinho: o grande interesse pela TV decorre exatamente do fato de que se dirige ao grande público, mesmo tendo consciência que são vários os públicos que a veem - como meio de massa, ela está ao lado do geral e não do particular.

E por se dirigir ao grande público, Wolton explica, a televisão geralista oferece uma grade diversificada com várias possibilidades. Ao mesmo tempo em que se atendem a demandas específicas, criam-se condições para o partilhamento coletivo, a partir da oferta de conteúdos simbólicos que acabam por criar ou solidificar os laços entre segmentos variados. Deste modo, a argamassa comunicacional cria bases discursivas a influenciar o imaginário (e, segundo alguns autores, até mesmo o inconsciente) coletivo:

Talvez mais do que qualquer outro meio de comunicação. Mais do que o cinema, a televisão, o produto televisivo é um resultado coletivo, no qual intervém a noção geral do imaginário e do inconsciente coletivos, mas que também intervém numa somatória de diversos imaginários. (VIEIRA, 1992, p.121)

Ainda segundo Vieira (1992, p.122), o imaginário que a televisão constrói, reproduz ou reforça, fortalece a uniformização dos desejos, das frustrações, das realizações e até mesmo do inconsciente. Logo, a TV intervém na realidade: “Por isso, a televisão não é o espaço da narrativa do real, mas da construção do real. Essa construção é nitidamente um processo de controle político da realidade” (VIEIRA, 1992, p.119).

Nesse sentido, é importante pensar no conteúdo ideológico da televisão. Para Miranda (1992, p.131), este se daria pela construção do universo simbólico e de regras em que o real e o imaginário aparecem fundidos e confundidos. “De fato, com o real não desvendado, mas simplificado e com certas regras opostas, o imaginário só pode reaparecer como sonho ou fantasia” (MIRANDA, 1992, p.130).

O espaço de ficção não permanece demarcadamente distinto da realidade na televisão, como acontece com o cinema. Miranda (1992) explica que na televisão, até mesmo por causa do conforto da casa, esse espaço ficcional se confunde com o cotidiano. “Claro está que, se o

individuo pudesse viver no cinema, o efeito seria o mesmo” (MIRANDA, 1992, p.133). Então, “o que importa não é a televisão em si mesma, mas a sua concepção como agente social e como um dos agentes sociais fundamentais” (MIRANDA, 1992, p.133).

Alcance, cotidianidade, narrativas sobre o real ofertadas a grandes públicos: com estas características, os meios de comunicação de massa (e, em nosso tempo, especialmente a TV) são ofertadores de conteúdos simbólicos cruciais para que parcelas da população construam opinião sobre o mundo, sobre o outros e, em grande medida, sobre si mesmas. A TV aciona mecanismos de identificação e projeção indispensáveis para que se compreenda como as identidades contemporâneas são formadas e reformadas.

De acordo com Correia (2007), o conhecimento de mundo dos seres humanos se dá em primeira instância através da interação social e mediação simbólica, na qual a linguagem desempenha um papel fundamental: “Em face dos processos de diferenciação e fragmentação cultural, no decorrer dos quais os *media* contribuíram, de modo decisivo, para a emergência e redescoberta das identidades [...]” (CORREIA, 2007, p.03).

3.2 Consumo como marcação identitária num ambiente mediatizado

Enne (2006) também acredita na importância da mídia: como veículo estruturante do sistema de consumo, os discursos dos meios de comunicação oferecem sentidos que, mais do que os próprios produtos, são os motivos pelos quais determinados atores sociais adotam certos padrões de consumo. “Nesse sentido, entendemos que consumo e cultura são palavras-chave para compreendermos os processos de formação das identidades na contemporaneidade [...]” (ENNE, 2006, p.16).

Mas o que isso efetivamente quer dizer? Enne demonstra que países como Estados Unidos e Japão, por exemplo, enquadram-se num sistema econômico no qual o consumo é fator primordial na constituição das identidades. E esse consumo é incentivado, sobretudo, pela mídia, que cada vez mais oferta ideias e produtos a serem consumidos, excluindo muitas vezes aquele que não participa do processo. “Dessa forma, a não adequação do indivíduo a esse padrão consumista imposto levaria, em muitos casos, à sua exclusão e estigmatização social” (ENNE, 2006, p.13).

Enne (2006) argumenta que esta sociedade marcada pelo consumismo, principalmente em relação às novas tecnologias, pode estar contribuindo diretamente para a criação de ideias individualistas e desespero por parte daqueles que não conseguem se adaptar. E esses dois

fenômenos podem e estão influenciando as pessoas a se identificarem com atos violentos. A autora exemplifica, com diversos casos, esta relação:

[...] um rapaz classificado como *otaku*, foi responsável pela morte de quatro meninas, atraindo os olhares e condenação dos mais diversos segmentos sociais, refere-se a uma geração que se recolhe frente ao espaço tradicional de socialização e envereda por mundos virtuais, em um mergulho de corpo inteiro das novas tecnologias. Depoimentos como o de Watanabe Koji, jovem *gamer* nascido em 1962, de que a “noite sonhava que fazia amor com seu Macintosh” (Barral 2000: 17), ou de Hashimoto Hiroki, médico diplomado de 35 anos que abandonou a carreira e “passa os dias fechado em seu quarto fazendo maquetes de avião e submarinos” (Idem: 38), [...]. (ENNE, 2006, p.15)

Segundo Enne (2006), o significado do consumo extrapolou seu fim primeiro – escoar a produção e satisfazer as necessidades básicas – e passou a ser lugar de distinção social, ou seja, o consumo tornou-se estratégia de afirmação identitária. O consumo é responsável por estimular desejos, que na verdade nunca serão satisfeitos: “[...] é fonte inesgotável de ilusão, frustração e eterno recomeço” (ENNE, 2006, p.23).

Por isso, o consumo passa a ser o lugar central de identificação e projeção dos aspectos identitários. E conforme Enne (2006), será a mídia que servirá a esses propósitos do consumo. Que serão expandidas cada vez mais pelo desenvolvimento das novas tecnologias. Pessoas cada vez mais consomem para demarcar posições sociais: elas são estimuladas – por meio da mídia - a consumirem não apenas para satisfazer necessidades, mas também para se constituírem como sujeitos.

Mas ainda, como identidades que se constroem pela posse dos bens, mas também pelos atributos corporais que o consumo permite criar, como representações permanentes de si por meio das roupas e acessórios que agregam aos seus corpos, das marcas temporárias e permanentes que corporalmente irão carregar, permitindo identificação em tribo, como prefere Michel Mafessoli (2002), ou em comunidades nem sempre por escolhas, como critica Zygmunt Bauman (2003), mas, principalmente, indicando outras formas de ancoragem do self que se destacam de forma clara dos liames tradicionais. (ENNE, 2006, p.24)

E nesse sentido é preciso pensar, como alerta Enne (2006), que as identidades são tanto representações quanto materialidades e que se constituem, principalmente, no campo discursivo. E a mídia tem um papel fundamental nesse processo, pois possibilita aos indivíduos construir suas subjetividades e serve também para a legitimação do poder

hegemônico. “Se a mídia é hoje, universalizando valores e apresentando múltiplas imagens acerca do mundo, um lugar de ampliação das possibilidades de identificação, como tão bem indica Kellner, é também lugar claro de poder econômico e político” (ENNE, 2006, p.25).

Assim, segundo Esteves (1999), os meios de comunicação produzem modelos identitários, que são socialmente úteis, codificados e frequentemente estereotipados. Essas identidades, por sua vez, chegam até as pessoas por meio da publicidade, da moda, dos personagens midiáticos e das várias narrativas feitas pela mídia. De maneira geral, a mídia oferta diversos modelos de identidades, padrões estéticos, cada vez mais aperfeiçoados, com o intuito de atrair um público maior e conseqüentemente mais consumidores.

“O nosso tempo não é o de aniquilamento da identidade, mas o da sua saturação: pseudo-identidades luxuriantes produzidas à margem do próprio indivíduo, com o fim de o domesticar [...]” (ESTEVES, 2006, p.05). Talvez isso seja explicado pelo fato, como enfatiza Esteves (1999), que os diversos registros da mídia, independentemente do seu estilo, são dirigidos por uma lógica comercial e obedecem à estratégia da segmentação do mercado com o objetivo de maximizar o lucro.

Além disso, conforme Sodré (1998), os meios de comunica o de massa constituem o lugar primordial de constru o da realidade: eles funcionariam como uma grande máquina de organiza o e coordena o das preferências e decisões populares na dire o de uma consciência comercialista capaz de otimizar o consumo. Dessa forma, a comunica o ganha novas elites, que Sodré (1998) denomina como logot cnicas (programadores, editores, criadores, gerentes).

Assim os produtos ofertados pelos meios de comunica o, sejam simbólicos ou materiais, segundo Sodré (1998), definem-se como “desejos”, ou seja, no o psíquica que compele a consciência do sujeito na dire o de um objeto. Por isso, as estratégias publicitárias se empenham a produzir necessidade de consumo.

“Consumimos a m dia. Consumimos pela m dia. Aprendemos como e o que consumir pela m dia. Somos persuadidos a consumir pela média. A m dia não   exagero dizer, nos consome” (SILVERSTONE, 2002, p.150). Segundo Silverstone (2002), o consumo   ao mesmo tempo uma atividade individual e coletiva, pública e privada, que depende dos bens para produzir significados.

Nesse sentido, a oferta de bens   feita pela m dia através da fantasia. E as “fantasias devem ser oferecidas e corporificadas nas imagens da propaganda, nas manipula es do mercado de trabalho. Não podem, contudo ser satisfeitas. E não devem. Pelo contrário. Devem ser sustentadas, eternamente” (SILVERSTONE, 2002, p.152).

O consumo de maneira geral ainda é uma atividade social, ou seja, “sou o que compro, não mais o que faço ou, de fato, penso” (SILVERSTONE, 2002, p.150). Dessa forma, fica patente a relação entre mídia, consumo e identidade. “O consumo implica uma exteriorização. O jogo da fantasia. A exibição da identidade” (SILVERSTONE, 2002, p.151).

2.3 Representações sociais na mídia e cotidianidade

Contemporaneamente, a mídia passa a ter uma importância fundamental na vida das pessoas. “Passamos a depender da mídia, tanto impressa como eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência e também, de quando em quando, para as intensidades da experiência” (SILVERSTONE, 2002, p.12).

Os meios de comunicação também ofertam, conforme Silverstone (2002) recursos para conversas, reconhecimento e identificação com aquilo que vemos na tela, por exemplo. Assim apresenta-se como primordial no processo de formação das identidades no mundo globalizado.

Neste ambiente, Silverstone (2002), propõe que se compreenda a relação das pessoas com a mídia como se estivessem no papel de viajantes, ou seja, pessoas movendo-se de um lugar midiático para outro, podendo estar em mais de um lugar ao mesmo tempo - por exemplo, assistir à televisão e navegar na internet. Mas ele ressalta que essa interação entre as pessoas e a mídia não é passiva.

sabemos que examinamos o que vemos ou ouvimos com base no que conhecemos e acreditamos, que de qualquer modo ignoramos ou esquecemos muita coisa, e que nossas respostas à mídia, tanto em particular como em geral, variam por indivíduo e segundo os grupo sociais, de acordo com sexo, idade, classe, etnia, nacionalidade, assim como ao longo do tempo. (SILVERSTONE, 2002, p.27)

Assim a mediação, de uma maneira geral envolve tanto os produtores quanto os consumidores da mídia. E os textos resultantes desta mediação movem-se no tempo e no espaço. Silverstone (2002) exemplifica com os textos que se movem do público para o privado, do coletivo para o individual, do global para o local e vice-versa.

A relação do público e privado é mais visível neste contexto. “As vidas privadas de figuras públicas tornam-se a matéria da novela diária; os atores que representam personagens de novela tornam-se figuras públicas solicitadas a construir uma vida privada para consumo”

(SILVERSTONE, 2002, p.31). A mídia representa o mundo diariamente. E o seu público, como explicita Silverstone (2002), performa junto com ela, seja refletindo ou se apropriando dos seus discursos.

A partir desses discursos é possível às pessoas construir – e representarem - suas variadas identidades. “Ela também trouxe consigo a oportunidade de construir para nós mesmos um leque de identidades destinado a diferentes públicos e cenários” (SILVERSTONE, 2002, p.133):

Nosso mundo é um mundo de aparência visível. Vivemos numa cultura apresentacional em que a aparência é a realidade. Indivíduos e grupos apresentam suas faces ao mundo em cenários onde administram sua performance com mais ou menos confiança: palco em que o que fazemos é para mostrar, para impressionar os outros e definir e manter nosso senso de nós mesmos, um senso de identidade; palcos que, por sua vez, dependem de bastidores onde, fora da visão de nossa audiência, podemos preparar a maquiagem, a transformação. (SILVERSTONE, 2002, p.132)

Essa percepção de que existe uma dimensão teatral no espaço social não é nova – mas o ambiente dos meios de comunicação de massa a potencializa e oferece novas instâncias discursivas e imagéticas a sugerir modelos de representação. Mas o que se considera como representação? Para Goffman (1999), a representação do indivíduo é a atividade que se passa num dado momento por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores.

Nessa representação, encontra-se a fachada, que “[...] é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (GOFFMAN, 1999, p.29). Na fachada há o cenário (parte física) e o pano de fundo (local onde desenrola a ação). Quando um ator assume um papel social estabelecido, geralmente já existe uma determinada fachada para esse papel.

Assim o indivíduo ao se apresentar diante dos outros irá destacar os valores que são oficialmente reconhecidos pela sociedade. E dessa forma, como destaca Goffman (1999), esse processo reafirma os valores morais da sociedade e as identidades da comunidade para qual a representação está sendo feita.

Numa representação, como explica Goffman (1999), o indivíduo esconde as situações impróprias, ou seja, as ações que não são compatíveis com a sua representação nem com a reação que ele espera da plateia. Mas de onde provêm os modelos a partir dos quais os atores sociais demarcam os comportamentos esperados para seus papéis? Que instâncias oferecem indicações sobre quais seriam os valores socialmente aceitáveis? Ao lado das

instituições tradicionais de socialização (família, escola, trabalho), cada vez mais os meios de comunicação.

As representações feitas pela mídia sobre grupos quaisquer acabam por oferecer modelos prototípicos – ou, por vezes, estereotípicos – que constituem referência para os atores (individual ou coletivamente) marcarem suas identidades. Os meios de comunicação, ao mesmo tempo, criam ou reforçam imaginários existentes, à medida que sua “[...] retórica, para ser eficaz, tem de se basear em algum grau de identificação entre o orador e a audiência. Você convence apenas enquanto fala a linguagem dela. Mudar uma opinião requer a aquiescência dos outros” (SILVERSTONE, 2002, p.70).

É importante ressaltar ainda que a mídia assume um papel importante na vida cotidiana das pessoas – dela nutre-se e nela, em alguma medida, produz efeitos. Silverstone (2002) demonstra, que seja por meio da televisão ou da tela do computador, os meios de comunicação permitem ver e transpor os limites do espaço físico da casa. E até mesmo superar as fronteiras da imaginação.

Numa era globalizada, por outro lado, ela permite o “retorno” para a casa de populações que são obrigadas a fugir da sua terra natal. A mídia, nesse sentido, ao mesmo tempo que alimenta uma nova identidade para essas pessoas permite a manutenção da identidade construída nas terras de origem: “[...] os imigrantes parentais da primeira geração conservar vínculos com seus países e culturas de origem, imigrantes que de algum modo, embora muito indiretamente, se mantêm em contato com a tradição” (SILVERSTONE, 2002, p.209).

Assim, como enfatiza Silverstone (2002), a mídia se mostra como um sistema abstrato, em que as pessoas confiam. E nessa mesma medida, ela é responsável para que as pessoas também confiem em outros sistemas e até mesmo umas nas outras.

Passamos a depender da mídia para essa segurança. Temos confiança de que ela sempre está aí, e entramos em pânico quando ela falha. Contamos com ela para informação sobre o mundo ao qual não teríamos acesso sem ela, e somos reconfortados pelas familiaridades reiteradas de noticiários e novelas: personagens que conhecemos, locutores cujas vozes e rostos reconhecemos, estruturas de programação que entendemos, podemos prever e essencialmente tratamos como corriqueiras. (SILVERSTONE, 2002, p. 221 e 222)

Esta familiaridade e cotidianidade a transformam num poderoso instrumento de consolidação de mapas mentais sobre a realidade – sobre o significado dos outros e de si mesmo. Assim reafirma-se a importância da mídia na formação das identidades: além de

mensagens de incentivo ao consumo, os meios de comunicação veiculam uma quantidade muito grande de informações relacionadas aos campos cultural, econômico e político que podem, em determinadas circunstâncias e para determinados públicos, ter um grande peso nos processos identitários.

A vida é salpicada de narrativas, tanto públicas quanto privadas, que me possibilitam compreender, pelo menos um pouco, quem, o que sou e onde estou. As histórias que ouço, as que repito ou imagino, baseiam-se em minhas experiências de tempo, as quais dependem, elas mesmas, de meu conhecimento dessas histórias. (SILVERSTONE, 2002, p.91)

Mas como conhecer essas narrativas sobre o que seria a realidade, sobre quem seria o outro, sobre quem sou eu? Supondo-se que, além da experiência direta, grande parte de nossos conhecimentos provém hoje do sistema midiático, é imprescindível discutir em que medida há uma luta para garantir espaços de visibilidade nos meios de comunicação. Quais questões (e, portanto, associando-se a elas, quais identidades) ganham visibilidade e quais são ocultadas?

Alejandro Frigerio (1993) demonstra que determinadas questões – compreendidas por ele como problemas sociais – ganham visibilidade quando, em um determinado momento, alguns fenômenos sociais causam preocupação. Contudo o autor explica que existem certas condições em diversos âmbitos, para a formação destes problemas sociais, como: os meios de comunicação, debates em congresso, dependências do poder executivo, judicialização, diversos âmbitos da cultura, a comunidade científica e as organizações religiosas.

Entretanto, conforme afirma Frigerio (1993), esses âmbitos têm uma limitação a respeito da quantidade de problemas que se podem ocupar. Em relação às condições sociais, uma pequena parte pode se transformar em problemas importantes; uma quantidade maior se transforma em problemas sociais menores e a maior parte nunca chamará a atenção do público.

Quanto ao tempo de permanência que os problemas ocupam na atenção pública, Frigerio (1993) afirma que depende de certos princípios próprios de cada sociedade. Entre eles estariam: “la apetencia de los medios por temáticas dramáticas y novedosas; los temas culturales propios de cada sociedad; las modas o tendencias de la cultura política de cada gobierno” (FRIGERIO, 1993, p.139).²

² Tradução pelo autor: O apetite da mídia para temas como drama e romance; questões culturais próprias de cada sociedade; modas ou tendências da cultura política de cada governo.

Porém, os meios de comunicação são uma arena especial para a instalação de um problema, já que, como destaca Frigerio (1993), eles recebem e influenciam diretamente os outros âmbitos. Um outro fator importante, nesse processo de construção dos problemas sociais, são os atores sociais. Isto porque são eles que definem certas condições sociais como problemas; escolhem uma interpretação para o problema e sugerem soluções. “Los problemas difícilmente son reconocidos socialmente como tales sin los reclamadores que llaman la atención hacia las condiciones y las presentan como dañinas” (FRIGERIO, 1993, p.141).³

Esses atores sociais, segundo Frigerio (1993), recebem o nome de reclamadores e são classificados como: vítimas (são afetados pelos problemas e exigem recompensa ou solução. Geralmente fazem parte de um grupo), ativistas (reclamadores com experiência em movimentos sociais), especialistas (independentes, são motivados por uma ideologia), profissionais (outorgam com autoridade de suas disciplinas os reclamos), funcionários (procuram aumentar seus reclamos com influência social dos atributos de suas instituições efetuando os reclamos) e grupo de pressão (também realizam reclamações).

Mas como os indivíduos ou grupos se reconhecem nesses papéis? Como passam a pensar em temas sobre os quais, antes, talvez nem vislumbrassem relevância (ou não tivessem se percebido como parte interessada)? Em outras palavras, a percepção dos indivíduos de que partilham uma identidade coletiva com outros supõe a questão da visibilidade de determinados temas.

Aunque la idea de los medios de comunicación como instituciones omnipotentes que podían indicar a la gente exactamente qué pensar sobre ciertos temas ya no tiene consenso entre los estudiosos de la comunicación, sí se sostiene actualmente que los medios pueden presentar al público cuáles son los temas en torno a los que es preciso tener una opinión y discutir. (FRIGERIO, 1993, p.142)⁴.

Assim, ao definir os temas que serão discutidos, os veículos de comunicação dão visibilidade a algumas questões – e a algumas projeções sobre identidades. E dessa forma, conforme Frigerio (1993), é importante que os reclamadores consigam acesso aos meios de comunicação e tenham conhecimento sobre o seu funcionamento. Assim diversos setores da

³ Tradução pelo autor: Os problemas difícilmente são socialmente reconhecidos como tais, sem os reclamadores que chamam a atenção para as condições e as apresentam como prejudiciais.

⁴ Tradução pelo autor: Embora a idéia de mídia como instituições onipotentes que poderiam indicar exatamente o que as pessoas pensam sobre determinados assuntos, não há consenso entre os estudiosos da comunicação, que atualmente a mídia detém e pode apresentar ao público questões em torno da necessidade de ter uma opinião e discussão.

sociedade estão em busca constante de presença nos meios de comunicação – e isso tem implicações identitárias.

Isso ocorre, por exemplo, quando a cultura popular é objeto de atenção na mídia: “[...] best-sellers o ‘documentales’ alimentaron la creación en ciertas comunidades de rumores y leyendas sobre la actividad de estos grupos” (FRIGERIO, 1993, p.146).⁵ Ou seja, determinados enquadramentos dados pelos meios a grupos específicos ajudam a plasmar sentidos sociais a eles relacionados.

Se as estruturas midiáticas configuram, portanto, um lugar privilegiado para a vocalização desses significados atribuídos a alguém ou a um grupo, fica claro que os processos de representação social desses segmentos nos meios (a configurarem modelos vertebradores dos papéis sociais esperados deles, pelos outros e por si mesmos) passam pela análise dos efeitos da comunicação. O mesmo ocorre, especificamente, com as identidades relacionadas ao mundo esportivo. É o que se discute a seguir.

3.4 A construção das identidades futebolísticas contemporâneas

Como já discutido, a realidade é construída socialmente, a partir dos referenciais simbólicos partilhados nas interações da vida cotidiana. Conforme Berger e Luckmann (2001), o que chamamos de realidade é a interpretação dada pelos homens à totalidade que os rodeia - e que tem sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente, de acordo com os padrões culturais de seu tempo-espaço.

Para tornar-se membro deste universo simbólico-cultural partilhado, o indivíduo passa por dois processos de socialização: a primária (relacionada às relações sociais desenvolvidas na infância, sobretudo junto à família) e a secundária (referente aos novos valores, por exemplo, provenientes do mundo do trabalho).

Essa socialização se dá em vários níveis. Se tivermos como objeto de estudo as identidades relacionadas ao esporte, é preciso iniciar a discussão com uma análise da socialização primária, principalmente a relação entre pai e filho. “Nesse âmbito estritamente familiar poderíamos afirmar que tanto gostar do mesmo jogo como torcer para o mesmo time seria uma das primeiras formas de constituição de uma identidade entre pai e filho” (PEREIRA, 1993, p.65).

⁵ Tradução pelo autor: Best-sellers ou ‘documentários’ alimentaram a criação em certas comunidades de rumores e lendas sobre a atividade destes grupos.

Dessa forma, percebe-se que, no futebol, durante a socialização primária, o pai, na maioria das vezes, influencia diretamente o filho na escolha para qual time torcer. Mas o filho também passará pela socialização secundária, em outros ambientes, e suas identificações se construirão a partir do contato com outras arenas de convívio social.

Mas, para além dos espaços de socialização primária e secundária descritos por Berger e Luckmann, a vida contemporânea é marcada pela presença cotidiana dos meios de comunicação de massa na vida dos indivíduos e das coletividades. Portanto, a mídia constitui uma arena que, hoje, é fundamental para a formação de valores e processos de identificação.

Na construção das identidades relativas do futebol, por exemplo, os meios de comunicação têm um papel importante. Eles são responsáveis pelo aparecimento de universos simbólicos diferentes daqueles apresentados pelos pais e colegas. Na situação que vivenciamos – um mundo globalizado pela comunicação transnacional –, cada vez mais o sentimento de pertencimento não se dá apenas por proximidade geográfica.

Num contexto em que a mídia mostra a performance de vários times e torcidas do país e até do mundo, as escolhas identitárias relacionadas com o futebol (por exemplo, a decisão sobre o time para o qual se torcerá) não podem ser compreendidas sem que se analise o papel desempenhado pelos meios de comunicação de massa. Não mais a adesão simbólica a uma paixão clubística depende apenas do lugar em que se mora ou da identificação de familiares ou amigos: cada vez mais, critérios absolutamente não objetivos (e, portanto, meramente simbólicos) podem pautar estas escolhas.

Stuart Hall (2006, p.11), conforme já discutimos no capítulo um, aponta três concepções das relações entre sujeito e identidade que emergiram no mundo ocidental nos últimos séculos: o sujeito do Iluminismo (baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo centrado, unificado, no qual o centro essencial do eu era a identidade); o sujeito sociológico, que refletia a complexidade do mundo moderno e da consciência humana, na qual a identidade seria formada na interação entre o eu e a sociedade; e o sujeito pós-moderno, que não teria uma identidade fixa e permanente. Ele assumiria identidades diferentes em variados momentos, não sendo uma única identidade unificada capaz de defini-lo.

É a partir desta concepção de sujeito pós-moderno que se pode analisar a construção de identidades no futebol de hoje, já que é possível a um torcedor se apaixonar por times de diferentes estados e países e assumi-los em momentos variados de acordo com a situação.

Os cidadãos da cidade mineira de Juiz de Fora, por exemplo, podem torcer pelo Tupi (única equipe da cidade a disputar a primeira divisão do Campeonato Mineiro), pelo

Flamengo ou Botafogo (times do Rio de Janeiro que têm as maiores torcidas na cidade de Juiz de Fora), pelo Barcelona ou Real Madri (times da Espanha que passaram a gerar enorme simpatia de crianças e jovens que acompanham os jogadores brasileiros que por lá atuam) ou pelo Atlético Mineiro ou Cruzeiro (maiores times de Minas Gerais).

Em determinados momentos este hipotético indivíduo pode torcer pelo Tupi, em outros pelo Flamengo, ou pelo Barcelona ou Atlético Mineiro. Há uma negociação permanente, que só gera dificuldades de compatibilização quando esses times se enfrentam. Neste momento, na maioria das vezes, prevalece a torcida para o time com o qual o vínculo é maior – e, curiosamente, nem sempre a escolha é pelo time da própria cidade, do próprio estado ou do próprio país.

Essa possibilidade de torcer para times diferentes e até mesmo fora do país é uma consequência da mercantilização. E também da globalização, processo pelo qual o mundo “ficou menor” e o impacto dos acontecimentos em qualquer parte do globo é imediato.

Uma de suas características principais é a “compreensão espaço-tempo”, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância. (HALL, 2006, p.69).

Dessa maneira, sobretudo os times europeus como o Real Madri e o Barcelona ganham um grande espaço na mídia brasileira e uma legião de fãs e torcedores. Há aí, neste fenômeno futebolístico, uma evidenciação do processo de desterritorialização que caracteriza a formação de identidades em nosso tempo. “Por outro lado, parece que, neste início de século XXI, as torcidas, pouco a pouco, estão deixando de ser nacionais para assumir um caráter supranacional [...]” (RACCO, 2005, p.182).

Isso demonstra a emergência de identidades híbridas (HALL, 2006, p. 69) - trata-se do terceiro espaço proposto por BHABHA (2005). É o local do deslocamento, da tradução (mais do que da tradição): supera-se a realidade das fronteiras fechadas. Permite-se passar de um lugar – simbólico - para o outro.

A multiplicação desse novo tipo de torcedor globalizado é, em grande medida, fruto direto das novas tecnologias de comunicação, em especial da internet. Agora a distância geográfica é pequena, aproximando times de outras localidades com a sua torcida. Não apenas podem-se ver as partidas de um time internacional pela TV como se pode acessar o site do clube, pode-se procurar informações que em períodos anteriores seriam inacessíveis, pode-se

conversar *on-line* com outros torcedores espalhados por todo o mundo (e criar efetivos vínculos identitários).

Isto permite uma maior aproximação, identificação e projeção com times de outras regiões do país ou mesmo com times estrangeiros.

Para muitas equipes (sociedades anônimas em sua maioria), sua página de internet é um veículo oficial e idôneo para dar a conhecer não somente o relato da última partida que o clube jogou e dos detalhes de sua história, mas também, e, sobretudo, para tratar de outros assuntos, incluídos os mais importantes e atuais aqueles que fazem a saúde do clube. (RACCO, 2005, p.177).⁶

As próprias redes virtuais evidenciam o conceito de fluidez, à medida que, ao contrário das tecnologias de comunicação mais tradicionais, neste ambiente há mudanças sistemáticas de funções sociais (todos são emissores e receptores, estimula-se a interatividade, há facilidades para entrar e sair de relações comunicativas ocupando diferentes papéis). Nesse contexto, as identidades ao estilo rígido e inegociável não funcionam.

Conforme Esteves (1999), no universo dos computadores é possível que os usuários tenham identidades múltiplas. Essa comunicação virtual ilimitada só é possível através de dispositivos de comunicação. As identidades, nesse contexto, podem ser ambíguas, oscilam e coabitam mesmo que sejam em níveis de consciência diferentes. Elas são algo que precisa ser construído, ser inventado.

A construção da identidade, conforme BRITO (2004), está ligada às transformações que se sofrem tanto a partir das expectativas e frustrações que criamos do olhar do outro diante de nós, quanto do sentido do incompletude. Logo, a unidade da identidade é utópica. Do mesmo modo, identidades só se constroem se cotejadas às alteridades: “O sentido de identidade não se limita à idéia da semelhança: será no reconhecimento legítimo da diferença (na idéia da representação, cf. Bordieu, 1980 e Martins, 1996) que a diferença se realiza; para tanto, implica que o sujeito seja percebido e se perceba como diferente” (BRITTO, 2004, p.74).

Tal procedimento também ocorre no futebol. Muitas vezes, a auto-afirmação de um torcedor se dá pela explicação da diferença. É mais fácil um vascaíno argumentar o que não é ser flamenguista do que enfatizar as características de um torcedor legítimo do Vasco da

⁶ Muitos sites de clubes de futebol são feitos em várias línguas, a fim de aproximar ainda mais os torcedores do time.

Gama. “Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora” (SILVA, 2000, p. 82).

Outra questão - discutida anteriormente - que influencia a construção das identidades e das alteridades no mundo contemporâneo, sobretudo as futebolísticas, refere-se ao fato de que o consumo passa a ocupar uma função central na projeção pública de papéis sociais que se quer ocupar – e novamente a questão não pode ser compreendida sem que se incorporem estudos sobre a mídia.

[...] o consumismo sempre foi simbólica e lugar de distinção social-, no decorrer da modernidade se evidencia cada vez mais, levando no século XX, a uma percepção aguda do consumo como estratégia não só de emulação social, mas principalmente, de construção de referências públicas acerca do lugar social que se deseja ocupar, do estilo de vida que se busca partilhar e, fundamentalmente, da construção de si que se quer projetar. (ENNE, 1999, p.22).

No esporte, principalmente no futebol, o investimento financeiro tem afetado diretamente as formas pelas quais se articulam identitariamente os torcedores. O interesse por esta modalidade esportiva tem levado os investidores a patrocinarem times e jogadores de futebol, de tal forma que agora se intensifica a identificação dos torcedores não mais com times apenas, mas cada vez mais com os jogadores. “Muitos torcedores acompanham um jogador nas diversas equipes por onde ele passa” (ALVIN, 2006, p 29).

O torcedor que admira Ronaldinho Gaúcho, por exemplo, passa a torcer para o time em que ele joga – e não mais o contrário (principalmente em equipes internacionais). Há um investimento muito grande na imagem deste jogador. E o consumo de produtos associados à sua imagem marca a construção das identidades dos torcedores, que nele projetam o que gostariam de ser e utilizam os marcadores (inclusive físicos) que a ele se associam.

Esse investimento massivo na imagem dos jogadores tem acarretado um problema no futebol. “Toda transformação que ocorreu no futebol, com a passagem do esporte romântico (aquele do amor à camisa e só da paixão) em negócio, nada mais foi do que a sua adaptação aos novos tempos” (GUERRA, 2005, p.198).

De acordo com Enne (1999), os meios de comunicação estimulam as pessoas a consumirem não só para satisfazer necessidades básicas e marcar posições sociais, mas também para se construírem como sujeitos. Muitos indivíduos através de representações das roupas e acessórios se identificam em tribos.

No futebol, os torcedores “precisam” consumir camisas, utensílios, bandeiras e muitas vezes até se associar ao time de coração para serem identificados como portadores das marcas identitárias exigidas: aquelas que permitem a eles sentirem-se parte da coletividade à qual se imaginam simbolicamente vinculados.

Outros fatores que influenciam diretamente a relação identidade e consumo são as novas tecnologias. Essas, aliadas aos grandes investimentos financeiros, têm levado o futebol a se tornar ele próprio uma mercadoria de consumo.

Dentre tantas alterações importantes ocorridas na nossa sociedade durante o século XX, podemos compreender o futebol também como mercadoria de consumo. Até os anos 70, os recursos envolvidos com os clubes de futebol brasileiros eram formados por três fontes principais: A arrecadação das bilheterias dos jogos; A receita vinda do quadro social; A venda do passe de jogadores. Esse cenário ampliou-se muito nestes últimos anos. Os empresários descobriram que o marketing poderia ajudar o futebol, que estava em declínio, assim como os negócios nos clubes e nas transmissões esportivas. (CAMARGO, 2006, p.01).

A transformação do futebol em negócio - aliada à importância das identidades futebolísticas no contexto social - justifica o interesse cada vez maior da mídia na cobertura de jogos de futebol e das discussões relacionados a este tema. Utilizar as identidades do futebol no jornalismo e nos meios de comunicação de um modo geral é uma forma de se aproximar de fatias significativas do público.

Nesta mesma lógica, percebe-se que o Estado também utiliza as identidades do futebol para autopromoção e controle político, como ocorreu na ditadura militar. “O próprio Presidente da República do período, o general Emílio Garrastazu Médici, simbolizava a figura de torcedor nº1, e o desejo de unificação nacional – tão ao gosto dos militares da época – [...]” (MARQUES, 2005, p. 150).

A utilização das identidades, principalmente pelos meios de comunicação, conforme Correia (2005), pode tornar possível a afirmação da diferença como uma possibilidade da diversidade. Mas também pode reduzir a luta pelo reconhecimento dessas identidades a uma mera exploração do mercado, através da intensificação do consumo. Muitas vezes, os times europeus têm suas identidades supervalorizadas pela mídia, para aumentar as vendas de artigos de futebol, o passe dos jogadores, o valor dos patrocínios e a venda de publicidade dos meios de comunicação que fazem a cobertura jornalística desses times.

As torcidas, por sua vez, são o grande público do jornalismo esportivo. Uma das formas de se ter conhecimento sobre o que o público pensa sobre o produto é o sistema social

de resposta, proposto por José Luís Braga (2006). Este sistema é composto por críticas aos meios de comunicação que muitas vezes ganham destaque na própria mídia. No futebol, isto fica claro já que as pessoas discutem o tema desde mesas de bares e nos escritórios até em blogs, salas de bate papo, por meio de cartas e em sites.

Mas é por meio dos veículos de comunicação que as consciências individuais e coletivas são moduladas. Esta ação é intensificada pelo fato de a religião, a família e a escola estarem perdendo o seu espaço de exclusivas instituições de socialização de valores culturais (cada vez mais este papel vem sendo ocupado pela mídia). Dessa forma, notamos que a mídia influencia diretamente ou indiretamente a emergência e a redefinição das identidades. Mas todas as identidades são igualmente representadas pela mídia? A resposta é negativa.

Isso se evidencia nas coberturas jornalísticas dadas aos times. A grande mídia, sobretudo, realiza a cobertura dos grandes times, deixando, na maioria das vezes, os times menores sem visibilidade. “[...] a imprensa esportiva (veículos e profissionais) padece de uma miopia crônica, exibindo preconceito contra clubes e esportes de menor expressão, esquecida de que os nossos principais valores, ontem, amanhã e sempre, foram revelados longe dos grandes centros” (BUENO, 2006, p.22).

A cobertura dos times do interior, por exemplo, fica exclusivamente a cargo dos meios de comunicação do local onde estão instalados. “[...] A mídia local tem investido na cobertura jornalística de eventos esportivos da região onde está instalada. Esse investimento ocorre também porque o esporte, principalmente o futebol, é altamente rentável, o que atrai os meios de comunicação de massa” (ALVIN, 2006, p.09).

Mas esta cobertura limitada impede que haja condições de igualdade na competição entre esses pequenos clubes e as grandes equipes do país e do mundo na atração de novos torcedores – ou seja, amplia-se o processo de desterritorialização no futebol. Se isso ocorre em relação a clubes do mesmo país, mais intensamente ocorre em relação à própria estrutura do futebol mundial – não só de clubes, mas também de seleções nacionais.

A questão, portanto, adquire relevância à medida que numerosas nações construíram sobre si narrativas que se explicitam, mais do que em outros lugares, nas supostas qualidades de suas equipes esportivas de ponta. Supõe-se aqui, por exemplo, que o futebol brasileiro representa um objeto privilegiado para a análise dos discursos do país sobre si mesmo.

3.5 Futebol e as identidades nacionais

É possível compreender a formação das identidades futebolísticas contemporâneas à luz da influência produzida pelos meios de comunicação de massa. O discurso que circula pela mídia é, cada vez mais, uma fonte fundamental para os processos de reconhecimento, adesão e projeção identitária dos sujeitos. Isso se aplica não somente à construção de afinidades clubísticas, mas mesmo à construção de discursos sobre os distintos modos pelos quais o futebol é jogado em diferentes países.

Segundo Hall (2006), as identidades nacionais são construídas discursivamente por instituições culturais, símbolos e representações. Ao se produzirem sentidos sobre nação, criam-se elos com os quais podemos nos identificar e construir a nossa identidade. É impossível, portanto, falar da própria identidade nacional brasileira sem incluir a variável futebol. Este esporte faz parte da cultura nacional do Brasil. A Seleção Brasileira possui símbolos, vestuário, apelidos que geram identificação entre os brasileiros - muitas vezes estes elementos geram mais processos de unificação do país do que os símbolos oficiais.

Além disso, conforme Hall (2006), existem alguns aspectos importantes sobre as culturas nacionais. Em primeiro lugar, a narrativa da nação é contada e recontada nas histórias, literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Percebe-se isso claramente em todos os níveis do futebol: assim como cada clube tem seu mito fundador, cada país cria para si e sobre si um discurso, contando de que maneira o futebol ali praticado supostamente reflete as qualidades daquela identidade nacional.

Tanto clubes como seleções nacionais criam ênfases discursivas nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade, ou seja, nos aspectos do caráter daquela comunidade simbólica que permaneceriam imutáveis. Do mesmo modo, também na narrativa, por exemplo, do futebol brasileiro (tal como nas narrativas de todas as nações) existe a invenção da tradição, isto é, tradições que alegam ser antigas, mas na verdade são muito recentes – discursos que projetam as supostas qualidades que nos distinguiriam dos demais.

Um outro fator importante na formação das identidades das culturas nacionais, em especial do futebol, são os “heróis”. No mundo do futebol, eles permitem uma identificação e uma projeção dos torcedores. Segundo Pereira (1993), existe um processo de mitificação que transforma uma personalidade histórica e real em uma figura heróica, repleta de qualidades imaginárias. Essa transformação é possível pelo filtro da memória daqueles que o reverenciaram. Por exemplo, no Brasil, figuras como Zico e Pelé ilustram este processo.

A Seleção Brasileira de Futebol, por sua vez, apresenta-se como lugar privilegiado para entender essa relação do futebol e as identidades nacionais. Muitas vezes, a ela é apresentada como elemento constituinte da identidade nacional, até mesmo de forma essencialista.

[...] o futebol é quase uma propriedade nossa, que fomos talhados para o futebol, que não só o nosso futebol é o melhor do mundo, como o país é o lugar do mundo onde mais se ama e se entende o futebol. Tudo isso está bem sintetizado no epíteto “Brasil, país do futebol”, já solidificado não só no imaginário nacional, mas também fora do país, principalmente em decorrência da supremacia brasileira em Copas do Mundo, após as quatro conquistas (1958/1962/1970/1994). (HELAL e GORDON, 2002, p.37).

E enquanto integrante do rol das dimensões definidoras da identidade nacional, a Seleção passa a ter uma importante identificação com o país, tanto internamente quanto no exterior. “No Brasil, a Seleção Brasileira de Futebol exerce um grau de influência bastante acentuado na significação do ser brasileiro. Imaginada como um bem maior nacional, ela é o orgulho que talvez não o seja o Grito do Ipiranga” (COSTA, 2007, p.07).

A Seleção Brasileira foi historicamente um importante fator de integração do Brasil e, talvez por isso mesmo, tenha vital importância na consolidação de um determinado imaginário sobre a identidade nacional. Segundo DaMatta, por meio do futebol os brasileiros puderam fazer parte do “Estado nacional e sociedade e sentir a confiança na nossa capacidade como povo que podia vencer como país moderno, que podia, também, cantar com orgulho seu hino e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional” (DAMATTA, 1994, p. 17 apud HELAL e GORDON, 2002, p.37).

Assim, na maioria das vezes, os relatos sobre as vitórias da Seleção e dos atletas são utilizados para satisfazer o orgulho nacional. Para Morato (2005, p.100), entender o ser humano que torce é compreender o Brasil. Nessa perspectiva, o futebol - e mais especificamente a Seleção - apresentam-se como um relevante campo para estudar as relações sociais brasileiras, ao exemplificar os padrões culturais que vivemos (e também as potencialidades de outros padrões que possam vir a consolidar-se).

Dessa maneira, todas essas discussões indicam que o debate conceitual sobre construção de identidades (sobretudo a partir da tradição teórica dos Estudos Culturais) implica a oferta de categorias e ferramentas de pensamento indispensáveis para a compreensão dos modos pelos quais se configuram os processos de adesão a identidades

futebolísticas na sociedade contemporânea - e os meios de comunicação e o consumo por eles incentivado influenciam diretamente a construção dessas identidades.

No entanto, é importante destacar que o a recíproca é verdadeira: talvez não seja possível explicar a identidade brasileira sem que se discutam as implicações culturais da paixão nacional pelo futebol. Não se trata de tema irrelevante, mas sim de uma discussão central para a análise dos discursos que o Brasil produziu sobre si mesmo e das construções simbólicas que marcariam nossa identidade.

Dentre esses discursos que o brasileiro faz de si mesmo, destaca-se a necessidade de evidenciar que muitos deles são construídos ou referendados nas narrativas ofertadas pela comunicação de massa – hoje, elementos fundamentais na formação da opinião pública sobre os mais variados temas. Em se tratando da presença de valores sobre identidade nacional imiscuídos (explícita ou subtextualmente) em, por exemplo, coberturas esportivas, os telejornais se mostram como arena chave para difusão desses discursos. Mas para entender mais especificamente essa relação é importante que se compreenda a lógica de funcionamento do telejornalismo brasileiro.

4 A TV na vida cotidiana brasileira

À medida que se pretende, nesta dissertação, apontar as representações da brasilidade no discurso telejornalístico, é inevitável que, antes, discuta-se a própria trajetória do veículo – uma história de sucesso (do ponto de vista de alcance e de repercussões, inclusive identitárias).

Sabe-se que a TV tem grande relevância social no Brasil. Para França (2009), o veículo continua tendo um importante papel na vida cotidiana dos brasileiros, pois tem um custo compatível com o poder aquisitivo da população e foi incorporado aos hábitos da vida cotidiana da maioria da população.

Os últimos dados estatísticos, por exemplo, comprovam a presença massiva da televisão nos lares brasileiros. Segundo a Pesquisa Nacional por amostra de domicílios realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre 1992 - 2007, o número de casas com televisão subiu de 74% em 1992 para 94,8% em 2007. Além disso, conforme a Anuário Estatístico da Cultura 2009, realizado pela Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), no Brasil 95,11% dos municípios possuem TV aberta.

Assim o presente capítulo propõe um debate sobre a televisão nas diversas questões - tanto no âmbito global quanto no nacional – por ela engendradas. Além disso, analisa-se a importância do telejornalismo, a sua formação no Brasil e as suas características e especificidades. Destacam-se também os aspectos relacionados à sua narratividade e linguagem. No âmbito desta seção, busca-se ainda sumarizar estudos já realizados sobre o Jornal Nacional, com foco em seu percurso e em suas particularidades.

Acerca da televisão, numerosos autores avaliam que ela é, de maneira geral, difícil de ser analisada. Wolton (1996) tenta explicar tal fato com diversos argumentos. Um deles é o de que a televisão faz parte do cotidiano das pessoas, inclusive do pesquisador, e isto causa uma dificuldade de distanciamento no momento de analisá-la. No caso brasileiro, a televisão se difundiu intensamente e “faz parte do cotidiano e está em todos os lugares, numa condição sobretudo doméstica ou privada” (FRANÇA, 2006, p.24).

Outra questão é que “[...] a dificuldade de pensar a televisão é tão natural porque o seu caráter popular e banal tende justamente a excluí-la da pauta de assuntos que precisam ser ‘pensados’” (WOLTON, 1996, p.45).

Barbero e Rey (1999) também destacam esse descaso, sobretudo das elites intelectuais, em relação à televisão. Para eles, muitos professores até negam o fato de assistirem à televisão, acreditando defender, diante dos alunos, a sua intelectualidade.

E não é que faltem motivos para a crítica de uma televisão que, ao se pluralizar, permanece, não obstante, demasiado parecida consigo mesma. Mas o que cansa, e até irrita, porque – como a própria televisão – quase nunca sai do circuito fechado do óbvio, é a exasperação da queixa. (BARBERO e REY, 1999, p.23).

Este “não– pensar” sobre a televisão, para Wolton (1996), relaciona-se com o conformismo crítico, ou seja, a TV se encontra encurralada entre discursos apaixonados e políticos, que não contribuem em nada para o avanço do conhecimento: este entre-espaço é demarcado por um lado, pelos discursos amargurados dos intelectuais – que se viam marginalizados no processo; por outro, pelo uso do veículo pelos políticos em benefício próprio .

O caráter contraditório da própria televisão também é apontado por Wolton (1996): o veículo tem consumo privado, mas que se traduz em uma ação coletiva. Além disso, há uma outra contradição na sua relação temporal, uma vez que a TV é ao mesmo tempo relógio do tempo imóvel (instrumento da vida cotidiana) e objeto de aceleração nos planos políticos, econômicos e institucional.

Mas apesar do preconceito de significativos segmentos sociais, o alcance da TV impede que se silencie sobre ela – ela passa a ser, em si mesma, um local de disputas. Evidência de sua crescente importância social, conforme Barbero e Rey (1999), é o fato de que, numa era de globalização, as comunidades regionais e locais estão lutando para ter controle sobre suas próprias televisões.

4.1 Pensando a televisão: do global ao nacional e ao local

A televisão torna o mundo mais acessível e mais conhecido. Conforme Wolton (1996), ela é ao mesmo tempo fonte de informação e de divertimento para a maioria da população. E se apresenta como um dos veículos mais igualitários e democráticos.

França (2006) destaca que a televisão sintoniza as pessoas numa agenda coletiva, como, por exemplo, numa Copa do Mundo ou num capítulo final de uma novela. “Na perspectiva do grupo, ela suscita conversas e partilhamentos. (...) A televisão também cumpre uma função identitária, ao criar referências comuns, estabelecer partilhamentos” (FRANÇA, 2006, p.25).

Isso está diretamente relacionado com o conceito de Wolton de *laço social* (já apresentado no capítulo 2) oferecido pela televisão. Conforme Wolton (1996), o laço social

existe, pois qualquer telespectador, ao assistir a um programa, junta-se a um público imenso e anônimo. É óbvio que não se deve imaginar que ela é a única variável a produzir estes laços – na verdade, trata-se de um canal que compete com outras instituições do sistema a atuarem nessa produção de amálgama social.

Mas ela claramente é muitíssimo relevante na vida social contemporânea e, para Wolton (1996), os que criticam o conceito de grande público (acusando a TV de gerar passividade, por se dirigir a todos indistintamente) não levam em conta que a televisão, além de não gerar essa passividade, desenvolve o senso crítico. França (2006) também destaca esse posicionamento, afirmando que a televisão deve ser investigada com cuidado. Além disso, enfatiza que é preciso evitar posições essencialistas, que operam com base numa falsa dicotomia entre diversão e reflexão, e uma análise internalista, focando no interior dos produtos os efeitos e a leitura produzida pelo receptor.

A segunda crítica em relação ao grande público diz respeito à standardização da oferta e da demanda. Nesse ponto, o pesquisador francês Wolton sustenta que, na verdade, isto não ocorreria, pois a programação foi criada justamente para lutar contra os efeitos de standardização da televisão. Seria um equívoco “[...] atribuir a ela um poder muito acima das suas competências como fator de standardização, quando existem fatores que são ‘obviamente’ mais responsáveis por isso, como aqueles ligados à economia de massa” (WOLTON 1996, p.126). De maneira geral Wolton é um dos autores que ressalta o papel democratizador da TV, principalmente a aberta.

Segundo França (2006), devemos pensar a televisão como um meio que se modifica de forma contínua e que é passível de vários usos. Assim, a sua prática é comunicativa, acontece com uma dinâmica viva dos sujeitos envolvidos na sua interlocução. “Se a compreendemos, entretanto, enquanto interação, espaço de um fazer que se reorienta a partir da intervenção dos diferentes sujeitos envolvidos, falamos antes de uma relação bilateral [...] espaço e dinâmica de experiências compartilhadas” (FRANÇA, 2006, p.33).

Nesse sentido, se faz necessário pensar sobre a relação da televisão com a realidade globalizada da contemporaneidade. Para Wolton (1996), não existe informação internacional, mas sim acontecimentos difundidos de maneira internacional, mas recebidos e interpretados num quadro nacional. França (2009), por sua vez, destaca que a televisão, mesmo quando fala do mundo, parece está retornando ao cotidiano. “No mesmo movimento que nos projeta para fora de casa, ela reduz o estranhamento, organiza o diferente, atribuindo critérios de integibilidade” (FRANÇA, 2009, p.38).

Assim se percebe, sobretudo para o Wolton (1996), que a análise da televisão é inseparável da avaliação de um determinado quadro nacional (seu papel, no espaço público, está inevitavelmente vinculado às identidades coletivas nacionais). Dessa forma, as televisões fazem parte do processo de consolidação da identidade nacional e se apresentam ao mesmo tempo como um meio generalista e nacional. Assim a TV brasileira, para ele, seria um caso exemplar.

Ele aponta como fator de sucesso da televisão brasileira, em especial ao da Rede Globo, a inteligência e o senso crítico do público: em uma geração, o público converteu-se inteiramente à televisão. França (2006) complementa que atualmente no Brasil quase todos os lares possuem pelo menos um aparelho receptor de TV e que nas classes médias e altas é comum a existência de mais de um aparelho.

Assim, no Brasil, a televisão “[...] foi um fator de modernização para as quatro classes sociais. Modernização sem dúvida aceita, porque a maior parte das classes sociais alimentava-se da televisão” (WOLTON, 1996, p.157). Outro fator importante acerca da TV brasileira, mais especificamente da Rede Globo, é que ela foi uma das estratégias de apoio a política nacionalista do governo militar.⁷

Dessa forma, conforme a tese de Wolton (1996) e discussão iniciada no capítulo anterior, na televisão brasileira houve uma tripla função da televisão geralista: a de produzir laço social, modernização e identidade nacional. Principalmente a Rede Globo, que para Wolton (1996) se põe como indústria, instrumento de integração e de modernização, e como um fator de identidade nacional.

Criada em 1965, a Globo é um dos símbolos da identidade brasileira: gosto pela modernização, pelo desafio, influência norte-americana, vontade de se distinguir. (WOLTON, 1996, p.159).

As telenovelas brasileiras, por exemplo, são conhecidas no mundo inteiro, misturam o mundo fantástico e a realidade social, o que contribui para integrar as diversas classes sociais. “Todos conversam sobre as telenovelas, o que mostra à perfeição a tese do laço social que é a televisão. Mas não é só a realidade que inspira as novelas; são também as novelas que influenciam a realidade [...]” (WOLTON, 1996, p.163).

Assim, de modo geral, conforme França (2009), a televisão faz parte de um tecido social e acompanha seus movimentos e tendências: nela, há trocas permanentes entre a

⁷ Sobre o tema ver: Mattos (2000). França (2006) e Porcello (2006).

televisão e a sociedade. O público, por sua vez, encontra uma grande diversidade de programas na televisão. Mas como se orientar neste universo? O autor François Jost (2004) explica essa questão por meio de um modelo de promessa.

Os gêneros seriam responsáveis por esta orientação, na verdade “os gêneros contêm uma promessa ontológica constitutiva, [...]. Todos sabemos que uma comédia deve fazer rir; é essa sua promessa” (JOST, 2004, p.18). Ainda conforme Jost (2004), o modelo de promessa possui dois tempos: o primeiro em que o telespectador deve exigir que a promessa seja mantida; e o segundo que ele deve verificar se a promessa foi efetivada. “Esse modelo exige do espectador uma contribuição ativa, embora ela não se dê simultaneamente ao momento da própria promessa” (JOST, 2004, p.19).

Nesse sentido, o autor propõe que a promessa só será interpretada se o destinatário tiver uma ideia prévia do tipo de ligação que une o gênero a realidade, uma vez que este tem uma relação direta com o mundo. Para o autor, existiriam três mundos na televisão: o real (gêneros que têm como objetivo fornecer conhecimento sobre o mundo); o ficcional (o faz de conta); e o lúdico (jogos). Contudo, segundo Jost (2004), tanto os atores da comunicação quanto os textos transitam por esses três mundos descritos. No caso da TV brasileira, estes três mundos constituem a base fundamental na qual ela se assentou.

Mattos (2000) divide a história da televisão brasileira, em seis fases, de acordo com o desenvolvimento da televisão dentro do contexto sócio-econômico-político e cultural do país.

A fase elitista (1950-1964), quando o televisor era um luxo ao qual apenas a elite econômica tinha acesso; a fase populista (1964-1975) quando a televisão era considerada um exemplo de modernidade e programas de auditório e de baixo nível tomavam grande parte da programação; a fase do desenvolvimento tecnológico (1975-1985) quando as redes de TV se aperfeiçoaram e começaram a produzir, com maior intensidade e profissionalismo, os seus próprios programas, com estímulo de órgãos oficiais, visando, inclusive, a exportação; a fase de transição e da expansão internacional (1985-1990), durante a Nova República, quando se intensificam as exportações dos programas; a fase da globalização e da TV paga (1990-2000), quando o país busca a modernidade a qualquer custo e a televisão se adapta aos novos rumos da democratização; a fase da convergência e da qualidade digital, que começa no ano 2000, com a tecnologia apontando para uma interatividade cada vez maior dos veículos de comunicação com a Internet e outras tecnologias da informação. (MATTOS, 2000, p. 91)

Mas o cenário está em constante mudança. O sucesso da Globo – tanto interno quanto externo – passa a ser desafiado por novas concorrentes e a emissora tem que responder às

demandas advindas das novas tecnologias. Para Wolton, estes desafios implicam avaliar se a televisão brasileira conseguirá manter os laços sociais por ela criados.

No que concerne especificamente ao Brasil, podemos dizer que resta à força da TV Globo fazer a ligação entre três dimensões essenciais: o passado e o presente; as classes sociais; a identidade nacional. Na medida em que ela chegar a manter uma tensão entre essas três dimensões, continuará sendo um laço social. (WOLTON, 1996, p.166).

Desafios à parte, indiscutível é que a TV, no Brasil, atingiu níveis fantásticos de capilaridade e, com isso, produziu fenômenos identitários. Para milhões de famílias – infelizmente ainda privadas de acesso a outras fontes de informação – quase tudo o que se sabe sobre as atualidades do mundo, do país ou mesmo da cidade provém dos conteúdos veiculados nos telejornais, por exemplo. Assim, qual foi o percurso no telejornalismo no país? Se as telenovelas constituem um consagrado objeto de estudo sobre questões relativas à identidade nacional brasileira, é provável que o telejornalismo também possa sê-lo.

4.2 O telejornalismo geral no Brasil

A história do telejornalismo brasileiro se confunde com a chegada da televisão no Brasil, no ano de 1950. O primeiro telejornal brasileiro, *Imagens do Dia*, estreou no dia 19 de setembro de 1950, um dia depois após a inauguração da TV no país, na PRF- TV Difusora ou TV Tupi de São Paulo. O telejornal era apresentado por Mauricio Loureiro Gama e era exibido sempre à noite, mas não tinha horário fixo.

“Quando a opção era por exibição de material audiovisual, filmado, havia uma diferença significativa de tempo entre o fato e sua veiculação nas emissoras de televisão” (COUTINHO, 2003, p.55). Nesta época, devido à falta de estrutura e ao começo da televisão, esse telejornal era influenciado pelo rádio. Ele permaneceu no ar um pouco mais de dois anos.

Outro telejornal da emissora TV Tupi de São Paulo foi o *Telejornal Panair* que entrou no ar em 1952, no horário das 21h. Porém ficou pouco tempo no ar e em seu lugar entrou o *Repórter Esso*. “O programa entrou no ar em junho de 1953 e trouxe para a televisão uma adaptação do noticiário radiofônico de nome idêntico, mantendo porém a mesma estrutura” (COUTINHO, 2003, p.55).

O *Repórter Esso* era apresentado em São Paulo por Kalil Filho e no Rio de Janeiro, por Gontijo Teodoro. Com o slogan “testemunha ocular da história”, era produzido pela

agência *United Press International (UPI)*. “As matérias eram divididas em blocos e lidas por um só locutor. O telejornal ficou no ar até 1970. [...] Entre os motivos do seu término estão o declínio dos Diários Associados e a chegada da Rede Globo” (DEBS e CARREIRO, 2003, p.20).

Outro telejornal importante para a história do telejornalismo no país foi o *Jornal da Vanguarda* da TV Record, que estreou na década de 60. Esse telejornal teve como proposta trazer a participação de jornalistas especializados como produtores e cronistas. A estrutura desse telejornal ficou reconhecida internacionalmente. A equipe era bem humorada e criou um personagem para ler as notícias, o Sombra. Mas o *Jornal da Vanguarda* saiu do ar após a edição do Ato Institucional nº 5: “[...] o Jornal de Vanguarda saiu do ar por decisão de seus produtores depois do Ato Institucional nº 5, antes que morresse aos poucos, a exemplo de outros telejornais da época” (MELLO, 2009, p.05).

De maneira geral, percebe-se que nos primórdios da televisão brasileira havia poucos noticiários e eles ainda não tinham instantaneidade. A TV apresentava as notícias com até doze horas de atraso, devido ao complexo processo de montagem das matérias. “Além da limitação provocada pelo reduzido número de equipamentos de registro de imagem e som, havia dificuldades com os custos elevados de filme, sua revelação e montagem” (COUTINHO, 2003, p.56).

Porém, conforme Coutinho (2003), a chegada do videoteipe no Brasil, aliada à tecnologia de gravação magnética das imagens e seu registro eletrônico, trouxe grandes mudanças no telejornalismo nacional. A Rede Globo de televisão foi a primeira empresa a dispor destes equipamentos, devido ao reforço financeiro obtido com o acordo com o Grupo Time-Life.

Nas demais emissoras a chegada da tecnologia foi lenta e gradual, como processo de estabelecimento de uma linguagem própria do telejornalismo. Durante muito tempo grande parte da programação era veiculada ao vivo, o jornalismo de TV mais se assemelhava ao rádio com imagens, com o recurso das “cabeças falantes”. (COUTINHO, 2003, p.57)

Com a consolidação da ditadura militar brasileira, nos anos 60, surgiu em 1969 o *Jornal Nacional* – sua primeira edição entrou no ar no dia 1º de setembro daquele ano. “No Brasil, poderíamos considerar que o primeiro telejornal a realizar o salto para uma linguagem audiovisual teria sido o *Jornal Nacional*, da TV Globo. O telejornal foi também o primeiro programa a ser transmitido em rede em todo país [...]” (COUTINHO, 2003, p.57).

Um ano depois, em 1970, na TV Cultura de São Paulo entrou no ar o telejornal *A Hora da Notícia*, que, segundo Carreiro (2003), priorizava o depoimento popular sobre os problemas da comunidade e não seguia padrões rígidos. Já a TV Bandeirantes apostava, em 1972, no telejornal *Rede Nacional de Notícias* - com a fórmula de jornalistas em primeiro plano e com a redação ao fundo, transmitido ao vivo para diversas capitais do país.

Uma outra importante inovação no telejornalismo ocorreu em 1973, quando a Rede Globo colocou no ar o *Fantástico*, que misturava informação e entretenimento. Ao longo dos anos diversos telejornais foram surgindo e desaparecendo da grade de programação da televisão brasileira. Porém é importante ressaltar ainda que o telejornal *TJ Brasil* (do SBT, que estreou em 1988 com o conteúdo mais político, sob o comando de Boris Casoy) foi o precursor, na TV brasileira, da apresentação por meio de um âncora.⁸

Passo após passo, o telejornalismo foi aumentando sua importância na vida social brasileira como instrumento de oferta de conteúdo informativo primordial. “O telejornalismo cumpre uma função social e política tão relevante porque atinge um público, em grande parte iletrado” (REZENDE, 2000, p.24).

Cada gênero (ou mesmo cada programa) televisivo possui as suas especificidades. Assim, também a narrativa telejornalística brasileira foi ganhando feições específicas, a ponto de configurar um modelo. Conforme Mota (2006, p.132), há um plano de expressão típico em nosso telejornalismo, “na estrutura visual as imagens seguem uma sintaxe própria, marcada por planos gerais, médios e por closes, que têm a função de contextualizar as ações narradas” (MOTA, 2006, p.132).

Já a estrutura narrativa verbal do telejornal, segundo Mota (2006, p.135), é descritiva e utiliza expressões como “hoje, agora pouco” para marcar a atualidade dos fatos. Além disso, usa frases curtas, na ordem direta, voz ativa dos verbos, tempo presente e modo indicativo. Na verdade, possui características tanto de texto escrito quanto de texto oral, marcado pela intensa repetição informativa.

Porém, essas estruturas agem mutuamente. “No telejornalismo, imagem e texto interagem para a representação do real, criando efeitos de real e efeitos de sentidos. A imagem é editada de forma a legitimar o que o texto afirma ampliando o efeito de real e ambos – texto e imagem – produzem sentidos sobre o acontecimento” (MOTA, 2006, p.139).

Uma outra característica importante sobre o telejornalismo é a linguagem, que, segundo Vizeu (2006, p.34), ela tem que ser coloquial e correta, para facilitar a compreensão

⁸ Sobre o tema ver: Squirra (1993), *Boris Casoy, o âncora no telejornalismo brasileiro*.

e a fixação. Rezende (2000), por sua vez, enfatiza o recurso da repetição: “A repetição é necessária não apenas nas telenovelas, mas também nos programas jornalísticos. Não por acaso, portanto, os manuais de telejornalismo recomendam-na em nome da simplicidade e da clareza exigidas de um jornalismo feito para ser ouvido” (REZENDE, 2000, p.33).

Ainda em relação à construção da notícia televisiva, Coutinho (2003) destaca que a notícia é limitada em decorrência do tempo e que deve ser oferecida em pacotes informativos que tenham em média 90 segundos (um minuto e meio). Porém ela enfatiza que é possível a ampliação desse tempo em casos excepcionais.

Todas essas características seriam em razão de o telejornalismo estar inserido na lógica da indústria cultural. Nesse sentido, Rezende (2000) destaca que o caráter diversional predominante na programação da televisão comercial brasileira afeta também as produções telejornalísticas.

Ainda sobre as características do telejornalismo, Rezende (2000) discorre sobre a função fática⁹ da televisão, que também aparece no telejornal. “Ao cumprir a função fática o discurso da TV se estabelece como um contato permanente entre o emissor e o receptor, por meio de um espetáculo contínuo levado diretamente ao telespectador que o recebe no aconchego do meio familiar” (REZENDE, 2000, p.36).

Assim, a todo o momento o telespectador tem a sensação de um diálogo constante. “A impressão de diálogo, de conversa pode ser tão intensa que não são raros os telespectadores que respondem às interpelações dos apresentadores de TV: ‘Boa noite!’, ‘um abraço para você’, ‘venha comigo’, ‘você não pode perder a essa oportunidade” (REZENDE, 2000, p.36).

O autor destaca ainda sobre esse assunto, que o diálogo visual depende muito do apresentador, do âncora, na sua capacidade de conduzir a conversar, de despertar empatia com o público. Uma outra característica importante para alcançar essa proximidade no telejornalismo é a linguagem utilizada para elaborar uma mensagem. Rezende (2000) enfatiza que ela deve reunir valores de uma linguagem “cult”, a coloquialidade do falar cotidiano e as características dos seus destinatários.

Assim, “não se reclama, portanto, para essa linguagem uma liberdade total em relação à gramática e à criatividade. Só se adverte que a observância rígida das normas gramaticais está longe de garantir a confecção de mensagens claras e eficientes” (REZENDE, 2000, p.63).

⁹ Segundo a Gramática Escola, o objetivo da função fática é estabelecer uma relação com o emissor, um contato para verificar se a mensagem está sendo transmitida ou para dilatar a conversa.

Ainda para um bom entendimento da mensagem televisiva, Rezende (2000) destaca a importância do texto “casar” com a imagem. Ele explica que se houver uma dissociação desses dois elementos, “[...] o resultado pode ser um verdadeiro ‘desastre’ que atinge todos os ‘elementos’ da mensagem, com prejuízos, no entanto, maiores para a comunicação verbal” (REZENDE, 2000, p.77).

Ainda sobre essa relação de imagem, texto e som, Coutinho enfatiza que

No jornalismo de televisão os códigos de imagens, texto e sons não se somariam, mas constituiriam uma espécie de “amalgama” que teria como diferença em relação ao cinema, meio do qual para muitos a TV seria tributária, o fato de se constituir em uma narrativa do cotidiano, com uma imagem do presente. (COUTINHO, 2003, p.45).

Nesta relação, é importante destacar também que as imagens e as falas devem ser capturadas no momento em que ocorrem, uma vez que não há espaço, num telejornalismo ético, para a encenação. Uma outra característica do telejornalismo é o seu caráter de narrativa emocional, que é feita, sobretudo, pelo editor. Esse, por sua vez, deve tomar cuidado com a carga emocional da informação, já que “na comunicação audiovisual, portanto, registra-se o domínio da sensação sobre a consciência, dos valores emocionais sobre os racionais” (REZENDE, 2000, p.40).

A partir dessas características, aliadas a uma lógica de mercado, as notícias são combinadas e um telejornal é montado – exemplo dessa fórmula é o fato corriqueiro de o último bloco do telejornal ser mais “leve”, para passar a sensação do “final feliz”. Dessa forma – e trazendo uma observação pertinente à área temática da presente dissertação - observa-se que há nele, com frequência no encerramento dos programas, a aparição de matérias esportivas, que em tese são mais “brandas”.

Por isso, observamos que “a lógica de combinação das notícias em um telejornal seria estruturada por uma estratégia de mercado, mais que por critérios jornalísticos” (COUTINHO, 2003, p.52). Outro aspecto importante na construção do telejornal e das matérias é a existência de uma dramaturgia do telejornalismo, tese que foi elaborada por Iluska Coutinho (2003): essa narrativa dramática acaba sendo um valor-notícia na televisão, uma vez que o fato, ao possuir as características para ser contado como uma história, tem mais chances de se tornar notícia em relação àquele que não tem esse aspecto.

No âmbito do jornalismo, autores apontam numerosos outros valores-notícia. Nelson Traquina (2005), por exemplo, faz uma distinção entre os valores notícias de seleção e os de

construção. Os primeiros estão relacionados à escolha sobre se um acontecimento será transformado em notícia ou não.

Os valores-notícia de seleção estão divididos em dois sub-grupos: a) os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. (TRAQUINA, 2005, P. 78)

Os valores-notícia de construção estão relacionados com a qualidade da construção do acontecimento como notícia, ou seja, sugerem o que deve ser realçado ou omitido na notícia. Dentro dos valores-notícia de seleção (critérios substantivos), Traquina (2005) destaca os critérios de noticiabilidade de morte, notoriedade (especialmente do ator principal), da proximidade (em termos culturais e geográficos), relevância (acontecimentos que têm impacto na vida das pessoas), novidade, tempo, notabilidade, conflito e infração.

Já em relação aos valores-notícia de seleção (critérios contextuais), destacam-se a existência da disponibilidade (facilidade na cobertura de um acontecimento), equilíbrio (quantidade de notícias sobre um acontecimento), visualidade (se há elementos visuais como fotografias ou filme), concorrência (considera as empresas concorrentes) e o dia noticioso (se os acontecimentos estão em concorrência com outros acontecimentos).

Para o autor português, os principais valores-notícia de construção são: simplificação (acontecimentos desprovidos de ambigüidade e de complexidade), amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância (o quanto a notícia se insere numa narrativa já estabelecida). Para além desses valores-notícia, Traquina (2005) destaca que os critérios de noticiabilidade são afetados diretamente pela política editorial da empresa jornalística, pelas rotinas jornalísticas, pela produtividade jornalística e pela direção da organização jornalística (os donos da empresa jornalística).

Esses valores-notícia, junto com o interesse da televisão em noticiar acontecimentos que tenham forte apelo emocional, são importantes para compreender as características do telejornalismo brasileiro e na determinação do que realmente se transforma em notícia no país. Dessa forma, agora se faz importante entender como esses aspectos são estruturados em uma narrativa típica do telejornalismo brasileiro.

4.3 Dramaturgia do telejornalismo brasileiro

A forma como a matéria telejornalística é estruturada é importante para compreender o telejornalismo. Nesse sentido, Coutinho (2003), em sua tese de doutorado, propõe uma estrutura narrativa característica do drama na edição das notícias e do telejornalismo brasileiro. Esse modelo da dramaturgia do telejornal do Brasil se faz fundamental para essa dissertação, uma vez que uma das hipóteses aqui apresentadas é a de que o Jornal Nacional utiliza-se dessa narrativa na cobertura dos jogos da Seleção Brasileira de Futebol.

Conforme Coutinho (2003), diferente do que está convencionado nos outros meios de comunicação, o início do telejornal não se dá pelo lead e sublead (respondendo as seis perguntas básicas: quem, o que, quando, onde, como e por que). Na verdade, as informações fazem parte de uma narrativa audiovisual. “Assim, depois de ser evidenciado no texto do apresentador, o lead de cada notícia é apresentado em geral na segunda metade da matéria, geralmente por meio de uma passagem e/ou entrevista, em forma de conflito narrativo explicitado” (COUTINHO, 2003, p.170).

A autora destaca que o produto ofertado ao público é uma (re)construção da realidade que ocorre por meio da redação dos textos, coleta de imagens e edição. Mas como apareceria a dramaturgia do telejornalismo brasileiro? Coutinho (2003) explica que

Haveria assim a existência de uma dramaturgia do telejornalismo que se daria na organização dos telejornais como narrativa dramática, exibidos em rede nacional para uma população de telespectadores que acompanhariam a realidade (inter)nacional como um drama cotidiano. (COUTINHO, 2006, p.100).

Para os autores Carrasco e Luporini (2007), o telejornal se aproxima da teledramaturgia na medida em que a notícia é incrementada com recursos audiovisuais para que, além de informar, consiga também se adequar à grade de horário da programação, tanto em relação ao conteúdo quanto à sua duração.

Outra autora que compartilha desta ideia é Ana Lúcia Medeiros (2005), que exemplifica por meio de uma entrevista com o jornalista Paulo Henrique Amorim. “O jornalista Paulo Henrique Amorim, que durante anos atuou como repórter da Rede Globo, acredita que, por ser exibido entre duas novelas, o Jornal Nacional (telejornal de maior audiência do país) é contaminado pela novela” (MEDEIROS, 2005, p.03).

A narrativa dramática dos telejornais, segundo Coutinho (2006), apareceria também nos valores e nos critérios de escolha das rotinas de produção das notícias – isso se faria visível nas imagens exibidas, nos depoimentos das fontes, nas falas dos repórteres, nas músicas e no encadeamento desses elementos através da edição.

Assim, é possível compreender num primeiro momento a “novela dos fatos reais”, por meio da narratividade de um tema. Um assunto pode ser desdobrado em novas abordagens. Essa característica é utilizada num telejornal como capítulos, que segundo Coutinho (2006), fazem parte da composição dos telejornais como drama cotidiano. Dessa forma, percebe-se que o limite a separar a ficção da realidade é muito estreito. Para a autora Silmara Dela-Silva (2008), é comum à notícia ser incorporada na discussão de uma novela, assim como assuntos apresentados nas telenovelas se tornarem pauta nos telejornais.

Tanto nas telenovelas quanto no telejornalismo há a presença de um conflito social, explícito ou implícito, que é importante para a inserção de um fato no noticiário. Isso orientaria a seleção dos assuntos a serem transformados em matérias no telejornal e seria “preferencialmente em torno desses conflitos sociais que se organizaria a cobertura” (COUTINHO, 2003, p.126). A apresentação do conflito e sua tentativa de solução, assim como no drama, seria uma das formas usuais de representação da notícia no telejornal. E para obter o desfecho desse conflito o telespectador deveria acompanhar o desenrolar da trama.

Muitas vezes, como destaca Coutinho (2006), é apresentada uma história individual como exemplo de uma ação que se repetiria na coletividade. Essa forma de apresentação é concretizada nos textos, em que há uma ampliação da história através da apresentação de estatísticas e resultados de pesquisas. “Assim como nas telenovelas, ao longo dos anos são narradas histórias nos telejornais que proporcionam uma aproximação do telespectador com os personagens das reportagens. Os espectadores enviam cartas, querem participar da história” (MEDEIROS, 2005, p.06).

Os tipos mais frequentes de personagens, como demonstra o estudo de Coutinho (2003), são o mocinho, o vilão e a vítima. Eles se enfrentam na tradicional luta entre Bem-Mal. E na maioria das vezes a história narrada serve para reforçar os valores morais. É importante ressaltar ainda que o próprio telejornal pode se apresentar como personagem das histórias.

Para Medeiros (2005), o telespectador assume uma posição diante da história, da situação vivida pelo personagem. Em tese, eles querem que algo de bom aconteça com o mocinho e punição ao vilão. Nesse sentido, o fim da narrativa de uma ação se daria pela apresentação de uma lição de moral, quase sempre acrescida de juízo de valor. “Nesse

momento se reafirmariam os papéis de mocinhos e heróis, enquanto a presumível punição dos personagens identificados como ‘maus’ ou vilões seria justificada” (COUTINHO, 2006, p.121).

Em relação à narrativa dos telejornais é importante ainda considerar outros elementos. Como por exemplo, a forma como os âncoras e os repórteres apresentam um texto: “Ora, uma câmera ligada, seja num estúdio ou numa externa, acaba com a naturalidade do profissional, por mais à vontade que ele fique, por mais intimidade que ele tenha com uma lente” (PINTO, 1997, p.02)

Além disso, conforme Coutinho (2006), tanto na televisão quanto no telejornalismo se faz necessário também observar as construções narrativas e os textos nas imagens, nas falas dos entrevistados e dos próprios repórteres. Assim como nas músicas e no encadeamento desses elementos através da edição. Por isso, é fundamental destacar as matérias¹⁰, nota ao vivo¹¹, notas coberta¹², notas pé¹³, stand-up¹⁴ e chamadas¹⁵.

Dessa forma, a noção de dramaturgia do telejornalismo compreende, para além dos aspectos de encenação e do caráter espetacular da atuação de seus profissionais, a organização das matérias editadas, em texto e imagem, de forma a oferecer ao telespectador o desenrolar das ações, vividas e experimentadas por meio da atuação de diferentes personagens colocados em cena. A utilização exacerbada dos recursos audiovisuais de “sobe som” e “vinhetas” poderia ser considerada como a representação, ou imitação, do canto como elemento integrante da receita dramática, em Aristóteles. Por sua vez, o tom emocional dos textos em geral, com destaque para aqueles lidos pelo apresentador e, sobretudo para seu encadeamento ou paginação da edição exibida, garantem o apelo do espetáculo, aqui noticioso. (COUTINHO, 2006, p.123).

Ainda sobre a edição, Coutinho (2003) coloca que existem modelos narrativos utilizados no encadeamento da história. O primeiro está relacionado com a narrativa clássica de um drama (Apresentação – Conflito – Desenvolvimento – tentativa de solução – Desfecho); Já no segundo modelo a narração começa a partir do conflito (conflito –

¹⁰ Como já destacado anteriormente, por meio de Coutinho (2003), as matérias ou VT’s são o formato mais elaborado para apresentar uma notícia num telejornal e que possuem imagens em externa e narração feita pelo repórter.

¹¹ Nota ao vivo, segundo Coutinho (2003), é a forma mais simples de apresentação da notícia, através da leitura da informação em estúdio pelo apresentador.

¹² As notas cobertas, para Coutinho (2003), é composta por uma cabeça do apresentador, em estúdio, seguida de sua narração em off, quando são exibidas as imagens externas.

¹³ Conforme Coutinho (2003), nota pé é o texto lido pelo apresentador após a exibição de uma matéria. Geralmente traz alguma informação complementar.

¹⁴ Nesta notícia só aparece o repórter

¹⁵ Texto sobre os principais destaques do telejornal

desenvolvimento, com recurso de flashback ou não – tentativa de solução – desfecho); e o terceiro modelo que está mais relacionado com o jornalismo de boas notícias, com a celebração de acontecimentos vitoriosos (Apresentação – Desenvolvimento – Celebração).

Em alguns momentos o telejornalismo estaria na fronteira entre informação e entretenimento. E para Itânia Gomes (2009) isso estaria relacionado com o conceito de *Infotainment* e teria implicações sobre o jornalismo tanto como atividade social quanto como ideologia e campo profissional. Mas o que seria *Infotainment*? Conforme Gomes (2009), trata-se de um “neologismo que traduz o embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento” (GOMES, 2009, p.195). Contudo a autora ressalta que o *infotainment* não se configura em si um novo gênero, mas pode vir a produzir novos gêneros na cultura televisiva.

Como exemplo da aparição do *infotainment* nos telejornais, Itânia Gomes (2009) apresenta o Jornal Nacional: “o principal telejornal de referência no Brasil também adota embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento como uma estratégia importante na sua permanente atualização” (GOMES, 2009, p.216). Além disso, a autora destaca que o JN tem promovido mudanças no seu curso principalmente na construção e reconstrução de uma cumplicidade, cada vez maior com os seus telespectadores.

Assim de maneira geral, a dramaturgia do telejornalismo apresenta características importantes, tais como: a representação baseada no encadeamento sistemático das ações; a existência de personagens no texto noticioso; capacidade de desdobramento das notícias – capítulos-; a existência de conflitos; o fechamento com a lição de moral.

Dessa forma, como se observou ao longo do texto, esses aspectos demonstram a semelhança do discurso telejornalístico com uma obra de ficção. É importante notar que, para a tradição dos Estudos Culturais, aqui considerada no capítulo 1, também as identidades podem ser descritas como narrativas – o que configura uma interface relevante para o presente trabalho.

4.4 O Jornal Nacional

O Jornal Nacional (JN) da Rede Globo ainda é considerado o principal meio de informação da população brasileira e o grande destaque do telejornalismo do Brasil. O JN foi ao ar pela primeira vez em setembro de 1969 e foi o primeiro telejornal a ser transmitido em rede para todo o país.

Esse tipo de transmissão se deu, sobretudo, pois o JN adquiriu a tecnologia necessária. Contudo, Coutinho (2003) destaca que a aquisição da tecnologia de imagens por satélite no

país, disponibilizada pela Embratel, teve como pano de fundo a utilização da mídia como forma de promover o desenvolvimento nacional.

Nesse aspecto, uma televisão com alcance nacional era vista como instrumento para a difusão de informações e idéias que tornassem possível em um país com dimensões continentais, como o Brasil, a modernização e efetiva salvaguarda dos interesses nacionais. E, para realizar o sonho de integração nacional na TV, nada melhor que um programa jornalístico, um telejornal exibido para todo o país: o Jornal Nacional. (COUTINHO, 2003, p.60).

Barbosa e Goulart (2005) explicam que a escolha de narrativa informativa para a emissão em rede estava relacionada à participação no projeto político do Estado naquela época, e que a Rede Globo, nessa lógica, construía, por meio do discurso informativo, uma identidade unívoca para o Brasil. “O regime militar, [...] utilizou a unificação cultural como pano de fundo da proposta de integração nacional. E nesse processo a televisão desempenhou papel-chave” (BARBOSA e GOULART, 2005, p.210).

Essa parceria entre a Rede Globo de Televisão e o Regime Militar, trouxe consequências para o JN. Segundo Rezende (2000), o Jornal Nacional desde o início teve que enfrentar a marca que o perseguiria por muitos anos: a de afinidade ideológica com o regime militar. Sobre esse assunto ainda é importante destacar que

Além da associação na aquisição da tecnologia de transmissão por satélite, a postura assumida pelos dos militares, quando na década de 60 foi denunciada a ilegalidade da associação da Globo com a grupo americano Time-Life, reforçava a idéia de um tratamento diferenciado do governo brasileiro para com a emissora. (COUTINHO, 2003, p.60).

A criação desse telejornal teve como estratégia também a conquista da audiência por meio das telenovelas. Isto porque conforme Coutinho (2003) a procura por notícias nos primeiros anos de exibição era reduzida, devido especialmente à desconfiança que existia em torno do telejornalismo brasileiro.

O JN trouxe para o telejornalismo um novo estilo. Conforme Barbosa e Goulart (2005), com o ideal de univocidade e a idéia de atualização permanente, o JN instaurou uma nova temporalidade na cena cotidiana. “O telespectador passa a partir daí a esperar, todos os dias à mesma hora, as imagens do que acontecia no Brasil e no mundo” (BARBOSA e GOULART, 2005, p.211). A noção de imediatismo era ainda reforçada pelas interrupções nas programações para mostrar as coberturas dos “grandes acontecimentos”.

Além disso, o *Jornal Nacional* trouxe uma nova linguagem, com caráter intimista. “As manchetes do *Jornal Nacional* eram curtas e fortes, e os apresentadores liam o noticiário alternadamente de maneira ágil. Mas a marca registrada do novo telejornal era mesmo o som diferente que construía as matérias testemunhais” (BARBOSA e GOULART, 2005, p.212).

Coutinho (2003) explica que a (re)construção da realidade pelo *Jornal Nacional* levaria em consideração os personagens, apresentadores e repórteres. Nesse contexto, Barbosa e Goulart (2005) destacam a importância da entrevista na construção das matérias, que iria ao encontro da credibilidade, e fidelidade a realidade. “O testemunho construía a idéia de autenticidade” (BARBOSA e GOULART, 2005, p.213).

Arelado a isso, em 1970 começou o processo de expansão da TV Globo, nas quais as inovações tecnológicas foram decisivas, segundo Barbosa e Goulart (2005). Por exemplo: as unidades portáteis eliminaram a revelação dos filmes, já que permitiam o envio das imagens e dos sons direto do local do acontecimento para a emissora. Esse fato reforçou a idéia do telejornalismo de imediatismo. “Com a nova tecnologia, os jornalistas passaram a ir ao local do acontecimento não apenas para apurar as informações, mas também para gravar sua ‘passagem’, acumulando as funções de produtores e apresentadores de suas matérias” (BARBOSA e GOULART, 2005, p.217).

Outro fato importante para a consolidação do JN, conforme Barbosa e Goulart (2005), foi a instalação dos escritórios da TV Globo no exterior. Assim, o caráter testemunhal do JN estava ainda mais credível, já que a emissora se mostrava capaz de estar ao mesmo tempo em diferentes partes do Brasil (por meio das afiliadas em rede) e do mundo.

No *Jornal Nacional*, figuras também muito importante foram as dos apresentadores. No início da história deste telejornal, os apresentadores eram Cid Moreira e Hilton Gomes. “Hilton Gomes: ‘O *Jornal Nacional* da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o Brasil’. Cid Moreira: ‘Dentro de instantes, para vocês, a grande escalada nacional de notícias’” (MÉMORIA GLOBO, 2004, p.24).

Já nos anos 70, Cid Moreira iniciou sua parceria com Sérgio Chapelin. Sobre Cid Moreira se faz necessário destacar que ele teve um importante papel na história do JN, já que acompanhou períodos de mudanças políticas e econômicas no Brasil. Porém, no dia 1º de abril de 1996 Cid Moreira e Sérgio Chapelin foram substituídos por William Bonner e Liliam Witte Fibe.

Segundo Carreiro e Debs (2003), essa mudança trouxe reflexos significativos para o JN, uma vez que as notícias (que antes eram somente lidas pelos apresentadores) passaram a

ter apresentadores mais próximos ao estilo dos âncoras. Este foi um padrão norte-americano que o JN começou a adotar com a inserção de Bonner e Fibe à frente do telejornal. Além disso, os dois assumiram respectivamente a editoria do jornal e a editoria de economia.

Hoje William Bonner e Fátima Bernardes são âncoras do JN. Para Barbosa e Goulart (2005), a estratégia de substituir os locutores por jornalistas, na apresentação do JN, trouxe mais dinamismo ao noticiário, pois os apresentadores passaram a se envolver também na produção das matérias, podendo intervir no noticiário seja com entrevistas ou com pequenos comentários.

No período imediatamente anterior à mudança dos apresentadores, Evandro Carlos de Andrade assumiu em 1995 a direção do jornalismo da TV Globo, no lugar de Alberico Souza Cruz. “Com o novo diretor, os temas políticos perderam peso no noticiário da Globo e os seus telejornais buscaram fortalecer a idéia de um jornalismo mais investigativo e baseado no *fait divers*, ao mesmo tempo [...] procuravam construir a imagem de prestação de serviços” (BARBOSA e GOULART, 2005, p.220).

Hoje, sob a direção-executiva de jornalismo de Ali Kamel e com o ritmo cada vez mais acelerado da sociedade e diante de um público que não assiste mais ao telejornal na sala de jantar, mas nos múltiplos lugares em que a TV está, os telejornais materializam essa instantaneidade. “A forma como constrói sua narrativa – em mensagens que se sucedem num turbilhão -, ignorando o que precede e o que sucede, leva a inscrição imaginária daquele momento como unívoco, sem qualquer relação com o passado e o futuro” (BARBOSA e GOULART, 2005, p.221).

Foi em meio a essas mudanças sociais profundas que o Jornal Nacional se consolidou como o mais importante e mais assistido telejornal da televisão brasileira. Mas como o esporte ganha destaque neste telejornal?

De maneira geral, o esporte no final da década de 60, conforme o Memória Globo (2004), não recebia ainda muita ênfase no jornalismo da TV Globo. Somente¹⁶ com a criação da Divisão de Esportes pelo jornalista Julio De Lamare e com a vinda de novos profissionais o esporte ganhou espaço na Rede Globo e mais especificamente no telejornalismo.

A primeira transmissão ao vivo de uma copa do mundo, a do México (1970), assim como os boletins informativos da Rede Globo, por exemplo, possibilitaram altos índices de audiência. “O jogo contra a Inglaterra exibido em 10 de junho, por exemplo, atraiu mais telespectadores do que a transmissão da chegada do homem à Lua no ano anterior”

¹⁶ Segundo Guerra (2010), outro fator que contribuiu para a expansão do esporte no telejornalismo e na Rede Globo foi à percepção da lucratividade do esporte.

(MÉMORIA GLOBO, 2004, p.56). Mas a importância do esporte na televisão e no telejornalismo é o tema que será abordado no próximo capítulo.

5 O telejornalismo esportivo no Brasil

Existem especificidades do telejornalismo esportivo em relação àquele praticado em outras editorias? E o tratamento dado ao esporte: é o mesmo nos programas especializados no tema e no telejornalismo geral (no bloco esportivo de um telejornal, por exemplo)? Discutir essas questões é o objetivo deste capítulo. Para tanto, contudo, é necessário antes efetivar uma breve releitura dos momentos cruciais em que o esporte e o jornalismo tornaram-se variáveis interdependentes na vida social brasileira.

O percurso do jornalismo esportivo está diretamente relacionado com o desenvolvimento do esporte no país, mais especificamente com o futebol, que se tornou a “paixão nacional”. A versão oficial é que o futebol foi introduzido no Brasil em 1894, por Charles Muller, filho de ingleses radicados em São Paulo. Muller trouxe em sua bagagem para o Brasil, ao retornar da Inglaterra, uma bola de futebol para a prática do esporte.

Quando Charles Muller trouxe esse esporte para o Brasil talvez jamais tenha imaginado que um dia essa modalidade se tornaria uma mania nacional. Uma moda que foi absorvida de tal maneira pelo brasileiro e que justifica o fato de ter-se transformado em um negócio que movimenta milhões de dólares em competições, patrocinadores e investimentos (GUERRA, 2006, p. 190).

Mas inicialmente o novo esporte não se transformou na paixão nacional. O escritor Graciliano Ramos foi um dos pensadores que compartilhava dessa rejeição verificada nos primeiros anos “Graciliano parecia convencido de que o jogo dos ingleses não iria conquistar adeptos no Brasil. Talvez o maior engano da história do esporte brasileiro” (COELHO, 2003, p.07). Mas como se inicia a relação de paixão que os brasileiros teriam com o futebol e qual foi o papel da comunicação de massa nisso? É do que se trata adiante.

5.1 A cobertura futebolística no rádio e nos impressos: a formação da cultura do futebol

Inicialmente tanto a prática esportiva quanto o acesso à assistência desta eram direcionados a um público bastante reduzido – somente as elites praticavam esportes ou tinham a chance de ver outras pessoas praticando-os. No futebol, por exemplo, de modo geral havia um preconceito com a participação popular. “O nível social de jogadores e torcedores em nossos estádios é cada vez mais baixo. Antes que acabem conosco, proponho que esses

clubes não sejam mais aceitos em nossa entidade e o seu afastamento imediato de nossa liga” (RIBEIRO, 2009, p.41)

A popularização do futebol, por sua vez, aconteceu em paralelo ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, particularmente do rádio. “Entendemos que o futebol brasileiro e o rádio passaram por fases semelhantes. Ambos tentavam profissionalizar e deixar o elitismo de lado, massificando o esporte” (CAMARGO, 1998, p.54).

Segundo Camargo (1998), as primeiras informações esportivas veiculadas pelo rádio advinham da leitura de resultados de jogos de futebol mais importantes, por meio de um telegrama enviado para a emissora radiofônica. Porém, ao longo dos anos, com o incremento do interesse pelas partidas, começaram as transmissões ao vivo e a locução esportiva foi deixando o simples relato dos resultados para se transformar num ofício que criou um verdadeiro estilo: a narração espetacular, que muitas vezes chegava a superar a própria realidade das partidas transmitidas.

A primeira transmissão radiofônica de um evento esportivo, segundo Ribeiro (2009), foi registrada pela Rádio Sociedade Educadora Paulista, numa partida válida pelo Campeonato Brasileiro de 1931, tendo como locutor Nicolau Tuma. Era a locução do jogo entre as seleções de São Paulo e Paraná, no Campo de Chácara da Floresta (SP). No início, os estádios e os clubes não estavam estruturados para receber a mídia:

Antigamente não havia numerações nas camisas dos jogadores e os locutores precisavam identificá-los. Para isso, era necessário gravar as características de cada atleta: alto, baixo, moreno, preto e assim por diante. Acredito que, a partir desta dificuldade inicial, começaram a ser criados os apelidos tão usuais nos jogadores brasileiros de futebol. Nessa época, não havia também um lugar determinado para a imprensa. O jogo era narrado a partir das observações da arquibancada, no estádio junto ao público nas gerais. (CAMARGO, 1998, p.51)

Ao longo dos anos, a infra-estrutura dos estádios e dos clubes foi melhorando. E a mídia também foi aperfeiçoando a transmissão e a cobertura de outras modalidades esportivas. Neste contexto, na década de 40, a paulistana rádio Pan-Americana (Jovem Pan) se destacou na divulgação do esporte. “Numa transmissão de futebol pela rádio Pan-Americana, entravam informações de outras modalidades esportivas [...]. Queriam dar a impressão de que estavam em todos os locais onde houvesse alguma disputa esportiva” (CAMARGO, 1998, p.53).

Ainda conforme Camargo (1998), a Rádio Pan-Americana, tinha um aparato técnico que era usado em competições nacionais e internacionais. Devido ao seu destaque na cobertura esportiva ficou conhecida em São Paulo como a *Emissora dos Esportes*, mas nos anos 60 a rádio entrou em decadência em função do aparecimento da televisão.

Mas o rádio, que certamente teve um papel central na popularização do futebol (e, depois, que tanto influenciou o telejornalismo esportivo), não chegou às transmissões em solo virgem. Antes dele, os impressos já iam, paulatinamente, aumentando sua atenção à cobertura esportiva. Se, no início do século XX, a informação esportiva no impresso foi marcada por pouco espaço e prestígio, esta realidade cedeu à percepção de que públicos cada vez mais amplos se interessavam pelo tema.

Houve numerosos fatores importantes que contribuíram para a expansão da editoria de esportes, a democratização e a popularização do futebol. Um elemento indiscutível para esse acontecimento foi o progressivo rompimento das barreiras que impediam os pobres, negros e mulatos de participarem dos times.

Até que o Vasco, em 1923, venceu a Segunda Divisão apostando na presença dos negros em seus quadros. Era a popularização que faltava. Os negros entravam de vez no futebol, tomavam a ponta no esporte. O Vasco foi campeão carioca pela primeira vez em 1924, apesar da oposição dos outros grandes, que sonhavam tirá-lo da disputa alegando que o clube dos portugueses e negros não possuía estádio a altura de disputar a Primeira Divisão. (COELHO, 2003, p.09).

Nos anos 30, ocorreu a profissionalização do futebol que, aliada à transmissão radiofônica, contribuíram para a expansão dessa prática esportiva. É importante observar que o reforço do rádio não esvaziou o jornalismo impresso: ao contrário, ajudou a consolidá-lo. Nesta mesma década surgiu a *Jornal dos Sports*¹⁷, que, segundo Coelho (2003), foi a primeiro periódico voltado exclusivamente para os esportes.

Desde então, o futebol se consolidou como esporte de massa e nos anos seguintes o noticiário esportivo começou a investir em outras modalidades como vôlei, basquete, natação etc. Já nos anos 50 “vêm florescer publicações especializadas que traziam textos mais alegóricos que descritivos com a crescente valorização das histórias de vida dos jogadores que se tornavam ídolos nacionais” (SHUEN, 2005, p.05).

¹⁷ O Jornal dos Sports foi fundado em 13 de março de 1931.

Na década seguinte, conforme Coelho (2003), os grandes jornais começaram a circular com cadernos esportivos em suas edições regulares. Outros fatores – nem sempre benévolos – contribuíram para a consolidação da cobertura esportiva no jornalismo. Durante a ditadura, por exemplo, “[...] a imprensa brasileira esteve sob forte censura militar, o jornalismo esportivo se desenvolveu de forma rápida, com o crescimento da cobertura em jornais, revistas, rádios e televisão” (SHUEN, 2005, p.06).

Ainda sobre este período, Shuen (2005) afirma que houve um grande marco para a imprensa: a Copa do Mundo de 1970 – não por acaso foi exatamente naquele ano, precisamente em 20 de março, que chegou às bancas a *Revista Placar*¹⁸, de circulação nacional e dedicada exclusivamente ao futebol. A conquista desta Copa pelos brasileiros contribuiu diretamente para a expansão do jornalismo esportivo, mesmo estando o país em difíceis condições, vivendo com a liberdade cerceada pela ditadura militar.

Passou a ser comum edições em que as notícias esportivas eram tratadas com mais destaque que aquelas de outras editorias, principalmente as mais passíveis de censura – economia, política e cotidiano. A editoria de esportes passou a ser uma espécie de refúgio – não para as aspirações jornalísticas frustradas como se acreditava no início do século, mas para jornalistas talentosos que sabiam que se indispor com o regime por causa de uma matéria era perigoso. Ali a censura também era exercida, afinal, o futebol tem um lado político, mas os jornalistas acreditavam ter uma liberdade de expressão impossível nas demais editorias. (SHUEN, 2005, p.06).

Essa trajetória foi marcada pelas mudanças sofridas pela editoria de esportes em termos de matérias e cobertura de eventos. De acordo com Shuen (2005), entre os anos de 1930 e 1950, os discursos eram sobre a atuação dos jogadores, para que o público por meio das reportagens minuciosas das partidas pudesse, em tese, saber o desenrolar das partidas e o desempenho dos craques. Mas nas décadas de 60 e 70 (época dos grandes ídolos, da concorrência da televisão e da conquista de dois títulos mundiais) a abordagem passou a investir também nos esquemas táticos, nas inovações e na montagem das equipes.

Foi durante essa época também, como enfatiza Shuen (2005), que os termos em inglês deixaram de aparecer nas matérias. Já entre os anos de 1980 e 1990, a cobertura passou a destacar o preparo físico dos atletas e a eficiência das jogadas ensaiadas. Mesmo neste momento, a importância maior era com os resultados dos jogos: essa foi uma tendência majoritária durante quase toda a história da relação mídia-esporte.

¹⁸ Em outubro de 2008, a *Placar* anunciou o lançamento do *Jornal Placar*, de distribuição gratuita em dias úteis.

Somente no fim do século XX, influenciado pelo sucesso da televisão, principalmente nos programas esportivos, o jornalismo investiu nas estórias sobre os craques do universo esportivo, sobretudo o futebolístico. Assim, atualmente os periódicos trazem em suas matérias, além dos resultados, as narrativas sobre a vida pessoal dos jogadores, inclusive nas primeiras páginas.

No contexto dos anos 90, surgiram outras publicações especializadas no esporte, como o *Lance*, que tem importância nacional. O jornal foi lançado, em 26 de outubro de 1997, com sede no Rio de Janeiro, mas com versões regionais e multimídia também. A revista *A+* surgiu em 2000 com a finalidade de ser dedicada a esportes. Já em 2006, foi lançada a revista bimestral *Invicto*, da Editora Esfera BR. E recentemente, em 2008, a revista exclusivamente sobre futebol, a *Revista Fut!*.¹⁹

De modo geral, ao longo dos anos, percebe-se que o modelo informativo foi predominante na imprensa brasileira, muitas vezes relegando a segundo plano as crônicas sobre os jogos, que ficaram famosas, nos anos 30, pelos textos de Nelson Rodrigues e Mário Filho. Ainda hoje, muitos pesquisadores criticam “essa ditadura dos resultados” que foi se impondo no jornalismo esportivo. “A emoção também faz parte do jornalismo, como bem mostraram as crônicas de Nelson Rodrigues no passado. E alguém precisa fazê-la retornar ao cotidiano das páginas esportivas” (COELHO, 2003, p.23).

Na verdade, a editoria de esportes ainda está em continua mudança, principalmente na televisão, cujo início foi profundamente impactado pelas características do jornalismo esportivo do impresso e do rádio. “No caso da editoria de esportes na televisão brasileira, os critérios hoje vigentes são frutos de uma história de mais de 50 anos de experimentações, erros e acertos” (SHUEN, 2005, p.07).

5.2 A consolidação da TV e suas relações com o esporte

A televisão brasileira surgiu em 1950, com a inauguração do Canal 3 (TV Tupi/ PRF 3/São Paulo), por Assis Chateaubriand Bandeira de Mello. Neste início, a televisão era influenciada pelo rádio e na editoria de esporte também era da mesma forma. “Quase todos os profissionais migraram do rádio [...]. A forma de narração também foi herdada, tornando-se óbvia e sem ritmo para quem está assistindo. O locutor narrava o que o telespectador estava vendo” (CARREIRO e DEBS, 2003, p.31).

¹⁹ Existem outras revistas esportivas internacionais, nacionais e locais.

Para Guerra (2007) as primeiras partidas transmitidas pela televisão eram monótonas, pois os locutores esqueciam e esquecem que as imagens falam por si.²⁰

Uma outra característica do rádio que se incorporou à televisão, segundo Camargo (1998), foi o microfone volante, que permitia ao jornalista circular o tempo todo, inclusive pelo campo. Atualmente este profissional é conhecido como repórter ou jornalista de campo, mas na época do rádio era chamado de locutor de campo. Esse repórter tem a função de estar atento às situações dentro e fora das partidas para informar sobre algum fato quando solicitado pelo locutor e preparar as perguntas que serão feitas no fim da partida aos jogadores e técnicos.

Assim, inicialmente, as transmissões das partidas de futebol seguiam o modelo radiofônico.

[...] pesquisas realizadas pela rádio Bandeirantes, no final dos anos 50 provaram que mais de 50% dos telespectadores que assistiam à transmissão de futebol pela televisão baixavam o volume e ouviam a narração dos locutores de rádio. As narrações radiofônicas eram mais criativas e envolventes, ao contrário das primeiras transmissões de futebol pela televisão, que eram sem ritmo e cheias de obviedade, de acordo com relatos da época. (CAMARGO, 1998, p.60).

A primeira reportagem esportiva televisiva, por sua vez, foi ao ar em 1950, na TV Tupi sobre uma partida entre a Portuguesa de Desportos e São Paulo. Durante os anos posteriores, mais especificamente na década de 60, houve, conforme Camargo (1998), um declínio das rádios e uma ascensão da TV. Nesta mesma época, surgiu o documentário Canal 100, dirigido por Carlos Niemeyer, “[...] e veiculado regularmente nos cinemas, antes da projeção do filme principal. Através dos enquadramentos de câmeras, o Canal 100 criou uma maneira nova de veicular as imagens do futebol e, em consequência, uma nova linguagem” (CAMARGO, 1998, p.58).

Em relação à televisão, houve muitas dificuldades para a realização de uma boa cobertura esportiva, já que a tecnologia disponível nos seus primórdios não permitia tal ação. Somente nos anos 60, com a chegada do videotape ao Brasil, possibilitou-se que os programas televisivos se tornassem diários, inclusive os esportivos. Porém, houve por parte dos

²⁰ Em seu trabalho, Guerra (2007) explica que a maioria das narrações continua sem emoção. Contudo, destaca que o narrador “Silvio Luiz é, provavelmente o que já encontrou a fórmula de transmitir o futebol pela tv sem cair na mesmice.” (GERRA, 2007, p.10).

dirigentes dos clubes de futebol uma reação contrária à utilização das novas tecnologias na cobertura esportiva.

Isso aconteceu, por exemplo, no Campeonato Carioca de 1958: “Com tantas estrelas jogando, Tupi e TV Rio decidiram transmitir os jogos ao vivo, mas enfrentaram a oposição dos clubes, sob a mesma alegação já usada contra o rádio, na década de 1930, de que a televisão acabaria tirando o público dos estádios” (RIBEIRO, 2009, p.170)

Na década de 70, porém houve um grande avanço para as coberturas esportivas. Isto porque os jogos da Copa do Mundo do México, em 1970, passaram a ser transmitidos ao vivo pela televisão brasileira. Segundo Camargo até este momento os eventos esportivos transmitidos na televisão eram notas sobre as partidas. “A transmissão esportiva mundial de futebol, em 1970, foi um marco na história da televisão brasileira. Pela primeira vez os telespectadores puderam assistir aos jogos ao vivo, transmitidos por um *pool* de redes brasileiras de TV, entre elas a Globo” (MÊMORIA GLOBO, 2004, p.56)

Nesta época de ditadura, assim como no impresso, houve uma expansão das matérias esportivas televisivas e uma associação do sucesso da Seleção Brasileira de Futebol com as ideologias políticas da época.

“As câmeras mostravam para todo o país o presidente do Brasil na época, Emílio Garrastazu Médici, batendo bola com a seleção, veiculando o sucesso de seu governo ao da conquista no futebol” (CARREIRO, 2003, p.33). Ainda nesta década, mais precisamente em 1973, conforme Shuen (2005), a Rede Globo colocou no ar, inspirado no modelo do programa norte-americano ABC Sports, o programa semanal Esporte Espetacular, que une até hoje jornalismo e entretenimento no noticiário esportivo. Ainda conforme Shuen (2005), as notícias são, sobretudo, do universo do futebol e suas celebridades.

Até o Campeonato Brasileiro até 1987, segundo Camargo (1998), as partidas não eram transmitidas ao vivo para todo o Brasil, pois os dirigentes dos clubes acreditavam que a veiculação das imagens poderia afastar o público dos estádios. A cobertura jornalística das transmissões de jogos, por sua vez, de acordo com Shuen (2005), ganhou destaque em 1978, com o surgimento do programa diário Globo Esporte (14 de agosto de 1978), substituindo o programa Copa Brasil.

Com isso, o esporte, em especial o futebol, ganhou destaque na televisão brasileira, sobretudo nos finais de semana, quando ocorre a maioria das partidas. No domingo, os programas esportivos prevalecem na grade de programação das emissoras. “As telenovelas e os programas de esportes situam-se como os de maiores audiências durante a semana. [...]

Nos sábados e domingos, finais de semana, os programas de entretenimento e os esportivos dividem a audiência e a preferência do público” (CAMARGO, 1998, p.65).

Mas como são os formatos dos programas do gênero esportivo? Para Camargo (1998), a produção/edição e características dos programas de gênero esportivo, principalmente os brasileiros, são híbridas. Ela explica que o esporte encontra-se na mídia audiovisual, nas categorias relativas a entretenimento, informação e educação. Além de também aparecer nas publicidades relacionadas com os produtos esportivos.

Camargo (1998), em sua tese, categoriza as informações esportivas em: boletim, revista, telejornalismo de informações gerais, telejornalismo especializado, a transmissão de um evento esportivo e outras. “É necessário esclarecer que a classificação dos esportes veiculados na mídia televisiva reveste-se de uma particularidade. Em princípio, podemos apontar que os programas esportivos completam-se entre si” (CAMARGO, 1998, p.68).

O boletim, segundo a categorização de Camargo (1998), tem como característica a oferta de um conjunto de informações simples, com um tempo pré-determinado. Porém sua inserção na grade de programação não é regular. Ocorre principalmente antes de um evento esportivo ou durante a transmissão dos mesmos. Já a revista é exibida normalmente aos sábados e domingos: possui informações dos mais diversos assuntos esportivos e utiliza recursos mais bem elaborados.

São programas que reúnem vários gêneros. Encontramos nesta categoria as reportagens, notícias, entrevista, debate, editorial, comentário, resenha, crônica e caricatura. Cobrem os eventos nacionais e internacionais, mostrando as principais competições de vários esportes, desde os mais conhecidos até aqueles sem repercussão. Em alguns programas encontramos os recursos eletrônicos utilizados nas reportagens, assim como computação gráfica. (CAMARGO, 1998, p.70).

Os programas Esporte Espetacular (Rede Globo) e Cartão Verde e Grandes Momentos do Esporte (TV Cultura) são alguns exemplos desta categoria. Outro grupo apontado por Camargo (1998) é a transmissão de um evento esportivo, que pode ser total ou parcial. “As imagens podem ser veiculadas ao vivo, direto do local do evento, ou serem gravadas, para serem veiculadas oportunamente” (CAMARGO, 1998, p.72).

Ainda segundo Camargo (1998), as transmissões esportivas utilizam notícias, notas, entrevistas²¹, comentários²², reportagens²³ para a construção da matéria. Na maioria das vezes

²¹ Os jornalistas entrevistam as suas fontes para obterem declarações que validem as informações apuradas, despertem novas pautas e relatem as situações vividas pelos personagens.

contam com locutor, comentarista e repórteres de campo. O esporte no telejornalismo de informações gerais também foi uma categoria apontada por Camargo (1998). São os blocos separados de esporte que aparecem nos telejornais gerais diários. Esse bloco apresenta suas próprias características e em alguns casos um apresentador diferenciado.

O telejornalismo especializado, conforme Camargo (1998), tem como principal característica sua veiculação diária no período do almoço (12h e 13h) e geralmente possui duração de 15 a 20 minutos – talvez seu representante mais típico no Brasil seja o Globo Esporte. Estes programas utilizam diversos gêneros jornalísticos, como notícias, notas, entrevistas, resenhas²⁴, comentários, crônicas²⁵ e caricaturas²⁶ para informar sobre as principais atividades esportivas, na maioria das vezes sobre o futebol.

Estes programas são divididos em blocos, sendo que no primeiro encontramos as notícias esportivas regionais e, nos demais, informações de caráter nacional e internacional. O enfoque central é mostrar as últimas novidades do esporte. É utilizada uma linguagem mais criativa, associando-a com charges e músicas. (CAMARGO, 1998, p.75)

Este tipo de jornalismo apresenta características próprias como: linguagem da guerra, textos mais criativos, imagens que priorizam a emoção entre outros. Camargo (1998) ainda afirma que o esporte pode aparecer em programas que não têm como pauta o jornalismo, assim como em propagandas.

A essas categorizações, é preciso acrescentar as mesas redondas, em que há discussões do universo esportivo, sobretudo do futebol, entre os componentes da mesa. “Em 1954, Mesa Redonda, passou a ser o programa precursor das atuais mesas de debates esportivos exibidos nos finais de semana” (RIBEIRO, 2009, p.158)

Em todas suas diferentes formatações, em relação às redes abertas de televisão, Bandeirantes e Globo têm um investimento maior no número de programas de esportes nas suas grades de programação. Mas a TV aberta já não constitui a única opção. Outro espaço que tem se dedicado aos programas esportivos é a televisão fechada (por assinatura).

²² Segundo Coutinho (2003), o comentário é o espaço onde ocorre a apresentação de uma opinião, geralmente relacionada a um fato ou tema coberto pelo telejornal.

²³ A reportagem é um gênero jornalístico baseado no testemunho direto dos fatos e situações explicadas em palavras.

²⁴ A resenha compreende a notícia que abrange vários nomes e fatos similares.

²⁵ A crônica é publicada na mídia com a finalidade de refletir sobre um determinado tema e fato.

²⁶ Caricatura é a “representação burlesca de pessoas ou fatos”, (BUENO, 2000, p.1170).

Nessas emissoras, há canais com conteúdo 100% esportivos – como, por exemplo, a ESPN Brasil e o SporTV. A ESPN Brasil, filial da ESPN Americana (*Entertainment and Sports Programming Network*), foi lançada no Brasil em 1995. O canal americano está no ar desde 1979, em todo o continente americano e em alguns países da Europa e da Ásia e é especializado em coberturas esportivas.

No Brasil, a emissora muitas vezes não possui os direitos de transmissão do futebol nacional. “Com a dificuldade de adquirir os direitos das principais competições nacionais, nas mais diversas modalidades, o canal optou por intensificar a programação jornalística, estimulando principalmente os programas de debates” (VIEIRA, 2007, p.37). Já o SporTV surgiu em 1991 com o nome Top Sport. Somente em 1994 se transformou em SporTV e adquiriu o direito de transmissão dos principais eventos esportivos do mundo e do Brasil. Mas o futebol é o grande destaque da emissora.

Com a exclusividade de transmissão do Campeonato Brasileiro e dos principais torneios estaduais, já há algum tempo, o SporTV transformou o futebol no seu principal negócio, comandando toda a programação. Outra vantagem, da qual o canal sabe se beneficiar muito bem, é o fato do Sistema Globosat também ser o detentor do *Pay-per-view* dos jogos. Sistema em que o assinante adquire o pacote e assiste a todos os jogos de uma competição, inclusive no local onde ele é realizado. (VIEIRA, 2007, p.41)

A partir dessa descrição observamos que há uma crescente valorização do esporte, em especial na televisão seja no canal aberto ou no fechado.

Com o advento da televisão fechada, a cabo ou satélite, verificou-se uma transformação na grade de programação destas emissoras, que incorporam os programas esportivos especializados em vários esportes, ampliando assim o mercado dos comunicadores especialistas. Já na televisão comercial brasileira não encontramos, em sua grade de programação, programas especializados em esportes, como basquete, vôlei e hipismo. Os programas apresentam as mais diferentes matérias, mantendo o enfoque principal para o futebol, por ser a paixão nacional e porque rende mais cotas de publicidade. (CAMARGO, 1998, p.168)

Assim, o esporte, desde os primórdios do rádio, passando pelo impresso, chegando à televisão e atualmente na internet também, tem sido um grande sucesso, seja na venda de jornais, no número de acesso ou nas audiências radiofônicas e televisivas. É preciso discutir, portanto, o que tem caracterizado, do ponto de vista de suas especificidades, o telejornalismo esportivo.

5.3 Características do telejornalismo esportivo e o bloco de esportes no telejornalismo geral

O jornalismo esportivo, de maneira geral, possui características próprias da sua área, que se estendem ao telejornalismo esportivo. Um exemplo é a maior possibilidade de uma abordagem mais criativa – nem sempre praticada, é verdade, mas potencialmente mais presente ali do que em outras editorias mais sisudas (como economia).

Mesmo que muitos programas apostem na ultrapassada fórmula de apenas apresentar resultados, é possível abordar assuntos esportivos a partir de conexões com outras áreas - aspectos econômicos, políticos ou internacionais que afetam diretamente o esporte. “É necessário o detalhamento, a escolha de um ângulo ainda não explorado, procurar descobrir o possível impacto daquelas informações no tema tratado” (BARBEIRO, 2006, p. 21).

Nesse sentido, o investimento em boas pautas se faz necessário. Conforme Barbeiro (2006, p.25), é possível perceber o uso excessivo da agenda, ou seja, o mais comum nesta editoria é pautar os repórteres exclusivamente para a cobertura instantânea dos fatos, envolvendo a apuração do antes, durante e depois das partidas esportivas: esta abordagem negligencia oportunidades de inovação.

[..] a cobertura esportiva limita-se a um espaço de atuação limitada, que se confunde, quase sempre, com o antes, durante e depois dos jogos e competições. Não há vida fora dos torneios, e, por isso, as pautas ficam pobres, endereçando-se para a fofoca e a intriga, quando há temas absolutamente fundamentais para serem tratados. (BUENO, 2005, p.21).

Ainda de acordo com Barbeiro, para sair deste trivial é preciso investir nas entrevistas, que possibilitam obter informações importantes e até furos de reportagem. Porém, em relação às entrevistas no jornalismo esportivo, observa-se que, frequentemente, as perguntas já trazem as respostas. “Dizem que o jogador fala sempre a mesma coisa. Não será porque as perguntas também são sempre as mesmas? [...] Não faça perguntas que já vêm com a resposta embutida, ou perguntas que já vêm com várias respostas, como uma questão de múltipla escolha” (BARBEIRO, 2006, p.36).

Em relação à linguagem, o jornalismo esportivo, em tese, admite um texto mais criativo. Contudo, muitos jornalistas abusam do uso de clichês, gírias e chavões. Uma outra característica evidente desta editoria é a emoção. Porém, é importante ter cautela no seu uso

porque “transforma um evento esportivo em grande espetáculo no qual o simples passe de um jogador para outro é narrado com grande entusiasmo é exagero” (BARBEIRO, 2006, p. 45).

Ainda sobre a linguagem do jornalismo esportivo e em especial do telejornalismo especializado nesta editoria, destaca-se o uso de jargão extraído do linguajar da violência (seja advinda do crime, seja da guerra).

Seja no rádio, na TV, na internet ou nas páginas dos jornais, constantemente, a imprensa transporta a linguagem do crime para o esporte. “É matar ou morrer”, “jogo mata a mata”, “a torcida vai botar fogo no estádio”, “duelo de matadores”, “fuzilar o adversário”, “está lá um corpo estendido no chão” e por ai vai, Isso só contribui para o crescimento da violência e os torcedores não freqüentarem os estádios. (BARBEIRO, 2006, p.107).

Essa característica da linguagem bélica sobressai no telejornalismo especializado, mas nem tanto nas notícias de esporte no telejornalismo geral, no qual a linguagem adotada está mais próxima dos feitos épicos e da celebração - principalmente quando relacionada a competições que envolvam equipes que representam o país, como as Olimpíadas e as Copas do Mundo. Assim as matérias são construídas mais no intuito de integrar a nação na torcida pela equipe do país.

Como o telejornal geral é apresentado diariamente e divididos em blocos, as notícias esportivas estão num desses blocos, geralmente no último. Isto porque, em tese, o telejornal tem que ser finalizado com notícias “boas”. O Jornal Nacional, por exemplo, adota na maioria das vezes essa teoria.

Em função dessa diretriz, uma das alternativas utilizadas na paginação ou montagem da ordem de apresentação das matérias a serem veiculadas, seria o encerramento do programa com uma matéria esportiva, frequentemente. “Difícilmente o esporte vai me dar uma matéria que depois não caiba um ‘Boa-noite’, tranquilo, arejado”, avalia [Bonner em entrevista a autora], acrescentando que na emissora há uma norma estabelecida por Evandro Carlos de Andrade que, em casos de notícias tristes ou pesadas, determina a substituição do ‘Boa-noite’ pelo ‘Até amanhã’. Mas o casal de apresentadores gostaria de dizer boa-noite, segundo o editor, razão para que fosse definida uma estratégia para garantir essa forma de encerramento. (COUTINHO, 2003, p.185).

Para Camargo (1998), os acontecimentos esportivos aparecem no bloco do telejornal como narração, comentários, informações e resultados das rodadas. “A inserção do bloco sobre informações esportivas está entre 2 e 3 minutos, dentro do telejornal” (CAMARGO,

1998, p.72). Porém, durante eventos midiáticos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, o esporte ganha destaque, ocupando grande parte da programação.

Isso aconteceu, por exemplo, na Copa da Alemanha em 2006, quando a apresentadora do JN, Fátima Bernardes, ancorava o telejornal diretamente do país sede da Copa, em diálogo com William Bonner na bancada do telejornal. “A participação de Fátima em lugares sempre diferentes permitiu a Bonner usar um bordão que caiu no agrado popular. Todo dia ele iniciava o jornal perguntando; ‘Onde está você, Fátima Bernardes?’ (MÉMORIA GLOBO, 2004, p.352).

As notícias esportivas eram majoritárias, mesmo sendo ano de eleição no país. Uma prova do interesse pelo evento foi que, “na Copa da Alemanha, a Globo, bate mais um recorde levando 185 profissionais, entre jornalistas, produtores e técnicos e equipe de apoio” (VIEIRA, 2007, p.26).

O bloco esportivo aparece nos telejornais de âmbito nacional, como no Jornal Nacional, Bom dia Brasil e Jornal da Record e nos telejornais locais como MGTV e Jornal da Alterosa (ambos veiculados no Estado de Minas Gerais).

Especificamente no Jornal Nacional, objeto de estudo de trabalho, observa-se que o esporte ganhou espaço ao longo da década de 1970. Segundo o Memória Globo (2004), até a Copa do Mundo da Argentina em 1978 o tempo de esporte no telejornal era curto e as matérias destacavam apenas o resultado dos jogos. “O evento que marcou foi a Copa do Mundo da Argentina em 1978” (MÉMORIA GLOBO, 2004, p.130). Dessa forma, passaram a ser apresentados vários assuntos sobre a Seleção Brasileira e a competição.

Um outro aspecto interessante é que no início da década de 1980, o JN passou também a apresentar um bloco de esportes inteiro aos sábados. Conforme o Memória Globo (2004), havia uma bancada própria com Léo Batista e Fernando Vannucci, que se revezavam, a cada semana, no noticiário de esportes. Atualmente o bloco de esportes no JN aparece em todas as edições do telejornal e é apresentado pelos próprios apresentadores do JN.

De maneira geral, atualmente nos telejornais nacionais, não costuma haver um âncora específico para este bloco, o que, por sua vez, ocorre no local. “Em alguns casos encontramos um apresentador diferenciado daquele que conduz o jornal. Este narra os acontecimentos esportivos, comenta e informa os resultados da última rodada, de qualquer esporte” (CAMARGO, 1998, p.72). Já sobre os gêneros jornalísticos mais utilizados nestes blocos, segundo Camargo (1998) estão às notas cobertas, notícias, e resenhas.

O mais relevante, para o presente projeto, é a constatação de que existe uma dramaturgia do telejornalismo brasileiro que se manifesta nas coberturas esportivas. Na

cobertura da Seleção Brasileira, por exemplo, sua trajetória é contada em capítulos e por meio dos personagens, já que a competição geralmente tem duração superior a um dia. Miguel de Moragas (1994) exemplifica essa dramaturgia do esporte:

El caso mas reciente de esta telenovelización del deporte lo constituye el conflicto entre las patinadoras norteamericanas Nancy Kerrigan (buena y bella) y Tonya Harding (mala y conflictiva), que determinó que sus actuaciones en Lillehammer consiguieran grandes récords de audiencia, no sólo de la historia del deporte televisado, sino de la propia historia de la televisión norteamericana: 64 por ciento de los telespectadores (share), un miércoles en la "hora óptima de audiencia", en diferido, lo que representa 126 millones de personas. (MORAGAS, 1994, p.01).²⁷

Nesse contexto, a personificação e as histórias de interesses humano no universo dos esportes são de extrema importância. Isto porque esse aspecto é uma valorização contemporânea e gera os processos de identificação e projeção do telespectador. Assim, segundo Shuen (2006), os noticiários esportivos estão se pautando cada vez mais em personagens, sejam eles anônimos ou celebridades. Determinados eventos são especialmente relevantes para a construção destes personagens: as cerimônias midiáticas relativas a atividades esportivas são promoções que a proporcionam em grande quantidade. Esse tema será apresentado no próximo subitem.

5.4 Os acontecimentos midiáticos e os esportes

As emissoras de televisão possuem uma grade de programação fixa, que orienta o seu público em relação aos dias e horários de um determinado programa. Esse aspecto da TV afeta diretamente o cotidiano das pessoas, a construção da agenda de compromissos particulares. “Por esse motivo, a programação televisiva funciona, para muitas pessoas, como um marcador de tempo, um relógio, que serve para definir horários para compromissos profissionais e sociais (depois da novela das oito, antes do *Fantástico* etc.)” (REZENDE, 2000, p.32).

²⁷ Tradução pelo autor: O caso mais recente desta telenovelização do esporte constitui o conflito entre as patinadoras norte-americanas Nancy Kerrigan (boa e bala) e Tonya Harding (chata e conflituosa), que determinou que suas ações em Lillehammer conseguissem grandes recordes de audiência, na história do esporte televisionado, senão da própria história da televisão norte-americana: 64 por cento dos telespectadores (share), numa quarta-feira, na “hora ótima de audiência”, o que representa 126 milhões de pessoas. (MORAGAS, 1994, p.01).

Mas por outro lado, a televisão também apresenta acontecimentos que quebram essa rotina, que são denominados acontecimentos midiáticos ou cerimônias televisivas.

As audiências recebem-nas como um convite – ou mesmo uma ordem – para pararem a rotina diária e partilharem uma experiência festiva, e se esta festividade está para a normalidade como um feriado está para o comum dos dias, estes acontecimentos são os dias de férias da comunicação social. (DAYAN e KATZ, 1999, p.17).

Uma das diferenças mais nítidas entre os acontecimentos midiáticos e os demais programas, conforme Dayan e Katz (1999), é essa interrupção da rotina, do fluxo da programação. Além disso, é importante ressaltar que esses acontecimentos param, na maioria das vezes, as emissões de quase todos os canais, para a transmissão ao vivo do acontecimento, que induz às pessoas a testemunharem e a participarem (mesmo que mediadamente) do evento.

Normalmente os acontecimentos midiáticos são organizados fora dos meios de comunicação, sendo que a mídia coopera com o evento, na maioria das vezes, com a transmissão. “De uma maneira geral, no entanto, estes acontecimentos não são organizados por quem os transmitem, mesmo se são concebidos ‘tendo em vista’ a televisão. Os media ou são chamados ou pedem para fazer a cobertura” (DAYAN e KATZ, 1999, p.21).

Dessa forma, a televisão cria, com antecedência, uma expectativa sobre o evento, com anúncios e publicidades. Contudo, nem todos os acontecimentos são pré-planejados, como as mortes, as tentativas de assassinato. As cerimônias, de maneira geral, convidam a uma veneração, por meio do hino nacional, como exemplificam Dayan e Katz (1999). “Estas transmissões integram as sociedades num pulsar colectivo e invocam uma renovação da lealdade para com a sociedade e com a sua autoridade legítima” (DAYAN e KATZ, 1999, p.23).

Sobre a linguagem dos acontecimentos midiáticos, Dayan e Katz (1999) destacam que tanto as imagens quanto as palavras são desaceleradas, já que precisam entrar no ritmo do cerimonial. Os autores ressaltam ainda que as imagens dos acontecimentos midiáticos têm um peso maior em relação às palavras e os aspectos estéticos são importantes neste contexto. Os acontecimentos midiáticos em sua maioria são aclamados como históricos, como a chegada do homem a lua.

Havia grande expectativa para as transmissões, que começaram por volta das 21h e só terminaram às 3h da madrugada, reproduzindo a cena espacial ao

vivo: do pouso da nave, da descida dos astronautas sobre o solo lunar e do passeio ao redor, até o regresso novamente ao módulo espacial. A Rede Tupi transmitiu essas cenas. (BARBOSA, 2004, p.07).

Assim, é possível afirmar que as cerimônias midiáticas têm como um de seus objetivos a reintegração da sociedade. “São experiências partilhadas, unindo os telespectadores uns aos outros e às suas sociedades” (DAYAN e KATZ, 1999, p.27). Nessa busca de integração, a retórica se mostra um elemento importante. Segundo os autores, “na narração dos acontecimentos mediáticos, faz-se com que os heróis do sistema apareçam mais audazes do que realmente foram” (DAYAN e Katz, 1999, p.14).

Conquista, competição e coroação são abordagens recorrentes para enquadrar estes acontecimentos. Os autores afirmam que a *conquista* refere-se eventos raros, tanto nos aspectos de ocorrência quanto de eficácia. *Coroações* são os cerimoniais de cortejo, como os funerais, por exemplo, movidos pela tradição.

Já as *competições* “vão desde o Campeonato do Mundo aos debates presidenciais, dos Jogos Olímpicos às audiências do caso Watergate. A sua área é a do desporto e a da política. São combates regulamentados entre campeões. Atraem centenas de milhões de espectadores” (DAYAN e KATZ, 1999, p.38). Sobre a forma como estes acontecimentos são apresentados ao público, Dayan e Katz (1999) destacam que os acontecimentos ficam na fronteira entre a ficção e a realidade, e que possuem elementos de ambas.

Dado o estatuto de fronteira destas formas de narrativa entre documentário e ficção, a transmissão televisiva de tais acontecimentos serve para destacar o modo como as audiências são induzidas a vacilar entre a realidade e ficção, entre estar lá e estar em casa. (DAYAN e KATZ, 1999, p.41).

De maneira geral, como explicam Dayan e Katz (1999) a televisão distribui os papéis do evento, aos protagonistas e aos telespectadores, e simultaneamente comenta a natureza desses papéis. Por exemplo, no caso das *competições* é enfatizada a rivalidade entre os competidores (na narração da Copa do Mundo é exaltada a “rixa” entre as nações participantes). E, nas *conquistas*, focam num tom de suspense, na complexidade da tarefa, dos riscos que envolvem a situação.

A audiência, por sua vez, também pode desempenhar diversos papéis de acordo com o enquadramento. Conforme Dayan e Katz (1999), nas *competições*, os telespectadores assumem o papel de partidários (torcedores de uma equipe) e de árbitro (julga o vencedor, a regras etc.). Já nas *conquistas* o público assiste respeitosamente à glória e à coragem do herói.

E nas *coroações*, as audiências aprovam o evento, reafirmam o juramento de fidelidade, dos valores que estão sendo exaltados.

Nesse sentido, é importante destacar que os acontecimentos midiáticos têm três co-autores: os organizadores, os canais de televisão e as audiências.

Um outro ponto importante sobre os acontecimentos midiáticos é a forma como esses eventos são apropriados pelos telespectadores. Conforme Dayan e Katz (1999) os acontecimentos midiáticos têm lugar na memória coletiva não como foram encenados, mas como foram transmitidos. “A maior parte dos acontecimentos são radicalmente transformados pela televisão, tornando-se frequentemente irreconhecíveis para as pessoas que assistiram no local” (DAYAN e KATZ, 1999, p.82).

Nessa transmissão, como já foi destacado anteriormente, a narração aparece como um elemento significativo. Dayan e Katz (1999) afirmam que a televisão por meio da sua forma de narrar pode proporcionar menos ou mais identificação do público com o evento. O certo é que, segundo Dayan e Katz (1999) a casa é convertida em cerimonial, compartilhando a ideia de que está acontecendo a mesma coisa em todos os outros lares. Por exemplo, durante a Copa do Mundo nos jogos da Seleção Brasileira de Futebol, o público se reúne para assistir aos jogos partilhando comidas e bebidas.

Assim, eventos esportivos transmitidos pela mídia (como os jogos da Seleção Brasileira de Futebol, por exemplo), podem ser considerados acontecimentos midiáticos, mais especificamente enquadrados na categoria de *competição*. Mas as etapas de conquista e coroação também se fazem presentes ao longo dos campeonatos e jogos, representados, sobretudo, na figura de um “herói” que ultrapassa as suas limitações para obter a glória (*conquista*) e que celebra, devido às vitórias numa partida (*coroação*).

Dessa forma, percebem-se a importância do esporte como acontecimento midiático e o fato de que as narrativas das coberturas esportivas frequentemente articulam-se para despertar o sentimento de união nacional. Se isso é verdade, o modo como o telejornalismo cobre eventos envolvendo, por exemplo, a Seleção Brasileira constitui um objeto de pesquisa relevante para avaliar quais discursos são acionados para produzir coesão nacional. Seria este um espaço privilegiado para a divulgação das narrativas míticas sobre a identidade nacional brasileira? É o que se supõe aqui.

Para testar esta hipótese, o capítulo que segue apresentará os dados obtidos na análise de conteúdo aplicados nas matérias da Seleção Brasileira no Jornal Nacional durante período de junho a novembro de 2008.

6 A Seleção Brasileira de Futebol como materialização midiática da brasilidade: análise de conteúdo das matérias do JN

O *corpus* analisado na presente dissertação é constituído pelas matérias do Jornal Nacional (JN) relativas à atuação da Seleção Brasileira de Futebol, nos meses de junho a novembro de 2008. Neste período, houve a cobertura de oito jogos da Seleção Brasileira de Futebol, sendo dois amistosos e seis jogos válidos pelas Eliminatórias Sul-Americanas da Copa do Mundo de 2010, mais especificamente da 5ª à 10ª rodada. Durante o período analisado, contabilizaram-se 37 inserções no JN sobre a Seleção Brasileira, incluindo matérias, notas ao vivo e notas cobertas.

Todas as referidas edições do JN foram gravadas e as matérias que tratavam da Seleção foram transcritas na íntegra, tanto no aspecto textual quanto no imagético. Em relação ao conteúdo imagético, priorizou-se a descrição das imagens a fim de estudá-las por meio da análise de conteúdo categorial, com o objetivo de verificação das hipóteses já descritas na Introdução deste trabalho. Tal transposição implica riscos:

Alguns autores salientam que com a transposição do visual para o verbal haveria uma limitação das próprias categorias de análise, que em geral, implicariam uma necessidade de redução dos significados possíveis em uma imagem, já que o número de representações lingüísticas é reduzido em oposição às possibilidades das narrativas visuais. (COUTINHO, 2006, p.334).

Mas ainda, segundo Coutinho (2006), apesar das críticas, em algum momento as análises demandam esta mudança do visual para verbal, seja na etapa da leitura e interpretação ou apenas no momento da redação final. Foi aqui adotada a transcrição da imagem para o verbal já na leitura e na interpretação. Mesmo diante da constatação de que “em todo caso haveria uma dose de subjetividade na transposição”(COUTINHO, 2006, p.334), considera-se que isso não representa um impedimento à leitura da imagem - sobretudo porque o conteúdo visual foi interpretado à luz da especificidade (mas também da complementaridade) destes elementos em relação aos demais que compõem a estrutura narrativa de um telejornal como o JN.

O conteúdo jornalístico relacionado à Seleção foi submetido à análise categorial de conteúdo, definida por Laurence Bardin (1977) como aquela que “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (BARDIN, 1977, p.153). Este é o material que será apresentado no presente capítulo.

Contudo, além da análise de conteúdo, procedeu-se também a uma análise de discurso de cinco matérias do JN que melhor representaram um *ponto crítico* da cobertura – aquelas em que o atacante Robinho foi descrito como jogador-síntese do futebol brasileiro e, portanto, como personificação da brasilidade. Esta análise de discurso constitui o objeto de discussão do capítulo 6.

6.1 Pressupostos de Análise de Conteúdo: contextualizando as categorias sobre brasilidade e os jogos que compõem a amostra

A análise de conteúdo vem sendo utilizada desde o século XVIII, quando uma coleção de hinos religiosos anônimos, denominada *Os cantos de Sião*, foi analisada minuciosamente pela corte suíça a fim de verificar se eles continham ideias perniciosas. Mas somente no início do século XX, foi adotada regularmente por diversas áreas do conhecimento (CORRÊA, 2006, p.280).

Contudo, conforme Wilson Corrêa (2006), esse método teve períodos de grande reconhecimento como na Segunda Guerra Mundial e de desqualificação, sobretudo na década de 1970 entre os pesquisadores marxistas. Hoje há uma revalorização da metodologia, principalmente em virtude do contexto de facilidade de acesso a arquivos jornalísticos pela Web e da possibilidade de utilização de técnicas na análise potencializadas pelo auxílio do computador.

Trata-se de uma metodologia marcada pela utilização de técnicas híbridas, mesclando aspectos quantitativos e qualitativos: “[...] a análise de conteúdo oscila entre esses dois pólos, ora valorizando o aspecto quantitativo ora o qualitativo, dependendo da ideologia e dos interesses do pesquisador. Apesar da introdução da inferência, a empatia pelos números não desapareceu” (CORRÊA, 2006, p.285).

No âmbito deste trabalho, foi utilizada a vertente de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), que pode mobilizar seis técnicas: análise categorial, de avaliação, de enunciação, de expressão, das relações e do discurso. Especificamente nesta dissertação, foi aplicada a análise de conteúdo categorial. “Esta pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido” (BARDIN, 1977, p.36).

O critério de categorização, por sua vez, pode ser semântico (categorias temáticas), léxico (classificação de palavras) etc. Neste estudo, foi utilizado o semântico, ou seja, procurou-se verificar, nos discursos e imagens veiculadas pelo JN, se apareciam palavras ou

imagens a reproduzirem as ideias presentes na narrativa majoritária sobre a *brasilidade* (entendida como um discurso constituído por categorias advindas da contribuição de autores que escreveram sobre a identidade nacional brasileira, tais como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro e Roberto DaMatta).

As narrativas desses autores, anteriormente discutidas, compõem um modelo que reúne seis categorias principais (divididas em suas respectivas subcategorias, abaixo elencadas):

1) *Criatividade* (que engloba imaginação, malandragem e jeitinho advindos da suposta malícia do povo brasileiro em contar e reinventar histórias e da arte de sobreviver a situações difíceis, utilizando as relações pessoais).

2) *Hibridismo* (dimensão relativa à mobilidade, miscibilidade e mistura, que estão relacionadas com a capacidade de adaptação e ao carácter relacional do brasileiro).

3) *Individualismo* (que perpassa as características da individualidade, cordialidade, alegria, prevalência das relações de diferenciação, ou seja, aspectos que envolvem extroversão, emoção e prevalência dos prestígios pessoais tanto para satisfações próprias quanto para resolver problemas).

4) *Misticismo* (relacionada com a religiosidade e com a superstição supostamente advindas da mistura das três raças).

5) *Bravura* (que está diretamente ligada ao heroísmo e à primazia das ações pautadas na aventura).

6) *Prevalência da figura de comando* (que diz respeito à hierarquização rígida e ao patriarcalismo da sociedade brasileira).

Muitos dos discursos que acionam estas categorias as apresentam por meio de um viés essencialista. Pretende-se, na análise de conteúdo aqui realizada, verificar se estas categorias são mobilizadas quando o JN trata da Seleção Brasileira de Futebol e se, ao fazê-lo, representa a identidade nacional brasileira exatamente por meio destes discursos essencialistas e naturalizados, tributários dos textos clássicos sobre a brasilidade que permeiam hoje o senso comum sobre o que signifique ser brasileiro.

Dessa forma, o texto transcrito das matérias do JN foi recortado em unidades comparáveis - no caso, a frase. Cada frase e cada imagem, depois de transcrita, foi analisada em busca da presença destas categorias citadas. Na análise categorial

é fornecido o sistema de categorias e repartem-se da melhor maneira possível os elementos, à medida que vão sendo encontrados. Esse é o procedimento

por “caixas” de que já falamos, aplicável no caso da organização do material decorrer diretamente dos funcionamentos teóricos hipotéticos. (BARDIN, 1977, p.119).

Mas, antes mesmo do estudo do material, as outras etapas propostas por Bardin (1977) foram consideradas: a pré-análise, na qual foram feitas a leitura flutuante (contato inicial com os documentos existente sobre o tema), a escolha do documento (momento onde já é formado o *corpus* da pesquisa), formulação das hipóteses e dos objetivos, referenciação das categorias e a preparação do material. Depois, partiu-se para a exploração do material (administração das técnicas sobre o *corpus*) e então para o tratamento dos resultados e interpretações dos dados obtidos (operações estatísticas – com apresentação de percentuais e gráficos, para facilitar a visualização -, inferências e interpretação). E, no final, os resultados da análise foram postos em diálogo com as hipóteses, pressupostos teóricos e fundamentação teórica.

O período analisado correspondeu aos jogos da Seleção Brasileira de Futebol entre os meses de junho a dezembro de 2008: dois amistosos (Brasil x Venezuela e Brasil x Portugal) e seis jogos válidos pelas Eliminatórias Sul Americanas da Copa de Mundo de 2010 (nos quais a Seleção teve três vitórias, duas derrotas e três empates). No período analisado das Eliminatórias Sul Americanas da Copa do Mundo de 2010, a posição do Brasil alternou do 6º lugar à vice-liderança da competição.

O primeiro jogo analisado foi um amistoso realizado no Gillette Stadium, em Boston (Estados Unidos) no dia 06/06/2008. Neste confronto, a Seleção Brasileira de Futebol enfrentou a Venezuela e perdeu a partida por 2 a 0. O destaque deste jogo foi o fato de que a Seleção - mas principalmente o técnico brasileiro Dunga - sofreu forte pressão tanto da imprensa quanto da torcida, já que foi a primeira derrota brasileira para a Seleção Venezuelana em 17 confrontos.

O segundo jogo aconteceu no dia 15/06/2008, válido pela 5ª rodada das Eliminatórias Sul Americanas da Copa do Mundo de 2010, no estádio Defensores Del Chaco, em Assunção (Paraguai), onde o Brasil também perdeu por 2 a 0 para o Paraguai. As críticas neste momento estavam centradas na postura defensiva da Seleção Brasileira durante o jogo.

Já a 6ª rodada das Eliminatórias foi um clássico entre Brasil e Argentina (18/06/2008), no Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão), em Belo Horizonte. A partida terminou empatada e marcada por aplausos dos torcedores brasileiros ao craque argentino Messi e por críticas aos jogadores brasileiros.

Neste período, a primeira vitória brasileira (3x0) ocorreu no jogo contra o Chile, no Estádio Nacional, em Santiago (Chile), no dia 07/09/2008. A partida válida pela 7ª rodada das Eliminatórias foi marcada pela rivalidade e provocações, principalmente do time e da imprensa chilena, que, após os maus resultados consecutivos do Brasil, apostavam numa grande vitória do seu time.

No quinto jogo (8ª rodada das Eliminatórias), realizado no dia 12/09/2008, no Estádio João Havelange, no Rio de Janeiro, a Seleção Brasileira voltou a empatar, desta vez contra a Bolívia. A repercussão do empate sem gols centrou-se na expectativa de uma grande vitória do Brasil após o bom resultado no Chile, que acabou se transformando em decepção e cobranças do modo que a Seleção Brasileira se apresentou em campo.

Já na partida do dia 12/10/2008 (9ª rodada das Eliminatórias), o Brasil goleou por 4 a 0 a Seleção da Venezuela, no Estádio Pueblo Novo, San Cistóbal (Venezuela). Esse período foi marcado pela volta do jogador Kaká à Seleção Brasileira após 11 meses, ou seja, foi o primeiro jogo do meio campista pela Seleção no ano de 2008. A vitória foi destacada, mas principalmente o desgaste da equipe brasileira, na volta do Chile para o Brasil, em que foram gastas 15 horas de viagem.

O sétimo jogo analisado (10ª rodada das eliminatórias) ocorreu no Brasil (15/10/2008), mais especificamente no Rio de Janeiro, no Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã). A partida contra Colômbia acabou empatada e teve como destaque uma festa de comemoração. O jogador Kaká foi homenageado na calçada da fama do Maracanã e o atacante Robinho teve o drible por ele criado (apelidado de *vai pra lá que eu vou pra cá*) eternizado numa sequência de fotos expostas no estádio. Mas as críticas em relação ao modo defensivo do Brasil jogar também foram destacadas, assim como o pedido, feito pela torcida, da saída do técnico Dunga do comando da Seleção.

O último jogo (19/11/2008) foi o amistoso de encerramento do ano de 2008 da Seleção Brasileira contra a Seleção de Portugal, no Estádio Bezerrão, na cidade satélite Gama (Distrito Federal - Brasil). Esse confronto, no qual a Brasil goleou Portugal em 6 a 2, teve diversos pontos destacados. O jogo, além de ser o último do ano, comemorava também a reinauguração do Estádio no Distrito Federal, que teve o hino nacional com o cantor Zezé Di Camargo, desfile com o piloto brasileiro da fórmula um Felipe Massa e o pontapé inicial dado pelo ex-jogador Pelé.

Além disso, a partida representava o confronto direto entre o melhor jogador do Mundo de 2007 (Kaká) e o principal candidato a melhor do Mundo de 2008²⁸ (o português Cristiano Ronaldo). O destaque dado à goleada acabou convertendo-se também numa ode ao modo brasileiro de jogar futebol.

Quadro 2 Resumo dos jogos da Seleção Brasileira de junho a novembro de 2008

Data	Local	Validade do jogo	Resultado
06/06/2008	Gillette Stadium Boston (Estados Unidos)	Amistoso	Brasil 0 x 2 Venezuela
15/06/2008	Defensores Del Chaco Assunção (Paraguai)	5ª rodada das Eliminatórias Sul Americanas da Copa do Mundo de 2010	Paraguai 2 x 0 Brasil
18/06/2008	Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) Belo Horizonte (Brasil)	6ª rodada das Eliminatórias Sul Americanas da Copa do Mundo de 2010	Brasil 0 x 0 Argentina
07/09/2008	Estádio Nacional Santiago (Chile)	7ª rodada das Eliminatórias Sul Americanas da Copa do Mundo de 2010	Chile 0 x 3 Brasil
12/09/2008	Estádio João Havelange Rio de Janeiro (Brasil)	8ª rodada das Eliminatórias Sul Americanas da Copa do Mundo de 2010	Brasil 0 x 0 Bolívia
12/10/2008	Estádio Pueblo Novo San Cistóbal (Venezuela)	9ª rodada das Eliminatórias Sul Americanas da Copa do Mundo de 2010	Venezuela 0 x 4 Brasil
15/10/2008	Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã) Rio de Janeiro (Brasil)	10ª rodada das Eliminatórias Sul Americanas da Copa do Mundo de 2010	Brasil 0 x 0 Colômbia
19/11/2008	Estádio Bezerrão Gama (Brasil)	Amistoso	Brasil 6 x 2 Portugal

²⁸ O meio-campista português venceu a disputa de melhor jogador do mundo de 2008. O resultado foi divulgado no dia 17 de janeiro de 2009, dois meses após o amistoso entre o Brasil Portugal.

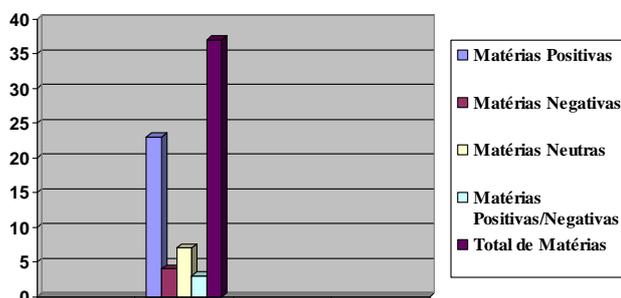
6.2 A Seleção Brasileira de Futebol como metáfora da identidade nacional: análise do conteúdo textual

Das 37 matérias veiculadas pelo JN sobre a Seleção Brasileira de Futebol, 23 foram positivas (62,7%), quatro negativas (10,82%), sete neutras (18,91%) e três (8,10%) mesclavam aspectos positivos e negativos. É importante ressaltar que no período analisado só houve três vitórias em oito jogos (com três empates e duas derrotas). Ou seja, a Seleção neste período não teve apenas boas atuações. Contudo, no JN, as matérias negativas só eram apresentadas na edição depois da derrota - nos demais dias, apareciam sobretudo matérias positivas e em tom de incentivo à Seleção.

Tal dinâmica se evidenciou no seguinte exemplo: “Esta foi uma segunda-feira de trabalho e explicações para a Seleção Brasileira: depois da derrota no Paraguai, o técnico Dunga disse o que pretende mudar na equipe” (JORNAL NACIONAL, 16/06/2008). Já na matéria do dia seguinte, percebeu-se uma mudança de postura. “É Brasil e Argentina. Um clássico com mais de 80 anos de rivalidade, que ultrapassa os limites da razão” (JORNAL NACIONAL, 17/06/2008).

Dentre as matérias positivas, por sua vez, a maioria dizia respeito às vitórias, às atuações de determinados jogadores e às proposições de incentivo à Seleção Brasileira. Já as negativas expressavam críticas à má atuação do time brasileiro, principalmente quando a Seleção optava por um estilo defensivo de jogo – apresentado como “pouco” brasileiro. E as neutras estavam relacionadas à estrutura de estádios, escalação e participação de celebridades nos jogos – ou seja, conteúdo mais factual, sem emissão de juízos de valor. Houve também matérias em que se apresentava viés positivo/negativo – por exemplo, com críticas a alguns jogadores e elogios a outros. A síntese do tipo de enquadramento dado à Seleção no período segue no gráfico abaixo:

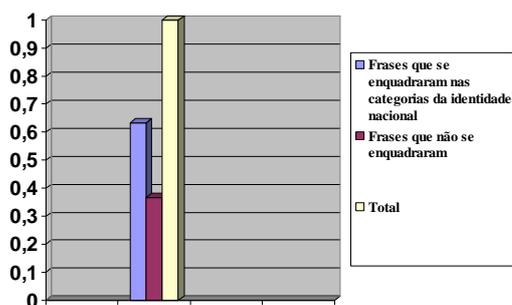
Gráfico 1 Viés das matérias do Jornal Nacional sobre a Seleção Brasileira de Futebol:



Todas as matérias analisadas tiveram alguma frase ou imagem que pudesse ser classificada como associável, direta ou indiretamente, às categorias relativas ao discurso majoritário sobre a identidade nacional brasileira. Num primeiro momento, neste subcapítulo, serão evidenciadas as presenças dessas categorias no nível textual e, posteriormente, no nível imagético.

Tratando-se especificamente do texto, no total, foram 578 frases analisadas, sendo que 366 (63,32%) foram enquadradas em pelo menos uma das categorias relativas ao discurso majoritário sobre a identidade nacional brasileira. Seja por meio de afirmações, de negações ou até mesmos pelos silêncios, sempre transpareceu a idealização da Seleção como uma metáfora capaz de materializar as supostas qualidades inatas da brasilidade (e a equipe se convertia em objeto de crítica exatamente quando essas qualidades não eram apresentadas nas partidas).

Gráfico 2 Total de frases das matérias que remetem, direta ou indiretamente, às categorias de análise sobre brasilidade:



Como exemplo de matéria negativa que, mesmo criticando a equipe, idealizava o que seria o modo supostamente natural de um brasileiro jogar futebol, pode-se citar o texto veiculado no dia 16/06/2008, na derrota do Brasil para o Paraguai. “Ainda mais da forma que perdeu, com postura defensiva, apenas um chute ao gol paraguaio no primeiro tempo” (JORNAL NACIONAL, 16/06/2008). Isto, em tese, reafirma a “naturalidade” de o futebol brasileiro jogar ofensivamente e remete à ideia de que “a saudade daquele futebol considerado ‘arte genuína’ e que teria emergido da mistura de raças de um ‘povo simples e alegre’ é repetidamente acionada e renovada em nossa memória” (SOARES, HELAL e SANTORO, 2004, p.01).

Apenas 212 frases (36,68%) não se encaixavam, pelo menos indiretamente, em nenhuma das categorias sobre brasilidade. Na verdade, os textos sem qualquer conexão possível com narrativas sobre a brasilidade faziam referência, na maioria das vezes, a dimensões meramente factuais: nomes de jogadores escalados para um determinado jogo, contusão e viagens da equipe brasileira, dados estáticos e situação dos estádios que sediaram os jogos.

Esse dado é muito significativo, pois expressa que o JN utilizou-se sistematicamente de um discurso mítico sobre a brasilidade, ao narrar os acontecimentos da Seleção Brasileira. E isso pode interferir diretamente no discurso que os brasileiros fazem de si próprios.

Deste universo correspondente às matérias que, direta ou indiretamente, acionavam discursos essencialistas sobre o modo brasileiro de jogar futebol (baseados, portanto, em qualidades apresentadas como intrínsecas à identidade nacional brasileira), a maioria, 129 (35,25%), relacionava-se à categoria *Individualismo* – mas majoritariamente em sua chave de leitura mais benévola. Isto é, repetiu-se à exaustão a reminiscência, no discurso do senso comum, da avaliação positiva da identidade nacional brasileira (presente, por exemplo, na obra de Gilberto Freyre).

A ênfase na tese de que a cultura brasileira seria marcada por ações de indivíduos que não se atêm nem são contidos por coletivas regras impessoais – e condutas caracterizadas pelas dimensões de prestígio pessoal e busca de satisfações próprias (proposições que aparecem em Sérgio Buarque de Holanda) - também se manifestaram na cobertura do JN sobre a Seleção.

Isso ficou evidente principalmente nos discursos mais focados em personagens específicos do que no conjunto. A ênfase da cobertura em alguns jogadores, tidos como craques, como Robinho e Luís Fabiano, foi indicativa do fenômeno. “E como Robinho não será poupado, é grande a chance do carinho da torcida ser devidamente retribuído. Símbolo da

atual Seleção, o atacante é visto como fundamental para a *beleza e alegria* do espetáculo” (JORNAL NACIONAL, 05/06/2008). Reforça-se, assim, “o paralelismo entre o mito de ‘ser brasileiro’, como alguém ‘festivo’, ‘criativo’, ‘alegre’ e ‘moleque’, e o mito do nosso futebol” (HELAL, SOARES e SANTORO, 2004, p.08).

Paradoxalmente, esta mesma sociedade que louva os “moleques” - tanto na literatura sobre o tema quanto na cobertura do JN – é sistematicamente analisada como muito hierarquizada: houve, na cobertura, expressiva aparição da categoria *Prevalência da figura de comando*, presente em 92 frases (25,14%). Ou seja, reafirma-se o discurso de que a sociedade brasileira é marcada pela família patriarcal e pela hierarquização dela decorrente. “Pelo sorriso deles nada que preocupe. Os jogadores entenderam o recado do chefe” (JORNAL NACIONAL, 10/10/2008).

O foco destas matérias era a aproximação entre a Seleção e a família brasileiras, ambas centradas na figura do patriarca (reverberando uma caracterização presente nas análises da brasilidade em Raymundo Faoro ou Sérgio Buarque, por exemplo). Tal associação Seleção-família apareceu representada até na participação do cantor Dudu Nobre, que cantou junto com o jogador da Seleção Diego a música “Essa família é muito unida e também muito ouriçada. Briga por qualquer razão, mas acaba pedindo perdão [...]” (JORNAL NACIONAL, 04/09/2009).

A *Bravura* também foi uma categoria muito expressiva no discurso do JN sobre a Seleção Brasileira de Futebol neste período, expressa principalmente nos aspectos referentes ao *Heroísmo* – que apareceram, na maioria das vezes, em discursos ressaltando a capacidade de os jogadores brasileiros demonstrarem “raça” em situações de dificuldade. Isso se ilustra, por exemplo, no off²⁹ sobre a atuação do Luiz Fabiano, na matéria do dia 08/09/2008: “[...] mostrou raça e acima de tudo a convicção de que a camisa 9 é agora dele”.

Mas esta narrativa apareceu mesmo sem elementos factuais a sustentá-la: nesses casos, a escolha editorial do JN foi cobrar da Seleção o dever de adotar esta postura (como se ela fosse a conduta naturalmente esperada dos brasileiros). A fala de Galvão Bueno, na matéria que antecedia o jogo contra a Argentina, depois de uma derrota brasileira contra o Paraguai, é sintomática da estratégia: “É uma mudança radical na postura ou como diz a velha máxima do futebol: ir em cada bola como quem tem fome vai a prato de comida” (JORNAL NACIONAL, 17/06/2008).

²⁹ Texto em off é a narração da matéria feita pelo jornalista.

A *Criatividade* apareceu na quarta posição em número de menções, com 41 inserções (11,20%), correspondendo à imaginação/malícia em inventar; ao jeitinho, que conforme Roberto DaMatta, seria o modo pacífico de resolver os problemas por meio das relações pessoais – já a malandragem seria a *profissionalização* do jeitinho. Na cobertura, tais aspectos apareceram, por exemplo, no discurso do JN sobre o drible inventado pelo atacante Robinho.

Na última vez que a Seleção jogou no Rio de Janeiro, ele aplicou um drible que ele próprio considera o mais bonito da sua carreira. “Até porque foi na Seleção, muita gente me perguntou se o drible foi sem querer, se eu consegui acertar ou não. Mas não foi sem querer não.” [Sonora Robinho] (JORNAL NACIONAL, 09/09/2008).

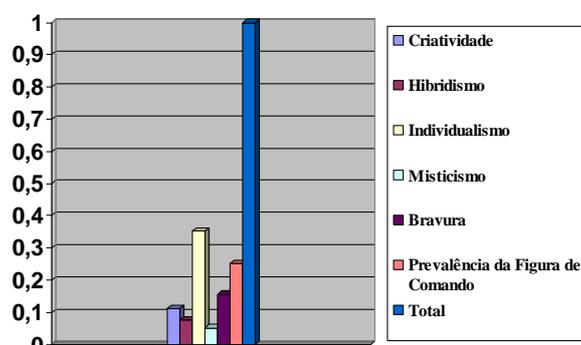
Esta associação da brasilidade a características inventivas tem sido uma tônica dos brasileiros ao falar de seu futebol. Conforme Mello (2006), o futebol do país apresenta características como genialidade, malandragem e habilidade, que se traduzem no discurso do futebol-arte e fazem parte da narrativa sobre a identidade nacional.

Logo em seguida, aparece a categoria *Hibridismo*, com 7,65% (28) das menções. A suposição de que a mestiçagem teria plasmado distintas qualidades originárias das culturas que formaram a brasileira também aparece com frequência quando se fala do futebol. No caso, a Seleção Brasileira seria diferenciada, segundo esses discursos, por ser fruto da mistura de variados povos.

Como sugere Ronaldo Helal, “a ‘essência’ do futebol brasileiro está no ‘drible’, no ‘jogo de cintura’, na ‘malandragem’, características que não se aprendem em escolas mas sim nos ‘campo de pelada’ e onde sua principal figura é o negro, o mestiço, o ‘futebol não-branco’” (HELAL, 2006, p.04). Na cobertura do JN, a grande ênfase centrou-se na narrativa de que, exatamente por esta mistura, haveria grande capacidade de adaptação do brasileiro. “Essa mudança na tabela tem haver também com a mudança do comportamento do time em campo” (JORNAL NACIONAL, 08/09/2008).

E, por último, a categoria *Misticismo* teve 19 aparições (5,19%), principalmente nos discursos sobre a superstição e os tabus do futebol. “Maracanã e eliminatórias em 15 jogos foram 12 vitórias e só três empates, o retrospecto que só aumenta a *mística* do estádio com a Seleção” (JORNAL NACIONAL, 14/10/2008). Esta característica, por sua vez, conforme Daolio (2005), esteve associada ao futebol brasileiro desde seus primórdios.

Gráfico 3 Presença de categorias analíticas nos textos - Geral:



Em relação às matérias positivas, nota-se que a ordem de aparição das categorias foi a mesma da cobertura em geral (1º *Individualismo*/ 2º *Prevalência da figura de comando*/ 3º *Bravura*/ 4º *Criatividade*/ 5º *Hibridismo*/ 6º *Misticismo*). Já nas matérias negativas, a categoria mais utilizada foi a *Prevalência da figura de comando* (31,81%), e que as categorias *Bravura* e *Individualismo* foram utilizadas na mesma proporção (22,73%). A razão é evidente: no subtexto, o JN acusava os jogadores de não estarem atuando com a “brasilidade” devida – o que se traduziria na falta de *Bravura* dos jogadores. “O Brasil que não vai bem é o que ataca, mesmo quando joga em casa, foi o terceiro zero a zero diante da torcida” (JORNAL NACIONAL, 16/08/2009).

Gráfico 4 Presença de categorias analíticas nos textos - Matérias Positivas:

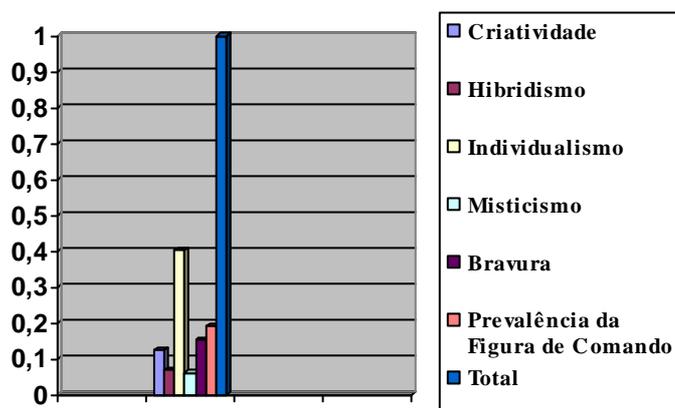
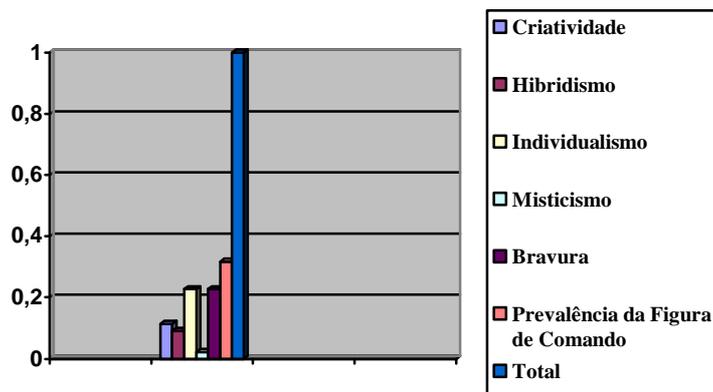


Gráfico 5 Presença de categorias analíticas nos textos – Matérias Negativas:



Nas matérias neutras, por sua vez, o destaque foi à expressiva aparição da categoria *Misticismo* (3ª – 9,37%), expressa por exemplo pelo conceito de tabu. “Há quase quatro anos o Brasil não vence uma partida fora de casa pelas eliminatórias” (JORNAL NACIONAL, 12/06/2008). E nas matérias com o viés positivo-negativo, a ordem permaneceu a mesma da cobertura geral, contudo houve um crescimento da presença da categoria *Prevalência da figura de comando*, que chegou a quase metade das inserções, cerca de 47,5%.

Gráfico 6 Presença de categorias analíticas nos textos – Matérias Neutras:

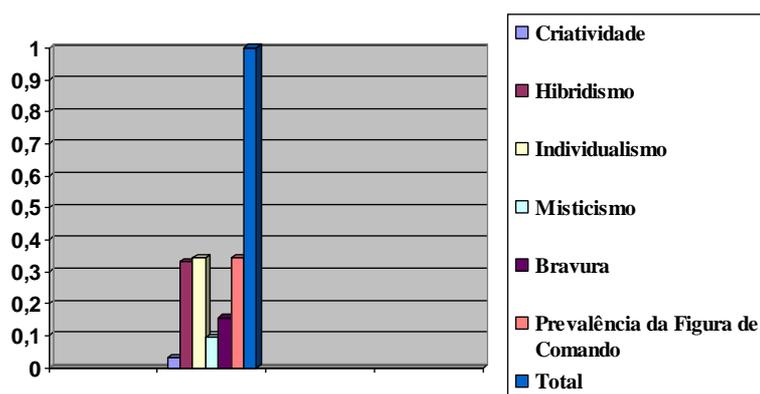
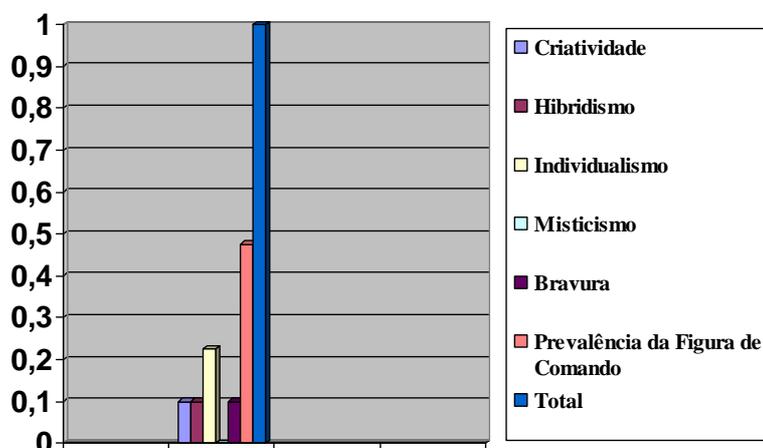


Gráfico 7 Presença de categorias analíticas nos textos – Matérias Positivas/Negativas:



6.3 A Seleção é o Brasil: paradoxos e recorrências nas categorias e subcategorias de análise

A categoria relativa à *Prevalência do Comandante* foi expressa, ao longo de toda a cobertura, na caracterização de seriedade do técnico da Seleção Dunga, como, por exemplo, na edição do JN depois da partida contra a Argentina: “Quase dois anos depois de assumir o comando da Seleção Brasileira, o técnico Dunga realizou ontem contra a Argentina sua 30ª partida no cargo sem festa como mostra o Repórter Renato Ribeiro” (JORNAL NACIONAL, 19/06/2008).

A imagem e falas de Dunga foram frequentemente utilizadas para representar o patriarca da família Seleção, com uma forte hierarquização. Dunga foi representado como um técnico sério e centrado, mesmo quando era questionado pela torcida e pela própria mídia. No período analisado, a imagem, os offs e as sonoras mais exploradas eram do técnico Dunga tanto nas vitórias quanto nas derrotas.

Esta paradoxal associação que marcaria a identidade brasileira, segundo a literatura (ou seja, estrutura fortemente hierárquica, mas louvação cultural dos indivíduos criativos e desviantes), apareceu também na cobertura do JN: outro aspecto muito explorado foi a figura dos craques na individualidade (subcategoria dentro do Individualismo – 16,66%). Ou seja, além do técnico, era nos jogadores tidos como craques, sobretudo atacantes, que as narrativas estavam centradas, reforçando o aspecto da prevalência do prestígio individual, mas do que a ênfase no coletivo.

Nesse sentido, Kaká, mesmo tendo ficado 11 meses fora da Seleção, sempre teve destaque no noticiário, até mesmo com a notícia do nascimento do seu filho. “Nasceu hoje de madrugada em São Paulo Lucas Leite. O bebê de 3kg e a mãe Caroline estão bem. O pai Kaká tenta se recuperar da emoção mais forte da vida depois do próprio casamento e ter sido coroado como melhor jogador do mundo” (JORNAL NACIONAL, 10/06/2008).

O foco no ídolo - que Pereira (1993) aponta como sendo decorrente da necessidade de, por meio da narrativa mítica, transformar uma personalidade real em um herói - faz com que os telespectadores se identifiquem com o personagem e, em alguma medida, coloquem-no como *símbolo* da nação. Associar ídolos do presente aos do passado foi uma estratégia recorrente: “É impossível não lembrar dos incomparáveis Garrincha e Pelé, juntos disputaram 40 partidas, ganharam 35 e empataram cinco” (JORNAL NACIONAL, 09/10/2008).

Ainda em relação aos antigos ídolos, matéria do JN do dia 19/06/2008 discorreu sobre a dificuldade do técnico Dunga em encontrar substitutos para os grandes ídolos da Seleção Brasileira.

Renovar não tem sido fácil desde quando assumiu o comando da Seleção em agosto de 2006. Dunga botou em campo 50 jogadores, e apesar de tantos testes, em algumas posições, ele ainda não encontrou substituto para antigos ídolos. As laterais, por exemplo, Maicon e Daniel Alves? Nenhum deles se firmou no lugar de Cafu. No lado esquerdo, Gilberto, 32 anos seria o substituto ideal para Roberto Carlos? No ataque Ronaldo dificilmente voltará. E é a camisa nove que ainda está vaga. Passaram por ali: Wagner Love, Afonso, Luís Fabiano e Adriano que tenta reconquistar o espaço perdido” (JORNAL NACIONAL, 19/06/2008).

A subcategoria alegria também foi amplamente explorada (13,39%), como por exemplo, no off da matéria do 17/06/2008, “As estrelas às vezes fazem a festa”, fazendo referência ao jeito descontraído dos “craques” jogarem e realizarem as suas comemorações.

A malandragem (2,19%) e o jeitinho (1,09%) apareceram no discurso da Seleção, mas também dos próprios torcedores brasileiros, expandindo a ideia de que o brasileiro tem a arte de resolver as situações possíveis utilizando artimanhas. Essa relação fica expressiva na matéria do JN dia 06/06/2008: “Aproximadamente, 300 mil brasileiros vivem na região. Depois do engarrafamento, o estacionamento se transformou em ponto de encontro”.

As matérias trouxeram ainda a utilização da subcategoria da individualidade, ou seja, observam-se no discurso do JN evidências da prevalência das relações inigualitárias e de diferenciação (4,64%), que segundo DaMatta estão relacionadas com o aspecto de o brasileiro tentar resolver os problemas por meio da afirmação da diferença, algo que se expressa na

frase “Você sabe com quem está falando?”. Isto ficou explícito na matéria da edição do dia 08/09/2008, quando o atacante Robinho respondeu à provocação de um jornal chileno, após a partida em que o Brasil ganhou do Chile por 3 a 0. “É preciso respeitar o melhor futebol do mundo” (JORNAL NACIONAL, 08/09/2008).

Durante toda a cobertura, as categorias *Prevalência da Figura de Comando* e *Individualismo* revezavam-se entre a primeira e segunda colocação. Em tese, isto aponta para o fato de que o texto associa as características de comando e família à figura do técnico; e as de alegria, do jeito alegre do futebol brasileiro, aos jogadores. Trabalha-se com a dialética percepção de que aí também existe uma dimensão da especificidade brasileira: o discurso relacional, descrito por DaMatta, segundo o qual o brasileiro tem sempre a capacidade de encontrar o meio termo.

Uma semana que merece considerações foi da cobertura do jogo da Seleção Brasileira contra Portugal, uma vez que trouxe aspectos interessantes da relação identitária expressos, sobretudo, na disputa direta do jogador brasileiro Kaká (considerado o melhor jogador do mundo em 2007 e candidato a 2008) e o meio-campista português Cristiano Ronaldo (então candidato a melhor jogador do mundo de 2008, e ratificado na posição, ao final do ano). “O amistoso para ver e principalmente ser visto. Em Brasília, Kaká e Cristiano Ronaldo estarão frente a frente, se exibindo para o restante do mundo” (JORNAL NACIONAL, 17/11/2008). E: “Melhor ainda se Kaká continuar vencendo sempre o duelo particular com Cristiano Ronaldo como se viu nessa goleada” (JORNAL NACIONAL, 20/11/2008).

Nota-se que uma das características expressas nesses offs é exatamente a importância dada à individualidade, com destaque ao heroísmo. Na verdade, essa relação vai além, pois a disputa entre os jogadores é associada diretamente a um confronto entre o Brasil e Portugal, recuperando a tensão histórica do fato de serem sido colônia e metrópole. “A imprensa portuguesa considerou a derrota humilhante. A Seleção de Portugal não sofria seis gols numa partida havia 53 anos” (JORNAL NACIONAL, 20/11/2008).

Outro momento interessante dessa semana é que, na matéria do dia 17/11/2008, o JN equiparou a importância do futebol no Brasil à realidade política da própria Nação. “Brasília será *mais* do que a capital do Brasil, será também a capital do futebol” (JORNAL NACIONAL, 17/11/2008). Conforme sugerem Helal, Cabo e Filho (2007), o futebol é o fator mais influente no processo de aglutinação de interesses no país.

De maneira geral, percebemos que há momentos em que foi explicitada diretamente essa relação da Seleção Brasileira enquanto expressão do Brasil. “Vale o resgate da imagem de um futebol que sempre foi orgulho de todos nós” (JORNAL NACIONAL, 06/09/2008).

Em outros momentos a Seleção Brasileira foi tratada como o próprio Brasil, enquanto nação. “[...] o Brasil precisa ser respeitado” (JORNAL NACIONAL, 06/09/2008).

Essa ideia foi reforçada, sobretudo, no stand-up do Galvão Bueno nas matérias do dia ou da véspera dos jogos. Na verdade, o stand-up de Galvão Bueno foi constituído de comentários, que muitas vezes estavam repletos de emoção e opinião. Como, por exemplo, na matéria do dia 17/06/2008:

E se os jogadores ficaram chateados, zangados, irritados com as críticas? Ótimo! Não existe oportunidade melhor para dá uma resposta do que um grande jogo contra Argentina. Tomara que amanhã, o Mineirão possa aplaudir-los, que nós tenhamos que elogiar-los e que nunca mais a Seleção Brasileira jogue como um time pequeno.

E também reafirmando a todo tempo as cores da bandeira do Brasil, que também são da camisa da Seleção Brasileira. “Boa noite Fátima, Boa noite William. O público vem chegando e colorindo o Maracanã de verde e amarelo” (JORNAL NACIONAL, 15/10/2008).

As vitórias passadas também foram uma forma de referenciar as conquistas da Seleção e do Brasil. “Nas mãos de Dunga e Jorginho, campeões em 94, a taça do tetra. Com Lúcio e Gilberto Silva, campeões em 2002, a taça do Penta. As visitantes da tarde vieram com uma missão” (JORNAL NACIONAL, 12/06/2008). A sonora do presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira ratificou essa proposição: “Fiz questão de mostrar aqui os jogadores com comentário que para ganhar aquilo ali, começa tendo que passar por domingo e quarta” (JORNAL NACIONAL, 12/06/2008).

Isto demonstra que, “no caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficcionados pelo esporte” (SOARES, HELAL e SANTORO, 2004, p.03).

Outro fator importante nessa relação identidade brasileira e futebol é a marcação identitária pela enunciação da diferença. É por meio do reconhecimento do outro que o sujeito também se reconhece. No caso, percebeu-se isto diversas vezes ao longo da cobertura do JN, principalmente nos discursos sobre outras seleções – frequentemente encarnando, nesses discursos, a antítese daquilo de bom que o Brasil representaria. “Eles chegaram, os argentinos desembarcaram agora pouco em Belo Horizonte. Como sempre não quiseram papo” (JORNAL NACIONAL, 17/06/2008).

Assim se opera uma constante marcação da diferença entre o futebol-arte, supostamente brasileiro, e o futebol força, “tipicamente” europeu³⁰.

[...] o Brasil tem uma maneira própria de praticar este esporte, caracterizada como “futebol-arte” em contraposição ao “futebol-força” praticado, sobretudo pelos europeus. O primeiro teria como símbolo a ofensividade e a suposta existência de um grande número de jogadores criativos, reflexo de um povo também criativo, enquanto o segundo estaria marcado por características defensivas, da submissão da técnica em relação à tática, o que, por conseguinte, refletiria uma suposta carência de jogadores criativos. (BORGES, 2009, p.03).

A forma defensiva dos “outros” jogarem também foi enfatizada – mesmo outras seleções sul-americanas - no discurso do JN. Como na matéria do dia 14/06/2008, relacionada ao modo de jogar paraguaio. “Um time que sempre se caracterizou por marcar bem e forte, agora vem com três atacantes. Ninguém antes tratou assim uma Seleção Brasileira”.

Observa-se, ainda, que quando um jogador ou time se aproximou dessas características identitárias brasileira eles foram destacados no JN, mesmo que seja como protesto pela maneira pouco ofensiva com a qual eventualmente os jogadores brasileiros se apresentaram nas partidas disputadas no Brasil. Esse foi o caso do argentino Messi, que foi aplaudido pela torcida brasileira no Mineirão. “Aplausos para um argentino, nem Messi deve ter entendido” (JORNAL NACIONAL, 19/06/2008) ou “A Argentina vem jogar no Brasil e os torcedores brasileiros aplaudem o Messi, então é difícil cara. [Sonora lateral Gilberto].” (JORNAL NACIONAL, 19/06/2008).

Resumo da mensagem: há um argentino que joga como brasileiro – o que supõe a essencialização tanto da identidade quanto da alteridade. O caso excepcional só faz confirmar a regra: seríamos naturalmente de determinado modo, diferente dos outros. E o futebol seria uma dimensão a materializar essa diferença. Depreende-se, portanto, que os textos do JN sobre a Seleção Brasileira de Futebol centraram-se, na maior parte da cobertura a, explícita ou implicitamente, sugerir que a equipe nacional de futebol seria portadora daquelas características supostamente definidoras da identidade brasileira. É o que sumariza a tabela abaixo.

³⁰ Segundo o senso comum brasileiro os argentinos se julgam os europeus da América do Sul.

Tabela 1 Detalhamento de distribuição por categorias e subcategorias nos textos

			Porcentagem em relação ao total
<i>Criatividade</i>	Imaginação/malícia	21	5,74%
	Malandragem	8	2,19%
	Jeitinho	4	1,09%
<i>Hibridismo</i>	Mobilidade	17	4,64%
	Miscibilidade	5	1,37%
	Mistura caráter relacional	3	0,81%
<i>Individualismo</i>	Individualidade	61	16,66%
	Cordialidade	13	3,56%
	Alegria	49	13,39%
	Relações de diferenciação	17	4,64%
<i>Misticismo</i>	Religiosidade	1	0,28%
	Superstição	18	4,92%
<i>Bravura</i>	Heroísmo	45	12,29%
	Aventura	12	3,28%
<i>Prevalência da figura de comando</i>	Hierarquização Rígida	63	17,22%
	Patriarcalismo	29	7,92%
Total		366	100%

6.4 Análise de conteúdo das imagens: elementos visuais da brasilidade

Uma outra forma de afirmação do discurso da identidade nacional, projetado por meio da aparição televisiva da Seleção Brasileira de Futebol, dá-se pelo incentivo ao consumo. De acordo com Enne (2006), os meios de comunicação estimulam as pessoas a consumirem não só para satisfazer necessidades básicas, mas também para marcar suas posições sociais – e, de certo, se construírem como sujeitos. Muitos indivíduos, através da compra de determinados bens, consomem mais do que as materialidades ali presentes: buscam acessar e portar no espaço público elementos de distinção.

No futebol, os torcedores *precisam* consumir camisas, utensílios e bandeiras como modo de se associar simbolicamente ao time de coração para serem identificados como

portadores das marcas identitárias exigidas: aquelas que permitem a eles sentirem-se parte da coletividade à qual se imaginam simbolicamente vinculados.

No caso da Seleção Brasileira, isto ocorre principalmente quando se faz menção ao verde e amarelo que na maioria das vezes está associado às camisas e bandeiras da equipe. “Mas o Mineirão está em festa. Veja só: muitas luzes, muita gente. O verde e amarelo” (JORNAL NACIONAL, 18/06/2008).

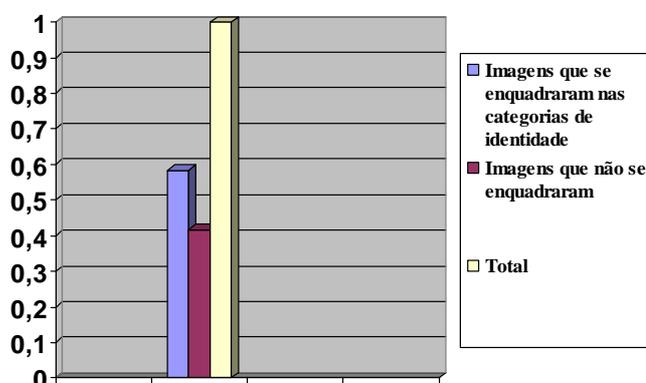
O processo fica ainda mais claro com a análise das imagens da cobertura do JN, focando preferencialmente pessoas com camisas, bandeiras e utensílios que fazem referência à Seleção Brasileira. No exemplo do off acima, observou-se que as imagens eram da torcida na arquibancada de verde e amarelo, de um casal fantasiado com as cores e de um menino segurando a bandeira do Brasil.

O consumo de produtos relativos à Seleção enquanto afirmação da identidade só faz reforçar a associação dos símbolos nacionais - a bandeira e o hino, por exemplo - com a Seleção Brasileira - quanto mais isso ocorre, mais a Seleção se consolida, no imaginário nacional, como *metáfora* do Brasil e materialização de suas supostas qualidades intrínsecas.

Os enquadramentos do JN, na cobertura da Seleção no período analisado, revelaram uma preferência sobretudo pelos planos abertos, principalmente dos treinos e dos jogos; close-up nas entrevistas (em tese os cinegrafistas utilizam esses recursos para evitar mostrar os patrocinadores dos times, expostos em diversos lugares - no período analisado o patrocinadora da Seleção era a empresa Guaraná Antártica); planos fechados, sobretudo, ao mostrar a torcida no estádio; e planos-detulhe, na maioria das vezes, usados para focar na bola e nos pés dos jogadores.

Para classificar as imagens, consideramos como uma imagem, sua movimentação até o corte para uma outra imagem. Assim, trabalhou-se com um universo total de 357 imagens. Deste total, 208 (58,27%) puderam ser enquadradas em pelo menos uma das categorias sintetizadoras da discursividade majoritária sobre a identidade nacional brasileira. E 149 (41,73%) não se encaixavam nas categorias e apenas “cobriam” às sonoras, passagens, cabeças, imagens do estádio vazio, dos jogadores no hotel e no aeroporto.

Gráfico 8 Total de imagens que remetem, direta ou indiretamente, às categorias de análise sobre brasilidade:



Do total de imagens que se enquadraram nas categorias da identidade nacional (208), a maioria, 97 (46,64%), fazia referência à categoria do *Individualismo*. Isto é, imagens pautadas, sobretudo, na alegria dos jogadores e na forma de jogar tipicamente brasileira. Nesse sentido, notou-se a ênfase dessas imagens nos atacantes, principalmente em Robinho (sempre mostrado como jogador brincalhão, malandro, sorridente). As suas imagens nos treinos sempre o mostravam fazendo firulas. Uma outra característica importante nesta categoria é que as imagens focavam a bola nos pés dos jogadores e nos sorrisos deles.

Como por exemplo, na matéria do dia 10/06/2008, num treino da Seleção Brasileira, no qual o atacante fez *gracinhas* com a bola. Muitas vezes na ânsia de “agradar” o público, o jogador passa a ter posições tão individuais que se tornam egoístas. “Ser egoísta é jogar para a arquibancada sem se preocupar com o conjunto” (SOARES e LOVISOLO, 2003, p.05).

A segunda categoria mais utilizada nas imagens - assim como no texto - foi a *Prevalência da Figura de Comando*, 36 (17,30%), centrada, sobretudo nas imagens do técnico Dunga em posições de ordem (hierarquização) e na representação da família.

A imagem do técnico foi amplamente explorada neste período, talvez pela fase complicada pela qual a Seleção Brasileira estava passando. As imagens de Dunga, em sua grande maioria, mostraram-no sério, concentrado e passando instruções para os jogadores. Das matérias analisadas apenas em duas apareceu o técnico sorrindo, as duas referentes à chegada do técnico a Assunção para o jogo contra o Paraguai, demonstrando otimismo – era o primeiro jogo da Seleção nas eliminatórias no 2º semestre.

O sentido de família também foi demonstrado por meio das imagens, como, por exemplo, na matéria do dia 11/06/2008, sobre o treino para o jogo contra o Chile. Na imagem os jogadores brasileiros apareciam unidos de mãos dadas, correndo no meio do nevoeiro.

A categoria *Bravura* também foi amplamente utilizada, 30 (14,43%), principalmente em imagens de arrancadas, do esforço dos jogadores nos treinos e nos jogos, dialogando com o discurso de aventura e heroísmo (a partir da ideia de que estavam *honrando a camisa*).

Nessa categoria, houve ainda imagens que corresponderam à falta de *Bravura*, como a da matéria sobre a derrota brasileira para a Venezuela (07/06/2008), que destacava os jogadores andando, errando passes em campo durante o jogo – bem como o atacante Luiz Fabiano cabeceando para fora.

Outra categoria que também foi ressaltada não por sua aparição, mas pelo choque causado por sua ausência, foi a *Criatividade*. Apesar de ter aparecido em 11,54% das imagens, muitas matérias não tinham nenhuma visualização de dribles ou de criação, sobretudo, dos atacantes. Essa lacuna foi constatada inclusive em alguns treinos, como o do dia 10/10/2008. Principalmente nos momentos em que a crise da Seleção era mais intensa, não mostrar os jogadores fazendo aquilo que normalmente se esperaria que eles fizessem constituía uma maneira indireta de criticá-los: a ausência destas imagens era um modo de acusá-los de não estarem sendo suficientemente “brasileiros” no modo de jogar.

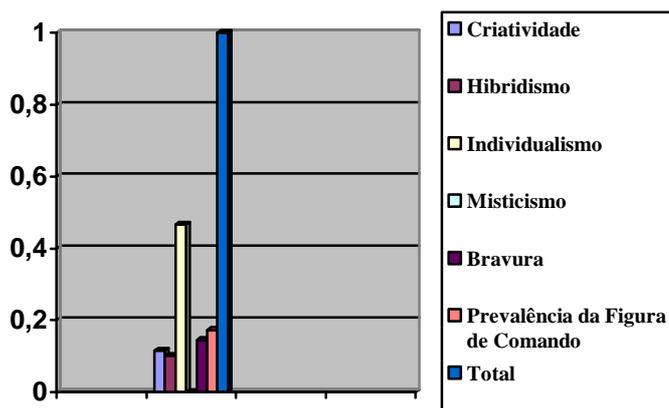
Na verdade, “a idéia do futebol-arte traz consigo imagens e categorias que se confundem com a identidade do brasileiro” (SOARES, HELAL e SANTORO, 2004, p.01). E em relação à criação, a própria denominação no futebol daquilo que seria “essencialmente” brasileiro, futebol-arte, já carrega consigo a categoria *Criatividade*. Ainda sobre essa característica, ressalte-se que as imagens do jogador Robinho, principalmente do drible que ele criou (o *vai pra lá que eu vou pra cá*) foram destacadas num momento já melhor da Seleção - e repetidas diversas vezes nas matérias do JN, reafirmando-se a capacidade e malícia do jogador em criar novas jogadas e surpreender o adversário.

As imagens dos ídolos do passado, que se destacaram neste requisito também foram utilizadas. As imagens de arquivo mostraram na matéria do dia 09/10/2008 as jogadas, gols e comemorações dos jogadores Pelé e Garrincha, enfatizando, sobretudo, as imagens dos dois jogadores armando jogadas juntos.

A categoria *Hibridismo* apareceu na quarta colocação com 21 inserções (10,09%) em torno da ideia de ginga do brasileiro (a reverberar o *mito da democracia racial*), expressas nas imagens ofensiva dos jogadores brasileiros nas partidas. Um bom exemplo disso foi a matéria do dia 20/11/2008, relativa à cobertura do jogo entre Brasil e Portugal, na qual, segundo construção narrativa sobre a Seleção, o Brasil apresentou um futebol “tipicamente” brasileiro.

Já a categoria *Misticismo* não teve nenhuma imagem correspondente, ou seja, a questão dos tabus, da superstição e da religiosidade foi expressa unicamente no discurso e em dados estatísticos.

Gráfico 9 Presença de categorias analíticas nas imagens - Geral:



Em relação às matérias positivas, a segunda categoria mais presente apareceu em imagens enquadradas na categoria *Hibridismo*: 15,22% (1º *Individualismo*/ 2º *Hibridismo*): imagens de mobilidade (ginga brasileira) foram a tônica. Já em relação às matérias negativas, a categoria *Criatividade* foi a mais expressiva: 21,43%. Mas em numerosas vezes a ausência dela foi que se fez notar nas imagens: jogadores apáticos, sem malícia e criação – exemplo é a matéria do dia 16/10/2008, que mostrava imagens dos acertos da defesa (focando no goleiro Júlio César e no zagueiro Juan) e os erros do ataque. Isto fica ainda mais claro, observando o off que “cobria” essas imagens.

O Brasil que vai bem é o Brasil que defende, do capitão Lúcio, do Zagueiro Juan, que até se arrisca lá na frente. E do goleiro Júlio César, já são 5 jogos, 492 minutos sem tomar um gol se quer. Recorde brasileiro em eliminatórias. Hoje se a Seleção está em 2º lugar com 17 pontos deve muito a defesa, a melhor da competição, sofreu apenas 4 gols. O Brasil que não vai bem é o que ataca, mesmo jogando em casa foi o 3º zero a zero, diante da torcida. No total contando jogos aqui e lá fora, a Seleção passou 5 das 10 rodadas sem marcar. (JORNAL NACIONAL, 16/08/2008).

Gráfico 10 Presença de categorias analíticas nas imagens – Matérias Positivas:

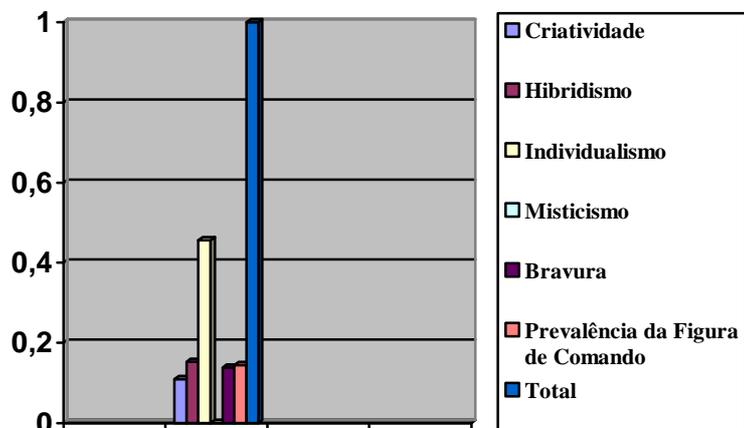
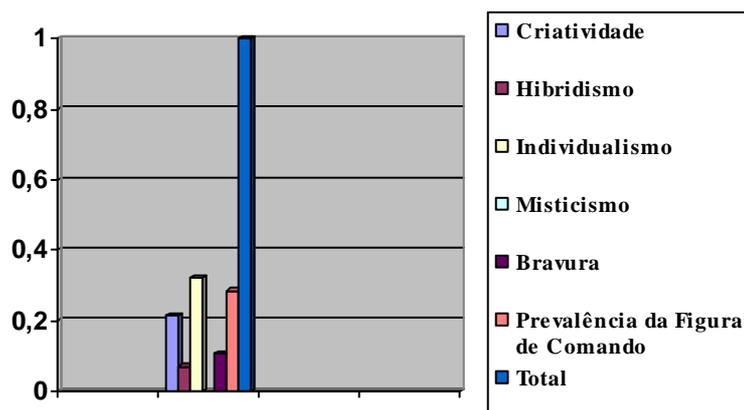


Gráfico 11 Presença de categorias analíticas nas imagens – Matérias Negativas:



As matérias neutras apresentaram características próximas às das matérias de forma geral. Já as que apresentaram cunho positivo/negativo tiveram, como categoria mais utilizada, com 35,29% das imagens, o *Individualismo* e a *Bravura*. Mais especificamente, constatou-se que as imagens demonstravam os jogadores em atitudes individuais em seus gols e a exposição de outros sem iniciativa nem garra nesta mesma partida.

Gráfico 12 Presença de categorias analíticas nas imagens – Matérias Neutras:

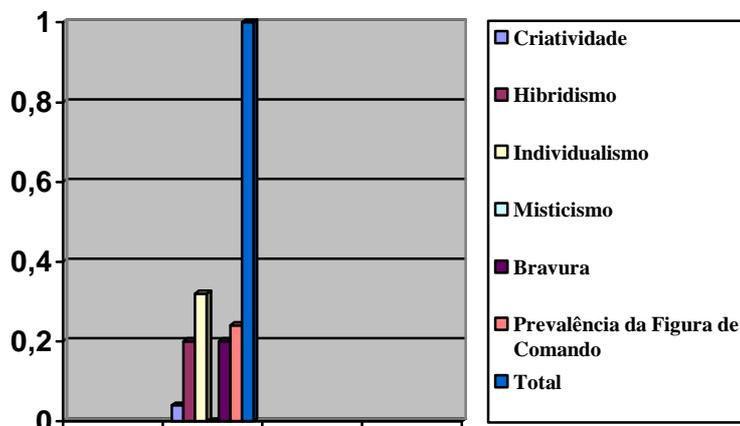
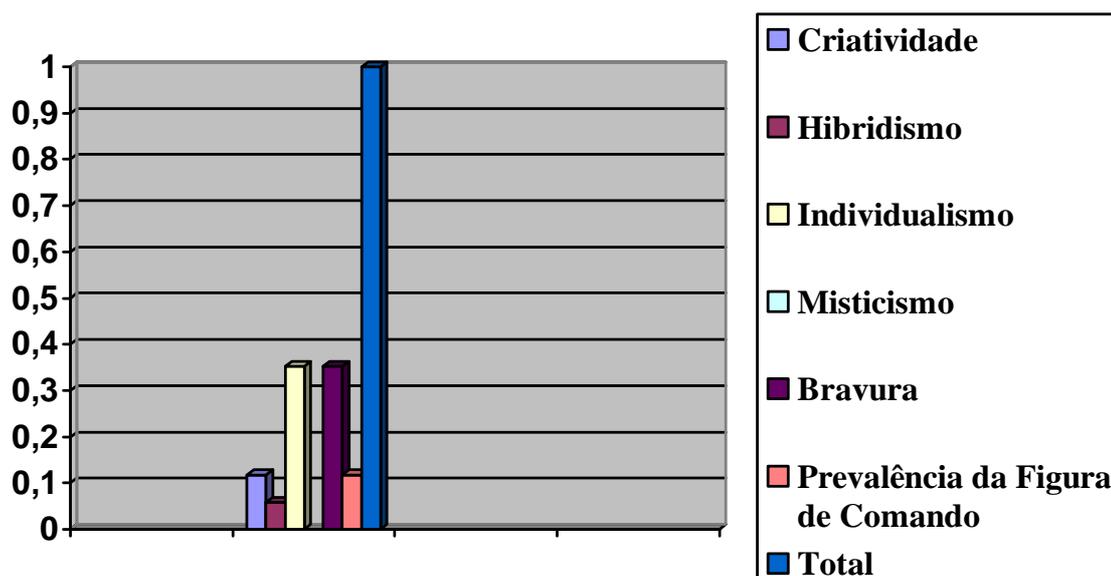


Gráfico 13 Presença de categorias analíticas nas imagens – Matérias Positivas/Negativas:



Considerando-se as subcategorias, a alegria (Individualismo), com 25,97%, foi aquela que mais apareceu – e curiosamente, “compensa” a subcategoria mais usada no texto (hierarquização rígida). Ou seja, é mais uma indicação de uma discursividade marcada pela narrativa de que o brasileiro é capaz de encontrar o meio termo.

Essa alegria foi expressa em momentos de descontração dos jogadores brasileiros, tanto nas comemorações dos gols quanto nas brincadeiras durante os treinos e na concentração. Por exemplo, na matéria do dia 11/06/2008, quando o goleiro reserva da

Seleção, Donny fazia defesas iguais às do consagrado goleiro colombiano René Higuita³¹, provocando risos dos companheiros.

A presença das subcategorias relativas à malandragem (0,96%) e ao jeitinho (2,40%) foi efetivada a partir dos torcedores da Seleção. Como, por exemplo, na matéria do dia 18/11/2008, que mostrava como alguns torcedores encontravam um *jeito* para furar a fila e entrar no estádio para assistir ao treino da Seleção. Foi o caso da imagem de um homem que, andando pelas grades e se apoiando nas cabeças das pessoas, conseguiu entrar no estádio.

Ainda em relação às imagens destaca-se que na matéria do dia 12/06/2008, sobre a conquista do tetra e do pentacampeonato, as imagens das taças foram amplamente utilizadas, como símbolo de superioridade, como representação das próprias conquistas da nação, sendo colocadas acima dos próprios jogadores. Essa ostentação das vitórias da Seleção Brasileira relaciona-se com o fato de que, conforme Soares e Lovisolo (2003), o futebol passa a ser sintetização da cultura nacional e de lugar de diferenciação em relação aos outros países.

Essa dimensão relacional também se evidencia visualmente. Uma das imagens veiculadas pelo JN no dia 20/11/2008 foi exatamente a de um jornal português (Jornal A Bola) que estampava fotografia de Luis Fabiano aplaudindo e Cristiano Ronaldo com a mão na cintura e a manchete: “Samba na madrugada”.

A preocupação do JN com a cobertura da imprensa internacional é sintomática: “a Seleção Brasileira tornou-se em menos de um século de existência uma referência do Brasil não só para os cidadãos apaixonados por futebol, mas para a própria identificação da imagem da nação no exterior” (HELAL, CABO e SILVA, 2008, p.11). Assim como nos textos, percebeu-se a marcação pela diferença através das imagens.

Nas vitórias do Brasil, as outras seleções foram mostradas, nos jogos contra o Brasil, como seleções que defendiam mais do que atacavam, que não possuíam muitas jogadas de criação. Contudo, nas derrotas brasileiras, a situação se inverteu. Isto aconteceu até mesmo, quando o jogador argentino Lionel Messi apresentou características “tipicamente” brasileiras. Sobre esse aspecto é preciso destacar ainda que os argentinos em seus discursos ora afirmam sua identidade no modo de jogar sul-americano, que no caso é próximo da forma brasileira (para se diferenciarem dos europeus, exemplo) e ora firmam sua identidade como futebol

³¹ René Higuita realizou a defesa histórica denominada “escorpião”, no dia 7 de setembro de 1995, num amistoso entre a Colômbia e a Inglaterra, no estádio de Wembley. O jogador inglês Jamie Redknapp chutou de fora da área para o gol colombiano, e Higuita se jogou no chão e tirou a bola no ar com a sola dos pés. Essa defesa foi eleita o melhor lance de todos os tempos, em julho de 2008, pelo site *Footy Boots*.

racional, de força (para se distinguirem dos brasileiros). Isto reafirma a concepção de que identidades estão sempre em movimento e são acionadas de acordo com a situação.

De maneira geral, o JN reforçou, em suas imagens, que o estilo brasileiro de futebol é caracterizado pelas dimensões “da alegria, da improvisação, dos floreios, dos dribles, do toque de calcanhar, enfim, das firulas” (SOARES e LIVOSOLO, 2003, p.02).

Sobre a torcida brasileira, na maioria das vezes ela apareceu fazendo festa, com os “adereços” e camisas da Seleção Brasileira. Mas nas matérias negativas, os torcedores apareceram vaiando, xingando e pedindo a saída do técnico Dunga. “Adeus Dunga! Adeus Dunga!” (JORNAL NACIONAL, 11/09/2008). E em contraposição, o técnico apareceu nervoso, aflito, gritando, dando ordens aos jogadores, refletindo o momento vivido em alguns jogos, sobretudo nas derrotas brasileira.

O torcedor brasileiro também foi representado como um guerreiro que enfrenta dificuldades para assistir à Seleção Brasileira, e que mesmo fora do seu território arruma um *jeitinho* para festejar. Um bom exemplo disso foi a matéria do dia 06/06/2008, sobre um amistoso nos Estados Unidos. As imagens mostravam os torcedores brasileiros, enfeitados de verde e amarelo, festejando na porta do estádio, com um churrasco improvisado e samba. “Ligou a câmera, juntou gente e apareceram os instrumentos” (JORNAL NACIONAL, 06/06/2008).

Essas imagens, em outras palavras, reafirmam o discurso que os brasileiros fazem de si próprios. A emoção e a manifestação dos torcedores ao ouvirem o Hino Nacional é só mais uma das imagens a reforçar a relação simbiótica entre Seleção Brasileira e Brasil, como ilustra a tabela abaixo.

Tabela 2 Detalhamento de distribuição por categorias e subcategorias nas imagens

			Porcentagem em relação ao total
<i>Critiavidade</i>	Imaginação/malícia	16	7,69%
	Malandragem	2	0,96%
	Jeitinho	5	2,40%
<i>Hibridismo</i>	Mobilidade	10	4,80%
	Miscibilidade	3	1,44%
	Mistura caráter relacional	10	4,80%
<i>Individualismo</i>	Individualidade	29	13,95%
	Cordialidade	8	3,85%
	Alegria	54	25,97%
	Relações de diferenciação	3	1,44%
<i>Mitiscismo</i>	Religiosidade	0	0
	Superstição	0	0
<i>Bravura</i>	Heroísmo	24	11,54%
	Aventura	6	2,89%
<i>Prevalência da figura de comando</i>	Hierarquização Rígida	26	12,5%
	Patriarcalismo	12	5,77%
<i>Total</i>		208	100%

A utilização destas categorias ficou ainda mais expressiva, nas narrativas sobre o atacante Robinho, tido como o símbolo da Seleção Brasileira de 2008. Dessa forma, foi feita

uma análise do discurso sobre as matérias do JN que tinham o jogador como foco, assunto que será tratado no próximo capítulo.

7 O Jornal Nacional e as narrativas míticas sobre as supostas qualidades tipicamente brasileiras: análise de discurso das matérias sobre Robinho e o processo de identificação

Após a realização da análise de conteúdo em toda a cobertura do JN sobre a Seleção Brasileira de Futebol, na seção anterior, o presente capítulo busca estabelecer um diálogo entre as observações gerais já efetivadas e um caso específico: as matérias que tiveram como foco o jogador Robinho – tendo como hipótese de trabalho que nele foram personificadas as supostas qualidades típicas da identidade nacional. Para tanto, acionam-se categorias de análise da metodologia da *análise de discurso*.

Com base na avaliação do conteúdo geral, observou-se que as matérias sobre Robinho mostraram-se como objeto privilegiado para observar minuciosamente a aparição das narrativas míticas da brasilidade no discurso do JN sobre a Seleção – e a análise de discurso permite uma abordagem qualitativamente mais aprofundada sobre a questão.

Dentre as numerosas escolas metodológicas vinculadas à tradição da análise de discurso, trabalha-se aqui principalmente com a perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD), a partir das contribuições de Norman Fairclough (2001). A prática da análise do discurso, conforme Fairclough (2001), consiste em três etapas: a reunião dos dados, a realização da análise e a sistematização dos resultados.

Quanto à reunião dos dados, foi realizada a transcrição, codificação e seleção de amostras no *corpus* – cinco matérias do JN que representaram o *ponto crítico* da cobertura. Para Fairclough (2001, p.281), a análise detalhada de um pequeno número de amostras de discurso se fez necessária.

Já na análise do material, foram acionadas categorias relativas às práticas discursivas e sociais depreensíveis pelo texto. Na sistematização dos resultados, utilizou-se adaptação do quadro desenvolvido por Gláucia Mendes (2009) a fim de facilitar a visualização das conclusões.

A análise do discurso, em todas as suas variantes (AD francesa, ACD, vertente baktiniana etc) pressupõe uma abordagem em que a construção do discurso individual não pode ser dissociada da dimensão social na qual este discurso torna-se possível. Logo, as matérias jornalísticas revelam mais do que as escolhas textuais de quem as escreveu ou editou: os discursos ali presentes são atravessados por discursividades sociais que lhes precedem.

Pressupõe-se aqui que a narrativa mítica consolidada na literatura sobre o tema da identidade nacional brasileira (e incorporada ao senso comum), tributária de autores clássicos,

seria mobilizada no discurso que o Jornal Nacional faz sobre Robinho, um dos personagens centrais da Seleção Brasileira de Futebol. Um off da cobertura do JN, em especial, sintetiza e justifica a escolha do objeto: “O Robinho é a cara do povo brasileiro” (JORNAL NACIONAL, 05/06/2008).

7.1 Robinho como encarnação da brasilidade

No total, foram analisadas cinco matérias nos dias 05/06/2008 (sobre o atacante Robinho ser a estrela do jogo entre o Brasil e a Venezuela); 03/09/2008 (sobre o atraso do Robinho e a sua chegada de helicóptero na concentração); 09/09/2008 (sobre a comemoração do drible criado pelo Robinho no Maracanã – o *vai pra lá que eu vou pra cá* - e sobre as mudanças do técnico Dunga para o jogo contra a Bolívia); 09/10/2008 (sobre o fato de Robinho e Kaká estarem invictos pela Seleção); e 14/10/2008 (sobre as homenagens aos jogadores Robinho e Kaká no Maracanã e o mistério da escalação).

Mas é preciso antes contextualizar a situação do atacante Robinho na Seleção Brasileira de Futebol neste período. Durante o recorte, Robinho era o principal e mais famoso jogador da Seleção Brasileira, pois outros jogadores com destaque igual ou superior não faziam parte da equipe. Ronaldinho Gaúcho, por exemplo, estava em má fase e não foi convocado para os jogos. Ronaldo Fenômeno, por sua vez, também não havia sido convocado. Já o meio-campista Kaká voltara a vestir a camisa da Seleção apenas nos últimos jogos, pois vinha de contusão, licença por conta do nascimento de seu filho e problemas na liberação por parte do time em que atuava então (o italiano Milan).

Assim, Robinho dividia a atenção com os jogadores Luiz Fabiano, Alexandre Pato e Diego - que não estavam tanto em evidência na mídia. Naquele ano de 2008, mais precisamente no dia 02/09, Robinho havia sido vendido pelo Real Madrid ao Manchester City por 42 milhões de euros. Assim as expectativas de vitórias e belas jogadas da Seleção Brasileira estavam depositadas no atacante, o que em tese pode justificar a aparição do jogador na maioria das matérias do JN, mesmo quando não era o foco nem personagem.

A primeira matéria analisada, do dia 05/06/2008, reflete bem essa situação quando, num off sobre Robinho, afirmava: “Símbolo da atual Seleção” (JORNAL NACIONAL, 05/06/2008). Deste modo, a análise das matérias sobre o Robinho se mostrou como um lugar privilegiado de reflexão sobre o problema de pesquisa da dissertação.

As categorias de análise do discurso mobilizadas no trabalho foram:

a) *Escolhas semânticas majoritárias* – ênfase nas palavras-chave mais utilizadas nos textos.

b) *Silêncios fundadores* – destacam-se os outros possíveis discursos sobre o Brasil que não foram mencionados nos textos de forma direta e/ou indireta.

c) *Coerências* - estão relacionadas com as partes do texto que, juntas, formam um sentido. A finalidade é observar as implicações interpretativas.

d) *Coesões* – segundo Fairclough, “o objetivo é mostrar como as orações e os períodos estão conectados no texto” (2001, p.286): há quatro tipos principais de marcação coesiva: referência (o texto antecipa parte do que está adiante ou se refere a uma parte anterior); elipse (elimina material que é recuperável de outra parte do texto, ou o substitui por outra palavra); conjunção (coesão que se dá por meio de expressões e palavras conjuntivas); e coesão lexical (que se dá através de repetição de palavras, sinonímia - mesmo sentido-, hiponímia - o sentido de um inclui o sentido do outro - ou por ligação de palavras que têm o mesmo domínio semântico).

e) *Estruturas textuais* – ênfase na parte gramatical do texto, ou seja, nas dimensões da transitividade (os tipos de processo e participantes favorecidos no texto assim como as escolhas de voz ativa ou passiva), de tema (analisam-se as escolhas de temas nas orações) e de modalidade (determinam-se os padrões do texto). Busca-se também constatar as metáforas utilizadas nas narrativas.

f) *Intertextualidade manifesta* – para Fairclough, seu “objetivo é especificar o que os outros textos estão delineando na constituição do texto que está sendo analisado, e como isso ocorre” (2001, p.283). Além disso, enfatizam-se também as cadeias intertextuais, que estão relacionadas à distribuição de um discurso.

Como já observado no capítulo anterior, a tendência geral da cobertura do JN foi marcada pela sistemática aparição de narrativas míticas sobre a brasilidade, que apresentavam a Seleção Brasileira como portadora das supostas qualidades naturais, essenciais e intrínsecas da identidade nacional brasileira. Este discurso anterior e maior atravessou, a todo momento, os discursos específicos sobre Robinho – configurando, assim, a presença da categoria de *Intertextualidade manifesta*, a brasilidade estaria associada à *Criatividade*, à *Alegria* e à *Malandragem*, seria estendida à Seleção e se sintetizaria no personagem de Robinho.

A síntese dessas qualidades no atacante apareceu explicitamente no discurso do JN, que caracterizou o jogador como fundamental para a beleza e alegria do espetáculo e como a cara do povo brasileiro. Na amostra aqui analisada, houve claramente a tentativa de essencializar e naturalizar o povo brasileiro por meio dessas características atribuídas a Robinho, tratado como materialização dessas dimensões simbólicas.

Exemplo ilustrativo é: “O Robinho é a cara do povo brasileiro. Nós nascemos querendo jogar futebol e o Robinho quer jogar futebol [Sonora Dunga]” (JORNAL

NACIONAL, 05/06/2008). Personificação do futebol-arte, o atacante marcaria sua diferença em relação aos não-brasileiros: “Quem não deverá gostar muito dessa cara brasileira é a defesa da Venezuela” (JORNAL NACIONAL, 05/06/2008).

Ao reforçar essa dimensão sobre o Brasil, a Seleção e Robinho, é possível, com base no referencial da análise de discurso, apontar que há aí alguns *Silêncios fundadores*. Ou seja, outros discursos possíveis sobre o Brasil não foram manifestados – por exemplo, o lado negativo da malandragem, o fato de o Brasil não ser um país apenas movido por alegria ou mesmo que muitos brasileiros não gostam nem veem e/ou praticam futebol.

Isto é, os textos do JN sobre a síntese da brasilidade em Robinho foram marcados não apenas pelos discursos anteriores – daí a *Intertextualidade*, –, mas também pelo que não se diz – daí os *Silêncios*. Ainda em termos de *Intertextualidade manifesta*, destaca-se a utilização de *metadiscursos*, ou seja, o JN utilizou as suas próprias narrativas expressas anteriormente para rememorar um fato, como, por exemplo outras partidas transmitidas pela emissora.

Até as escolhas relacionadas a estruturas frasais são sintomáticas. Em todos os momentos nos quais se buscava evidenciar o fato de que Robinho encarnaria a brasilidade, as frases foram apresentadas na ordem direta e de forma que o sujeito não fosse omitido: “Robinho inventou o *vai pra lá que eu vou pra cá*” (JORNAL NACIONAL, 14/10/2008).

Mas quando as matérias versavam sobre algo que não estaria diretamente relacionado com as narrativas míticas da brasilidade e estariam demonstrando um aspecto negativo de Robinho, o sujeito da frase era oculto. Como, por exemplo, na matéria do dia 03/09/2008, relatando que o atacante chegou atrasado no treino da Seleção e tentou pousar de helicóptero no campo das granjas Comary. “*Levantou polêmica também. A comissão não permitiu que ele pousasse no campo das granjas Comary. Dois treinos perdidos, mais de 24 horas de atraso*” (JORNAL NACIONAL, 03/09/2008).

Acerca dos *Campos semânticos* acionados, é possível afirmar que a maioria das matérias – mas principalmente a do dia 05/06/2008 – foi marcada pela utilização de expressões como *bonito, beleza, alegria, lotado, grande* etc. O uso desses adjetivos ou mesmo substantivos com sentidos adjetivados reflete um valor semântico positivo sobre Robinho e a reverberação do mito da brasilidade.

No VT do dia 09/10/2008, as narrativas sobre as supostas características brasileiras encarnadas por Robinho voltaram a aparecer: a dimensão da *Alegria* é expressa em expressões tais como: *não tem tempo ruim; raramente Robinho não está sorrindo; bom; vitoriosa; boas lembranças; feliz; jogando bem; na Seleção não tem tempo feio para Robinho*.

Um off que demonstra bem a associação do atacante à *Alegria* é: “Para ele não tem tempo ruim, raramente Robinho não está sorrindo. Depois de quase 11 meses, ele terá oportunidade de jogar novamente ao lado de Kaká” (JORNAL NACIONAL, 09/10/2008). Outro momento evidenciou-se na cobertura quando Robinho recebeu a visita do jogador Ronaldo, que não estava atuando na época pela Seleção Brasileira. “Outro que ficou animado com a visita foi Robinho” (JORNAL NACIONAL, 09/09/2008).

Já a dimensão da *Criatividade* está diretamente relacionada às expressões utilizadas nas narrativas sobre o drible inventado por Robinho – observou-se isso nas expressões: *golaço, drible, mais bonito da carreira, o drible não foi sem querer, inventou, vai pra lá que eu vou pra cá, drible tão espetacular, lance bonito*. O discurso sobre o drible aplicado contra Equador, em 18 de outubro de 2007, também esteve diretamente relacionado com a narrativa da *Criatividade*. “Na última vez que a Seleção jogou no Rio de Janeiro, ele aplicou um drible que ele próprio considera o mais bonito da carreira” (JORNAL NACIONAL, 09/09/2008).

Essa narrativa da *Criatividade*, que segundo Gilberto Freyre seria advinda da imaginação e da malícia dos negros e dos índios, teve uma exploração excessiva nestas matérias analisadas do JN, principalmente as relacionadas ao drible do Robinho – não por acaso um atleta negro. No VT do dia 14/10/2008, o telejornal rememorou o fato por meio de offs e sonoras, ratificando dessa forma a narrativa mítica da brasilidade.

Mas nessa linha de cobertura de exaltação, há um *Silêncio fundador* – o discurso oferecido pelo JN sobre a Seleção apenas destacou a parte criativa do time sem enfatizar a parte defensiva e de planejamento. Assim, a *Individualidade* apareceu enfatizada no uso das expressões: *símbolo, fundamental, cara do povo brasileiro, inteligente, rápido, homenageado, ele próprio, ele aplicou, considera o mais bonito da carreira, pés eternizados, meu nome, orgulhoso, o mais caro*.

Isso se nota até quando Robinho falou de si mesmo: “Eu espero continuar jogando bem e se possível ser homenageado de novo” (JORNAL NACIONAL, 09/10/2008). Mas, novamente, houve *Silenciamento* dos discursos sobre eventuais efeitos negativos implicados pela ênfase nacional da *Individualidade*.

O *Heroísmo*, por sua vez, foi expresso na indicação da bravura de Robinho e no seu compromisso de buscar bons resultados. Sentidos que foram evocados tanto na lembrança de nomes de velhos ídolos quanto em *Escolhas semânticas: incomparáveis, Garrincha, Pelé, trabalhar, fazer história, conquistar, grandes nomes, grandes coisas no futebol, entrar para história, desafio, em menos de uma semana tem que entrosar, vencer, pagaria o que for preciso, o mais importante, vitória*. Um exemplo disso é uma das sonoras de Robinho: “Mas

vou trabalhar aqui na Seleção pra fazer a minha história vitoriosa” (JORNAL NACIONAL, 09/10/2008).

A tese de fundo de que Robinho é mais um representante de uma longa linhagem foi acionada (o que aumenta a dimensão naturalizante do discurso). Isso ocorreu ao serem lembrados os antigos “heróis” da Seleção Brasileira: “Impossível não lembrar dos incomparáveis Garrincha e Pelé. Juntos disputaram 40 partidas, ganharam 35 e empataram cinco” (JORNAL NACIONAL, 09/10/2008).

Os feitos heróicos de jogadores da Seleção Brasileira também foram formas de afirmar a identidade nacional brasileira, projetada no futebol-arte. Sobre o *Silêncio fundador* neste aspecto, enfatiza-se uma descrição do povo brasileiro como sempre capaz de sair de uma situação difícil – e ocultam-se os problemas enfrentados, seja no País, seja na Seleção, nas muitas vezes em que isso não ocorre.

Já a *Cordialidade* esteve presente no discurso sobre a visita de Ronaldo à Seleção nas escolhas: *jogar com ele não tem tanta dificuldade assim, incentivo, amigos, saudades, estar perto é muito bom, aprendendo*. Exemplo disso apareceu no off: “Na segunda-feira à noite, o grupo recebeu o incentivo do atacante Ronaldo. Eu vim visitar os meus amigos. Passar duas horas nesse ambiente de Seleção, que eu tenho muita saudade também” (JORNAL NACIONAL, 09/09/2008).

Numa das sonoras do atacante Robinho, em que ele exaltou a importância de se jogar ao lado do jogador Kaká, também se observou a prevalência das relações de coração, que para Sérgio Buarque de Holanda seria a característica do brasileiro: a boa relação dos dois jogadores é insistentemente ressaltada. Igualmente, expressa-se na dupla Robinho-Kaká a reedição de uma *mística* (e a reminiscência da dimensão do misticismo), tal como ocorrera com Garrincha e Pelé: “Nos dois anos de Dunga, a Seleção com Robinho e Kaká não perdeu, 15 jogos, 12 vitórias e três empates” (JORNAL NACIONAL, 09/10/2008).

Por utilizar muitos aspectos da história, o VT do JN do dia 14/10/2008 também se fez valer de tabus, de relações sobrenaturais, típicos do *Misticismo* brasileiro. “Maracanã e eliminatórias: em 15 jogos foram 12 vitórias e só três empates. O retrospecto que só aumenta a mística do estádio com a Seleção” (JORNAL NACIONAL, 14/10/2008).

Essa *mística* do Maracanã e sua importância para a Seleção Brasileira foi enfatizada no discurso não só de Robinho, mas de vários outros jogadores da Seleção. Como na sonora do jogador Pato: “Jogar no Brasil, jogar no Maracanã, jogar com a torcida gritando, falando português, escutar os torcedores apoiando, isso dá um gostinho a mais” (JORNAL NACIONAL, 14/10/2008). E na sonora do jogador Jô: “Jogar no Maracanã sempre vai ficar

marcado ainda mais pela Seleção. E se fizer um gol então como eu falei, vou sentir realizado, porque vai entrar na história” (JORNAL NACIONAL, 14/10/2008).

Mas neste conjunto de reportagens cujo foco foi Robinho, outras dimensões sobre a relação entre a Seleção e a identidade nacional brasileira estiveram sempre presentes – mesmo quando não se falou especificamente do atacante. O *Patriarcalismo* foi uma dessas dimensões: ele apareceu sobretudo relacionado a Dunga, em expressões que reafirmaram a relevância da figura de comando, como: *deu pistas, mudanças, pediu, deu indicação*.

Mas, considerando-se as *Cadeias intertextuais*, houve nestas matérias analisadas uma prevalência das falas do Robinho ou menções a ele: o sobe som na matéria do dia 09/10/2008, no qual a torcida gritava o nome do Robinho no Maracanã, demonstrou apoio, ratificando os offs da matéria, que exaltava a importância do atacante para a Seleção.

A associação do atleta ao *Jeitinho* e à *Malandragem* tipicamente brasileiros configurou a tônica das matérias. Isso ficou claro na narrativa sobre a tentativa de Robinho encontrar uma forma justificar o seu atraso na apresentação à Seleção: “Nem queria chegar de helicóptero para não ficar aquele troço de mascarado e tal, mas não tinha outro jeito” (JORNAL NACIONAL, 03/09/2008).

Essa tentativa do jogador em tentar se redimir e não perder o seu posto de símbolo da Seleção foi destacada em outra sonora: “Isso foi erro meu mesmo. Até peço desculpas para a Seleção. É porque tenho compromisso aqui com a Seleção e tenho que chegar no horário” (JORNAL NACIONAL, 03/09/2008). Matérias relatando o sucesso econômico dos jogadores da Seleção – e a necessidade de compromisso com ela – reverberam uma visão muito consolidada no senso comum: a de que o futebol ainda seria um dos principais meios de ascensão social de negros e pobres.

“É ao mesmo tempo um dos únicos domínios de que os negros e mulatos dispõem para ingressar no sistema econômico brasileiro; matéria prima de um discurso de integração nacional e objeto de massificação e popularização” (HELAL e GORDON, 2002, p.18). Assim, de modo geral, o atacante Robinho corporifica, nesse discurso do JN, não só a narrativa do brasileiro pobre e negro que alcançou o sucesso, mas que o fez por ser um portador das características mais brasileiras: *a Criatividade, a Alegria, o Heroísmo, a Cordialidade, a Individualidade, o Jeitinho e a Malandragem* supostamente advindos da mistura das três raças.

Nos *Silêncios fundadores*, percebemos que os outros discursos sobre o Brasil não foram mencionados, isto é, a questão do preconceito racial, dos problemas advindos da colonização tanto para os índios quanto para os negros e o lado negativo da *Malandragem* e

do *Jeitinho*, entre outras questões, não foram mencionados. E principalmente houve um *Silêncio* sobre o fato que essa associação da brasilidade a determinadas características supostamente inatas foi construída por recursos discursivos, de um dado momento da história, e que não são verdades absolutas.

Em termos *Coesão lexical*, os nomes da Seleção, o atacante Robinho e do técnico Dunga (substantivo) foram repetidos diversas vezes por termos tidos como sinônimos: *time*, *equipe*, *símbolo da atual Seleção*, *cara brasileira*, *craque*, *técnico*, *comando*. E em termos de *Coerência* as matérias foram estruturadas de modo a reforçar a associação da Seleção com termos da brasilidade, sendo Robinho tratado como a personificação destas qualidades, como indicam as tabelas abaixo.

Tabela 3 Marcas discursivas que remetem à Brasilidade – Alegria e Individualidade no JN

	Alegria	Individualidade
Escolhas semânticas majoritárias	<i>Beleza, alegria, espetáculo, não tem tempo ruim, sorrindo, feliz, não tem tempo feio, animado, divertindo, otimista.</i>	<i>Símbolo, fundamental, cara do povo brasileiro, inteligente, rápido, homenageado, espero continuar jogando bem, ele próprio, ele aplicou, considera o mais bonito da carreira, pés eternizados, meu nome, orgulhoso, Robinho foi o mais caro.</i>
Silêncios fundadores	Tendência ao silenciamento de discursos sobre os problemas nacionais e sobre outras possibilidades de enquadramento da identidade nacional brasileira.	Tendência ao silenciamento de um discurso sobre a parte negativa que implica a prevalência da individualidade.
Coerências	Remetem ao discurso da alegria, extroversão e emoção da brasilidade, projetados no atacante Robinho e na sua maneira tipicamente brasileira de jogar.	Remetem ao discurso da prevalência do prestígio pessoal para afirmar a suposta brasilidade.
Coesões	Há bastante uso da coesão lexical na qual a Seleção e o atacante Robinho são substituído diversas vezes por termos tidos como sinônimos: <i>time, Símbolo da atual Seleção, Cara brasileira.</i>	Há bastante uso da coesão lexical na qual os jogadores, principalmente o atacante Robinho e Kaká são substituídos diversas vezes por termos tidos como sinônimos: <i>Símbolo da atual Seleção, Cara brasileira, atacante, craque.</i>
Estruturas textuais	Marcadas pelo destaque à relevância da Seleção Brasileira e à capacidade de o atacante Robinho corporificar a alegria tipicamente nacional.	Dá maior relevância ao atacante Robinho, atribuindo a ele as supostas qualidades individuais tipicamente brasileiras.
Intertextualidade manifesta	A narrativa mítica sobre a supostamente natural alegria dos brasileiros é simbolizada pela Seleção e, dentro dela, encarnada por Robinho. Sonoras de Robinho ratificam, de forma indireta, o discurso mítico sobre a brasilidade.	A narrativa mítica sobre a supostamente natural tendência à individualidade dos brasileiros é simbolizada pela Seleção e, dentro dela, encarnada por Robinho. Utilizam-se, prioritariamente, as sonoras de Robinho para ratificar de forma indireta o discurso mítico da brasilidade.

Tabela 4 Marcas discursivas que remetem à Brasilidade – Jeitinho/Malandragem e Mito da Democracia Racial no JN

	Jeitinho/ Malandragem	Criatividade
Escolhas semânticas majoritárias	<i>Outro jeito, polêmica, longa novela, mascarado e tal.</i>	<i>Golaço, drible, mais bonita da carreira, o drible não foi sem querer, inventou, vai pra lá que eu vou pra cá, drible tão espetacular, lance bonito.</i>
Silêncios fundadores	Não há destaque para o lado negativo que implica a malandragem e o jeitinho. Na verdade, há uma naturalização e aceitação dessa característica.	Há um silêncio fundador, projetado no discurso sobre a Seleção, que apenas destaca a parte criativa do time sem destaque à parte defensiva e de planejamento.
Coerências	Remetem ao discurso positivo sobre o “jeitinho” - por exemplo, quando Robinho encontrou maneiras inusitadas de driblar ou de justificar o atraso na apresentação à Seleção.	Remetem ao discurso de que o brasileiro tem o dom natural para criar, qualidade que é projetada também no futebol.
Coesões	Há bastante uso da coesão lexical na qual o nome do atacante Robinho é substituído diversas vezes por termos tidos como sinônimos: <i>Símbolo, craque, atacante.</i>	Há bastante uso da coesão lexical na qual o nome do atacante Robinho é repetido diversas vezes, aliado à invenção do seu drible - <i>o vai pra lá que eu vou pra cá.</i>
Estruturas textuais	Dão maior relevância ao atacante Robinho, atribuindo a ele, por meio de adjetivação, as qualidades associadas ao jeitinho e à malandragem.	Dão maior relevância ao atacante Robinho, atribuindo os adjetivos do campo semântico da criatividade a ele.
Intertextualidade manifesta	A narrativa mítica sobre a supostamente natural tendência ao jeitinho e à malandragem (em seu aspecto positivo) dos brasileiros é simbolizada pela Seleção e, dentro dela, encarnada por Robinho. Utilizam-se prioritariamente as sonoridades do atacante Robinho. Até mesmo silenciando outras fontes sobre as faltas do jogador.	A narrativa mítica sobre a supostamente natural criatividade dos brasileiros é simbolizada pela Seleção e, dentro dela, encarnada por Robinho. Utilizam-se exaustivamente as sonoridades do Robinho sobre a criação do drible.

Tabela 5 Marcas discursivas que remetem à Brasilidade – Bravura e Cordialidade no JN

	Bravura /Heroísmo	Cordialidade
Escolhas semânticas majoritárias	<i>Incomparáveis, Garrincha, Pelé, trabalhar, fazer história, conquistar, grandes nomes, grandes coisas no futebol, entrar para história, desafio, em menos de uma semana tem que entrosar, vencer, pagaria o que for preciso, o mais importante, vitória.</i>	<i>Jogar com ele não tem tanta dificuldade assim, incentivo, amigos, saudades, estar perto é muito bom, aprendendo.</i>
Silêncios fundadores	Há um silêncio fundador no sentido de naturalizar o povo brasileiro sempre como guerreiro, capaz de sair de uma situação difícil. Ocultam-se casos em que isso não ocorreu.	Generalização da tese de que a identidade brasileira é marcada pela prevalência das relações pessoais.
Coerências	Remetem ao discurso do brasileiro guerreiro, tanto nas narrativas dos heróis do futebol, como Garrincha e Pelé, quanto na “raça” dos atuais jogadores.	Remetem à cordialidade de uns jogadores com os outros, Robinho com Kaká e Robinho com Ronaldo.
Coesões	Há bastante uso da coesão lexical na qual o nome do atacante Robinho é substituído diversas vezes por termos tidos como sinônimos: Símbolo, craque, atacante.	Há bastante uso da coesão lexical na qual o nome do atacante Robinho é repetido diversas vezes e vinculado à relação que ele tem com outros jogadores.
Estruturas textuais	Dão maior relevância ao atacante Robinho e aos antigos heróis, atribuindo os adjetivos de bravura a estes.	Dão maior relevância ao atacante Robinho, atribuindo os adjetivos da cordialidade a este.
Intertextualidade manifesta	A narrativa mítica sobre a supostamente natural tendência à bravura dos brasileiros é simbolizada pela Seleção e, dentro dela, encarnada por Robinho. Utilizam-se prioritariamente as sonoras do atacante Robinho, exaltando o seu desejo em se tornar um herói como os outros jogadores que atuaram pela Seleção.	A narrativa mítica sobre a supostamente natural tendência à cordialidade dos brasileiros é simbolizada pela Seleção e, dentro dela, encarnada por Robinho. Utilizam-se prioritariamente as sonoras do atacante Robinho para falar da sua relação com os outros jogadores.

Tabela 6 Marcas discursivas que remetem à Brasilidade – Misticismo e Prevalência da Figura de Comando no JN

	Misticismo	Prevalência da figura de comando
Escolhas semânticas majoritárias	<i>Nos dois anos de Dunga, Seleção com Robinho e Kaká não perdeu, mistério, mítica.</i>	<i>Centrada em Dunga, mesmo nas matérias cujo foco era Robinho. Expressões: Segredo de Dunga, nenhuma pista, Dunga não escalou, não permitiu.</i>
Silêncios fundadores	Há generalização na crença no sobrenatural.	Há um silêncio relativo, por exemplo, às tentativas de negação da herança patriarcal.
Coerências	Remete ao discurso dos tabus no futebol brasileiro.	Remete ao discurso do patriarcalismo e da hierarquização rígida centrada na figura do técnico Dunga.
Coesões	Há bastante uso da coesão lexical na qual os nomes do atacante e da Seleção são substituídos diversas vezes por termos tidos como sinônimos: <i>Símbolo, craque, atacante, time, equipe.</i>	Há bastante uso da coesão lexical na qual os nomes do atacante, da Seleção e de Dunga são substituídos diversas vezes por termos tidos como sinônimos com metáforas familiares e suas relações de controle: <i>família, técnico, comando.</i>
Estruturas textuais	Dão maior relevância à Seleção atribuindo os adjetivos do misticismo a esta.	Dão maior relevância ao técnico Dunga atribuindo os adjetivos relativos ao patriarcado a ele.
Intertextualidade manifesta	A narrativa mítica sobre a supostamente natural tendência ao misticismo dos brasileiros é simbolizada pela Seleção.	A narrativa mítica sobre a supostamente natural tendência à prevalência da figura de comando é simbolizada pela Seleção e, dentro dela, encarnada pelo respeito da equipe por Dunga.

Fica evidenciado, desde modo, que as matérias sobre Robinho no JN contribuem para a consolidação dos discursos míticos da brasilidade e de sua relação com o futebol brasileiro. E, à medida que esses discursos são consumidos de forma individual, mas simultaneamente por um público imenso e anônimo, estabelece-se entre os espectadores um *laço social*. Esse conceito, criado por Wolton (1996), é útil para que se compreenda como a dimensão cultural do futebol (e, mais contemporaneamente, das transmissões televisivas do futebol) reforçam as narrativas sobre a identidade nacional.

As matérias do JN sobre a Seleção Brasileira analisadas só fazem corroborar a hipótese de que, no senso comum brasileiro, o discurso da “pátria de chuteiras” é incentivado, direta ou indiretamente, pela mídia. Talvez seja na fruição dos jogos da Seleção, mais do que em qualquer outro momento, que o conceito de comunidade imaginada de Benedict Anderson (2008) ganhe materialidade para milhões de pessoas que não se conhecem, que podem ser de classes sociais diferentes, mas que em suas mentes têm uma imagem da comunidade de que participam por meio da equipe nacional de futebol.

E este processo só se dá quando são acionados mecanismos de identificação – o que é mais fácil de acontecer se o objeto desta identificação é concreto (e não abstrato) e, preferencialmente, capaz de gerar empatia humana – daí a importância de materializar as

supostas qualidades tipicamente brasileiras nas narrativas sobre um personagem, como Robinho. Mas se toda narrativa acaba por se adequar às demandas do meio pelo qual ela circula, é preciso discutir a especificidade e a lógica interna da narrativa telejornalística – é este o debate que segue.

7.2 As narrativas telejornalísticas e os processos de identificação

No período analisado, as 37 matérias veiculadas pelo JN sobre a Seleção brasileira dividiram-se nos seguintes formatos: 30 vt's (81,09%) – formato mais elaborado de apresentação das notícias, sendo que todas tiveram passagens dos repórteres; três notas ao vivo (8,10%) – ora com a informação ao vivo do estúdio ora com a participação de Galvão Bueno diretamente do estádio onde aconteciam os jogos; duas notas secas (5,40%) – formato em que o âncora apenas lê a notícia – sobre o corte de Kaká dos jogos da Seleção nas Eliminatórias (04/06/2008) e ratificando o jogo da Seleção após a novela *A Favorita* (19/11/2008); e duas notas cobertas (5,40%) - compostas pela cabeça do âncora e seguida de sua narração em off “cobrindo” as imagens –, sendo uma sobre o nascimento do filho do jogador da Seleção Brasileira Kaká (10/06/2008) e outra sobre uma investigação da Fifa sobre a vitória brasileira em 2006 na Copa do Mundo (03/09/2008).

É importante ressaltar que o uso de vt's é significativo, e contribui diretamente para dar legitimidade à amostra no que tange à suposição de que os discursos ali apresentados revelam mais do que escolhas fortuitas dos profissionais de comunicação ou escolhas ao acaso. Tendo em vista que uma reportagem em tal formato “é resultado de um trabalho de investigação e/ou apuração mais aprofundado” (COUTINHO, 2003, p.113), é possível depreender que as posições presentes nestas matérias explicitam valores profundos (sejam eles conscientes ou não) daqueles jornalistas sobre as questões identitárias engendradas pela cobertura da Seleção.

Dessa maneira, segundo Porcello, a reportagem é uma história contada sob a ótica de repórter.

A seleção do que é, ou não é, ‘fato jornalístico’ já pressupõe uma escolha. A neutralidade é falsa. A meta, para exercer o bom jornalismo, é ter isenção. Pois o jornalista é subjetivo até no momento em que escolhe as palavras que irão compor o seu texto. (PORCELLO, 2006, p.164).

Especificamente no período analisado, observou-se a utilização das sonoras e passagens em todas as matérias. As notas-pé apareceram três vezes nas matérias. Elas são apresentadas após exibição, trazendo um complemento. No caso estudado, especificamente, essas notas sempre constituíram um convite dos âncoras para os telespectadores do JN assistirem aos jogos da Seleção na Rede Globo. Nelas, ofereceu-se um tom mais descontraído, no qual até o âncora se apresentava como torcedor. “Bom jogo, todos nós esperamos o mesmo né Galvão? Brasil e Argentina se enfrentam logo depois de A Favorita, ao vivo. Em seguida você terá as notícias no Jornal da Globo. Boa Noite!” (JORNAL NACIONAL, 18/06/2008).

Uma característica interessante durante o período analisado foi a utilização no final das matérias de um stand-up de Galvão Bueno, fazendo comentários sobre as partidas, sobretudo tentando fazer uma interpretação antes das partidas da Seleção Brasileira de Futebol. Mas, na maioria das vezes, apresentava-se uma opinião que frequentemente portava, em seu subtexto, alguma abordagem essencialista sobre a natureza superior, em relação aos demais, da forma de jogo tipicamente brasileiro.

A declaração de Robson Santa Cruz que de forma meio irônica fala em chances iguais, dá o tom exato com que os paraguaios encaram esse jogo: uma certa superioridade. O técnico disse entre risos, que claro que o Paraguai pode ganhar. O goleiro? Esse então abusou. Disse que eles têm obrigação da vitória. Parece que a liderança das eliminatórias subiu a cabeça dos paraguaios. Um time que sempre se caracterizou por marcar bem e forte agora vem com três atacantes. Ninguém antes tratou assim uma Seleção Brasileira. Não há dúvidas que eles vêm com muita sede ao pote. O problema é que o pote pode se quebrar. (JORNAL NACIONAL, 14/06/2008).

A tentativa de estimular a identificação dos torcedores como brasileiros típicos que, pelo simples fato de o serem, estabeleceriam uma sintonia identitária com a Seleção também foi percebida nas narrativas sobre a suposta natureza da identidade brasileira e de suas conexões com o futebol. “Por isso o jogo contra o Chile vale mais do que três pontos. Vale o resgate da imagem de um futebol que sempre foi orgulho de todos nós” (JORNAL NACIONAL, 06/09/2008).

Outra característica presente na cobertura da Seleção Brasileira pelo JN é que tanto os âncoras quanto os jornalistas demonstravam, nas matérias, que ali não eram profissionais neutros, mas fundamentalmente brasileiro – e, portanto, torcedores. Este envolvimento identitário ficou claro com o uso, na maioria das vezes, do pronome *nós* nas matérias. Como por exemplo, no off da matéria do dia 07/06/2008: “E cheio de perguntas. Temos substitutos à altura dos titulares?” (JORNAL NACIONAL, 17/06/2008).

Exemplos também apareceram nas falas dos âncoras: “E a Seleção Brasileira deu espetáculo ontem” (JORNAL NACIONAL, 20/11/2008). Esse desejo por um jogo bonito é reafirmado como desejo diversas vezes, como se percebe em um dos offs da matéria do dia 13/10/2008: “Tomara mesmo que o jogo contra a Colômbia seja tão bonito quanto a paisagem desfrutada hoje por Robinho e Júlio César”.

Em alguns momentos essa convocação para o telespectador torcer para a Seleção se tornou ainda mais explícita, como por exemplo num dos off’s da matéria do JN do dia 14/06/2008: “Movimentada, tranquila. É só torcer agora para que amanhã a Seleção Brasileira esteja também inspirada.”

Isso está diretamente relacionado ao conceito de jornalismo de incentivo. Segundo Guerra (2008), no jornalismo esportivo, muitas vezes por questões econômicas, jornalistas apoiam e não criticam determinados times a fim de incentivá-los na competição. “O que estamos alertando é para o perigo deste novo modelo de comportamento da mídia esportiva, que não aprofunda sua cobertura, que prefere amenizar a crise, ressaltar fatos para encobrir outros” (GUERRA, 2008, p.04).

O presidente da CBF também aproveitou uma de suas entrevistas dadas ao JN para fazer um apelo ao telespectador-torcedor: “O jogador que tem a possibilidade de fazer uma grande Olimpíada. Tem certamente a possibilidade de fazer uma grande Eliminatória conosco. *Por favor!* Torcedor brasileiro apoia o Ronaldinho, que é muito importante. E que ele volte a Seleção Brasileira” (JORNAL NACIONAL, 19/06/2008). O narrador Galvão Bueno também se envolveu emocionalmente. “Não é só o torcedor. O narrador também está esperando para gritar o gol da Seleção aqui no Brasil” (JORNAL NACIONAL, 18/11/2008).

Esse tom de familiaridade e de conversa com o telespectador foi expresso diretamente nas falas do Galvão Bueno. “Tomara que, amanhã, o Mineirão possa aplaudi-los, que nós tenhamos que elogiar-los e que nunca mais a Seleção Brasileira jogue como um time pequeno” (JORNAL NACIONAL, 17/06/2008). Assim, evidencia-se que, de maneira geral, o tom das falas dos profissionais do JN sugere que o prestígio nacional está em jogo nas partidas da Seleção Brasileira de Futebol e que, talvez por isso,

[...] palavras como “nós” e “eles”, os “nossos”, são usadas sem qualquer problema e fazem parte de todo um conjunto de vocábulos que transmitem uma posição de favoritismo claro (o contrário seria duramente criticado pelos ouvintes, leitores, espectadores ‘nacionais’). Aqui, também temos a presença do repórter-torcedor, que claramente “empunha a bandeira do país”. (COELHO, 2004, p.30 apud MELO, 2006, p.09).

Outra característica que contribui diretamente para esse processo é que “os jornalistas, de maneira geral, têm uma preocupação *didática* com relação à audiência. [...] a tevê tem obrigação de respeitar o telespectador e transmitir a informação em uma linguagem coloquial e correta” (VIZEU, 2006, p.34).

O JN teve a preocupação em não abusar do uso de termos técnicos do futebol, como ocorre muitas vezes no jornalismo esportivo especializado. Na verdade, no telejornal geral, muitas vezes, o telespectador não acompanha ou não é um *expert* em futebol - por isso é importante explicar e resgatar momentos que o telespectador pode ter perdido ou não ter compreendido por falta de conhecimento sobre o futebol. Tal procedimento ocorreu, por exemplo, em off da matéria do JN do dia 19/06/2008:

E que não se esqueça o próprio Dunga é uma renovação. Jamais foi técnico até assumir a Seleção. Com ele foram 30 jogos, 19 vitórias, 7 empates e 4 derrotas, 57 gols. Média de 1,9. Há 3 jogos a equipe não marca. O Brasil está em 4º lugar nas Eliminatórias e caso haja um vencedor hoje entre Chile e Venezuela, o time terminará em 5º, na zona de Repescagem. (JORNAL NACIONAL, 19/06/2008).

A repetição em termos da posição da Seleção Brasileira nas Eliminatórias, o número de gols marcados, assim como os jogadores participantes dos jogos da Seleção foram constantes. Ou seja, seguiu-se uma das características do telejornalismo apontada por Rezende (2000): de priorizar a repetição em prol da simplicidade e da clareza. Isso reflete, segundo Vizeu (2006), a motivação dos jornalistas em serem sempre didáticos, procurando antecipar as possíveis demandas da audiência.

A imagem também se faz pertinente nessa simplicidade. No período analisado, as imagens das jogadas, assim como dos atletas da Seleção, priorizaram a clareza.

Na verdade, conforme discutimos no capítulo 03 a partir de Mota (2006), no telejornalismo, tanto a imagem quanto o texto interagem para representar o real, criar efeitos do real. Esse possível efeito do real criado pelo discurso telejornalístico traz uma consequência muito relevante, principalmente em termos da cobertura da Seleção Brasileira pelo JN: o que o telejornal mostra sobre a equipe é, para muitos, a realidade. “A narrativa faz com que os telespectadores interpretem os fatos narrados como verdades, como se eles falassem por si mesmos” (MOTA, 2006, p.140). Se a narrativa telejornalística se estrutura para confundir-se com o real, e se o discurso sobre a Seleção Brasileira é a de que ela sintetiza a identidade nacional, que realidade emerge para o telespectador? A de que a Seleção é, de fato e indiscutivelmente, a “pátria de chuteiras”.

Em termos da cobertura no telejornal da Seleção, isso referenda um discurso maior e anterior: aquele que essencializa as supostas qualidades típicas dos brasileiros (também tratadas como verdade indiscutível, normalmente à revelia de dúvidas ou contradições), reverberadas na conduta da equipe nacional de futebol. Essa cobertura, portanto, acaba por produzir efeitos de reforço da discursividade hegemônica que o brasileiro faz de si mesmo, uma vez que, conforme percebemos nos subcapítulos anteriores, há ali uma reiteração da narrativa tradicional sobre a brasilidade.

A cobertura do JN, ainda que de forma indireta, consolida a visão de que todos os brasileiros, por mais diferentes que sejam, partilham em sentimento e um significado para a Nação – trata-se, nesse discurso, de uma comunidade nacional una e coerente. O tom unificador apareceu com recorrência nas narrativas telejornalísticas sobre a Seleção Brasileira. “Mas os brasileiros gostaram de saber que Bielsa afirmou essa semana que o Brasil precisa ser respeitado, porque ninguém compra cinco títulos mundiais na farmácia” (JORNAL NACIONAL, 06/09/2008).

Isso reflete que “uma cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos e, ao produzir sentidos sobre a nação, constrói identidades. Dessa forma, a identidade nacional é uma comunidade imaginada” (MOTA, 2006, p.141). Os jornalistas que retratam matérias sobre a Seleção são, também, brasileiros – e, como tal, operam escolhas editoriais tendo por base as visões (sejam relativas à narrativa do eu, ou às narrativas sobre o outro) marcadas por esta identidade.

Dessa forma, pode-se afirmar que até mesmo os valores notícias e os critérios de noticiabilidade propostos por Traquina (2005) só jogam luzes sobre as opções editoriais quando se leva em conta a importância dessas narrativas identitárias. A relevância da Seleção e do futebol na cobertura do JN é evidenciadora do quanto estabeleceu-se no telejornal uma simbiose entre o país e a equipe. “Dentre todos esses fatores, o esporte é notadamente o mais influente elemento de aglutinação de interesses no Brasil. Quando falamos em esporte, estamos falando de futebol, pois no Brasil esporte e futebol são sinônimos” (HELAL, CABO e SILVA, 2007, p.05).

Outro critério de noticiabilidade que ajuda a explicar a grande atenção dada pelo JN à cobertura diz respeito à categoria de facilidade (disponibilidade): a transmissão do evento midiático em questão é exclusividade da Rede Globo. Valores-notícia como simplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância, dentro outros citados por Traquina (2005), também são muito presentes nas narrativas televisivas sobre a Seleção.

O mais relevante para o presente trabalho, contudo, é a dimensão identitária presente na cobertura telejornalística da Seleção Brasileira. A rivalidade e o conflito, que já fazem parte da própria natureza da competição, foram intensificadas quando o Brasil se confrontou com determinadas seleções, como Argentina e Uruguai:

Todo espetáculo esportivo envolve um processo de identificação e de diferenciação, tanto dos atletas como do público, pois sempre temos equipes competindo. Sempre é o meu time contra o seu, é a seleção brasileira contra a seleção Argentina, que acaba se transformando no Brasil versus Argentina. Nesse processo, as narrativas sobre esporte produzidas pelos meios de comunicação acabam se articulando com as narrativas das identidades, que podem ser nacionais (no caso Brasil x Argentina) [...], (MELO, 2006, p.05).

Um fator a aumentar o interesse noticioso sobre o tema se dá quando ocorrem também resultados inesperados (no caso estudado, isso aconteceu quando a Seleção Brasileira perdeu para uma das seleções “menores”, como a Venezuela, por exemplo). Destacamos ainda que a especificidade do jornalismo esportivo – no qual se observam mais intensamente o uso da emoção e da criatividade, com a apresentação das notícias num tom mais *leve* – explica por que, tantas vezes, a cobertura da Seleção foi escolhida para finalizar o Jornal Nacional.

Como costuma acontecer com a cobertura do esporte no telejornalismo geral, o tom das matérias é usualmente de celebração, com narrativas épicas. “E a Seleção Brasileira deu espetáculo ontem” (JORNAL NACIONAL, 20/11/2008). Esse tom de celebração apareceu principalmente contra o maior rival da Seleção Brasileira, a Seleção Argentina.

É um jogo que mexe com os dois países e causa frisson diferente até na imprensa. Disputa-se todo espaço, entrevista nos dois idiomas. (JORNAL NACIONAL, 17/06/2008).

Isso também aconteceu na narrativa sobre a disputa individual entre o jogador brasileiro Kaká e o atleta português, Cristiano Ronaldo. “O amistoso para ver e principalmente ser visto. Em Brasília Kaká e Cristiano Ronaldo estarão frente a frente se exibindo para o restante do mundo” (JORNAL NACIONAL, 18/11/2008). Nós contra os outros: síntese dos mecanismos de identificação pelos quais se formam, por sintonia narrativa, as identidades; por diferença, as alteridades.

Sendo eventos midiáticos que quebram a rotina, e modificam a grade de programação televisiva, os jogos da Seleção constituem momentos de explicitação das qualidades do país e de reforço daquilo que une a todos – a utilização dos símbolos nacionais insere-se nesse

contexto e impele à adoção do tom épico: “Jogar no Brasil, jogar no Maracanã, jogar com a torcida gritando, falando em português, escutar os torcedores apoiando isso dá um gostinho a mais” (JORNAL NACIONAL, 14/10/2008). O mesmo ocorreu em:

Falta menos de uma hora para o jogo mais importante da Seleção até agora pelas Eliminatórias. Vamos ao Mineirão. Boa Noite Galvão! Boa noite Fátima! Sem dúvida, o jogo mais importante nessa primeira fase de eliminatórias. (JORNAL NACIONAL, 18/06/2008).

A participação dos jornalistas utilizando os pronomes na primeira pessoa do plural (nós), conforme Dayan e Katz (1999), transforma os profissionais de imprensa em participantes do processo. O acontecimento midiático, aliado a um discurso implícito da brasilidade, contribui para a oferta da narrativa de integração da sociedade, que muitas vezes renova a sua esperança na nação. Segundo Dayan e Katz (1999), passa-se até mesmo a sensação de que ocorre a mesma coisa em todos os lares da Brasil – cria-se, assim, portanto, laço social conforme descrito por Wolton (1996).

O recurso estilístico da dramatização – já presente em várias outras esferas do telejornalismo – encontra aqui um terreno fértil. Isso contribui para a identificação do telespectador, de modo a atingi-lo emocionalmente. “O texto deixaria de ser um simples relato que documenta uma viagem (...) para se tornar uma narrativa bem mais interessante” (SIQUEIRA, 1992, p.13 apud COUTINHO, 2006, p.119).

Dessa forma, algumas características típicas da dramatização do telejornalismo potencializam-se nas matérias esportivas. A primeira é a capacidade de desdobramento das notícias em capítulos. Na cobertura analisada dos jogos da Seleção Brasileira de Futebol, estendeu-se por toda a semana de cada partida. Assim, as matérias foram divididas em *capítulos* para serem apresentadas a cada edição do telejornal.

Por exemplo, nas semanas entre os jogos do Brasil e Chile e Brasil e Bolívia (02/09/2008 à 11/09/2008)³², as matérias foram elaboradas a fim de que os telespectadores acompanhassem a trajetória da Seleção Brasileira naquele período como se fosse uma novela. A primeira reportagem foi sobre os treinos da Seleção para os próximos jogos da Copa (e terminava deixando uma dúvida sobre quem seriam os titulares). A segunda enfatizava a importância da vitória para a Seleção (o vt resgatava, logo na cabeça, a continuidade do treino

³² Neste período houve uma nota coberta no dia 03/09/2008 sobre a investigação pela Fifa da vitória da Seleção Brasileira contra a Seleção de Gana, na Copa do Mundo de 2006. Contudo essa matéria foi excepcional e não fazia parte dos capítulos da Seleção Brasileira nas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2010.

e que permanecia a dúvida sobre a escalação. Depois descrevia e terminava reafirmando que a Seleção faria tudo pela vitória).

A terceira matéria era sobre o fato de que a Seleção teria uma formação ofensiva no confronto contra o Chile e terminava destacando a união e o sentimento de família entre os jogadores brasileiros. A quarta tratava da viagem da Seleção para a partida no Chile. O quinto vt era sobre o último treino e com os comentários *calorosos* sobre a partida por Galvão Bueno, fechando esse primeiro ciclo com a matéria sobre a vitória brasileira - finalizado com a frase “É preciso respeitar o melhor futebol do mundo” (JORNAL NACIONAL, 08/09/2008). Já no dia 09/09/2008, iniciava-se um novo momento, pois começavam as preparações para o próximo jogo, com as pistas para a escalação.

Tal como numa telenovela típica, mesmo quem não acompanhasse todos os *capítulos* da Seleção no JN conseguia compreender cada matéria isoladamente, pois sempre se fazia uma contextualização sobre o assunto. Mas outro fator relevante para a dramaturgia do telejornal é a existência do conflito.

Tomando como matriz/modelo metodológico as definições de narrativa e de drama, é a partir de um conflito e/ou de uma intriga que se desenrolam as ações, na medida em que nos são dados a conhecer os personagens e ainda os outros elementos daquela estória, tais como cenário, contextos, referências temporais. Nos telejornais esse “marco inicial”, de apresentação inicial do conflito, ocorre no texto de abertura das matérias, interpretado pelos locutores-apresentadores como uma espécie de “convite” ao acompanhamento do VT. Talvez por isso, no jargão profissional, esse elemento de composição do telejornal receba o nome de “chamada” ou cabeça de apresentação. (COUTINHO, 2003, p.132).

Na semana analisada, percebeu-se alguma presença de conflito enquanto explicitação de crise, sobretudo aquela advinda das derrotas e da má atuação da Seleção Brasileira. Ou ainda através da explicitação de rivalidade com outras Seleções nas partidas. Mas na maioria das reportagens, a ênfase deu em *pseudoconflito*, que, segundo Coutinho (2003), ocorre quando o conflito narrativo não possui relação direta com conflito social, registrado fora do telejornal. Na verdade, o conflito é desenvolvido na edição e no texto dos repórteres.

O que ocorreu em grande maioria na semana analisada foi uma cobertura de celebração, na qual houve pouco espaço para a crise. Isto porque “os grandes acontecimentos noticiosos falam de acidentes, de desordem; os grandes acontecimentos cerimoniais celebram a ordem e a restauração” (KATZ e DAYAN, 1999, p.24). Jogos da Seleção, mesmo que em

crise, são mais para celebrar a brasilidade do que para criticá-la, parece sugerir a análise da cobertura do JN.

Mas quando os conflitos aparecem, eles são apresentados na maioria das vezes por meio dos personagens, pois conforme Coutinho (2003) uma história individual torna-se exemplo ou símbolo de uma ação que se repetiria na coletividade. Assim seria a apresentação da parte para o todo. A corporificação da Seleção na figura de Robinho e a materialização da brasilidade e do próprio país através da Seleção atenderiam a esta demanda.

Assim, em tese, contar a história da Seleção Brasileira é também contar vitórias e decepções da própria da nação. Nestas narrativas, a Seleção foi o mocinho e herói, sobretudo nas vitórias brasileiras. Mesmo quando perdeu – e poderia ser, momentaneamente, encarada como vilã -, configurou-se sua apresentação como neomocinho ou vilão regenerado, que se mostrou arrependido dos erros e buscou redenção nas próximas partidas. Já a alteridade - as outras seleções – foi majoritariamente apresentada ora como vilã (em suas vitórias) ora como vítima (nas derrotas para a Seleção Brasileira).

A dramaturgia do telejornal costuma também se encerrar com uma lição de moral, ou seja, “[...] a inserção de conteúdos valorativos na mensagem audiovisual representa uma oportunidade de apresentação de determinada visão do mundo” (COUTINHO, 2003, p.152). Exemplo da ocorrência desse elemento se deu nas matérias correspondentes à Seleção Chilena, que em tese teria desrespeitado o Brasil e, conseqüentemente, sofrido as consequências - no caso, uma goleada.

O fato é que a equipe brasileira – e em especial os seus personagens mais representativos, como Robinho, apontado como síntese das qualidades dos brasileiros – aparecem sempre associados à afirmação de elementos como *Individualidade, Alegria, Criatividade ou Hibridismo*. Quando essas qualidades não se fazem presentes, é porque a Seleção não jogou como sabe, não foi suficientemente brasileira, mas voltará a ser.

Dessa forma, o discurso telejornalístico do JN sobre a Seleção Brasileira de Futebol não apenas opera o reforço das narrativas míticas da brasilidade como, por conta da natureza da própria dramaturgia telejornalística, o faz com estrutura similar à de uma telenovela (não por acaso, o principal produto ficcional da indústria cultural nacional, tão “brasileira” quanto o futebol). Certamente essa conjunção ajuda a explicar por que o processo de identificação dos torcedores com o selecionado nacional – num ambiente em que o esporte é fruído sobretudo através da TV – é tão grande que, para o senso comum brasileiro, tanto faz chamar a equipe de Seleção ou, simplesmente, de Brasil.

8 Conclusão

O futebol constitui um objeto central para a compreensão das discursividades e narrativas que os brasileiros produzem sobre si mesmos. Assim o discurso do povo brasileiro sobre a nação está impregnado das ideias e termos que são usados também para identificar a Seleção Brasileira de Futebol.

Mas esta dimensão social do futebol começa a ser percebida por meio de outra experiência disseminada em todas as camadas sociais do país: o acesso a produtos mediados pela comunicação de massa, sobretudo, pela televisão. Ela passa a ser responsável não só pela transmissão das partidas de futebol, mas também consolida, por meio dos telejornais, determinadas representações sobre o significado do jogo para a cultura brasileira.

Assim, a análise evidenciou que as matérias do Jornal Nacional sobre a Seleção Brasileira efetivamente constituíram-se como um local privilegiado para se estudar a relação entre a identidade nacional e o esporte mediado pelo telejornalismo. As narrativas tributárias dos textos clássicos sobre a brasilidade estudados nesta dissertação (que têm uma visão romântica e mítica da formação brasileira e da suposta identidade nacional) foram incessantemente mobilizadas pelo telejornal – por meio de uma concepção de identidade essencialista e naturalizada, que permeia o senso comum.

De modo geral, a Seleção Brasileira foi tratada como a “encarnação” das supostas qualidades e defeitos típicos dos brasileiros, ou seja, em conformidade com a hipótese aqui formulada inicialmente, essa cobertura se constituiu numa ilustração de como o discurso das identidades nacionais projeta-se como algo natural e essencial, não como mera construção simbólica (apesar de efetivamente assim o ser).

Nesse rumo, mesmo quando as matérias do JN não tinham enquadramento positivo para a Seleção, a identidade nacional mítica era reafirmada pela caracterização da atual equipe como distanciada daquilo que uma Seleção Brasileira deveria ser. As narrativas a fazerem odes à *Criatividade*, à *Malandragem*, ao *Jeitinho*, ao *Hibridismo*, à *Mobilidade* e à *Miscibilidade*, por exemplo, foram uma constante.

A essencialização da maneira de jogar brasileira foi diretamente relacionada com a mistura das três raças – talvez o grande mito fundador da brasilidade. Com isso, o discurso da democracia racial no futebol ainda serve, depois de décadas de sua formulação, como matéria-prima para a reiteração da narrativa da integração nacional.

É preciso notar, no entanto, que esse discurso mítico do *hibridismo*, dentre outros, contribui para um silenciamento dos problemas enfrentados em variados campos: as

dificuldades históricas e não superadas de incorporação de negros e pardos às posições superiores da vida nacional são um desses problemas eclipsados pela adoção acrítica do mito da brasilidade.

Além da confirmação da hipótese de que existe uma relação de contaminação das supostas qualidades do Brasil em relação ao modo brasileiro de se jogar futebol e à Seleção, evidenciou-se também a influência da mídia (o grande aparato de vocalização das narrativas identitárias) na reafirmação desses valores.

Assim, muitas narrativas sobre a brasilidade utilizadas pelo JN encontram convergência com as descrições de textos clássicos sobre o que é o Brasil, que ainda permeiam o senso comum de muitos brasileiros: o JN, ao cobrir a Seleção (imagem e texto), contribui para reprodução de termos hegemônicos e míticos destas narrativas.

O discurso do brasileiro advindo das mistura das três raças, malandro, malicioso, cordial, alegre, místico, herói, que utiliza as relações de compadrio e de diferenciação numa estrutura hierarquizada de uma família patriarcal, projeta-se também nas narrativas sobre o modo do brasileiro jogar. Ou seja, a habilidade e a criatividade supostamente naturais do brasileiro se manifestariam no *futebol arte*, que até hoje é visto como ponto de superioridade futebolística e de nação.

Nota-se, repetidas vezes, a marcação da identidade brasileira pela diferença em relação às outras Seleções. Na cobertura, a forma “brasileira” de jogar encontra no jogador sua personificação dessa identidade nacional. O discurso sobre ele está repleto de estereótipos essencialistas que os brasileiros fazem de si mesmos. Alegria, diversão, criatividade e malandragem são qualidades amplamente presentes nos discursos sobre o jogador. Este jogador além de ser colocado como personagem principal, é tido como ídolo e símbolo da Seleção Brasileira.

Robinho, como símbolo e retratação “perfeita” do brasileiro, dá rosto e nome a essas características – e a, assim, contribui para facilitar o processo de identificação – que, por sua vez, ocorre no ambiente televisivo e, mais precisamente no caso, da dramaturgia telejornalística. É a partir das especificidades deste que a contextualização ganha sentido – seja nos *stand up* de Galvão Bueno (marcadas pelas críticas quando constatada a falta das supostas características brasileiras e nos elogios e exaltação destas, quando presentes), seja na posição ativa de repórteres ou âncoras (apresentados também como torcedores da Seleção, e não profissionais neutros).

Essas estratégias reforçam o laço social e reverberam o Brasil como aquela comunidade imaginada que encontra materialidade em sua Seleção – tudo isso tendo como

pano de fundo a constatação de que o esporte converteu-se em um acontecimento midiático, que contribui para a integração da nação e para a oferta de um discurso renovador de esperança no país.

Nessa linha, contar a história da Seleção é também contar os feitos da própria nação – daí a utilização da linguagem celebrativa e épica. Como o JN é dirigido a um público generalista, e não só a torcedores assíduos, o telejornal não abusa de expressões típicas do universo do futebol, dirigindo-se à nação como um todo. Diante da necessidade de ofertar discursos facilmente identificáveis e assimiláveis, reforça-se a narrativa da “Pátria de Chuteiras”: a Seleção é o objeto no qual o Brasil ainda corporifica a visão essencialista do que é, supostamente, o ser brasileiro.

O problema dessa estratégia é que, ao apresentar a brasilidade como algo natural, não se contribui para a efetiva percepção da existência de numerosos outros discursos sobre os muitos *Brasis* existentes. É importante ressaltar que essa narrativa que relaciona futebol e identidade brasileira no JN faz parte de uma construção que, embora tenha sido *inventada*, pode eventualmente produzir efeitos como se real fosse, à medida que *pareça* real para milhões de brasileiros. Talvez esteja aí uma possibilidade de desdobramentos acadêmicos da presente dissertação: verificar em trabalhos futuros e por meio de pesquisas de recepção, o quanto esta estratégia de identificação foi ou não bem sucedida junto aos telespectadores.

Referências

ALVIN, Bianca. **Jornalismo Esportivo na mídia local de Juiz de Fora: Os limites da cobertura sobre a campanha do Tupi em 2006.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

BAUMAN, Zygmunt.. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi.** Florianópolis: IISBPJOR, 2005.

BRBERO, Jesús Martín, REY, Germán. **Os exercícios do ver – Hegemonia audiovisual e ficção televisiva.** São Paulo: Senac, 1999.

BARBEIRO, Heródoto, RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo.** São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BARBOSA, Marialva, GOULART, Ana Paula. Telejornalismo na Globo: vestígios, narrativa e temporalidade. In: **Rede Globo 40 anos de poder e hegemonia.** São Paulo: Paulus, 2005, p.206-223.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Portugal/Lisboa: Edições 70, 1977.

BECKER, Beatriz. 500 anos do descobrimento nos noticiários da TV. In: EURICO, Alfredo, ANTÔNIO, Flávio, LADEIRA, Célia (Org.). **Telejornalismo A nova praça pública.** Florianópolis: Insular. 2006. p. 65-97.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade.** 20ª Ed.; Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

BHABHA, Hom K.. **O Local da Cultura.** Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2005. Introdução, Capítulo 1, 2, 3 e 8.

BORGES, Luis Henrique de Azevedo. **Do complexo de vira-latas ao homem genial: futebol e identidade no Brasil.** In: <http://www.historica.arquiwoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao24/materia02>
Acesso em: 03/04/2009.

BRAGA, José Luiz. **A Sociedade enfrenta sua Mídia: dispositivos sociais de crítica midiática.** São Paulo: Paulus, 2006.

BRITO, Regina H.P. e MARTINS, Moisés de L. **Considerações em torno da relação entre língua e pertença identitária no contexto lusófono.** In: Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2004. São Paulo: Intercom, 2004 p. 69-77.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa.** São Paulo: FTD, 2000.

BUENO, Wilson da Costa. Chutando pra fora: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro. In: MARQUES, José Carlos, CARVALHO, Sérgio, CAMARGO, Vera Regina T. (Org.). **Comunicação e Esporte: Tendências**. Santa Maria: Palotti. 2005. p.13 – 27.

CAMARGO, Vera Regina T. (Org.). O comunicador e o educador esportivo: novos paradigmas para o jornalismo esportivo. **Comunicação e Esporte: Tendências**. Santa Maria: Palotti. 2005. p.172 – 186.

_____. **O telejornalismo e o esporte-espetáculo**. Tese de doutorado – Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. O espetáculo midiaticizado. **Comciência**. Lajabor / SBPC, 2006. nº 79. Disponível em: www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=16&id=151. Acesso em: 20 dez. 2006.

CASTRO, RUY. **As Sombras das chuteiras imortais: Crônicas de Futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

CORREIA, João Carlos. **Elementos para uma crítica da mediação moderna**. In: www.bocc.ubi.pt. Acesso: 31.05.2007.

CORRÊA, Wilson. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, p.208-304.

COSTA, Sérgio Roberto Mendonça. Nação, comunidade imaginada pela mídia? O futebol-espetáculo e as identidades nacionais. In: **III ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador: III ENECULT, 2007, p. 1-14.

COUTINHO, Iluska. Telejornal e narrativa dramática: um olhar sobre a estrutura da informação em TV. In: EURICO, Alfredo, ANTÔNIO, Flávio, LADEIRA, Célia (Org.). **Telejornalismo A nova praça pública**. Florianópolis: Insular. 2006. p. 99-124.

_____. Leitura e análise de imagem In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, p.330-344.

_____. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em TV**. Tese de Doutorado, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003.

DAMATA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAOLIO, Jocimar. A superstição no futebol brasileiro. In: DAOLIO, Jocimar (org.). **Futebol, Cultura e Sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005, p.3-20.

DAYAN, Daniel, KATZ, Elihu. **A história em directo: os acontecimentos mediáticos na televisão**. Coimbra: Minerva, 1999.

DEBS, Michell Nascimento, CARREIRO, Viviane Amoury. **Espetáculo Telejornalístico ao vivo: uma análise de conteúdo sobre a cobertura do Jornal Nacional na Copa do Mundo de 2002.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Educação e Comunicação, FAESA, Vitória, 2003.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. O telejornal e a telenovela: o discurso realidade e ficção. In: **Estudos em jornalismo e mídia.** Ano V, nº 1, 1º semestre de 2008. p.87-98.

ENNE, Ana Lúcia S. À perplexidade, a complexidade: a relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas. In: **Comunicação, Mídia e Consumo.** Vol.03.nº7. São Paulo: ESPM, 2006. p. 11-29.

ESTEVES, João Pissarra. **Os media e a questão da identidade** : Sobre as leituras pós-modernas do fim do sujeito. Universidade Nova de Lisboa: Março de 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora UNB, 2001.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder - formação do patrono político brasileiro.** Rio de Janeiro: Editora Globo, 1957. Vol. 1. 10ªed.

FELTRIN, Ricardo. **Jornal Nacional, 40, fecha ano com menor ibope da história.** Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/oops/ultnot/2009/12/08/ult2548u814.jhtm>. Acesso em: 28/03/2010.

FRANÇA, Vera V. A televisão Porosa – Traços e tendências. In: FILHO, João Freire. **A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo.** Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 27-52.

_____. A Tv, a janela e a rua. In: França, Vera. **Narrativas televisivas: programas populares na TV.** São Paulo: Autêntica, 2006, p.13-45.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala.** São Paulo: Editora Record, 2001, 42ª ed.

FRIGERIO, Alejandro. La Construcción de problemas sociales: cultura, política y médios de comunicación..In: **Comunicação e Política.** Ano 18-19 - 1993. São Paulo: CBELA, 1993. p. 137 -149.

FUNARTE. **Brasil – Anuário Estatístico da Cultura 2009.** Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/20258741/Brasil-Anuario-Estatistico-da-Cultura-2009>. Acesso em: 27/10/2009.

GRAMÁTICA ESCOLA. **Função Fática.** In: <http://www.brasilecola.com/gramatica/funcoes-linguagem.htm>.,. Acesso em: 19/08/2009.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana.** 8ª Ed.; Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GOMES, Itania Maria Mota. O infotainment e a cultura televisiva. In: FILHO, João Freire. **A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo.** Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 195-221.

GUERRA, Márcio. O jogo da moda: a transformação do futebol em negócio. In: MARQUES, José Carlos, CARVALHO, Sérgio, CAMARGO, Vera Regina T. (Org.). **Comunicação e Esporte: Tendências**. Santa Maria: Palotti. 2005. p.187 – 201.

_____. Um Novo Tipo de Jornalismo: de incentivo. As interferências econômicas fazem com que apareça na cobertura esportiva um novo gênero na informação. In: XXXI CONGRESSO BRASILEIRO de CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2008, Natal. **Anais...** Natal: Intercom. (CD'rom).

_____. Rádio e tv: o jogo da narração – A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. IN: **Lumina**. Vol01, nº1, jun 2007. Disponível em: www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina . Acesso em: 09/02/2010.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 11ª Ed.; Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HELAL, Ronaldo. Los Unos e Los Otros: a imprensa argentina narra o futebol brasileiro. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. **Anais**. Brasília: Intercom (CD'rom).

HELAL, Ronaldo, CABO, Álvaro do, SILVA, Carmelo. Pra frente Brasil! Comunicação e Identidade Brasileira em Copas do Mundo. In: XXXI CONGRESSO BRASILEIRO de CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2008, Natal. **Anais...** Natal: Intercom. (CD'rom).

HELAL, Ronaldo, GORDON, César. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. In: **Eco-pós**. V.05, nº01, 2002. p.37-55.

_____. **Sociologia, História e Romance na construção da identidade nacional através do futebol**. In: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/262.pdf>. Recebido para publicação em 1998. Acesso em: 03/04/2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympo, 1978.

IBGE. **Domicílios por posse de alguns bens duráveis - Televisão (Percentual)**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/series_estatisticas/exibedados.php?idnivel=BR&idserie=FED214. Acesso em: 27/10/2009.

JORNAL NACIONAL – gravação das matérias da Seleção Brasileira de Futebol das edições do dia 04/06/2008 à 07/06/2008. Rio de Janeiro, TV Globo: 2008.

_____ – gravação das matérias da Seleção Brasileira de Futebol das edições do dia 10/06/2008 à 19/06/2008. Rio de Janeiro, TV Globo: 2008.

_____ – gravação das matérias da Seleção Brasileira de Futebol das edições do dia 02/09/2008 à 11/09/2008. Rio de Janeiro, TV Globo: 2008.

_____ – gravação das matérias da Seleção Brasileira de Futebol das edições do dia 07/10/2008 à 16/10/2008. Rio de Janeiro, TV Globo: 2008.

_____ – gravação das matérias da Seleção Brasileira de Futebol das edições do dia 17/11/2008 à 20/11/2008. Rio de Janeiro, TV Globo: 2008.

JOST, François. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 9-44.

LUPORINI, Marcos Patrizzi, CARRASCO, Claudiney Rodrigues. O uso da música no telejornalismo: análise dos quatro telejornais transmitidos em rede pela tv globo. In: **Anais da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em música**. Anppom, 2007. p. 1 – 10. Disponível em:
http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/semiotica/semiot_MPLuporini.pdf. Acesso em: 06/12/2009.

MANHÃES, Eduardo. Análise de Discurso. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, p.208-304.

MARQUES, José Carlos, CARVALHO, Sérgio, CAMARGO, Vera Regina T. (Org.). **Comunicação e Esporte: Tendências**. Santa Maria: Palotti. 2005.

MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950 – 2000)**. Slavador: PAS-Ianamá, 2000.

MEDEIROS, Ana Lúcia. A telenovela, o telejornal e o interesse humano. In: **I Enecult Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador: I ENECULT, 2005, p. 1-12.

MELO, Vanessa Scalei de. Jogos Olímpicos de 2004: as narrativas televisivas e a valorização da identidade brasileira. In: **Unirevista**. Vol. 1, nº03, Julho 2006, p.1-11, ISSN 1809-4561.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/>. Acesso em: 06/12/2009.

MEMÒRIA GLOBO. **Jornal Nacional: A notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MENDES, Gláucia da Silva. **A naturalização do atraso: os noticiários de El Universal e O Globo sobre o governo Chávez e as projeções identitárias sobre a América Latina**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Juiz de Fora.

MIRANDA, Orlando de. Televisão, Real e Imaginário. In: **comunicação e Política**. Ano: 11 – Nº 16 – 1992. São Paulo. CBELA: 1992. p.127 – 133.

MORAGAS, Miguel de. **Deporte y medios de comunicación. Sinergías crecientes**. In:
http://www.campusred.net/telos/anteriores/num_038/cuaderno_central7.html .Acesso em: 15/09/2009.

MORATO, Márcio Pereira. A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. In: DAOLIO, Jocimar (org.). **Futebol, Cultura e Sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005. p.73-104.

MOTA, Célia Ladeira. O gesto e a palavra: representações sobre cidadania no telejornal. In: EURICO, Alfredo, ANTÔNIO, Flávio, LADEIRA, Célia (Org.). **Telejornalismo A nova praça pública**. Florianópolis: Insular. 2006. p. 125-143.

PEREIRA, Verônica Sales. O Campo dos Sonhos – Notas sobre o imaginário e a reconstrução da identidade. In: **Comunicação e Política**. Ano 18-19 - 1993. São Paulo: CBELA, 1993. p.63-86.

PINTO, Ivonete. A dramatização no telejornalismo. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre. Nº 7, nov. 1997. p. 1117-123.

PORCELLO, Flávio A.C.. Introdução. In: EURICO, Alfredo, ANTÔNIO, Flávio, LADEIRA, Célia (Org.). **Telejornalismo A nova praça pública**. Florianópolis: Insular. 2006. p. 13-17.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

ROCCO, Ary José. Novas tecnologias e as torcidas virtuais (a transformação da cultura do futebol no século XXI). In: MARQUES, José Carlos, CARVALHO, Sérgio, CAMARGO, Vera Regina T. (Org.). **Comunicação e Esporte: Tendências**. Santa Maria: Palotti. 2005. p.172 – 186.

RIBEIRO, André. **Os donos do Espetáculo: Histórias da Imprensa Esportiva do Brasil**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Para uma genealogia do discurso da globalização da experiência**. In: www.bocc.ubi.pt . Acesso: 31.05.2007.

SHUEN, Li-Chang. Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento. In: IV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2006, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: SBJOR e UFRS. (CD’Rom).

_____. Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento. In: IV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2006, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: SBJOR e UFRS. (CD’Rom).

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Editora Vozes: Petrópolis. 2000. p.73 – 102.

SILVA, A construção social da paixão no futebol: o caso do vasco da gama. In: DAOLIO, Jocimar. (org.). **Futebol, Cultura e Sociedade**. Campinas: Editora Autores Associados Ltda, 2005. p.21-52.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SKIDMORE, Thomas E. **O Brasil visto de fora**. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A, 1994, 2ªed.

SOARES, Antônio Jorge, LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. In: **Revista Brasileira em Ciências do Esporte**. Campinas, V.25, n1, p.129-143, set.2003.

SOARES, Antônio Jorge, HELAL, Ronaldo, SANTORO, Marco Antônio. Futebol, Imprensa e Memória. In: **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. JAN/JUN 2004, VI(1), p.61-78.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura – A comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. In: **A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005. p.31-101.

TEIXEIRA, João Paulo Vieira. **SprtsCenter versus SporTV News: quem é o campeão da informação?** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

VIEIRA, Robert Amaral. Televisão, Imaginário e Inconsciente. In: **comunicação e Política**. Ano: 11 – Nº 16 – 1992. São Paulo. CBELA: 1992. p. 119 – 125.

VIZEU, Alfredo Eurico. 50Telejornalismo: das rotinas produtivas à audiência presumida. In: EURICO, Alfredo, ANTÔNIO, Flávio, LADEIRA, Célia (Org.). **Telejornalismo A nova praça pública**. Florianópolis: Insular. 2006. p.19-40.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público – uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Editora Vozes: Petrópolis. 2000. p.07-72.

Apêndice

Matéria: Kaká é cortado de jogo da Seleção nas eliminatórias da Copa.

Locutor: William Bonner

Tempo: 30s

Data: 04/06/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p> <p>Nota coberta. (Kaká é cortado de jogo da Seleção nas eliminatórias da Copa).</p> <p>Imagens de Kaká jogando e de Hernades jogando.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Kaká foi cortado dos jogos da Seleção contra o Paraguai e a Argentina pelas eliminatórias da Copa. O jogador ainda se recupera de uma cirurgia no joelho esquerdo. O técnico Dunga chamou Hernandes do São Paulo, para o lugar dele.</p>
---	------------------	---

Matéria: Robinho é a estrela do Brasil contra a Venezuela .

Locutor: Marcelo Gommès.

Tempo: 1 min 33

Data: 05/06/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p> <p>VT Matéria</p> <p>(Robinho é a estrela do Brasil contra a Venezuela).</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>A Seleção Brasileira vai enfrentar a Venezuela, amanhã, em Boston, com muitas mudanças.</p>
<p>Plano aberto do treino da Seleção Brasileira. Uma mão levantando a grama várias vezes.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Gramado bonito, mas improvisado. Há exemplo do que já havia acontecido no sábado, em Seattle, aqui em Boston também a Seleção vai jogar pisando num tapete de grama natural que foi colocado sobre a grama sintética do estádio.</p>
<p>Plano aberto do treino. Mostra o técnico conversando com a equipe técnica e observando o treino. Imagem de Júlio César fazendo defesas durante o treino. Imagem do Gilberto cabeceando a bola. Imagem de Robinho correndo.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Em cerca de uma hora de reconhecimento, reservas e titulares se misturaram. Mas mesmo sem confirmar oficialmente, o técnico Dunga já deu todas as dicas de que o time que enfrenta a Venezuela vai ser muito diferente do que venceu o Canadá. Apenas três titulares devem ser mantidos: o goleiro Júlio César, o lateral Gilberto e Robinho.</p>
<p>Passagem Mauro Naves no campo vazio.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>No ano passado, a Seleção jogou em Boston diante de um público de 67.512 pessoas, recorde do estádio para partidas de futebol, ou soccer, como se diz por aqui. A expectativa para esta sexta é novamente de estádio lotado, com maioria brasileira nas arquibancadas, o que vai fazer mais uma vez a Seleção se sentir em casa.</p>
<p>Imagem do Robinho reclamando no treino. Imagem dele correndo com a bola. Imagem dos pés de Robinho fazendo dribles. E a comissão técnica e o Dunga observando. Imagem de Gilberto Silva parado observando o treino.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>E como Robinho não será poupado, é grande a chance do carinho da torcida ser devidamente retribuído. Símbolo da atual Seleção, o atacante é visto como fundamental para a beleza e alegria do espetáculo.</p>
	<p>Sonora 1</p>	<p>O Robinho é a cara do povo brasileiro. Nós nascemos querendo jogar futebol e o Robinho</p>

<p>Sonora do Dunga na coletiva, com o fundo dos patrocinadores.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>quer jogar futebol.</p>
<p>Robinho cabeceando a bola.</p>	<p>Quem não deverá gostar muito dessa cara brasileira é a defesa da Venezuela.</p>	
<p>Imagens: Álvaro Santanna e José Carlos Mosca.</p>		

Matéria: Seleção Brasileira faz seu último amistoso nos Estados Unidos.

Locutor: William Bonner

Tempo: 1 min 44

Data: 06/06/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p> <p>VT Matéria</p> <p>(Seleção Brasileira faz seu último amistoso nos Estados Unidos)</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>O jogo da Seleção contra a Venezuela nos Estados Unidos vai reunir muitos brasileiros no estádio. Mas vai ser difícil convencer os americanos a deixarem de lado um dos esportes preferidos.</p>
<p>Imagem de um homem rodando a bola de basquete no dedo, em uma praça. Imagens das ruas de Boston, mostrando torcedores com a camisa de times de basquete. Imagens aéreas de um campo de basquete.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>A terra do basquete só pensa em basquete. Em Boston, está o maior campeão americano. Nas ruas pintadas de verde, muita euforia pelos confrontos entre o time da casa, os Celtics, contra os Lakers, de Los Angeles. Uma final que ganhou o apelido de ‘decisão dos sonhos’. Difícil concorrer com esse espetáculo.</p>
<p>Passagem Eric Faria no campo de futebol vazio.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>O americano está começando a gostar de futebol. A média de público nas partidas da Liga Profissional é de, mais ou menos, 15 mil pagantes. Mas, nesta sexta-feira, é diferente. É jogo do Brasil e o estádio deve receber 70 mil torcedores.</p>
<p>Imagens de brasileiros enfeitados de verde e amarelo fazendo churrasco. Imagens de torcedores brasileiros fazendo festa na rua. Engarrafamento nas ruas. Torcedores do Brasil fazendo festa nos carros. Imagens de brasileiros fazendo samba.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Churrasco é barbecue. Só que agora é churrasco mesmo. Aproximadamente, 300 mil brasileiros vivem na região. Depois do engarrafamento, o estacionamento se transformou em ponto de encontro. Ligou a câmera, juntou gente e apareceram os instrumentos.</p>
<p>Imagem de Adriano correndo com a bola e fazendo gol no treino. Imagens, plano aberto, do treino.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Tudo isso há muitas horas de matar um pouquinho a saudade de casa. O calor humano sempre foi o combustível da Seleção fora do país. Em campo contra a Venezuela, a partida vai servir de preparação para os dois jogos das Eliminatórias.</p>
	<p>LOC – O</p>	<p>Mesmo assim, Alexandre Pato e Adriano</p>

<p>Mostra Dunga conversando com Pato e Adriano no treino. Adriano toca a bola para Pato, que dribla e faz o gol, no treino. Torcida pulando e comemorando.</p> <p>Nota pé – William Bonner.</p> <p>Imagens: Álvaro Santanna .</p>	<p>–</p> <p>Âncora</p>	<p>começam entre os titulares. Uma chance para eles aparecerem para o treinador e darem a oportunidade para a turma gritar gol.</p> <p>A Globo vai transmitir Brasil e Venezuela ao vivo, logo depois de A Favorita.</p>
---	------------------------	--

Matéria: Seleção Brasileira perde para Venezuela.

Locutor: Carla Vilhena

Tempo: 1 min 58

Data: 07/06/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>No futebol, o dia seguinte à derrota para a Venezuela provocou reflexão na Seleção Brasileira. A preocupação agora é com as Eliminatórias.</p>
<p>VT Matéria</p>		
<p>(Seleção Brasileira perde para Venezuela).</p>		
<p>Imagem dos jogadores no sagão do hotel e Diego sentado no sofá com a mão na testa. Imagem de Júlio César fazendo sinal de positivo para câmera. Diego conversando no sagão. Jogadores indo embora do hotel. Imagem de Luiz Fabiano cabeceando para fora. E Dunga sério com os braços cruzados.</p>	<p>LOC – O –</p> <p>Sobe som vaias.</p>	<p>Difícil acordar de bom humor. Até o sorriso é meio sem graça. As poucas horas de sono, certamente, foram acompanhadas pela desagradável lembrança da vaia de 50 mil torcedores.</p> <p>Vaias</p>
<p>Seleção Venezuelana atacando e marcando. Seleção Brasileira errando.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>No estádio lotado em Boston, a expectativa era por uma vitória, mas o que entrou para a história foi a primeira derrota do Brasil.</p>
<p>Sonora com Dunga, na coletiva, fundo dos patrocinadores.</p>	<p>Sonora 1</p>	<p>Derrota pode ser até em treino que dói. Principalmente, se tratando de Seleção Brasileira.</p>
<p>Imagens dos pés de Dunga, andando. Depois a câmera vai subindo até o rosto dele. E a câmera o acompanha até o ônibus. A câmera volta para o repórter.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Os próximos passos da Seleção agora são pelas eliminatórias. Daqui dos Estados Unidos, Dunga leva muitas observações e uma certeza a semana será longa de trabalho em Teresópolis.</p>
<p>Passagem Eric Faria em frente ao ônibus.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>E cheio de perguntas: temos substitutos à altura dos titulares? Ontem com 9 reservas em campo o placar foi construído ainda no primeiro tempo.</p>
	<p>LOC – O</p>	<p>Mesmo sendo um amistoso, o vexame</p>

<p>Dunga com a mão no queixo. Ronaldinho tocando bola no jogo. Imagens aéreas do jogo. Brasileiros tocando bola. Imagem dos gols venezuelanos. Imagem do jogador venezuelano driblando o Gilberto Silva e fazendo o gol.</p>	<p>–</p>	<p>poderia ter sido maior.</p>
<p>Jogador Venezuelano fazendo o gol e comemorando. Imagens de um jogador venezuelano engraxando a chuteira do outro. Diego chuta e o goleiro espalma. Diego tenta gol de bicicleta, mas bate na trave. Diego ajoelha no chão e lamenta.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Jamais, em 39 anos, os venezuelanos começaram vencendo uma partida contra o Brasil. Começaram e terminaram com um bonito gol. Houve até uma tentativa de reação quando Diego perdeu a chance. Mas foi muito pouco para quem tem pela frente Paraguai e Argentina pelas Eliminatórias.</p>
<p>Sonora do Maycon.</p>	<p>Sonora 2</p>	<p>Uma derrota como essa abala um pouco, mas são todos jogadores campeões, são profissionais e eu tenho certeza que a gente pode dar a volta por cima.</p>
<p>Imagens do jogo. Jogadores Venezuelanos comemorando.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Principalmente porque os próximos adversários são mais fortes e mais tradicionais do que os felizes e pioneiros venezuelanos.</p>
<p>Imagens: Álvaro Santanna e José Carlos Mosca.</p>		

Matéria: Preparação da Seleção Brasileira de Futebol para os próximos jogos

Locutor: William Bonner

Tempo: 1 min 32

Data: 10/06/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p> <p>VT Matéria (Preparação da Seleção Brasileira de Futebol para os próximos jogos)</p> <p>Imagens de vários torcedores na fila do Mineirão, para comprar ingresso. Um deles está com a bandeira brasileira na mão. Imagens áreas da fila nos portões do Mineirão. E de torcedores deitados no chão com cobertores, colchões.</p> <p>Torcedores mostrando os ingressos e comprando na bilheteria.</p> <p>Dunga conversando com os jogadores nos treinos. Jogadores treinando e correndo. Foco no Robinho fazendo firulas com a bola.</p> <p>Mauro Naves frente ao campo de treinamento da Seleção em Teresópolis ao entardecer, sozinho.</p> <p>Imagens gráficas: Uma bola de futebol e as bandeiras do Brasil e Paraguai, com os dados que são falados.</p> <p>Imagens de arquivo. Um jogo da seleção brasileira contra o</p>	<p>Cabeça:</p> <p>LOC – O –</p> <p>Repórter – Passagem</p> <p>LOC – O –</p>	<p>A Seleção Brasileira começou hoje a preparação para os dois próximos jogos das eliminatórias da Copa.</p> <p>Na busca por um ingresso para assistir Brasil e Argentina na quarta-feira da semana que vem milhares de torcedores enfrentaram uma longa e demorada fila frente as bilheteria do Mineirão em Belo Horizonte. Por um bom lugar muitos dormiram na fila.</p> <p>A expectativa dos organizadores é que todos os 57 mil ingressos sejam vendidos ainda hoje.</p> <p>Esse entusiasmo do torcedor foi o primeiro assunto do técnico Dunga com os jogadores da Seleção que iniciaram hoje em Teresópolis a preparação para os próximos jogos pelas eliminatórias. O técnico pediu empenho nos treinos para não decepcionar uma torcida tão dedicada.</p> <p>Os jogadores entendem a grandiosidade de um Brasil e Argentina, mas antes querem pensar apenas no próximo adversário o Paraguai. Um jogo que tem de tudo para se tornar tão ou mais difícil do que contra a Argentina. Primeiro porque o Paraguai é o líder das eliminatórias e segundo porque a partida será lá em Assunção.</p> <p>Os números refletem o equilíbrio do confronto, Nos últimos 8 anos, Brasil e Paraguai jogaram 7 vezes, 3 vitórias para cada lado e um empate.</p>
---	---	--

<p>Paraguai em 1968, em Assunção. Mostra os gols do Brasil, as jogadas de drible.</p> <p>Sonora com o Dunga numa coletiva, no fundo os patrocinadores.</p> <p>Imagens: Álvaro Satanna e José Carlos Mosca</p>	<p>LOC – O –</p> <p>SONORA 1</p>	<p>E pelas eliminatórias a última vitória brasileira jogando em Assunção foi em 1985.</p> <p>Contra o Paraguai sempre foi difícil né, não vai ser diferente agora.</p>
---	--	--

Matéria: Nascimento do filho do Kaká

Locutor: Márcio Gomes

Tempo: 20s

Data: 10/06/2008

<p>Nota coberta</p> <p>Fotos do Kaká e da Caroline com o bebê.</p>	<p>LOC – O</p> <p>-</p>	<p>E uma última notícia: Nasceu hoje de madrugada em São Paulo, Luca Leite. O bebê de 3kg e a mãe Caroline estão bem. O pai Kaká tenta se recuperar da emoção mais forte da vida depois do próprio casamento e de ter sido coroado como o melhor jogador do mundo.</p>
--	-------------------------	--

Matéria: Seleção Brasileira treinou hoje em tempo integral

Locutor: William Bonner

Tempo: 1 min 23

Data: 11/06/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p> <p>VT Matéria (Seleção Brasileira treinou hoje em tempo integral)</p> <p>Imagem de Adriano e Robinho se abraçando. Foco no elástico. Jogadores treinando com o elástico. Destaque para o Robinho fazendo força na atividade. Donny fazendo à mesma ação do Iguita.</p> <p>Jogadores correndo debaixo do nevoeiro. Aparece os jogadores de mãos dadas. Foco nas mãos. Dunga conversando com uma pessoa da equipe técnica durante o treino.</p> <p>Imagens do treino e foca em cada uns dos jogadores que são citados no off, respectivamente.</p> <p>Mauro Naves à noite, sozinho, no campo onde treina a Seleção.</p> <p>Sonora com o atacante Luís Fabiano, com o fundo do patrocinador.</p>	<p>Cabeça:</p> <p>LOC – O –</p> <p>Repórter – Passagem</p> <p>SONORA 1</p>	<p>A Seleção Brasileira começou hoje a preparação para os dois próximos jogos das eliminatórias da Copa.</p> <p>Seleção unida em dia de trabalho em 2 períodos. Na manhã ensolarada o exercício com elástico dá potência e força. Há também treino técnico e de finalização. Numa delas o goleiro Donny defende ao estilo consagrado pelo goleiro Iguita.</p> <p>À tarde sob forte nevoeiro os jogadores correm de mãos dadas para dificultar a movimentação. Pela primeira vez Dunga deu uma dica de como poderá armar o time para enfrentar o Paraguai.</p> <p>A novidade está na montagem do meio de campo formado por Josué, Mineiro, Anderson e Diego.</p> <p>Treinos, jogos, concentração, viagens. Por causa da rotina da profissão os jogadores já estão acostumados a perder a comemoração de muitas datas especiais. Amanhã, por exemplo, esses aqui vão passar o dia dos namorados longe das amadas. Ainda assim ninguém vai esquecer delas.</p> <p>Elas sabem que é nosso trabalho, mas vai haver uma mensagensinha ou alguma coisinha para ela, que ela merece.</p>
---	--	--

<p>Sonora com Josué, meio-campo, com o fundo patrocinador.</p>	<p>SONORA 2</p>	<p>Eu olhei no meu relógio hoje né, e já tava marcando dia 12. Liguei para ela para dá os parabéns. E ela falou não é hoje não, é amanhã. Já fiquei por baixo. (risos)</p>
<p>Bola no ar caindo nos pés de Pato. Pato durante o treino. Foco na chuteira de Pato, zoom no nome da atriz e namorada de Pato.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Já a homenagem de Alexandre Pato entra em campo. Ele gravou na chuteira o nome da namorada. A atriz Stephany Brito.</p>
<p>Imagens: Álvaro Satanna e José Carlos Mosca</p>		

Matéria: Seleção Brasileira faz hoje o primeiro treino coletivo em Teresópolis.

Locutor: Márcio Gomes

Tempo: 1 min 40

Data: 12/06/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p> <p>VT Matéria (Seleção Brasileira faz hoje o primeiro treino coletivo em Teresópolis).</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>A Seleção Brasileira fez hoje o primeiro treino coletivo em Teresópolis. E Dunga começou a testar mudanças para os jogos das eliminatórias.</p>
<p>Imagem de Jorginho abraçado com Dunga e este segurando a taça. No centro, Ricardo Teixeira. Ao lado Lúcio e Gilberto Silva segurando a taça juntos. As duas taças no campo, sobre uma mesa coberta pela bandeira do Brasil.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Nas mãos de Dunga e Jorginho, campeões de 94, a Taça do Tetra. Com Lúcio e Gilberto Silva, campeões em 2002, a taça do Penta. As visitantes da tarde vieram com uma missão.</p>
<p>Sonora com o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, numa parede verde.</p>	<p>SONORA 1</p>	<p>Fiz questão de mostrar aqui aos jogadores, com comentário que para ganhar aquilo ali tem que passar agora. Por começar tendo que passar por domingo e quarta.</p>
<p>Imagens da bola rolando nos pés dos jogadores. Dunga orientando os jogadores, e Robinho e Diego treinando.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>O caminho de 2010 chegou a um trecho complicado: 2 adversários tradicionais, sendo o primeiro, o invicto Paraguai, líder da disputa. E é sempre difícil quando joga em Assunção.</p>
<p>Sonora com o meio de campo Diego.</p>	<p>SONORA 2</p>	<p>Todo jogador tem a consciência da importância desse jogo e isso eu acho que é muito bom porque a concentração é redobrada.</p>
<p>Passagem do repórter Eric Faria no treino.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>E o retrospecto não anda nada favorável a Seleção Brasileira. Há quase 4 anos o Brasil não vence uma partida fora de casa pelas eliminatórias. Neste período foram 4 empates e 2 derrotas.</p>
<p>Imagem de Dunga numa roda no campo com os jogadores dando orientação. A câmera vai focando em cada um dos</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Pela primeira vez na semana Dunga revelou seus planos. O meio campo com Josué, Mineiro, Diego e Anderson. Os primeiros 26 minutos de coletivo este gol do reserva Júlio</p>

<p>jogadores no treino na medida em que são citados no off. Imagem do gol de Júlio Batista. Imagem de Gilberto Silva treinando e batendo no peito, chamando os outros jogadores para o jogo.</p> <p>Gilberto Silva no treino</p> <p>Mostra os dois gols da partida, com o som das palmas. Dunga observando o treino. E jornalistas e câmeras filmando as taças.</p> <p>Imagens: Álvaro Satanna e José Carlos Mosca</p>	<p>SOBE SOM</p> <p>LOC – O –</p>	<p>Batista foi o que de melhor aconteceu. Por isso, o experiente Gilberto Silva substituiu o jovem Anderson. Os titulares passaram a ter vez em campo.</p> <p>Sobe som ambiente (Gilberto Silva falando no treino. Não é possível identificar o que ele fala).</p> <p>E marcaram 2 gols com Luis Fabiano. Amanhã, no último treino em Teresópolis, o técnico deve confirmar o time que enfrenta o Paraguai. Mas hoje essa dúvida teve que dividir as atenções com a s visitas.</p>
--	--	--

Matéria: Seleção Brasileira chega a Assunção.

Locutor: Márcio Gomes

Tempo: 1 min 22

Data: 13/06/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>A Seleção Brasileira chegou agora à noite em Assunção. O grupo deixou a Granja Comary sem que o técnico Dunga anunciasse a escalação para o jogo de domingo.</p>
<p>VT Matéria (Seleção Brasileira chega a Assunção).</p>		
<p>Imagem de Dunga no aeroporto rindo. Depois Robinho e Dunga rindo. Gilberto Silva posando para foto de torcedores.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>No embarque para o Paraguai um time descontraído e confiante para enfrentar o líder das eliminatórias. Tirar fotos ou filmar não é problema.</p>
<p>Passagem de George Guilherme, perto de câmeras que iriam filmar o treino.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>Mas aqui em Teresópolis, no último treino, câmeras desligadas. Pela primeira vez sob o comando do técnico Dunga, o treino coletivo não pode ser filmado.</p>
<p>Imagem focada no Dunga, depois abre a imagem para os jogadores aquecendo. Torcedores nas grades assistindo o jogo. Anderson e depois Gilberto Silva no aquecimento. Diego sério no aquecimento e Júlio Batista alegre sorridente.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Imagens só do aquecimento. Os torcedores viram que o técnico optou pela experiência no meio campo. Em vez do jovem Anderson, 20 anos, Gilberto Silva, 31. Outra mudança, Diego deu lugar ao sorridente Júlio Batista.</p>
<p>Sonora de Júlio Batista, ele está sério.</p>	<p>SONORA 1</p>	<p>Se depender de mim eu quero jogar. Sou como qualquer outro jogador, tenho a vontade de poder demonstrar que eu posso ser o titular e ajudar a Seleção.</p>
<p>Dunga conversando durante o aquecimento.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>O técnico Dunga não revela a escalação. Mas dúvidas...</p>
<p>Sonora com Dunga, coletiva, no fundo dos patrocinadores.</p>	<p>SONORA 2</p>	<p>Na minha cabeça tá definido né. Assim como na comissão técnica e a gente conversou e analisou todas as situações e pra mim o time tá definido.</p>
<p>Dunga enrolando uma corda</p>	<p>LOC – O</p>	<p>Dunga sabe que o time precisa mesmo está</p>

<p>enquanto observa os jogadores.</p> <p>Sonora com Dunga na coletiva, fundo dos patrocinadores.</p> <p>Imagens: Álvaro Satanna e José Carlos Mosca</p>	<p>–</p> <p>SONORA 3</p>	<p>pronto. Afinal nas eliminatórias, teste só assim...</p> <p>1,2,3 testando. Áudio.</p>
---	------------------------------	--

Matéria: Seleção Brasileira está pronta para o jogo de amanhã

Locutor: Renata Vasconcelos

Tempo: 2 min 36

Data: 14/06/2008

Sem Selo Seleção Brasileira de Futebol	Cabeça:	A Seleção Brasileira está pronta para o jogo de amanhã contra o Paraguai pelas eliminatórias. Hoje a equipe fez o reconhecimento do estádio e disse o que espera da torcida adversária amanhã.
VT Matéria (Seleção Brasileira está pronta para o jogo de amanhã)		
Imagens dos brasileiros com a camisa da seleção em frente ao ônibus. Foco num brasileiro segurando a camisa da seleção. Robinho chegando, sendo ovacionado com flashes no desembarque. Dunga e Adriano sorrindo no desembarque. Bandeira do Paraguai e do Brasil. Mostra uma vendedora segurando as duas bandeiras e vendendo-as no sinal de trânsito.	LOC – O –	Este grupo que veio de Brasília com 22 amigos é o único que tem movimentado o hotel da Seleção. No mais desde o desembarque ontem à noite, a delegação vive em Assunção um ambiente de tranquilidade, poucas vezes visto. Mas a cidade enfeitada respira o jogo. Esse vendedor confirma que a bandeira brasileira também tem sido vendida.
Vendedora Repórter Vendedora	SONORA 1	Sim mutcho. E do Brasil também? Sim do Brasil.
Imagens do treino paraguaio com gol. Imagem de Roque Santa Cruz no treino, fazendo gols.	LOC – O –	Pela amanhã a seleção Paraguaia fez o último treino. Líder das eliminatórias o adversário brasileiro tem o melhor ataque da competição. Até aqui, 9 gols. O atacante Roque Santa Cruz que já marcou 3 vezes contra o Brasil, amanhã quer fazer mais 2. Ainda assim ele não assume o favoritismo paraguaio.
Sonora com Roque Santa Cruz ao fundo de um painel do Paraguai.	SONORA 2	Cinquenta, cinquenta (risos).
Passagem Mauro Naves, no estádio vazio.	Repórter – Passagem	O Brasil treinou à tarde no local do jogo, o Estádio Defensores Del Chaco, que amanhã vai receber 36 mil pessoas. Não chega a ser um público enorme, mas o problema é que aqui a torcida costuma pressionar muito o adversário e às vezes de forma indevida.

<p>Sonora com o goleiro Júlio César no Hotel.</p>	<p>SONORA 3</p>	<p>Eu já soube que os torcedores atiram objetos no goleiro adversário, enfim.</p>
<p>Imagens das grades atrás do gol. Imagens do treino da Seleção Brasileira com toques, dribles. Foco no Luis Fabiano, que arranca e faz o gol.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Para evitar o vandalismo uma enorme grade de proteção foi erguida atrás dos gols, mas na Seleção Brasileira há até que se sinta estimulado, quando tem pela frente um estádio todo torcendo contra.</p>
<p>Sonora com Luis Fabiano no hotel.</p>	<p>SONORA 4</p>	<p>É sempre gostoso jogar com o estádio lotado, com a torcida adversária gritando no ouvido, você entra até mais ligado.</p>
<p>Mostra Gilberto Silva e Anderson brincando, pulando e jogadores atrás rindo. E de Robinho fazendo firulas com a bola na nuca.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Movimentada, tranqüila. È só torcedor agora para que amanhã a Seleção Brasileira esteja também inspirada.</p>
<p>Galvão Bueno no estádio vazio.</p>	<p>Stand-up</p>	<p>A declaração de Robson Santa Cruz que de forma meio irônica fala em chances iguais. Dá o tom exato com que os paraguaios encaram esse jogo de amanhã. Uma certa superioridade . O técnico disse entre risos, que claro que o Paraguai pode. O goleiro? Esse então abusou, disse que eles têm obrigação de vitória. Parece que a liderança das eliminatórias subiu a cabeça dos paraguaios. Um time que sempre se caracterizou por marcar bem e forte agora vem com 3 atacantes. Ninguém antes tratou assim uma Seleção Brasileira. Não há duvidas que eles vêm com muita sede ao pote. O problema é que o pote pode quebrar.</p>
<p>Nota pé com selo da Seleção Brasileira. (Renata Vasconcelos).</p>	<p>Âncora</p>	<p>A globo transmite Brasil e Paraguai ao vivo amanhã as 4 da tarde horário de Brasília.</p>

Matéria: Brasil perde para o Paraguai

Locutor: William Bonner

Tempo: 1 min 32

Data: 16/06/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>Esta foi uma segunda-feira de trabalho e explicações para a Seleção Brasileira depois da derrota no Paraguai. O técnico Dunga disse o que pretende mudar na equipe.</p>
<p>VT Matéria (Brasil perde para o Paraguai.)</p>	<p>LOC – O</p>	<p>Noite mal dormida.</p>
<p>Imagens de Dunga saindo do centro de treinamento.</p>	<p>–</p>	<p>Quando se ganha a noite é longa, imagine quando perde.</p>
<p>Sonora de Dunga numa coletiva, com os símbolos dos patrocinadores ao fundo.</p>	<p>SONORA 1</p>	<p>Ainda mais da forma que perdeu: com postura defensiva, apenas um chute ao gol paraguaio no 1º tempo. Vendo Cabanhas deitar e rolar literalmente. Ele chuta na trave, desvia a atenção no primeiro gol de Roque Santa Cruz. Jogando 43 min com 11 contra 10, depois da expulsão de Veron no início do 2º tempo, o Brasil não consegue se impor e pior sofre mais um gol de Cabanhas e quase leva o terceiro.</p>
<p>Imagem da zaga do Brasil defendendo um gol do Paraguai. Um chute do Brasil de longe no gol. Mostra Cabanhas dando cambalhotas na área do Brasil. Mostra Cabanhas perdendo o gol. A torcida Paraguaia gritando. A falta de Verón e ele recebendo cartão vermelho. Imagem do gol e da bola na trave dos jogadores Paraguaiois</p>	<p>LOC – O – (Sobe Som torcida vaiando)</p>	<p>Para corrigir os erros, trabalho. Hospedada no moderno centro de treinamento do Atlético Mineiro, a Seleção teve um dia tranqüilo.</p>
<p>Imagens dos erros da zaga brasileira. Imagens do centro de treinamento do Atlético Mineiro. Imagem de Dunga andando ao lado do jogador Julio Batista.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Contra a Argentina, Dunga deve mexer no time, mas pouco. O técnico já percebeu que não basta trocar nomes, a mudança precisa ser mais profunda.</p>
<p>Passagem Mauro Naves no treino.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>Às vezes a mudança de atividade é muito</p>
<p>Sonora do Dunga numa coletiva,</p>		<p>Às vezes a mudança de atividade é muito</p>

<p>ao fundo os símbolos dos patrocinadores.</p>	<p>SONORA 2</p>	<p>melhor que mudar o time né? E a nossa postura em campo muda. Isso já acrescenta bastante.</p>
<p>Imagem dos jogadores chegando ao aeroporto com a torcida fotografando. (Jogadores exibidos: Adriano, Pato, Luisão e Dunga.)</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>A recepção sem vaias dada pelo torcedor na chegada em BH ontem animou a delegação.</p>
<p>Sonora de Dunga numa coletiva, ao fundo os símbolos dos patrocinadores.</p>	<p>SONORA 3</p>	<p>Eu tenho certeza que não será diferente durante o jogo. Vai apoiar a seleção porque sabem que é um jogo difícil, contra a Argentina e ela estará do lado do Brasil.</p>
<p>Imagens: Álvaro Satanna e José Carlos Mosca</p>		

Matéria: Brasil treina para o jogo contra a Argentina.

Locutor: Fátima Bernardes

Tempo: 2 min 20

Data: 17/06/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>A Seleção Brasileira de Futebol teve hoje um único treino para o jogo contra a Argentina. Amanhã em Belo Horizonte a equipe deve ter mudanças.</p>
<p>VT Matéria (Brasil treina para o jogo contra a Argentina.)</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Eles chegaram. Os argentinos desembarcaram agora pouco em Belo Horizonte. Como sempre não quiseram papo. É um jogo que mexe com os dois países. Causam frison diferente até na imprensa. Disputa-se todo espaço, entrevista nos dois idiomas.</p>
<p>Mostra o avião da Argentina pousado. Jogadores argentinos sérios saindo do avião. Os jogadores brasileiros indo para o campo. A imprensa correndo no campo. Repórteres tentando entrevistar Adriano.</p>	<p>SONORA 1</p>	<p>Eu creio que teremos uma partida complicada (em espanhol).</p>
<p>Sonora Júlio Batista na concentração.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Não foi pelo espanhol que Júlio batista entrou na lista dos prováveis titulares. Ele e Anderson podem jogar nesta quarta-feira.</p>
<p>Imagem de Dunga conversando com os jogadores. Depois desloca a câmera para Júlio Batista que está conversando com a equipe técnica. Imagens de Anderson no treino.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Hoje a tarde no Mineirão, Dunga ensaiou as possíveis trocas com o incentivo e barulho de 20 mil estudantes da rede pública.</p>
<p>Dunga conversando com os jogadores. Imagem da torcida.</p>	<p>(Sobe som torcida)</p>	<p>Sobe som da torcida.</p>
<p>Imagem de um menino e de uma menina com a bandeira do Brasil cantando.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>Depois da derrota para o Paraguai, a Seleção entrou numa encruzilhada. O resultado contra os nossos maiores rivais terá um peso importante na atual situação das eliminatórias.</p>
<p>Passagem Eric Faria no campo vazio.</p>		

<p>Imagem gráfica mostrando a atual classificação e depois como a tabela ficaria caso o Brasil perdesse.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>O Brasil em 4º lugar vencendo e contando com o tropeço da Colômbia termina a rodada em 2º lugar. Em caso de derrota e outros resultados, os brasileiros podem despencar até a 6ª colocação. Fora da Zona de Classificação. Por tudo isso...</p>
<p>Sonora com Júlio César. Ele está cercado de jornalistas.</p>	<p>SONORA 2</p>	<p>Desde a sub17 até hoje, eu sei o quanto é importante ganhar este jogo.</p>
<p>Sonora com Robinho. Ele está cercado de jornalista.</p>	<p>SONORA 3</p>	<p>Espero que eu possa jogar bem, apresentar o meu melhor futebol e se possível eu vou fazer 2 gols.</p>
<p>Imagem do treino com um gol.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>É Brasil e Argentina, um clássico com mais de 80 anos de rivalidade, o que ultrapassa os limites da razão.</p>
<p>Meninas no Mineirão gritando.</p>	<p>(Sobe som torcida)</p>	<p>Sobe som torcida.</p>
<p>Galvão no treino.</p>	<p>Stand-up</p>	<p>As estrelas às vezes fazem à festa. Mas o futebol é um esporte essencialmente coletivo ninguém ganha ou perde sozinho. Por isso, Dunga está certo quando diz que às vezes, mais importante do que uma simples troca de nome, é uma mudança radical de postura ou como diz a velha máxima do futebol: ir em cada bola como quem tem vontade a um prato de comida. E se os jogadores ficaram chateados, zangados, irritados com as críticas. Ótimo! Não existe oportunidade melhor para uma resposta do que um grande jogo contra a Argentina. Tomara que amanhã, o Mineirão possa aplaudi-los, que nós tenhamos que elogia-los e que nunca mais a Seleção brasileira jogue como um time pequeno.</p>
<p>Imagens: Álvaro Satanna e José Carlos Mosca</p>		

<p>Mauro Naves no campo.</p>	<p>Repórter –</p>	<p>Boa noite, Galvão. Oficialmente, não. Mas agora a pouco, um grupo veio a campo e um grupo com cara de reserva. Entre eles estava Diego e Josué. Dá para acreditar que Anderson e Júlio Batista estão na equipe. Detalhe: Luis Fabiano e Adriano não subiram. Essa dúvida ficou no vestiário Galvão.</p>
<p>Galvão na cabine.</p>	<p>Repórter</p>	<p>Um deles vai jogar de centro-avante. Há 4 anos o centro-avante era o Ronaldo fez 3 gols, e o Brasil ganhou de 3 a 1 de Argentina. É o que todos nós esperamos, William Bonner.</p>
<p>Nota pé William Bonner, olhando para a Fátima, como se estivessem conversando.</p>	<p>Âncora</p>	<p>Bom jogo, todos nós esperamos mesmo né Galvão? Brasil e Argentina se enfrentam logo depois de A Favorita, ao vivo. Em seguida você terá as notícias no Jornal da Globo. Boa Noite!</p>

Matéria: Brasil empata com a Argentina.

Locutor: Fátima Bernardes

Tempo: 3 min

Data: 19/06/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>Quase 2 anos depois de assumir o comando da Seleção Brasileira, o técnico Dunga realizou ontem contra a Argentina sua 30ª partida no cargo sem festa como mostra mais o Repórter Renato Ribeiro.</p>
<p>VT Matéria (Brasil empata com a Argentina).</p>	<p>(Sobe som torcida)</p>	<p>(sobe som aplausos).</p>
<p>Imagem do Messing chutando para o gol e quase acertando. Messing aplaude e cumprimenta um jogador de seu time.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Aplausos para um Argentino. Nem Messing deve ter entendido. (sobe som aplausos e gritos).</p>
<p>Torcida brasileira aplaudindo e gritando</p>	<p>(Sobe som torcida)</p>	<p>A Argentina vem jogar no Brasil e os torcedores brasileiros aplaudem o Messing. Então é difícil cara.</p>
<p>Sonora lateral, Gilberto Silva.</p>	<p>SONORA 1</p>	<p>Conseqüência de um jogo com muitas faltas, poucos lances e nenhum gol. Sobrou para o técnico.</p>
<p>Imagem de Anderson saindo do campo machucado, de carrinho. Mostra a falta que causou a contusão de Anderson. Mostra o Brasil atacando numa jogada de drible que quase resultou em gol.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Burro! Burro! Burro!</p>
<p>Dunga na beira de campo, em pé com cara de preocupado. E a torcida gritando ao fundo.</p>	<p>(Sobe som torcida)</p>	<p>Adeus Dunga! Adeus Dunga!</p>
<p>Torcida brasileira em pé, gritando.</p>	<p>SONORA 2</p>	<p>A única coisa que não me preocupa é o meu emprego. Felizmente eu sou uma pessoa resolvida. E eu vim aqui para fazer um trabalho na seleção e que muitas pessoas talvez não estejam contentes. A seleção não tem dono, a seleção é o povo. Renovação, é isso que nós estamos fazendo.</p>
<p>Sonora de Dunga, coletiva com o fundo dos patrocinadores.</p>		

<p>Passagem Renato Ribeiro num cenário com fotos antigas da Seleção Brasileira e com o escudo da CBF.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>Renovar não tem sido fácil desde quando assumiu o comando da seleção em Agosto de 2006, Dunga botou em campo 50 jogadores. E apesar de tantos testes, em algumas posições ele ainda não encontrou substitutos para antigos ídolos.</p>
<p>Imagens gráficas do campo e as fotos dos jogadores citados. Um boneco indica a posição do jogador no campo.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>As laterais, por exemplo, Maycon, Daniel Alves? Nenhum deles se firmou no lugar de Cafu. No lado esquerdo Gilberto Silva de 32 anos seria o substituto ideal para Roberto Carlos? No ataque Ronaldo dificilmente voltará. E a camisa ainda está vaga. Passaram por ali Wagner Love, Afonso, Luis Fabiano e Adriano que tenta reconquistar o espaço perdido.</p>
<p>Imagem de Robinho driblando. Passando a bola debaixo das pernas dos Argentinos. Robinho brincando durante o jogo. Mostra um belo gol do meio de campo de Kaká e a sua comemoração. Mostra Kaká dando um passe para Ronaldinho Gaúcho, que resultou em gol.</p>	<p>(Sobe som torcida) LOC – O –</p>	<p>(sobe som com a torcida gritando) Robinho virou astro do time de Dunga. É quem mais jogou com ele, 29 partidas. Kaká atuou só 17 vezes sob o comando de Dunga. Ronaldinho Gaúcho, 15. Ficaram na reserva, pediram dispensa algumas vezes e também tiveram lesões pelo caminho. Ambos não estiveram no grande momento de Dunga até aqui: o título da Copa América.</p>
<p>Aparece Ronaldinho num camarote, no Mineirão conversando com Luciano Hulck.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Ontem Ronaldinho foi ao Mineirão, fora de campo. Hoje ele soube que a CBF fará de tudo para levá-lo as Olimpíadas.</p>
<p>Sonora com Ricardo Teixeira, presidente da CBF.</p>	<p>SONORA 3</p>	<p>O jogador que tem a possibilidade de fazer uma grande Olimpíada. Tem certamente a possibilidade de fazer uma grande eliminatória conosco. Por favor, torcedor brasileiro apóia o Ronaldinho, o que é muito importante é que ele volte a Seleção Brasileira.</p>
<p>Gilberto Silva marcando um argentino durante o jogo e olhando para a partida. Depois, Gilberto Silva errando um passe. Josué e Anderson aparece andando em campo. Diego</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>No meio campo, Gilberto Silva permaneceu e a renovação de Dunga teve Mineiro de 32 anos, do Horta de Berlim e Josué, 28, do Voyves Burgue da Alemanha. Mas alguns jovens também tiveram chances como Anderson e Diego. E que não se esqueça o próprio Dunga é uma renovação.</p>

<p>perdendo a bola para um argentino. Imagem de Dunga sério, passando a mão no rosto.</p> <p>Imagem gráfica só com o fundo verde e escritos em branco e amarelo, com os dados mencionados no off.</p> <p>Imagem de Dunga com a mão na boca. Imagem da torcida gritando, foco em uma torcedora com as mãos na cabeça.</p> <p>Imagem de Dunga levantando do banco e indo embora.</p> <p>Imagens: Álvaro Satanna e José Carlos Mosca</p>	<p>LOC – O –</p> <p>LOC – O –</p> <p>(Sobe som torcida)</p>	<p>Jamais foi técnico até assumir a Seleção, com ele foram 30 jogos, 19 vitórias, 7 empates e 4 derrotas. 57 gols. Média de 1,9. Há 3 jogos a equipe não marca. O Brasil está em 4º lugar nas eliminatórias e caso haja um vencedor hoje entre Chile e Venezuela, o time terminará em 5º, na Zona da Repescagem.</p> <p>Renovar é difícil, até porque a cobrança da arquibancada não muda nunca.</p> <p>Som do Apito final. Burro! Burro!</p>
---	---	---

Matéria: Seleção treina para os próximos jogos.

Locutor: Fátima Bernardes

Tempo: 1 min 45

Data: 02/09/2008

Selo Seleção Brasileira de Futebol	Cabeça:	A Seleção brasileira treinou hoje para os próximos jogos das eliminatórias para a Copa e 2 irmãos brigam por uma vaga no time que vai enfrentar o Chile no domingo.
VT Matéria (Seleção treina para os próximos jogos)	LOC – O	A Seleção ainda sem Robinho, que se apresenta amanhã, tem 5 dias para se preparar em busca de uma posição melhor na tabela de classificação.
Mostra a bola passando pelos pés dos jogadores. Focado nos pés. Mostra Luis Fabiano e Júlio Batista no treino.	–	O Brasil é 5º colocado com 9 pontos se não ganhar do Chile no domingo, corre o risco de se superado por Uruguai e Venezuela. E nesse caso cair para o 7º lugar.
Imagem gráfica com a tabela de classificação. Mostra a situação atual e faz suposições.	LOC – O	Empolgado Ronaldinho Gaúcho, que segundo Dunga continuará sendo escalado no ataque e não no meio campo, promete liderar a reação.
Ronaldinho está rindo e correndo com outros jogadores, mas o foco está no seu rosto.	–	To aqui para ajudar com o melhor né? Eu acho que tem que ser dessa forma pensando dessa forma. Então eu tô ai a disposição. E uma vez mais disposta a dá tudo para ajudar o Brasil.
Sonora com Ronaldinho Gaúcho com o fundo dos patrocinadores.	SONORA 1	Como recebeu 2 amarelos, o Zagueiro Juan está suspenso e não vai poder jogar no domingo. E essa suspensão criou uma situação curiosa, o lugar dele será disputado por 2 irmãos que pela 1ª vez estão juntos na Seleção Brasileira: Alex Silva e Luizão.
Passagem Mauro Naves à noite na concentração.	Repórter – Passagem	4 anos mais velho e com 21 jogos a mais pelo Brasil, Luizão brinca com a caçula.
Imagem de Luizão no treino, no time de colete laranja e do outro lado o irmão no time sem colete.	LOC – O	Na família vai tá tudo feliz que alguém vai tá representando a família né? E agora eu espero que ele me respeite também por ser o mais velho né?
Sonora de Luizão no fundo dos patrocinadores.	SONORA 2	Eu tenho que respeita. E se Luizão jogar eu
Sonora de Alex Silva no fundo		

<p>dos patrocinadores.</p> <p>Imagem depois do treino, na concentração, um irmão andando ao lado do outro e depois cumprimentando uma pessoa.</p> <p>Imagens: José Carlos Mosca</p>	<p>SONORA 3</p> <p>LOC – O –</p>	<p>tô muito feliz também.</p> <p>Não se sabe ainda qual será o critério de Dunga para escolher o titular. Se for por altura Luizão fica com a vaga por 1 cm, com 1m93 contra 1m92 do irmão.</p>
---	--	---

Matéria: Vitória do Brasil em 2006 será investigada pela Fifa.

Locutor: Fátima Bernardes

Tempo: 30s

Data: 03/09/2008

<p>Nota coberta (Vitória do Brasil em 2006 será investigada pela Fifa).</p> <p>Imagens do jogo Brasil e do gol de Ronaldinho Fenômeno. Mostra o gol de Adriano e sua comemoração. Mostra o terceiro gol do Brasil de cobertura.</p>	<p>Cabeça:</p> <p>LOC – O –</p>	<p>A vitória do Brasil sob Gama na última Copa do Mundo vai ser investigada pela Fifa, mas a Seleção Brasileira não tem nada a ver com a suspeita.</p> <p>O jornalista Canadense Ken Hill disse ter provas de que o resultado foi manipulado por jogadores de Gana. Hill alega possuir gravações que mostram a combinação entre o galanês Bukari Dama e mafiosos tailandeses que teriam apostado numa vitória brasileira nas oitavas de final por pelo menos 2 gols de diferença. O Brasil acabou vencendo por 3 a 0.</p>
---	---------------------------------	---

Matéria: Vitória é a moeda mais importante para Seleção Brasileira.

Locutor: William Bonner

Tempo: 1 min 40

Data: 03/09/2008

Selo Seleção Brasileira de Futebol	Cabeça:	A Seleção Brasileira treinou pelo 2º dia em Teresópolis no Rio. Dunga ainda não escalou o time que vai enfrentar o Chile na domingo. Mas poderá contar com a equipe completa.
VT Matéria (Vitória é a moeda mais importante para Seleção Brasileira).	LOC – O	Levantou poeira! Robinho chegou a Teresópolis de helicóptero.
Imagem do helicóptero pousando e a poeira levantando.	–	
Sonora Robinho numa coletiva com fundo dos patrocinadores.	SONORA 1	Nem queria chegar de helicóptero para não fica aquele troço de mascarado e tal. Mas não tinha outro jeito.
Robinho saindo de carro, rodeado por jornalistas. Robinho no treino, indo em direção aos copos de água.	LOC – O –	Levantou polêmica também. A comissão técnica não permitiu que ele pousasse no campo das granjas Comary. 2 treinos perdidos, mais de 24 horas de atraso.
Sonora Robinho coletiva, fundos dos patrocinadores.	SONORA 2	Isso foi erro meu mesmo, até peço desculpas para a Seleção. É porque tem compromisso aqui com a Seleção e tenho que chegar no horário.
Robinho no treino, correndo, driblando.	LOC – O –	Conseqüências da longa novela na qual se transformou a saída do atacante da Real Madrid. Na segunda-feira, o Manchester City, pagou o equivalente a 90 milhões de reais.
Sonora Robinho coletiva, fundo dos patrocinadores.	SONORA 3	O Real Madrid não tava fazendo tanta questão que eu ficasse no clube. Então eu também não tenho que fazer tanta questão de ficar no clube.
Passagem Eric Faria durante o treino.	Repórter – Passagem	Robinho foi o mais caro. Mais outros 6 jogadores brasileiros também fizeram parte do vai e vem do mercado e no total eles movimentaram aproximadamente 300 milhões de reais, quase 15 prêmios da Mega Sena.
Jogadores no treino, driblando.	LOC – O	

<p>As imagens se revezavam entre Júlio Batista, Ronaldinho Gaúcho e Luiz Fabiano. Diego chutando para o gol e Júlio César defendendo</p> <p>Sonora com Diego numa coletiva, no fundo os patrocinadores.</p> <p>Jogadores treinando: Luiz Fabiano, Robinho, Júlio Batista e Diego. Finaliza com a bola entrando na rede.</p> <p>Imagens: Álvaro Satanna e José Carlos Mosca</p>	<p>–</p> <p>SONORA 4</p> <p>LOC – O –</p>	<p>Uma fortuna que hoje em dia é normal no mundo do futebol. E esse elenco milionário tem agora o desafio que o dinheiro não compra: em menos de uma semana tem que se entrosar, voltar a vencer e a marcar gols o que não aconteceu nas últimas 2 partidas das eliminatórias.</p> <p>Com certeza, esses 2 jogos nós pagaria o que for preciso para conseguir né, os 6 pontos.</p> <p>Reais, dólares, euros no momento para a Seleção Brasileira a moeda mais importante é a vitória.</p>
--	---	---

Matéria: Seleção terá formação ofensiva contra o Chile.

Locutor: Fátima Bernardes

Tempo: 1 min 45

Data: 04/09/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>A Seleção Brasileira terá uma formação ofensiva contra o Chile pelas eliminatórias da Copa.</p>
<p>VT Matéria (Vitória é a moeda mais importante para Seleção Brasileira).</p>	<p>LOC – O</p>	<p>Um colete aqui, outra ali e enfim Dunga mostra o time que irá enfrentar o Chile. E ele terá Júlio César no gol, uma defesa com Maycon, Lúcio, Luizão e Kleber. Os volantes Gilberto Silva e Josué. Diego fazendo a articulação no meio de campo. E um ataque com Robinho, Luiz Fabiano e Ronaldinho gaúcho. Mas todo atacante sabe que precisa ajudar na marcação.</p>
<p>Imagem de um integrante da equipe técnica entregando os coletes. Dunga orientando no treino. Júlio César defendendo no gol. Na medida em que vai falando os nomes vai mostrando os jogadores no treino.</p>	<p>–</p>	<p>Um colete aqui, outra ali e enfim Dunga mostra o time que irá enfrentar o Chile. E ele terá Júlio César no gol, uma defesa com Maycon, Lúcio, Luizão e Kleber. Os volantes Gilberto Silva e Josué. Diego fazendo a articulação no meio de campo. E um ataque com Robinho, Luiz Fabiano e Ronaldinho gaúcho. Mas todo atacante sabe que precisa ajudar na marcação.</p>
<p>Sonora com Luis Fabiano, no fundo os patrocinadores.</p>	<p>SONORA 1</p>	<p>Repórter: Marca bem? Bem, Bem, não. Mas dou uma enganada.</p>
<p>Treinador acompanhando o treino. Os jogadores correndo no treino.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Dunga só permite que se filme os 15 minutos iniciais do treino. Mas ele não está escondendo o jogo.</p>
<p>Passagem Mauro Naves, à noite, no campo vazio.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>Depois que o treino não pôde ser filmado, ele durou 35 minutos. Dunga não mexeu no time titular que venceu por 2 a 0 com gols de Diego e Luis Fabiano. E fazer gols no domingo seria muito importante para a Seleção tentar acabar com um pequeno, mas incômodo tabu.</p>
<p>Imagem gráfica de um campo com os dados ditos no off.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Em eliminatórias o Brasil não ganha uma partida fora de casa há quase 4 anos. Nesse período foram 7 jogos com 4 empates e 3 derrotas.</p>
<p>Luis Fabiano segurando a camisa da Seleção enquanto Robinho autografa.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>E em seleção unida à queda do tabu é responsabilidade de todos.</p>

<p>Sonora Ronaldinho Gaúcho com fundo dos patrocinadores.</p>	<p>SONORA 2</p>	<p>Todos nós sabemos que cada um tem a sua responsabilidade e a gente vai procurar se ajudar para que a gente possa conseguir as vitórias.</p>
<p>O cantor Dudu Nobre e o jogador Diego na concentração.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>E com a ajuda do compositor DuDu Nobre, Diego mostra que está afinado com o espírito de união.</p>
<p>Diego e Dudu Nobre cantando a música. As interferências são de Dudu Nobre falando.</p>	<p>SONORA 3</p>	<p>Essa família é muito unida (vão cantar!) e também muito ouriçada pampam (palmas) brigam por qualquer razão. (Vai cantor!), mas acabam pedindo perdão.</p>
<p>Imagens: Álvaro Satanna e José Carlos Mosca</p>		

Matéria: Seleção viaja para enfrentar Chile pelas Eliminatórias.

Locutor: William Bonner

Tempo: 1 min 10

Data: 05/09/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>A Seleção Brasileira de Futebol embarcou hoje à tarde para Santiago onde enfrentará o Chile, no domingo pelas eliminatórias da Copa.</p>
<p>VT Matéria (Seleção viaja para enfrentar Chile pelas Eliminatórias).</p>		
<p>Imagens da Seleção no aeroporto. Imagem do gol de pênalti do Paraguai no jogo contra o Brasil. Imagem de outro gol do Paraguai e a vibração dos jogadores Paraguaiois.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Um embarque tranqüilo para uma viagem que ultimamente não tem sido tranqüila para a Seleção. Em Santiago pelas eliminatórias nos últimos 3 jogos foram 2 empates e uma derrota por 3 a 0 e para piorar...</p>
<p>Sonora Dunga, numa coletiva no fundo dos patrocinadores.</p>	<p>SONORA 1</p>	<p>O Chile tá num bom momento.</p>
<p>Mostra os dribles e um belo gol da Seleção Brasileira. Imagens do Robinho arrancando do meio de campo, driblando, fazendo firulas e um gol.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Mas até que nestes 2 anos de Dunga o Chile longe de casa foi um freguês generoso: 3 confrontos, 3 goleadas. Com direito a um show solo de Robinho na Copa América.</p>
<p>Sonora Robinho, no fundo dos patrocinadores.</p>	<p>SONORA 2</p>	<p>Um jogo que guardo com carinho, mas enfim espero que o meu melhor jogo possa vir no momento que o Brasil mais precisar.</p>
<p>Passagem Eric Faria no treino da Seleção.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>E de 3 em 3, o que parece é que o Brasil vai jogar mesmo com 3 atacantes. Novamente nesta sexta-feira, os titulares treinaram com Luis Fabiano, Robinho e Ronaldinho Gaúcho.</p>
<p>Imagens dos goleiros da Seleção Brasileira autografando a camisa de um menino no campo. Imagem de Robinho tirando foto com um torcedor. Imagem de Ronaldinho Gaúcho no aeroporto acenando para torcedores e jornalistas.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>O restante do time também foi mantido assim como as câmeras desligadas durante todo o trabalho. Agora o que não dá para esconder é a necessidade que a Seleção tem de voltar para o Brasil com os 3 pontos.</p>
<p>Imagens: Edson Magalhães</p>		

Matéria: Seleção Brasileira faz último treino antes de enfrentar o Chile em Santiago.

Locutor: Renata Vasconcellos

Tempo: 2 min 27

Data: 06/09/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>Se golear o Chile amanhã a Seleção Brasileira ultrapassa a Argentina e pode terminar a rodada na vice-liderança das eliminatórias. Hoje os jogadores treinaram pela última vez antes da partida.</p>
<p>VT Matéria (Seleção Brasileira faz ultimo treina antes de enfrentar o Chile em Santiago).</p>	<p>LOC – O</p>	<p>Santiago, a bonita capital chilena aos pés da Cordilheira dos Andes está agitada por causa do jogo. O palco do encontro, o Estádio Nacional ainda recebe retoques de última hora, Mas se percebe que muita coisa por aqui ainda é o do tempo da inauguração, há 70 anos.</p>
<p>Imagem geral da cordilheira. Imagens aéreas da cidade. Imagens do estádio, depois foca nos homens trabalhando no estádio. Mostra as arquibancadas de madeira. Mostra um senhor varrendo a arquibancada.</p>	<p>LOC – O</p>	<p>Santiago, a bonita capital chilena aos pés da Cordilheira dos Andes está agitada por causa do jogo. O palco do encontro, o Estádio Nacional ainda recebe retoques de última hora, Mas se percebe que muita coisa por aqui ainda é o do tempo da inauguração, há 70 anos.</p>
<p>Passagem Mauro Naves no estádio vazio.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>Foi aqui que o Brasil de Garrincha disputou e ganhou a final da copa do mundo de 62, na época no estádio podia 85 mil pessoas, mas depois com a colocação de acentos numerados a capacidade máxima passou a ser de 60 mil. E este é exatamente o número de ingressos já vendidos para o jogo de amanhã.</p>
<p>Imagem dos jogadores brasileiros treinando. Imagens da imprensa durante o treino. Imagens da sede da Seleção Chilena. Mostra a porta da sede sendo fechada. Na porta havia o escrito: “O unuan a los braziléno”. Imagens dos jogadores chilenos treinando futevôlei. Imagens do aquecimento dos jogadores chilenos. Imagem do técnico Chileno observando o treino. Imagem do jornalista na porta da sede da Seleção Chilena. Imagem do jogador Valdiga no treino.</p>	<p>LOC – O</p>	<p>O treino que a Seleção faz hoje a tarde no estádio foi liberado para a imprensa. Já a seleção Chilena portas fechadas. Imagem como estas são raras, só liberadas uma vez por semana. Esconder o jogo faz parte da rotina do técnico argentino, Marcelo Bielsa. Esse jornalista, por exemplo, há uma semana tenta descobrir e não consegue saber se o ex-palmeirense, Valdiga, será ou não titular.</p>
<p>Sonora com o jornalista chileno.</p>	<p>SONORA 1</p>	<p>Essa é a grande pergunta aqui no Chile neste momento (em espanhol).</p>
	<p>LOC – O</p>	<p>Mas os brasileiros gostaram de saber que Bielsa afirmou essa semana que o Brasil precisa ser respeitado, porque ninguém compra 5 títulos mundiais na farmácia.</p>
	<p>SONORA 2</p>	<p>O legal é que ele sabe que vai jogar contra a Seleção Brasileira, não vai jogar contra</p>

<p>Imagens de Gilberto Silva, Maycon e Lúcio dando entrevista.</p> <p>Sonora com Júlio César</p> <p>Galvão Bueno no treino da Seleção Brasileira.</p> <p>Imagens: Álvaro Satanna e José Carlos Mosca Edição: Flávio Brito Filho.</p>	<p>Stand-up</p>	<p>nenhuma outra seleção. A Seleção Brasileira vai ser sempre respeitada em todo o mundo.</p> <p>Uma pergunta está no ar: será que depois do jogo amanhã, Dunga continua como técnico da Seleção? É bom lembrar que Dunga sempre foi um vitorioso, discípulo da derrota na copa de 90, virou o capitão do tetra em 94. Como técnico começou pelo último degrau e começou bem com vitórias e conquistas. Mas já algum tempo perdeu a mão e o time tomou o caminho errado, joga feio, perde para a Venezuela, Paraguai, Argentina. Mas a pior derrota foi perder espaço no coração do torcedor, do mais simples ao mais importante, a bronca é geral. Por isso o jogo contra o Chile vale mais do que 3 pontos. Vale o resgate da imagem de um futebol que sempre foi orgulho de todos nós. Mas será que este grupo tem a exata noção do que isso significa?</p>
--	-----------------	--

Matéria: Seleção volta a ganhar e convencer nas eliminatórias.

Locutor: Fátima Bernardes

Tempo: 2 min 25

Data: 08/09/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>A Seleção Brasileira mudou não só a postura, mas também a posição na tabela das eliminatórias.</p>
<p>VT Matéria (Seleção volta a ganhar e convencer nas eliminatórias).</p>		
<p>Imagem do estádio vazio. A câmera girando em torno do estádio. A velocidade vai aumentando. Imagem do jogador Juan e do Ronaldinho sorrindo e brincando com a bola no treino.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>O mundo do futebol dá voltas, gira rápido. Hoje a tarde no Rio de Janeiro havia a sensação de dever cumprido e não apenas de alívio.</p>
<p>Sonora de Dunga, na coletiva, fundo dos patrocinadores.</p>	<p>SONORA 1</p>	<p>Toda vez que você se preocupar com o emprego, você não vai render bem e vai ser mandado embora, vai ser ultrapassado pelo outro. No dia que você se preocupar com o trabalho, em fazer o seu trabalho, as coisas vão andar naturalmente.</p>
<p>Imagem do treino da seleção brasileira: Ronaldinho bate uma falta, Juan dribla e bate para o gol. Júlio César defende. Imagem área do treino.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>A pressão ficou em Santiago é verdade, mas na quarta-feira contra a lanterna Bolívia, no estádio Olímpico João Havelange qualquer resultado que não seja uma outra vitória convincente as críticas reapareceram.</p>
<p>Sonora de Juan no treino.</p>	<p>SONORA 2</p>	<p>No Brasil é assim se você ganha você tá bem, no outro jogo se não fizer tão bem, as pessoas começam a duvidar da sua qualidade.</p>
<p>Imagem de Juan no treino. Depois de Gilberto Silva comentando a falta no jogo contra o Chile e tomando cartão amarelo.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>O lateral esquerdo Juan já está escalado no lugar de Kleber, expulso contra o Chile. Em Santiago, Gilberto Silva recebeu o 2º cartão amarelo e vai dá lugar a Ernandes ou Lucas.</p>
<p>Passagem Eric Faria no treino.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>A Seleção Brasileira saiu do 6º lugar para a vice-liderança das eliminatórias. Está a 2 pontos do Paraguai e essa mudança na tabela</p>

<p>Imagem de Ronaldinho e Robinho cantando o hino nacional emocionados.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>tem haver também com a mudança do comportamento do time em campo.</p> <p>No hino uma comprovação que os jogadores entraram ligados.</p>
<p>Sobe som de Ronaldinho falando.</p>	<p>SONORA 3</p>	<p>Vão bora! Vão bora! (palmas).</p>
<p>Imagens áreas do campo na hora do hino. Mostra Ronaldinho perdendo o pênalti. Mostra a substituição de Ronaldinho. E ele sentado no banco com a equipe técnica.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Entraram unidos, Ronaldinho Gaúcho, por exemplo, perdeu o pênalti, foi substituído no início do 2º tempo e permaneceu ali no banco de reservas, torcendo pelos companheiros.</p>
<p>Sonora coletiva Dunga, fundo dos patrocinadores.</p>	<p>SONORA 4</p>	<p>Foi um líder e é um líder da Seleção Brasileira nas Olimpíadas. Pegou gosto por essa liderança. Tá tendo essa postura aqui na Seleção principal. É isso que nós queremos né?</p>
<p>Imagem de toque de calcanhar, arrancada, dribles e chutes perigosos de Robinho. Imagens do gol de Robinho. Imagem de gol do Luis Fabiano e a sua comemoração. Imagem dele roubando a bola, arrancando, fazendo o gol. Repete a cena do gol.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Robinho mesmo sem atuar algum tempo deu trabalho como sempre por adversário. Contra os chilenos então! Nas ultimas 3 partidas marcou 6 vezes. Mas o melhor de todos foi Luis Fabiano fez 2 gols, abriu e fechou a vitória por 3 a 0. A primeira em 4 anos da Seleção fora de casa nas eliminatórias. Mostrou raça e acima de tudo a convicção de que a camisa 9 agora é dele.</p>
<p>Sonora, Luis Fabiano.</p>	<p>SONORA 5</p>	<p>Tô vivendo uma fase excelente no Sevilla e espero que essa fase possa refletir aqui na Seleção.</p>
<p>Robinho, Ronaldinho e Luis Fabiano sorrindo e sambando após o gol. Luis Fabiano no banco fazendo sinal de positivo. Imagens do jornal chileno com</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>A Seleção voltou a sorrir, em 90 minutos recuperou a alta estima. Como escreveu Robinho no vestiário respondendo a provocação de um jornal chileno: é preciso respeitar o melhor futebol do mundo.</p>

os dizeres: “La soja lês va a enseñar a bailar Koala. Escrit de Robinho ao lado: “Hay que respeta la sel mesor seleccion de mundo.”

Imagens: Álvaro Satanna e José Carlos Mosca

Matéria: Dunga dá pistas da escalação para jogo contra Bolívia

Locutor: Fátima Bernardes

Tempo: 1 min 30

Data: 09/09/2008

Selo Seleção Brasileira de Futebol	Cabeça:	O técnico Dunga deu pistas sobre as mudanças que fará na Seleção para o jogo de quarta-feira contra a Bolívia.
VT Matéria (Dunga dá pistas da escalação para jogo contra Bolívia).		
Imagem da chuva e da Seleção chegando ao estádio.	LOC – O –	A chuva de granizo na região onde a delegação está concentrada é forte, mas rápida. Quando a seleção chega ao Estádio João Havelange, o Engenhão, já encontra tempo bom e gramado seco.
Passagem Eric Faria no treino.	Repórter – Passagem	Mais uma vez, o técnico Dunga pediu que os primeiros 20 minutos do treino não fossem filmados. Foi exatamente nesse período que ele deu uma indicação clara de que os suspensos Gilberto Silva e Kléber serão substituídos por Lucas e pelo lateral Juan. O outro Juan, zagueiro, apesar de recuperado de uma lesão, deverá ser poupado. Já o esquema ofensivo será mantido, o que aumenta a expectativa de uma nova goleada. Mas essa não é principal preocupação do grupo.
Sonora com o atacante Luis Fabiano.	SONORA 1	No momento, é importante conquistar esses três pontos, que pode nos dar a liderança.
Imagem do treino da Seleção Brasileira. Imagem de Ronaldo chegando à concentração.	LOC – O –	Contra a Bolívia, o torcedor vai ver uma Seleção otimista que está sendo muito apoiada. Na segunda-feira à noite, o grupo recebeu o incentivo do atacante Ronaldo.
Sonora do Ronaldo.	SONORA 2	Eu vim visitar os meus amigos. Passar duas horas nesse ambiente de seleção, que eu tenho muita saudade também.
Sonora do meio-campo, Diego.	SONORA 3	Estar perto do Ronaldo é sempre muito bom. Você está sempre aprendendo alguma coisa, se divertindo.
Imagem de Robinho sorrindo, e do drible dele num jogo da	LOC – O –	Outro que ficou muito animado com a visita foi Robinho. Na última vez que a seleção jogou no Rio de Janeiro, ele aplicou um

Seleção.		drible que ele próprio considera o mais bonito da carreira.
Sonora do atacante Robinho.	SONORA 3	Até porque foi na seleção, muita gente me perguntou se o drible foi sem querer, se eu consegui acertar ou não. Mas não foi sem querer não. Só no rachaõ dá para repetir, mas no jogo normal, ainda não.
Imagem de Robinho no treino.	LOC – O –	Quem sabe na quarta-feira, Robinho.
Imagens: Álvaro Satanna e José Carlos Mosca		

Matéria: Torcida vaia empate do Brasil com a Bolívia.

Locutor: William Bonner.

Tempo: 2 min 06

Data: 11/09/2008

Selo Seleção Brasileira de Futebol	Cabeça:	No esporte, o empate contra a Bolívia manteve a Seleção Brasileira na vice-liderança das eliminatórias, mas a expectativa depois da vitória contra o Chile virou decepção.
VT Matéria (Torcida vaia empate do Brasil com a Bolívia).		
Mostra Dunga, gritando, nervoso. Mostra os torcedores xingando, com as mãos na cabeça e na boca. Mostra os lugares vazios, na arquibancada.	LOC – O –	Pelas reações do técnico, pelas reações dos torcedores, foi uma noite para ser esquecida. Na arquibancada pouca gente, 31 mil torcedores e 11 mil lugares vazios. Foi o 3º menor público da Seleção num jogo em casa na historia das eliminatórias.
Passagem Renato Ribeiro sentado na arquibancada vazia.	Repórter – Passagem	Os ingressos eram caros de 30 a 200 reais, quem não quis pagar parece que adivinhou.
Imagem do jogo da Seleção Boliviana, marcando e roubando a bola dos brasileiros. Jogadores da Seleção Brasileira errando passes.	LOC – O –	Time apático, sofrendo com a marcação boliviana. Os cariocas não perdoaram a má atuação.
Imagem de uma torcedora vaiando.	Sobe Som	Torcida vaiando.
Imagem do jogador boliviano fazendo falta no atacante Robinho. Imagem de Ronaldo Gaúcho batendo e errando a falta. Repete a cena. Imagem do Dunga na beira do campo, observando o jogo.	LOC – O –	E pior aos 80 min do 2º tempo, Garcia foi expulso. Nem assim o Brasil conseguiu fazer gol na Seleção lanterna da competição. Sobrou de novo para o técnico.
Imagem de Dunga.	Sobe Som	Adeus Dunga! Adeus Dunga!
Sonora de Dunga, numa coletiva, com o fundo dos patrocinadores.	SONORA 1	Nos não jogamos bem, então eu acho que a torcida tem direito de contestar. É uma forma dela se manifestar. Quando a gente não joga bem, não tem o que reclamar.

<p>Imagem da substituição de Ronaldinho.</p> <p>Sonora Ronaldinho Gaúcho.</p>	<p>LOC – O –</p> <p>SONORA 2</p>	<p>Os jogadores também não foram poupados.</p> <p>Principalmente depois do último jogo criou-se uma expectativa muito grande, aí não saiu o gol como todos esperavam. A gente esperava.</p>
<p>Imagem gráfica de um estádio, mostrando a tabela de 2008, 2002 e 2006.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Após 8 rodadas o Paraguai é o líder absoluto com 17 pontos, 4 a mais do que o Brasil, Argentina e Chile, que têm 13 pontos em campanhas irregulares. Um nivelamento por baixo. Nas eliminatórias para a Copa de 2002, na mesma rodada sob o comando de Vanderley Luxemburgo, o Brasil tinha um ponto a mais 14, mas estava em 4º lugar. E para o mundial de 2006 sob o comando de Parreira, a Seleção era líder invicta com 16 pontos.</p>
<p>Imagem de Júlio Batista desesperado com a mão na cabeça, gritando Não. Imagem de Dunga com a mão na cabeça, xingando e gritando não. Imagem do jogador da Seleção Brasileira isolando a bola.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Em 2008 jogando em casa, essa é a imagem da seleção.</p>
<p>Imagem de Ronaldinho rindo sem graça, fazendo um gesto com a mão pedindo desculpas.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>E esse é som</p>
<p>Mesma imagem do off anterior.</p>	<p>Sobe Som</p>	<p>Sobe som Vaias.</p>
<p>Mesma imagem do off anterior.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Que acompanha o time.</p>
<p>Imagens: Álvaro Satanna e José Carlos Mosca.</p>		

Matéria: Kaká volta a Seleção após 11 meses.

Locutor: William Bonner.

Tempo: 1 min 50

Data:07/10/2008

Selo Seleção Brasileira de Futebol	Cabeça:	A Seleção Brasileira começou hoje os treinos para os 2 próximos jogos das eliminatórias da Copa e Kaká está de volta ao time depois de 11 meses.
VT Matéria (Kaká volta a Seleção após 11 meses).	LOC – O	Fato raro, desta vez, ninguém se atrasou e já no primeiro dia a comissão técnica pode trabalhar com os 22 convocados entre eles, 2 novidades: uma é Mancini, que vezes anteriores em que defendeu a seleção era lateral direito. Chamado agora pela primeira vez por Dunga, ele retorna como atacante.
Imagens dos jogadores treinando, destaque em Robinho e Kaká. Imagens focadas em Mancini no treino.	–	
Sonora do atacante Mancini.	SONORA 1	Essa posição, tô conseguindo assimilar muito bem, tenho feito boas atuações na Inter de Milão, são 6 anos de Europa, fiz mais de 60 gols, enfim foi, tá sendo um momento muito bom.
Imagens de Alex fazendo passes nos treinos.	LOC – O	Já para Alex do Internacional tudo é novidade, aos 26 anos ele vive a experiência de ser convocado para a seleção pela primeira vez e está encantado.
Sonora do Alex, meio de campo.	SONORA 2	Apesar de eles falarem, que é tudo igual, não tem como ser igual, né? O ambiente que você vê como todo mundo, só pela televisão, parece um mundo meio surreal, assim. Então você tá nesse mundo agora. Então de desenho animado. Que a gente tem que trabalhar com seriedade.
Close no rosto de Kaká sorrindo. Kaká autografando a câmera.	LOC – O	O outro que anda muito motivado é Kaká que vai defender a seleção pela primeira vez este ano.
Passagem Mauro Naves, no campo vazio.	Repórter – Passagem	Kaká está de volta depois de se recuperar de uma cirurgia no joelho direito. Segundo ele próprio, o futebol continuará o mesmo, apesar de está dormindo bem menos nos

<p>Sonora Kaká, meio de campo.</p> <p>2 fotos do filho do Kaká e da esposa dele. Imagem do gol de K aká do meio de campo, e sua comemoração.</p> <p>Imagens: Daniel Andrade e José Carlos Mosca.</p>	<p>SONORA 2</p> <p>LOC – O –</p>	<p>últimos 3 meses depois que se tornou papai.</p> <p>É muito mais difícil para minha esposa, tem que acordar muito mais vezes. Mas todas as vezes que ele precisa, eu levanto também, fico com ele um pouquinho, dou uma acalmada. Mas ele é super tranqüilo.</p> <p>Tomara que o papai do menino Luca, esteja bem acordado no domingo porque assim será mais fácil do Brasil vencer a Venezuela.</p>
--	--	--

Matéria: Dupla invicta: Robinho e Kaká.

Locutor: Heraldo Pereira

Tempo: 1 min 57

Data: 09/10/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>Uma dupla está invicta sobre o comando de Dunga na Seleção Brasileira. O retrospecto de Robinho e Kaká pode ser um bom sinal para o jogo de domingo contra a Venezuela.</p>
<p>VT Matéria (Dupla invicta: Robinho e Kaká)</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Para ele não tempo ruim, raramente Robinho não está sorrindo. Depois de quase 11 meses, ele terá oportunidade de jogar novamente ao lado de Kaká. Hoje no 2º jogo da semana, os titulares com a dupla empataram sem gols com os reservas.</p>
<p>Robinho gargalhando, pulando e brincando durante o treino. Sorrindo ao lado de kaká. Kaká dando instruções a Robinho durante o treino. Kaká chutando e o goleiro reserva defendendo.</p>	<p>SONORA 1</p>	<p>Inteligente, rápido. A gente reveza ali quando volta para marcar. Jogar com ele não tem tanta dificuldade assim.</p>
<p>Sonora do atacante Robinho.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Nos 2 anos de Dunga, a Seleção com Robinho e Kaká não perdeu, 15 jogos, 12 vitórias e 3 empates.</p>
<p>Dunga batendo com as mãos na bola durante o treino. Imagens de Robinho e Kaká correndo durante o treino. Imagem Robinho e Kaká lado a lado, com legenda gráfica dos números mencionados no off.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Impossível não lembrar dos incomparáveis Garrincha e Pelé. Juntos disputaram 40 partidas, ganharam 35 e empataram 5.</p>
<p>Imagem preta e branca do Pelé, Garrincha e outros jogadores da Seleção Brasileira aquecendo após o treino. Imagens de Pelé e Garrincha jogando, driblando, fazendo gols e comemorando, sambando. Mostra os números mencionados no off em gráficos.</p>	<p>SONORA 2</p>	<p>Não sou tão bom quanto esses jogadores que você citou né? Mas vou trabalhar aqui na Seleção para fazer a minha história vitoriosa.</p>
<p>Sonora do atacante Robinho na coletiva, com fundo dos patrocinadores.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>Diz o ditado que recordar é viver. Às vezes as boas lembranças, não precisam ser assim</p>

Passagem Eric Faria.		de tanto tempo.
Imagem do gol do meio de campo do Kaká. Imagem do drible de Robinho.	LOC – O –	Ano passado contra o Equador no Maracanã, por exemplo, Kaká fez um golaço. E este drible de Robinho entrou para a história, que será eternizado no estádio com a sequência de fotos.
Sonora do atacante Robinho, na coletiva, fundo dos patrocinadores.	Sobe Som	Sobe som torcida gritando o nome de Robinho.
Robinho brincando, gritando e sorrindo durante o treino.	SONORA 3	Não esperava de ser homenageado por um drible que eu dei, mas fico muito feliz com a homenagem né? Eu espero continuar jogando bem e se possível ser homenageado de novo.
Robinho brincando, gritando e sorrindo durante o treino.	LOC – O –	É por isso que na Seleção não tem tempo feio para Robinho.
Imagens: Daniel Andrade e José Carlos Mosca.		

Matéria: Seleção Brasileira treina, mas não faz gols.

Locutor: Marcelo Gomes.

Tempo: 1 min 10

Data: 10/10/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>A Seleção Brasileira viajou hoje para a Venezuela onde vai jogar no domingo pelas eliminatórias da Copa.</p>
<p>VT Matéria (Seleção Brasileira treina, mas não faz gols).</p>		
<p>Imagens de Adriano e Maycon no aeroporto. Mostra a comissão técnica e Lúcio cumprimentando um oficial no aeroporto. Imagem de Robinho brincando e rindo no treino. Imagem de Mancini sorrindo. E imagem dos erros da Seleção no treino.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Embarque internacional só no ano que vem. A Seleção seguiu para a Venezuela, o último compromisso no exterior este ano. E na despedida do treinamento em Teresópolis, se sobrou vontade, faltou gol.</p>
<p>Passagem George Guilherme na Granja Comary.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>Foram 3 dia de treinamento aqui na Granja Comary, coletivos e táticos. E os titulares nessa semana fizeram apenas um gol. E para o problema há uma explicação.</p>
<p>Sonora de Josué – meio campo – com o fundo do patrocinador.</p>	<p>SONORA 1</p>	<p>É um Seleção de muita qualidade, tanto o time reserva como o time considerado titular. Tem muitas peças, muita qualidade. É difícil de ser batido, é difícil fazer gols em ambos os lados.</p>
<p>Imagens do reservas com a bola no treino.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>É verdade que os reservas da Seleção seriam titulares na maioria das seleções do mundo.</p>
<p>Imagem gráfica de um campo de futebol com a tabela das seleções que disputam as eliminatórias, com os melhores ataques.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Mas o Brasil tem apenas o 4º melhor ataque das eliminatórias, ao lado da Argentina com 11 gols em 8 jogos.</p>
<p>Imagem de Kaká sorrindo ao lado de Pato. Imagens dos jogadores brincando e bebendo água.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Pelo sorriso deles nada que preocupe. Os jogadores entenderam o recado do chefe.</p>
<p>Sonora de Dunga, numa coletiva, com o fundo dos patrocinadores.</p>	<p>SONORA 2</p>	<p>O importante é ganhar o jogo. Não importa o placar. Se for mais elástico melhor, mas o mais importante são 3 pontos.</p>

Matéria: Brasil enfrenta a Venezuela amanhã.

Locutor: William Waack

Tempo: 1 min 40

Data: 11/10/2008

Selo Seleção Brasileira de Futebol	Cabeça:	Amanhã é a vez do Brasil entrar em campo para enfrentar a Venezuela. E a Seleção teve que encarar uma longa viagem até a cidade San Cristoba.
VT Matéria (Brasil enfrenta a Venezuela amanhã).		
Imagens da fachada do hotel.	LOC – O –	A Seleção amanheceu neste hotel em Sorocaillo, cidade onde o Brasil ganhou no ano passado a Copa América.
Os jogadores saindo do avião e entrando no ônibus. Imagem da capa do jornal O Panorama, com uma foto de Kaká e Robinho sorrindo. E ao lado a manchete “Petróleo Cijó \$15 por cris”.	LOC – O –	A Seleção chegou ontem à noite debaixo de uma chuva fina. E hoje divide as manchetes dos jornais com a queda do preço de Petrobrás.
Imagens das bandeiras venezuelanas e do Brasil no hotel. Imagem gráfica do mapa do Brasil mostrando a trajetória da Seleção, por meio de um avião gráfico.	LOC – O –	Pela manhã descanso para recuperar o desgaste de uma longa viagem. Saída do Rio de Janeiro, escala em Manaus e chegada a Maracaibo, apenas 8 horas depois. Hoje a tarde uma hora de avião até Santo Domingo de lá a San Cristobal mais 40 min de ônibus.
Imagens dos jogadores fazendo posse para foto.	LOC – O –	Chegando aqui a Seleção nem passou pelo hotel e já veio direto para o estádio onde joga para fazer o último treino.
Passagem Mauro Naves, no campo.	Repórter – Passagem	A escolha do local de partida não aconteceu por acaso. A Venezuela fez questão de enfrentar o Brasil aqui porque San Cristobal é onde vive os torcedores venezuelanos mais fanáticos por futebol.
Imagem do estádio vazio. Imagens áreas da Seleção Brasileira treinando.	LOC – O –	A pressão das arquibancadas deve ser de 40 mil pessoas. A lotação máxima do estádio. A expectativa dos venezuelanos cresceu muito depois da vitória, a primeira da história do confronto, por 2 a 0, no amistoso realizado em junho nos Estados Unidos.
Imagem do gol de Robinho no treino. Kaká, Robinho e Adriano	LOC – O –	Mas agora é eliminatórias, vale pontos e com Kaká e Robinho na equipe, a Seleção

Matéria: Seleção Brasileira volta ao Rio de Janeiro.

Locutor: William Bonner

Tempo: 1 min 57

Data: 13/10/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>Depois da goleada contra a Venezuela e de uma viagem que desafiou o preparo físico de todos. A Seleção Brasileira de Futebol está de volta ao Rio de Janeiro.</p>
<p>VT Matéria (Seleção Brasileira volta ao Rio de Janeiro).</p>	<p>LOC – O</p>	<p>O retorno da Venezuela foi muito desgastante, quase quinze horas gasta em viagem de ônibus, avião e escalas em aeroportos. Na chegada o alívio.</p>
<p>Imagens dos jogadores sentados no aeroporto. Imagem de Pato puxando a sua mala no aeroporto e depois subindo com ela no avião.</p>	<p>–</p>	<p>O retorno da Venezuela foi muito desgastante, quase quinze horas gasta em viagem de ônibus, avião e escalas em aeroportos. Na chegada o alívio.</p>
<p>Sonora com Júlio César. Imagem de Júlio César andando no aeroporto e fazendo sinal de positivo para a câmera.</p>	<p>Sonora 1</p>	<p>Chegamos, estamos em casa, graças a Deus!</p>
<p>Passagem de Mauro Naves, na praia no Rio de Janeiro. No segundo plano Robinho e Júlio César sentados na areia.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>Depois do almoço a maioria dos jogadores ficou nos quartos descansando, mas 2 deles escolheram outra forma para relaxar, aproveitando o dia bonito e ensolarado. Como o goleiro Júlio César e o atacante Robinho, que passaram à tarde na praia.</p>
<p>Imagem de Júlio César mergulhando e Robinho sentado na cadeira de praia. Ele acena para a câmera. Imagem, plano geral, da praia.</p>	<p>LOC – O</p>	<p>A idéia da dupla era entre um banho e outro de mar, aproveitar a beleza da paisagem natural. Algo bem diferente do que os dois têm visto na Europa.</p>
<p>Sonora com o Robinho.</p>	<p>Sonora 2</p>	<p>Tem que matar a saudade aqui porque lá é só frio e chuva.</p>
<p>Sonora com Júlio César.</p>	<p>Sonora 3</p>	<p>A oportunidade que agente tem de vir ao Rio de Janeiro, e jogar com a Seleção, a brechinha que tiver a gente tem que aproveitar.</p>
<p>Imagens das defesas de Júlio César. Imagem do gol de Robinho. Imagem do gol de Kaká. Imagem do gol de Adriano.</p>	<p>LOC – O</p>	<p>Apesar da fragilidade do adversário, Júlio César fez defesas importantes. Robinho marcou 2 gols, um em chute forte, de longe, no ângulo. O outro depois de dominar a bola com categoria e tocar com estilo. Os outros gols foram marcados por Kaká, em jogada</p>

<p>Repete o gol de Robinho, ele driblando. Repete o gol de Kaká.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>individual e por Adriano que hoje foi dispensado da delegação porque está suspenso e não enfrenta a Colômbia.</p> <p>Há 5 anos a Seleção não consegue 2 vitórias consecutivas nas eliminatórias. Um tabu que o grupo acredita que será quebrado na quarta-feira.</p>
<p>Sonora com Júlio César.</p>	<p>Sonora 4</p>	<p>Maracanã, ali a motivação já é outra. Eu tenho certeza que o público torcedor vai comparecer para prestigiar. Tem tudo para ser uma bonita festa.</p>
<p>Imagem do Júlio César dando autografo a uma menina. Imagem da paisagem.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Tomara mesmo que o jogo contra a Colômbia seja tão bonito quanto à paisagem desfrutada hoje por Robinho e Júlio César.</p>
<p>Imagens: José Carlos Mosca.</p>		

Matéria: Seleção Brasileira vive dias de homenagens e mistérios.

Locutor: William Bonner

Tempo: 1 min 58

Data: 14/10/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>A Seleção Brasileira fez o último treino antes da partida de amanhã contra a Colômbia. O dia teve homenagens e um mistério.</p>
<p>VT Matéria (Seleção Brasileira vive dias de homenagens e mistérios).</p>		
<p>I Close nos pés de Kaká pisando na calçada. Imagens de Kaká sorrindo e fazendo sinal de positivo.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Pés eternizados, Kaká aos 26 anos é o jogador mais jovem homenageado na calçada da fama no Maracanã.</p>
<p>Sonora do Kaká.</p>	<p>Sonora 1</p>	<p>Meu nome ao lado de grandes nomes do futebol brasileiro que fizeram grandes coisas no futebol mundial realmente é demais. Então eu tô muito orgulhoso hoje.</p>
<p>Imagens dos dois gols de Kaká.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Pela Seleção, ele fez uma partida no estádio e marcou dois gols.</p>
	<p>Sobe Som.</p>	<p>Sobe som - torcida gritando.</p>
<p>Imagem do drible de Robinho. Imagem da seqüência de fotos do drible de Robinho.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Naquela mesma noite contra o Equador, Robinho inventou o vai pra lá que eu vou pra cá. Um drible tão espetacular que mereceu essa seqüência de fotos.</p>
<p>Sonora Robinho no Maracanã.</p>	<p>Sonora 2</p>	<p>Foi um lance bonito, mas sei que foi um lance que vai ficar guardado com carinho.</p>
<p>Passagem Eric Faria no Maracanã.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>Maracanã e eliminatórias em 15 jogos forma 12 vitórias e só 3 empates. O retrospecto que só aumenta a mística do estádio com a Seleção.</p>
<p>I Imagem de Jô e Pato lado a lado no treino. Imagem de Dunga observando o treino. Imagem de Pato fazendo um gol e depois imagem do gol de Jô. Ambos no treino.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Tanto que 2 jovens estão ansiosos para descobrir o segredo de Dunga. Alexandre Pato e Jô disputam a vaga de Adriano no ataque.</p>

<p>Sonora de Pato.</p>	<p>Sonora 3</p>	<p>Jogar no Brasil, jogar no Maracanã, jogar com a torcida gritando, falando em português, escutar os torcedores apoiando. Isso dá um gostinho a mais.</p>
<p>Sonora de Jô.</p>	<p>Sonora 4</p>	<p>Jogar no Maracanã sempre vai ficar marcado, ainda mais pela Seleção. E se fizer um gol então, como eu falei vou me sentir realizado porque vai entrar para a historia.</p>
<p>Imagem das defesas de Júlio César no treino. Imagem focada nos pés dos jogadores, passando a bola. Imagem de Robinho brincando no treino. Imagem de Jô agarrado com a bola. Imagem do Maracanã vazio. Escurece a imagem.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Hoje na véspera da partida contra a Colômbia nenhuma pista, ele e os demais jogadores participaram de um treino recreativo nada revelador. Claro mesmo só a vontade de Jô que não largou a bola. Ele já viu que o Estádio adora reservar um lugar para aqueles que brilham por aqui, como os amigos Kaká e Robinho.</p>
<p>Imagens: Álvaro Santanna.</p>		

Matéria: Seleção Brasileira não consegue vencer em casa.

Locutor: Fátima Bernardes.

Tempo: 2 min 49

Data: 16/10/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>A Seleção Brasileira de Futebol mais uma vez não conseguiu vencer uma partida em casa. O repórter Renato Ribeiro mostra o que dizem os números sobre esse comportamento de altos e baixos da equipe.</p>
<p>VT Matéria (Seleção Brasileira não consegue vencer em casa).</p>		
<p>I Mostra a Seleção Brasileira desarmando o ataque colombiano. Lúcio xingando, vibrando. Juan dando uma cabeçada, tentando fazer um gol. Júlio César fazendo duas defesas seguidas. Mostra Juan desarmando a equipe adversária.. Mais uma defesa de Júlio César.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>O Brasil que vai bem é o Brasil que defende do capitão Lúcio, do zagueiro, Juan, que até se arrisca lá na frente e do goleiro Júlio César. Já são 5 jogos, 492 minutos sem tomar um gol se quer, recorde brasileiro em eliminatórias. Hoje se a Seleção está em 2º lugar com 17 pontos deve muito a defesa, a melhor da competição sofreu apenas 4 gols.</p>
<p>Goleiro da Colômbia defende um chute de Robinho. Robinho chamando a torcida para vibrar. Jogadores brasileiros errando os gols.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>O Brasil que não vai bem é o que ataca, mesmo quando joga em casa, foi o 3º 0 a 0 diante da torcida. No total contando jogos aqui e lá fora, a Seleção passou 5 das 10 rodadas sem marcar.</p>
<p>Mostra Kaká correndo, indo para o gol, caindo. Torcida na arquibancada vaiando. Mostra Dunga sério, com a mão na cintura.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Ontem empenho até houve, mas o time não conseguiu passar pela defesa colombiana. E a paciência da torcida no maracanã acabou cedo aos 15 minutos um grito irônico.</p>
<p>Imagens áreas do jogo.</p>	<p>Sobe Som.</p>	<p>Obina, Obina, Obina...</p>
<p>Imagem da torcida. Imagem da bola nos pés dos jogadores. Imagem de Kleber pegando na bola.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Parte da torcida pedia Obina, o atacante reserva do Flamengo. Não perdoava quando Kleber do Santos pegava na bola.</p>
<p>Imagens de Juan sendo substituído.</p>	<p>Sobe Som.</p>	<p>Vaias</p>
<p>Imagem de Tiago entrando no jogo.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Os rubro-negros preferiam ver o lateral Juan em campo. E quando Tiago Silva entrou no 2º tempo</p>

Imagem área do jogo.	Sobe Som	ão,ão, ão, segunda divisão.
Imagem de Dunga na beira do campo, em segundo plano desfocado, a torcida. Com legenda do que ela está cantando.	LOC – O	Provocação para o zagueiro do Fluminense. Dunga de novo teve que ouvir o coro que já ecoou no Mineirão e no Engenhão.
Sonora com Dunga na coletiva, com fundo dos patrocinadores.	Sobe Som	Adeus Dunga! Adeus Dunga!
Sonora do kaká.	Sonora 1	Antes era mais difícil ganhar fora, a gente tava conseguindo, agora temos que reverter em casa.
Passagem de Renato Ribeiro no aeroporto.	Sonora 2	Faltou uma movimentação melhor no 1º tempo, faltou velocidade, a saída de bola e também faltou um pouquinho de perna.
Imagem gráfica do campo, com os dados falados no off.	Repórter – Passagem	Aeroporto, embarque, essa placa aqui tem sido sinal de alívio para a maioria dos jogadores da Seleção. O Brasil que joga fora tem sido melhor do que o Brasil que joga em casa.
Uma mulher aos prantos. Imagem da Seleção entrando em campo. Imagem de um jogador da Seleção Brasileira chutando para fora.	LOC – O	O time de Dunga marcou 8 vezes jogando fora contra 7 aqui no Brasil. É a Seleção que fez mais gols fora do seu país, da competição. E ao lado do líder Paraguai é a equipe que mais conquistou pontos jogando na casa do adversário, 18.
	LOC – O	E é uma pena, porque os que se emocionaram ontem no Maracanã simplesmente com a entrada da Seleção em campo, mereciam pelo menos um golzinho.

Matéria: Brasil e Portugal reinauguram estádio no Distrito Federal.

Locutor: William Bonner

Tempo: 1 min 46

Data: 17/11/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>A Seleção Brasileira vai se despedir de 2008 nesta quarta-feira com o amistoso contra Portugal. O jogo terá um duelo a parte entre 2 candidatos ao prêmio de melhor jogador do mundo.</p>
<p>VT Matéria (Brasil e Portugal reinauguram estádio no Distrito Federal).</p>	<p>LOC – O</p>	<p>Tinta fresca, o gramado perfeito, o placar desde já faz questão de exibir os convidados para a reinauguração do Bezerrão no Distrito Federal. O novo estádio custou 50 milhões de reais. Inclusive recebeu a visita do ex-artilheiro Romário, contratado para divulgar a partida entre Brasil e Portugal nesta quarta-feira.</p>
<p>Imagem focada no pincel, com tinta branca no gramado. Imagem do gramado. Imagem do Placar marcando (Brasil X Portugal). Imagem área do estádio vazio. Imagens de Romário, cercado de jornalistas. Ele está de muleta entrando no sagão do estádio. Imagens de Romário observando o estádio.</p>	<p>–</p>	<p>O amistoso para ver e principalmente ser visto. Em Brasília, Kaká e Cristiano Ronaldo estarão frente a frente se exibindo para o restante do mundo.</p>
<p>Passagem Eric Faria. O repórter aparece no telão do estádio.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>Repete duas vezes a imagem do gol de Kaká. Imagens de dois gols do Cristiano Ronaldo.</p>
<p>Repete duas vezes a imagem do gol de Kaká. Imagens de dois gols do Cristiano Ronaldo.</p>	<p>LOC – O</p>	<p>No fim de semana o brasileiro fez de pênalti o gol da vitória do Milan. O português marcou 2 vezes de falta na goleada do Manchester. Mais uma vez os dois mostraram que são fundamentais nas seleções e nos clubes.</p>
<p>Imagem gráfica, demonstrando primeiro com dados estatísticos o desempenho de Cristiano Ronaldo e depois de Kaká.</p>	<p>LOC – O</p>	<p>Por exemplo, o Cristiano Ronaldo em campo o Manchester teve um aproveitamento na temporada passada de 85%. Sem ele o rendimento caiu para 54%. Com Kaká não é diferente o Milan mais venceu do que perdeu 59% contra apenas 36%.</p>
<p>Sonora com o zagueiro do Brasil, Tiago Silva.</p>	<p>Sonora 1</p>	<p>Eu falei anteriormente que votaria no Kaká, mesmo depois da lesão que ele teve, ele voltou muito bem né? Então acredito que vai ser uma briga boa para os dois.</p>
<p>Mostra um gol de Kaká do meio</p>	<p>LOC – O</p>	<p>Kaká é o melhor do mundo atualmente.</p>

<p>de campo e depois foca em seu rosto. Revezando entre os rostos de Káká e Cristiano Ronaldo. Imagem área da cidade, depois foca no estádio.</p> <p>Imagens: Álvaro Santanna.</p>	– –	Brasília por 3 dias será mais do que a capital do Brasil será também a capital do futebol.
--	--------	--

Matéria: Seleção quer sair do jejum no jogo contra Portugal.

Locutor: Fátima Bernardes

Tempo: 2 min 20

Data: 18/11/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p> <p>VT Matéria (Seleção quer sair do jejum no jogo contra Portugal).</p> <p>Imagem aérea de milhares de pessoas na frente dos portões. Imagem de um menino no pescoço do pai. Mostra uma mãe espremida num canto com a filha chorando no colo. Um homem andando pelas grades e se apoiando na cabeça e nos ombros das pessoas, até chegar na entrada do estádio. Uma mulher segurando o cartaz: “Kaká me chama Dedé Mimi!”.</p> <p>A torcida na arquibancada com tambores e cantando.</p> <p>Dunga observando o jogo com a comissão técnica. Luizão aquecendo. Robinho e Luis Fabiano fazendo tatiquinhas.</p> <p>Passagem Mauro Naves, no campo, ao fundo a torcida.</p> <p>Robinho dribla, faz firulas, passa a bola para Kaká, que dribla e faz o gol. Kaká correndo no treino e a torcida gritando.</p> <p>Sonora com o Kaká.</p>	<p>Cabeça:</p> <p>LOC – O –</p> <p>Sobe Som.</p> <p>LOC – O –</p> <p>Repórter – Passagem</p> <p>LOC – O –</p>	<p>A Seleção Brasileira teve hoje o único treino para o amistoso contra Portugal. Amanhã será a última chance do ano de marcar um golzinho aqui no Brasil.</p> <p>Paciência, sofrimento. Antes de entrar no estádio a torcida enfrenta tumulto. E longas filas, muita gente fica de fora cerca de 10 mil conseguem entrar. E perto dos ídolos só querem festa.</p> <p>Sobe som torcida.</p> <p>No treino Dunga não esconde o jogo. Amanhã contra Portugal, a Seleção vai ter a dupla Luisão e Tiago Silva na defesa, e Robinho e Luis Fabiano no ataque.</p> <p>Contra Portugal será a quarta vez que a Seleção vai jogar no Brasil este ano. Nas três anteriores, a torcida sempre chegou animada, mas foi embora sem ter a alegria de gritar gol uma vez se quer. 3 zero a zero. A esperança é que agora a história seja outra..</p> <p>Kaká que nasceu aqui na cidade satélite da Gama, local da partida adoraria ter o prazer de marcar pelo menos um gol para dar alegria aos conterrâneos dele.</p> <p>Para mim ia ser um gol em casa mesmo, como se fosse na sala da minha casa.</p>
--	---	---

<p>Cristiano Ronaldo aquecendo com os outros jogadores portugueses. Aparece ele coordenando a equipe. Aparece uma faixa na grade com os dizeres: “Cristiano Ronaldo, Nós te amamos! Helena e Ana Claudia. Lagoa Formosa MG.”</p> <p>Menina de aproximadamente três anos grita e beija a faixa do Cristiano Ronaldo.</p> <p>Sonora com Cristiano Ronaldo.</p> <p>Galvão Bueno, na frente do treino da Seleção Brasileira.</p> <p>Imagens: Álvaro Santanna e José Carlos Mosca.</p>	<p>LOC – O</p> <p>–</p> <p>–</p> <p>Sobe Som.</p> <p>Sonora 1</p> <p>Stand up.</p>	<p>Além de marcar, seria bom a Seleção evitar gols de Cristiano Ronaldo que também treinou no estádio hoje e percebeu que assim como Kaká também tem fãs no Planalto Central.</p> <p>Cristiano Ronaldo!</p> <p>Os brasileiros me apóiam bastante, gostam de mim. Eu vou tentar retribuir da minha maneira, dentro de campo e dar o meu melhor.</p> <p>Não é só o torcedor, o narrador também está esperando para gritar o gol da Seleção aqui no Brasil. Mas esse jejum tem tudo para terminar amanhã. O raciocínio é simples. Quando se joga fora, os adversários atacam, os espaços aparecem e os gols saem. Difícil é jogar em casa contra times que só se defendem, Bolívia e Colômbia, por exemplo, não deixaram a Seleção andar e o torcedor, claro, não gostou. Mas Portugal é diferente, joga um bom futebol impõe respeito e tem a sua grande estrela Cristiano Ronaldo, o jogador atrevido, que obriga o time atacar sempre. Nada melhor que um adversário forte para se jogar bem, melhorar a imagem e fazer as pazes com o torcedor.</p>
---	--	--

Matéria: A Globo vai transmitir a partida entre Brasil e Portugal

Locutor: William Bonner

Tempo: 20s

Data: 19/11/2008

Selo Seleção Brasileira de Futebol	Cabeça	A Globo vai transmitir logo mais, o amistoso entre Brasil e Portugal ao vivo, depois de A Favorita.
------------------------------------	--------	---

Matéria: Seleção Brasileira fecha o ano com show de bola.

Locutor: William Bonner

Tempo: 2 min 05

Data: 20/11/2008

<p>Selo Seleção Brasileira de Futebol</p>	<p>Cabeça:</p>	<p>E a Seleção Brasileira também deu espetáculo ontem. O time do técnico Dunga, que aliás jogou também no Internacional, fechou o ano com uma goleada sobre Portugal.</p>
<p>VT Matéria (Seleção Brasileira fecha o ano com show de bola).</p>		
<p>Dunga no aeroporto empurrando o carrinho, com o celular e mexendo a cabeça em sinal de negativo ao pedido de entrevista. Imagens do técnico de Portugal gritando na beira de campo. Imagem da capa do Jornal Record com Luis Fabiano aplaudindo e Cristiano Ronaldo com a mão na cintura. A manchete do jornal era: “Há 53 anos que a Seleção não encarava 6 gols.”. Mostra o Jornal A Bola com a mesma foto e a manchete: “Portugal até começou a ganhar... Samba na madrugada.”.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Ao desembarcar hoje em Porto Alegre, Dunga não quis dar entrevista, mas ele estava tranqüilo e aliviado. De cabeça quente deve está o técnico Carlos Queiros. A imprensa portuguesa considerou a derrota humilhante. A Seleção de Portugal não sofria 6 gols numa partida havia 53 anos.</p>
<p>Passagem Mauro Naves no estádio vazio.</p>	<p>Repórter – Passagem</p>	<p>20 mil pessoas vieram para a reinauguração do estádio da Gama para abrilhantar a festa. Os organizadores convidaram muitas celebridades. Mas a grande e boa surpresa da noite ficou mesmo por conta do futebol apresentado pela Seleção Brasileira.</p>
<p>Imagem do Zezé de Camargo cantando. Mostra o Pelé dando o ponta pé inicial e depois abraçando o Kaká. Imagem do Felipe Massa desfilando no estádio. Imagem de Luis Fabiano driblando e batendo para o gol. Imagem dele correndo e comemorando. E o kaká atrás fazendo a mesma coisa. Aparece a legenda</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Para inspirar a equipe, hino nacional com Zezé de Camargo. Ponta pé inicial com Pelé. O melhor de todos os tempos. E desfile do piloto Felipe Massa no intervalo. Com a bola rolando, o show é de Luis Fabiano que marcou três vezes e fecha o ano como artilheiro da Seleção com 6 gols. O placar de 6 a 2 é o maior da história do confronto entre os 2 países e com ele o time de Dunga termina 2008 com 6 vitórias, 3 empates e 2 derrotas dos 11 jogos realizados. Apesar de</p>

<p>embaixo da imagem em verde amarelo com os escritos: “6 gols em 2008.”. Imagens de outros gols, com a legenda: “6 vitórias, 3 empates e 2 derrotas, 11 jogos. Fez 18 gols e sofreu 8 gols.” Imagem de Luiz Fabiano driblando, girando e fazendo o gol. Imagem de outros gols do Brasil.</p>		<p>não ter marcado gol em 5 partidas, a Seleção contabilizou um bom saldo fez 18 gols e sofreu 8. Para o time que não tinha marcado um golzinho em casa este ano, a goleada trouxe alívio e a esperança de que 2009 seja ainda melhor.</p>
<p>Sonora do Kaká.</p>	<p>Sonora 1</p>	<p>Eu acho que esse jogo também traz para gente uma grande responsabilidade. Vai ser o que todo mundo quer daqui para frente da Seleção Brasileira e para a gente vai ser um jogo que vai servir de exemplo para os próximos.</p>
<p>Imagem do Kaká driblando um jogador português. Imagem do Cristiano Ronaldo parado de costas com a mão na cintura e Kaká passando ao lado dele, sério, olhando para frente. Depois imagem do Kaká no fim do jogo sem camisa, sorrindo e fazendo sinal de positivo para câmera.</p>	<p>LOC – O –</p>	<p>Melhor ainda se Kaká continuar vencendo sempre o duelo particular com Cristiano Ronaldo com se viu nessa goleada.</p>